



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Ciências Sociais

Instituto de Filosofia e Ciências Humanas

Alexander de Souza Gomes

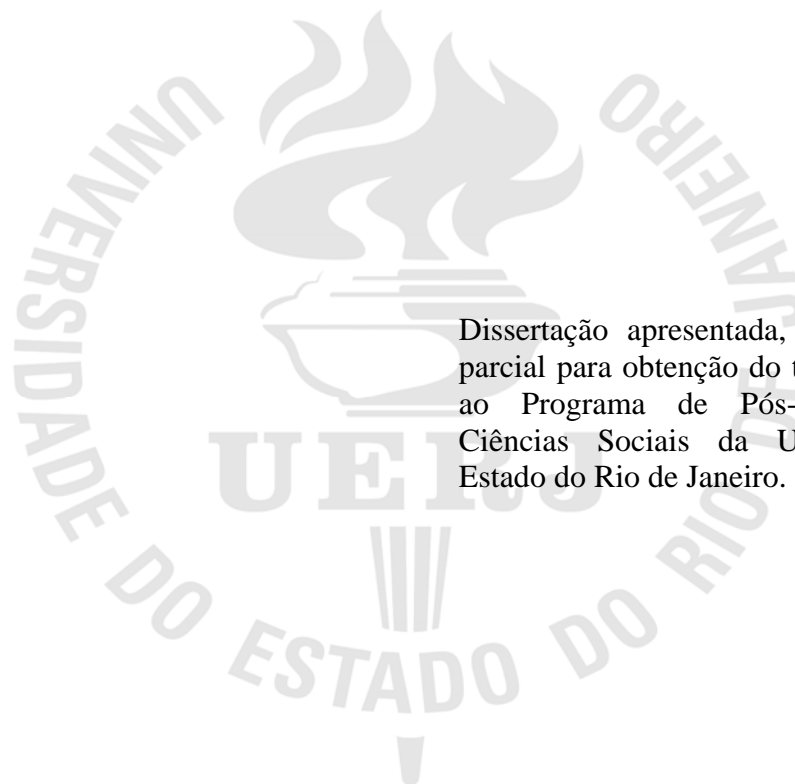
**Religião e política: construção da memória de Dom Adriano Hypólito**

Rio de Janeiro

2012

Alexander de Souza Gomes

**Religião e política: construção da memória de Dom Adriano Hypólito**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientadora: Prof<sup>ª</sup>. Dra. Marcia de Vasconcelos Contins Gonçalves

Rio de Janeiro

2012

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ/REDE SIRIUS/ BIBLIOTECA CCS/A

G633r Gomes, Alexander de Souza  
Religião e política: construção da memória de Dom Adriano  
Hypólito/ Alexander de Souza Gomes. – 2012.  
250 f.

Orientadora: Marcia de Vasconcelos Contins Gonçalves.  
Dissertação (mestrado) - Universidade do Estado do Rio de  
Janeiro, Instituto de Filosofia e Ciências Humanas.  
Bibliografia.

1. Religião e Política - Teses. 2. Brasil - Política e governo,  
1964-1980 - Teses. I. Gonçalves, Márcia Vasconcelos Contins..  
II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de  
Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.

CDU 261.7

Autorizo apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Alexander de Souza Gomes

**Religião e política: construção da memória de Dom Adriano Hypólito**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovada em 31 de agosto de 2012.

Banca Examinadora:

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Marcia de Vasconcelos Contins Gonçalves (Orientadora)  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Cecília Loreto Mariz  
Instituto de Filosofia e Ciências Humanas – UERJ

---

Prof<sup>a</sup>. Dra. Edlaine de Campos Gomes  
Instituto de Filosofia e Ciências Sociais - UNIRIO

Rio de Janeiro

2012

## DEDICATÓRIA

Aos meus avós, José Antônio Anastácio e  
Augusta Maria das Dores e à minha eterna tia  
Maria Antônia, Naná.

*In Memoriam*

## AGRADECIMENTOS

Certamente, a empreitada desse trabalho não seria possível sem a colaboração mútua de muitos amigos que, direta ou indiretamente, participaram comigo, desde os primeiros esboços, sugerindo referências e dando opiniões a respeito da temática quando por mim estabelecida. Refiro-me aos amigos da Graduação de História: Euzete Barboza da Cunha e Fabiano Fonseca; e da Pós-Graduação: Alberto Alvadia Filho, Antônio Augusto Bezerra, Carmem Silvia Rocha, Letícia Loreto Querette e Orlinda Cláudia Moraes.

Agradeço de maneira muito especial aos meus familiares que me apoiaram significativamente, dando-me incentivos e apoio moral.

Agradeço também aos professores que em Congressos e Seminários deram sugestões quando da apresentação de relatórios, que leram diversos resumos que viriam a ser essa dissertação: Prof. Dr. Bernardo Kocher, Prof.<sup>a</sup> Dra. Cecília Loreto Mariz, Prof.<sup>a</sup> Dra. Edlaine de Campos Gomes, Prof.<sup>a</sup> Dra. Gizlene Neder, Prof. Dr. João Marcus Assis, e Prof.<sup>a</sup> Dra. Luitgard Cavalcanti.

Agradeço de forma muito especial à minha orientadora Prof.<sup>a</sup> Dra. Marcia Contins, que sem o seu apoio este trabalho não teria sido possível. Agradeço-lhe pela gentileza e generosidade na condução desta dissertação e toda a minha trajetória no âmbito do curso de Pós-Graduação.

Agradeço também à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – CAPES pelo financiamento, através de bolsa de estudos, para a realização desta pesquisa de mestrado, bem como aos funcionários da Secretaria do Programa de Pós-Graduação – PPCIS – Sônia e Daniel pela generosidade no atendimento e esclarecimentos no trâmite burocrático.

## RESUMO

GOMES, Alexander de Souza. *Religião e política: construção da memória de Dom Adriano Hypólito*. 2012, 253 f. Dissertação (Mestrado em Ciências Sociais) – Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2012.

O presente trabalho discute a interdependência entre religião e política no âmbito da ação pastoral da Diocese de Nova Iguaçu no bispado de Dom Adriano Hypólito, que foi nomeado em 1966 bispo diocesano. No discurso e práticas sociais realizados por Dom Adriano Hypólito observa-se a base dessa interdependência. Por isso, a pesquisa procura analisar os discursos proferidos pelo bispo em documentos como “A Folha” e o “Boletim Diocesano” para mensurar seu posicionamento em relação à fé e política. Através das entrevistas concedidas por padres e leigos engajados busca-se regatar a memória do Bispo de Nova Iguaçu, que em decorrência de sua postura e “opção preferencial pelos pobres” sofre perseguições e é torturado no âmbito da Ditadura Civil-Militar no Brasil. Para corroborar tais elementos, procura-se fazer uma análise antropológica do memorial, construído um ano após de seu falecimento. Salienta-se que os objetos que se encontram nesse memorial se materializam como lugar-memória, e que se traduzem numa linguagem político-religiosa. Dessa forma, procura-se localizar nesse espaço como a memória de Dom Adriano está sendo transmitida e de que forma seu trabalho pastoral é recuperado nessa construção. A pesquisa também procura recuperar os discursos do Bispo Dom Adriano e a contribuição dos mesmos para a formação do laicato que através da conscientização e formação nas bases da Igreja engajar-se-ão em movimentos sociais, em partidos políticos e em sindicatos.

Palavras-chave: Dom Adriano Hypólito. Teologia da libertação. Diocese de Nova Iguaçu.

## ABSTRACT

In this thesis I discuss the interdependence between religion and politics in the context of the pastoral action of Nova Iguaçu Diocese in the bishopric of Don Adriano Hypólito. In 1966 he was chosen diocesan bishop. In the discourse and social practices performed by Don Adriano Hypólito we observe the basis of this interdependence. The aim of this research is to analyze the speeches given by the bishop in documents as "A Folha" and "Boletim Diocesano" to measure its position in relation to faith and politics. Through interviews with priests and engaged laity we seek to rescue the memory of the Bishop of Nova Iguaçu, which in function to their posture and "preferential option for the poor", suffers persecution and was tortured under the Civil-Military Dictatorship in Brazil. To corroborate these elements, we try to make an anthropological analysis of the memorial, which was built a year after his death. Note that the objects that are on this memorial, materialize as a place-memory, is translated into a politico-religious language. Thus, we try to find that space as Don Adriano memorial is being transmitted and how his pastoral work is recovered. The research also seeks to recover the speeches of Bishop Adriano and contribution thereof to the formation of the laity that through awareness and training bases in the Church will engage in social movements, political parties and trade unions

Keywords: Don Adriano Hypólito. Liberation theology. Diocese of Nova Iguaçu.



## LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

ABM	Associação de Bairros e Moradores
ACO	Ação Católica Operária
AI	Ato Institucional
BF	Baixada Fluminense
CEBs	Comunidades Eclesiais de Base
CEDAC	Centro de Ação Comunitária
CELAM	Conselho Episcopal Latino-Americano
CENFOR	Centro de Formação de Líderes
CNBB	Conferência Nacional dos Bispos do Brasil
CPO	Comissão Pastoral Operária
CPT	Comissão Pastoral da Terra
CUT	Central Única dos Trabalhadores
ENTOES	Encontro Nacional em Oposição a Estrutura Sindical
IBGE	Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística
JAC	Juventude Agrária Católica
JEC	Juventude Estudantil Católica
JIC	Juventude Independente Católica
JOC	Juventude Operária Católica
JUC	Juventude Universitária Católica
MAB	Movimento Amigos de Bairro
MEB	Movimento de Educação de Base
MIC	Movimento de Integração Comunitária
MUB	Movimento União de Bairros
OFM	Ordem dos Frades Menores
PO	Pastoral Operária
PT	Partido dos Trabalhadores
TL	Teologia da Libertação
UNE	União Nacional dos Estudantes

## LISTA DE ILUSTRAÇÃO

Figura 1	Cartaz sobre a História da Catedral fixado na entrada da Catedral de Santo Antônio de Jacutinga.....	25
Tabela 1	Comparação dos dados relativos ao número de propriedades agrícolas no município de Nova Iguaçu entre 1920 e 1940.....	26
Figura 2	Placa dedicatória em homenagem ao Pároco Mons. João Müsch.....	29
Figura 3	Placa dedicatória a D. Walmor Battú Wichrowski.....	30
Figura 4	Painel fixado no Memorial - Dom Adriano e a Imprensa.....	31
Figura 5	Painel fixado no Memorial - Dom Adriano e a Imprensa.....	39
Figura 6	Painel fixado no Memorial – Atividades Sociais realizadas por Imprensa...	39
Figura 7	Painel fixado no Memorial – Atividades Sociais realizadas por Imprensa...	40
Figura 8	Painel fixado no Memorial – Histórico da vida de Dom Adriano.....	41
Figura 9	Cibórios danificados por uma bomba.....	43
Figura 10	Interior da Catedral Santo Antônio de Jacutinga.....	44
Figura 11	Sacrário da Catedral de Santo Antônio.....	45
Figura 12	Passagem de acesso ao Memorial.....	46
Figura 13	Passagem de acesso ao Memorial.....	47
Figura 14	Interior da Capela que dá acesso ao Memorial de Dom Adriano Hypólito..	49

Figura 15	Cripta de Dom Adriano Hypólito.....	52
Figura 16	Restos mortais de religiosas e padres que se encontram no Memorial Dom Adriano.....	53
Figura 17	Restos mortais de religiosas e padres que se encontram no Memorial Dom Adriano.....	53
Figura 18	Restos mortais de religiosas e padres que se encontram no Memorial Dom Adriano.....	53
Figura 19	Restos mortais de religiosas e padres que se encontram no Memorial Dom Adriano.....	53
Figura 20	Cripta do Pároco Mons. João Múch.....	54
Figura 21	Objetos religiosos utilizados por Dom Adriano Hypólito.....	55
Figura 22	Objetos utilizados por Dom Adriano Hypólito.....	56
Figura 23	Objetos pessoais de Dom Adriano Hypólito.....	56
Figura 24	Objetos pessoais de Dom Adriano Hypólito.....	57
Figura 25	Manchetes de jornais sobre os episódios de violência a contra a Diocese de Nova Iguaçu.....	59
Figura 26	Seminário Paulo VI.....	130

## SUMÁRIO

	<b>INTRODUÇÃO .....</b>	12
1	<b>A HISTÓRIA DO MUNICÍPIO (SEDE) DA DIOCESE DE NOVA IGUAÇU: INTERDEPENDÊNCIA ENTRE RELIGIÃO E POLÍTICA</b>	23
1.1	História da construção do Município de Nova Iguaçu.....	23
1.1.1	<u>A Criação da Diocese de Nova Iguaçu.....</u>	28
1.1.2	<u>O vínculo entre o político e o religioso: relação tênue no cerne da realidade social de Nova Iguaçu.....</u>	32
2	<b>O MEMORIAL DOM ADRIANO HYPÓLITO.....</b>	35
2.1	O Memorial Dom Adriano Hypólito: um espaço-memória.....	37
2.1.1	<u>O Memorial: primeiro contato.....</u>	42
2.1.2	<u>O Memorial: lugar-memória, trajetória de vida do bispo.....</u>	51
2.1.3	<u>O Memorial: um espaço de interdependência entre a religião e a política.....</u>	64
3	<b>O PROJETO PASTORAL DE DOM ADRIANO HYPÓLITO.....</b>	74
3.1	O pensamento teológico de Dom Adriano Hypólito: trabalho pastoral e concepções políticas do bispo de Nova Iguaçu.....	75
3.1.1	<u>Estudos desenvolvidos sobre a ação da Igreja Popular e do posicionamento de Dom Adriano Hypólito.....</u>	86
4	<b>INFLUÊNCIA DO TRABALHO PASTORAL DESENVOLVIDO POR DOM ADRIANO HYPÓLITO NA FORMAÇÃO DOS LEIGOS.....</b>	98
4.1	Dom Adriano e a luta em prol do “Povo sofrido da Baixada Fluminense”	103
4.1.1	<u>A formação das pastorais sociais: trabalho pastoral – Igreja-Povo.....</u>	106
4.1.2	<u>A linha de ação concreta das pastorais sociais e dos movimentos populares no interior da Diocese de Nova Iguaçu.....</u>	112
5	<b>CONCLUSÃO .....</b>	137
	<b>REFERÊNCIAS.....</b>	142

<b>ANEXO A</b> - Entrevista Padre Agostinho Pretto.....	151
<b>ANEXO B</b> - Entrevista Marcus Barbosa Guimarães.....	174
<b>ANEXO C</b> - Entrevista professor Sr. Salvador Marcelino.....	181
<b>ANEXO D</b> - Entrevista Flávio Antônio Brandão de Souza e Rosana Xavier.....	207
<b>ANEXO E</b> - Entrevista Prof. Dr. Percival Tavares da Silva.....	225
<b>ANEXO F</b> - Entrevista das Ministras da Eucaristia Sra. Nailza Rodrigues e Sra. Campos da Silva.....	242

## INTRODUÇÃO

A ideia do presente trabalho surgiu quando eu ainda cursava a disciplina História do Trabalho ministrada pelo professor Dr. Bernardo Kocher no curso de graduação de História na Universidade Federal Fluminense no ano de 2005. No âmbito desse curso discutíamos a interferência da Doutrina Social da Igreja Católica no “Mundo do Trabalho”. Confesso que a temática interessou-me significativamente. Sendo assim, comecei a pesquisar os documentos pontifícios da Igreja, sobretudo aqueles publicados no papado de João Paulo II. Entretanto o que chamava a minha atenção eram as críticas sofridas pela Teologia da Libertação pela ala tradicional da Igreja.

Mais adiante comecei a realizar pesquisas na Biblioteca do Seminário Arquidiocesano do Rio de Janeiro, localizado no Rio Comprido – RJ. Passava as tardes realizando pesquisas e numa dessas tardes deparei-me com um dossiê a respeito dos dez anos da atuação da Pastoral Operária, trazendo em sua apresentação Dom Waldyr Calheiros, Bispo Diocesano de Barra do Pirai-Volta Redonda, Dom Cláudio Hummes, Bispo Diocesano de Santo André e Padre Agostinho Preto, então Pároco da Catedral de Nova Iguaçu. Manuseei outras obras que versavam sobre a Teologia da Libertação: Frei Betto, Padre Paulo Maria Tonucci e outras referências. Percebia, assim, que havia pensamentos distintos na hierarquia eclesial.

No meio dessas leituras, o livro organizado por Scott Mainwaring “A Igreja nas Bases em Tempo de Transição” despertou minha atenção para Nova Iguaçu e sobre o trabalho pastoral desenvolvido pelo Bispo Diocesano Dom Adriano Hypólito. Dessa forma, busquei mais informações sobre Nova Iguaçu e surpreendi-me com a tamanha violência sofrida por Dom Adriano e pela própria Diocese de Nova Iguaçu no âmbito da Ditadura Civil-Militar no Brasil. Confesso, mais uma vez, que esses fatos aguçaram ainda mais a minha vontade de escrever sobre Fé e Política no contexto da Ditadura em Nova Iguaçu. Conversei com a professora Dra. Gizlene Neder da Universidade Federal Fluminense, que foi minha professora no curso de Epistemologia da História, sobre o projeto que tinha em mente. Gizlene leu o esboço do que eu vinha escrevendo e deu-me inúmeras sugestões. Todavia, foi conversando com um amigo – meu ex-supervisor no projeto social de educação para jovens e adultos em comunidades carentes – Ozias de Jesus sobre o projeto que vinha desenvolvendo, que surgiu a ideia de enviá-lo ao Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais da UERJ. Ozias me informou que ali havia uma linha de pesquisa que estudava religião e movimentos sociais. Imediatamente mantive contato, primeiramente por e-mail, com a professora Dra. Marcia

Contins que, atenciosamente, leu o meu projeto e incentivou-me a realizar o concurso de seleção para o Mestrado.

De início, a minha intenção era analisar o trabalho desenvolvido pela Pastoral Operária de Nova Iguaçu e a interdependência desse trabalho pastoral no âmbito da política. Contudo, mediante pesquisas, que já nesse período eram realizadas no Arquivo da Cúria Diocesana de Nova Iguaçu, que tem como responsável o professor Antônio Lacerda de Menezes, tive a oportunidade de conhecer melhor o acervo e ter em mãos os vários documentos escritos por Dom Adriano, bem como suas entrevistas e outras fontes que noticiaram diversos fatos ocorridos na região. Dali em diante, conversando com a minha orientadora Dra. Marcia Contins, fui remodelando melhor o projeto e delineando o objeto da pesquisa e os procedimentos teórico-metodológicos a serem adotados. A professora Dra. Cecília Mariz muito também contribuiu nesse processo, lendo o projeto e dando-me algumas direções.

Dessa forma, surgiu o presente trabalho que tem como meta compreender em que medida a cultura religiosa produz interseções na sociedade, tendo como foco de análise a interdependência entre religião e política no âmbito da ação pastoral da Diocese de Nova Iguaçu, porque se visualiza que sob o legado do Bispo Diocesano Dom Adriano Hypólito (1966-1994) desenvolve-se ali um trabalho pastoral voltado para a edificação de uma Igreja que procura responder os desafios de uma região marcada, sobretudo, pela desigualdade social e extrema violência. Entende-se que o discurso religioso aparece nesse contexto como instrumento de crítica social e política, concebida no cerne do Evangelho, desencadeando, no período da Ditadura Civil-Militar, reação e rechaço contra a ação pastoral desenvolvida pela Diocese de Nova Iguaçu.

Detecta-se que é a partir do Concílio Ecumênico Vaticano II, realizado entre os anos de 1962-65, que se abre na América Latina uma discussão profunda sobre a realidade social por parte da Igreja Católica. É notório que desde a convocação desse concílio pelo então Papa João XXIII, em 1959, e através da Encíclica por ele escrita *Mater et Magistra* e publicada em 1961, havia uma preocupação por sua parte com as causas sociais. Não obstante, o aprofundamento das questões sociais tratadas por esse concílio adquire maior dimensão a partir das Conferências Episcopais realizadas na América Latina ocorridas em Medellín, no ano de 1968, e em Puebla<sup>1</sup>, realizada nos dias 27 de janeiro a 13 de fevereiro de 1979.<sup>2</sup> Sobretudo Medellín,

---

<sup>1</sup> Frei Betto no livro Puebla para o povo assinala que “O marxismo nasceu como uma crítica positiva ao capitalismo, mostrando como este dá mais importância ao produto (= a mercadoria) do que ao produtor (= o operariado). O marxismo valorizou o sentido humano do trabalho: o trabalhador deve ser dono dos seus meios de produção e do produto que ele fabrica. Mas, na opinião dos

onde é apresentada a tese de que não se pode evangelizar num contexto social de miséria. As ações práticas dessas conferências promovem divisões no cerne da Igreja Católica no Brasil e na América Latina, uma vez que se compreende que a Igreja é um conjunto de hierarquias distintas e não um bloco monolítico.

Mediante as pesquisas realizadas, detecta-se que há indícios da ação da Igreja Católica no Brasil que vai contra uma interferência direta da Igreja local nas questões sociais e políticas, apoiando, no início, a Ditadura Civil-Militar, bem como por parte do Vaticano, que com o início do pontificado de Karol Wojtyła, em 1978, desaprova a linha teológica da Teologia da Libertação. No primeiro caso, documentos históricos e entrevistas concedidas, no âmbito da pesquisa, por padres e estudiosos da área comprovam que no âmbito da instauração do Regime Militar no Brasil a Igreja Católica apoiou o Golpe, como assinala Padre Agostinho Pretto<sup>3</sup>:

Com esse Golpe todos os departamentos, todos os segmentos desse setor de jovens foram lacrados. Os militares simplesmente decretaram perseguição a todos esses setores. Com isso, atingiram realmente o cerne da vitalidade nacional, que era a juventude. E o primeiro setor que buscaram silenciar foi esse “mundo” de jovens, depois silenciaram outros departamentos. O Ato Institucional nº 5, o AI-5, em 1968, foi realmente o decreto do silêncio. A esse silêncio, seguiram-se outros silêncios. A Igreja instituição, nessa altura, mal informada, o Episcopado, seu “Corpo Grande”, apoiou os militares. E seu apoio aos militares significou um decreto de morte contra esses setores jovens. A Igreja fechou os setores jovens e a isso seguiu o grande momento de silêncio. Isso foi em 1968, 1969, 1970.

Em sua dissertação de mestrado, Rafael Cerqueira do Nascimento<sup>4</sup> faz uma síntese da história dos movimentos leigos da Igreja como a Ação Católica Operária – ACO, a Juventude Operária Católica – JOC, a Juventude Universitária Católica – JUC, o Movimento de Educação de Base – MEB ressaltando a importância da atuação desses movimentos para as

---

bispos reunidos em Puebla, o marxismo conduz também a uma idolatria de riqueza, só que da riqueza coletiva – todo o povo possuindo todos os bens do país”. Cf. BETTO, Frei. Puebla para o povo, 2ª edição, Petrópolis: Vozes, 1979, pp. 65-66.

<sup>2</sup> Outras Conferências foram realizadas: a Primeira Conferência Episcopal Latino-Americana realizou-se no [Rio de Janeiro](#) de [25 de julho](#) a [4 de agosto](#) de [1955](#). Essa reunião eclesial fora convocada por iniciativa direta da [Santa Sé](#), no papado Pio XII. O organismo responsável por auxiliar o [Vaticano](#) na reparação do evento foi a [CNBB](#), que havia sido criada em [1952](#) e teve como seu primeiro secretário, nesse período, [Dom Hélder Câmara](#). Nessa Conferência, os bispos participantes já criticavam as condições de vida da maioria dos povos latino-americanos, condição que colocava em risco o bem-estar geral das nações e seu progresso. Foi no âmbito dessa Conferência que os bispos pediram ao [Papa Pio XII](#) a criação de um organismo que congregasse os episcopados de cada nação e unisse forças da Igreja na [América Latina](#). Sendo assim, tal pedido foi aprovado no dia [2 de novembro](#) de [1955](#), quando se oficializaria oficialmente o [CELAM](#). A Quarta Conferência Episcopal Latino-Americana realizou-se em [Santo Domingo](#), na [República Dominicana](#), no período de [12 a 28 de outubro](#) de [1992](#), convocada oficialmente pelo, então, Papa [João Paulo II](#) no dia [12 de dezembro](#) de [1990](#), estabelecendo como tema: "Nova evangelização, Promoção humana, Cultura cristã", sob o lema: "Jesus Cristo ontem, hoje e sempre". O Quinto Episcopado Latino-americano ocorreu em Aparecida, São Paulo, inaugurado pelo [Papa Bento XVI](#), no dia [13 de maio](#) e encerrou no dia [31 de maio](#) de [2007](#). O tema da central foi: “Discípulos e Missionários de Jesus Cristo, para que nele nossos povos tenham vida”.

<sup>3</sup> Entrevista Padre Agostinho Pretto, Anexo n.º 1, em setembro de 2010.

<sup>4</sup> NASCIMENTO. Rafael Cerqueira do. *Imagens da Libertação: a atuação política da Igreja Católica de Nova Iguaçu por meio do Jornal A Folha (1974-1981)*. Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.



transformações das práticas dentro da Igreja e que possibilitaram a sua esquerdização. Rafael Cerqueira evidencia que a ACO e o MEB tiveram sua origem em iniciativas conservadoras da Igreja, e nesse período, antes da instauração do Regime Militar no Brasil, mostra a ligação entre a Igreja e o Estado.

No segundo caso, pesquisas realizadas por Jessie Jane<sup>5</sup> detectam que por meio da nova centralização romana, iniciada com o papado de João Paulo II, houve uma forte contração da presença da Igreja no cenário político no país. Essa forma de centralização pode ser ratificada através das críticas perpetradas pelo Vaticano contra a Teologia da Libertação e perseguição a alguns teólogos. Em 06 de agosto de 1984, a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé adverte por meio da Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação” (*Libertatis Nuntius*), traduzida por Mensagem de Liberdade, assinalando que:

A presente instrução tem uma finalidade mais precisa e mais limitada: quer chamar a atenção dos pastores, dos teólogos e de todos os fiéis para os desvios e perigos de desvios, prejudiciais à fé e à vida cristã, inerente a certas formas da teologia da libertação que usam, de maneira insuficientemente crítica, conceitos assumidos de diversas correntes do pensamento marxista.<sup>6</sup>

Nota-se, destarte, que João Paulo II critica a postura de teólogos, padres, bispos que ao buscarem uma explicação para a miséria e a pobreza dos milhões de habitantes da América Latina utilizem-se de ideologias marxistas.<sup>7</sup> João Paulo II na Encíclica *Laboren Exercens* assinala, ainda, que “é evidente que o materialismo, mesmo sob sua forma dialética, não está em condições de proporcionar a reflexão sobre o trabalho humano bases suficientes e definitivas, para que o primado do homem sobre o instrumento capital aí possa encontrar uma adequada e irrefutável *verificação* e um *apoio*”.<sup>8</sup>

Após a publicação da “Instrução alguns aspectos sobre da Teologia da Libertação”, detecta-se que logo em seguida, no ano de 1985, a Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé

---

<sup>5</sup> SOUSA, Jessie Jane Vieira de. Acomodações recíprocas: a Igreja Católica e o poder temporal na Argentina e no Brasil. Passagens: Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica, Rio de Janeiro: vol. 1, nº 2, julho/dezembro 2009, p. 50-64.

<sup>6</sup> João Paulo II. Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”, São Paulo: Paulinas, 1984, p.6.

<sup>7</sup> O advogado Paulo Rodrigues, ferrenho crítico da Teologia da Libertação, escreve que “todo mundo já sabe hoje que o materialismo histórico de Marx não explica as verdadeiras causas que geram a pobreza. Reduzir tudo, em última instância, como queira Marx e quer Boff, ao determinismo econômico dos meios de produção, é desconhecer as verdadeiras causas, não é explicar, não é fazer teoria científica. As verdadeiras causas do empobrecimento são múltiplas, dentre as quais não podemos esquecer as principais, as causas morais (e não econômicas) do apego aos bens materiais (...) as causas de pobreza são múltiplas e as principais são morais: a usura, a ganância, o apego aos bens materiais. Em vez de insuflar o ressentimento nos pobres carentes de bens materiais, os ‘teólogos da libertação’ deveriam despertar nos ricos e nos pobres o espírito da pobreza evangélica. Um dos graves defeitos da chamada ‘teologia da libertação’ é que ela não liberta o pobre: nem do pecado nem da fome”. RODRIGUES, Paulo. Igreja e Anti-Igreja: teologia da libertação, São Paulo: T.A. Queiroz, 1985, pp. 27-28.

<sup>8</sup> João Paulo II. *Laboren Exercens* nº 13, São Paulo: Paulinas, 2005, p. 49.

condena trechos do livro "Igreja: carisma e poder" do teólogo Leonardo Boff<sup>9</sup>, sendo obrigado a um ano do dito "silêncio obsequioso", ficando, assim, impedido de exercer quaisquer funções editoriais; proibido também de lecionar e de fazer declarações públicas e não emitir mais sua opinião dentro do Catolicismo.

Em 22 de março de 1986, uma nova instrução é publicada pela Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé: a "Instrução sobre Liberdade Cristã e Libertação" (*Libertatis Conscientia*). É publicada também, no dia 9 de abril de 1986, a "Carta do Papa à CNBB sobre a missão da Igreja e a Teologia da Libertação". Esses documentos reforçam, mais uma vez, o posicionamento do Vaticano em relação à Teologia da Libertação que vinha sendo desenvolvida na América Latina e no Brasil, assinalando para os bispos do Brasil que se desenvolva uma:

correta e necessária teologia da libertação (...) no Brasil e na América Latina, de *modo homogêneo e não heterogêneo* com relação à teologia de todos os tempos, em plena fidelidade à doutrina da Igreja, atenda a um amor preferencial não excludente nem exclusivo para com os pobres. Neste ponto é indispensável ter presente a importante reflexão da Instrução *Libertatis conscientia* (n. 23 e 71) sobre as duas dimensões constitutivas da libertação na sua concepção cristã: Quer no nível da reflexão quer na sua práxis, a libertação é, antes de tudo, *soteriológica* (um aspecto da Salvação realizada por Jesus Cristo, Filho de Deus) e depois *ético-social* (ou *ético-política*). Reduzir uma dimensão à outra – suprimindo-as praticamente a ambas – ou antepor a segunda à primeira é subverter e desnaturar a verdadeira libertação cristã.<sup>10</sup>

Detecta-se que para a Igreja Romana a opção privilegiada pelos pobres não pode ser um sinal de particularismo ou de sectarismo, ratificando que por isso a Igreja não pode exprimi-la com a ajuda de categorias sociológicas ou ideológicas.<sup>11</sup> Assim, observa-se que no bojo da reflexão teológica por parte do Vaticano à teologia medrada na América Latina há elementos que procuram advertir os desvios, e, sobretudo, impedir que tal linha de ação promova rupturas no cerne da própria Igreja Católica.

As novas comunidades de base e outros grupos de cristãos, formados para serem testemunhas deste amor evangélico, são um motivo de grande esperança para a Igreja. Se viverem verdadeiramente em unidade com a Igreja local e a Igreja universal, serão uma autêntica expressão da comunhão e um meio de se construir uma comunhão mais profunda. Serão fiéis à

<sup>9</sup> A Dissertação de Mestrado de Bruno Marques da Silva. *Fé, razão e conflito: a trajetória intelectual de Leonardo Boff*, apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense. Niterói, 2007 descreve o pensamento de Leonardo Boff, sendo um instrumento análise para aprofundar nas discussões de suas principais obras.

<sup>10</sup> Documentos Pontifícios. Carta à CNBB sobre a missão da Igreja e a Teologia da Libertação, Petrópolis: Vozes, 1996, pp. 92-93.

<sup>11</sup> Cf. Documentos Pontifícios. Instrução sobre a Liberdade Cristã e a Libertação, Petrópolis: Vozes, 1996, p.56.

sua missão na medida em que tiverem o cuidado de educar os seus membros na integralidade da fé cristã, pela escuta da Palavra de Deus, pela fidelidade ao ensinamento do Magistério, à ordem hierárquica da Igreja e à vida sacramental.<sup>12</sup>

Outro ponto que deve ser mencionado aqui é a divergência da interpretação do Vaticano no que tangem as dimensões soteriológica e ético-social ou ético-política da libertação humana e a do posicionamento de alguns membros da Igreja como, por exemplo, Dom Adriano Hypólito que, à luz do Concílio Vaticano II, entende que:

Reduzir a ação da Igreja, isto é: a Pastoral apenas ao chamado espiritual, é desconhecer a força fermentadora do evangelho para todos os setores da vida social. Segundo aquela opinião, a Igreja deveria ocupar-se das “almas” e do que diz respeito às “almas”. “Salvar almas” seria a fórmula típica desta mentalidade, embora de fato a Igreja nunca tenha traído nos melhores de seus filhos e de suas instituições a fidelidade à sua preocupação pelo homem total. Como poderemos preocupar-nos de “almas”, se estas “almas” estão ligadas essencialmente aos corpos e vivem solicitadas por mil desafios existenciais? Como poderemos esquecer a sorte terrena de irmãos nossos que mereceram o sacrifício do próprio Filho de Deus? Podemos certamente distinguir aspectos espirituais, aspectos materiais, aspectos mistos nas coisas humanas, mas um distinguir que não deve ser um separar radical e muito menos privar a Igreja de sua responsabilidade salvadora em relação à pessoa humana total. Morre uma pessoa querida: esta morte é um desafio à nossa fé. Mas a fé se vê desafiada também quando o salário de fome não permite à pessoa enfrentar seus deveres para consigo mesma e para com os seus. O que em todos os problemas humanos está em jogo é antes de tudo a própria dignidade do homem, como imagem e semelhança de Deus. Por isso mesmo, tudo o que é humano é espiritual. Mais: tem qualquer coisa de divino. Como é então que a Igreja se deveria ocupar exclusivamente com as almas? De passagem é bom lembrar que na Bíblia Sagrada “alma” tem o sentido de pessoa humana, a pessoa total em todos os seus aspectos.<sup>13</sup>

O bispo continua em outra publicação de “A Folha”:

A Igreja tem de ser política na sua atuação pastoral, pois se ocupa com a dimensão comunitária das pessoas. Não pode deixar de ser assim. O espiritual, que preocupa a Igreja, é sempre um espiritual encarnado na realidade concreta da pessoa humana e da comunidade. Não existe espiritual abstrato, aéreo, assim como não existe criatura humana que não seja ligada às dimensões de tempo e de espaço. A sorte eterna de Pedro me preocupa tanto como o salário de Pedro, como a doença de Pedro, como o sofrimento de Pedro, como a alegria de Pedro, como a família de Pedro. A pessoa humana é uma unidade no tempo e na eternidade. Daí a impossibilidade de pretender-se uma pastoral exclusivamente espiritual.<sup>14</sup>

A discussão sobre a centralização romana faz-se importante nesse estudo porque nos permite distinguir diferentes concepções teológicas no interior da Igreja Católica e de que forma tais concepções vão impulsionar um trabalho pastoral, sobretudo no Brasil, que se inicia com a criação da CNBB em 1952, e que sob a influência das Conferências Episcopais Latino-

<sup>12</sup> Idem.

<sup>13</sup> Cf. “A Folha”, Ano 6, n° 322, de 16 de julho de 1978.

<sup>14</sup> Cf. “A Folha”, Ano 6, n° 325, de 06 de agosto de 1978.

Americanas vão impor uma nova forma de “Evangelização”, centrada na “opção preferencial pelos pobres”. Toma-se Nova Iguaçu como objeto central da pesquisa porque se visualiza ali os desdobramentos dessa prática pastoral direcionada por Dom Adriano Hypólito.

Destarte, o estudo em questão divide-se em quatro capítulos. No primeiro, faz-se um resumo da História do município (sede) da Diocese de Nova Iguaçu, com o objetivo de mostrar o processo de ocupação da região da Baixada Fluminense e sua relação com a Igreja local. Todavia, o ponto central desse capítulo encontra-se na percepção de que desde a ocupação da região, alicerçada à produção de gêneros para a exportação pautada na estrutura latifundiária que se utilizava do trabalho escravo, e depois do uso de mão-de-obra proveniente do Nordeste e Norte do país, problemas cruciais emergirão como a concentração do latifúndio, que produz violência extrema pela posse de terra. Outros fatores como a corrupção política, analfabetismo, carência de serviços públicos contribuem para o alto índice de violência e criminalidade na região. É por meio desses problemas sociais que urge a figura de Dom Adriano Hypólito, que assume a diocese com a consciência prévia do ingente trabalho que teria a realizar na região, posicionando-se contra o elitismo e propondo um trabalho pastoral em prol do povo.

Na segunda parte, estuda-se o Memorial dedicado a Dom Adriano Hypólito, inaugurado um ano após o seu falecimento, no dia 9 de agosto de 1997. Faz-se, neste capítulo, uma etnografia do memorial, pois se compreende que esse lugar funciona como um espaço-memória, resgatando a trajetória e vida de Dom Adriano com a finalidade de preservar sua memória e relembrar momentos críticos como os incidentes sofridos pela Diocese de Nova Iguaçu e a luta político-religiosa do bispo pela justiça social e preservação da dignidade humana. O ponto central do capítulo encontra-se na análise da concepção que emerge no interior de algumas entrevistas quando o bispo, em virtude de seu trabalho pastoral, é identificado como um “bispo santo” ou “santo moderno”.

No terceiro capítulo, resgatam-se os discursos produzidos pelo bispo Dom Adriano em entrevistas por ele concedidas a jornais e revistas, bem como nos depoimentos de padres, leigos engajados e estudiosos que com ele conviveram, de forma que se consiga compreender a concepção teológica que engendrará o trabalho pastoral desenvolvido pela diocese de Nova Iguaçu. Alicerçado a essa investigação busca-se através de referenciais teóricos sobre a relação entre Fé e Política como Michael Löwy, Scott Mainwaring, Luigi Bodin, Bruno Marques Silva, Jessie Jane Vieira de Sousa, Antônio Alves de Melo, e outros autores, bem como teses e dissertações relacionadas diretamente a Nova Iguaçu como Percival Tavares, João Marcus Figueiredo Assis, Sonia Ambrozino da Silva, José Cláudio Souza Alves, Abner Francisco

Sóstenos, Peter Sana, Cláudia Regina de Paula, Adriano Oliveira Rodrigues, Jordânia Rocha de Queiroz, e outros para responder o que a pesquisa propõe: de que forma a interdependência entre religião e política direcionada pela Diocese de Nova Iguaçu produz um *ethos* que conduzirá a formação de leigos engajados e desdobrar-se-á numa prática voltada para a luta pelos direitos humanos e reivindicação social.

A quarta e última seção discute a linha pastoral desenvolvida por Dom Adriano Hypólito e todos os instrumentos mediadores – realização de Assembleias Diocesanas e o Sínodo Diocesano, a Construção do Seminário Paulo VI, o Centro de Formação de Líderes, seu apoio à formação do Movimento Amigos de Bairro de Nova Iguaçu, o MAB; ao Sindicato das Domésticas; bem como à criação das Pastorais Sociais: Pastoral da Terra e Pastoral Operária etc. – que contribuirão para a formação do laicato em sua diocese.

Faz-se necessário aqui também apresentar os instrumentos utilizados para resgatar a memória do bispo e o trabalho pastoral engendrado na diocese durante o seu bispado: as entrevistas realizadas e as fontes documentais.

Quem me indicou e apresentou a maioria das pessoas que compõe o quadro de entrevistados nessa pesquisa foi o professor Antônio Lacerda. Lembro-me que, num final de tarde, fui apresentado ao Sr. Salvador Marcelino que havia sido filiado ao Sindicato dos Comerciantes de Nova Iguaçu e após o seu ingresso na Igreja fez parte da direção da Pastoral Operária. Conversamos por um momento nesse dia e marcamos data e hora para a realização da entrevista. Repleto de histórias sobre o período de estudo em análise, esse senhor entusiasmou-me e me fez acreditar que estava indo na direção certa na obtenção de dados que corroborassem com o objeto de estudo. Numa tarde do dia 26 de outubro de 2010, cheguei na casa do Sr. Salvador e ali conversamos bastante; gravei a entrevista por quase duas horas. Nesse diálogo pude perceber o quanto o Terceiro Bispo de Nova Iguaçu era admirado pelo trabalho pastoral que desenvolvera em Nova Iguaçu. Uma fala marcante do Sr. Salvador foi quando mencionou o início de seu engajamento na Igreja: “Eu sou um cristão batizado, como todo brasileiro. Não é! Agora, como membro engajado na comunidade, eu posso dizer que o ponto de partida foi à posição de Dom Adriano Hypólito”.

A segunda entrevista realizada foi com o Padre Agostinho Pretto, no final do ano de 2010. Oriundo de Encantado, no Rio Grande do Sul, foi ordenado padre em 30 de novembro de 1953. Padre Agostinho foi Assessor Nacional e depois Latinoamericano da JOC. Um dos fundadores da Pastoral Operária e do Centro de Ação Comunitária – CEDAC. Também foi o

fundador da Associação Nacional de Presbíteros, sendo o primeiro presidente da instituição. Foi Pároco da Catedral de Santo Antônio de Jacutinga por mais de 20 anos e atuou ao lado de Dom Adriano Hypólito. Exercia no atual período o cargo de pároco da Paróquia São José Operário, no bairro Califórnia, em Nova Iguaçu. No dia da entrevista pareceu-me um pouco cansado, mas o seu vigor e atitudes fortes eram perceptíveis, tanto que respondia a todas as perguntas que lhe eram feitas de forma apaixonada pelo tema. Um momento marcante na entrevista foi quando se emocionara ao lembrar sua prisão no âmbito da ditadura, por volta de 1970. No ano de 1974, Padre Agostinho vem para Nova Iguaçu e aqui se estabelece até a sua morte ocorrida no dia 6 de outubro de 2010. Padre Agostinho disse em entrevista que Dom Adriano atribuía a linha mestra do seu comportamento ao povo da Baixada e que foi o Povo da Baixada quem o converteu. Ele acrescentou: “Que povo é esse? É o povo trabalhador. O povo do trem; é o povo da construção civil; é o mecânico, o metalúrgico, o gráfico. Esse é o povo! E digo mais, o único povo que nos pode converter é esse.”

Entrevistei o professor Dr. Percival Tavares, que atua hoje no Departamento de Educação da Faculdade da Universidade Federal Fluminense – UFF. Percival chega em Nova Iguaçu no ano de 1984 e, em seguida, passa a atuar no secretariado nacional de Pastoral Operária, atuando com os meios de comunicação, produzindo boletins e na produção de textos. Dentro da Pastoral Operária ajuda no movimento da Constituinte. Também foi um dos dirigentes do Partido dos Trabalhadores de Nova Iguaçu, ficando na presidência de 2001 a 2003. Sua experiência contribuiu enormemente para resgatar o papel e atuação dos leigos envolvidos na política, na relação entre Fé e Política, bem como elucidar o perfil e o posicionamento de Dom Adriano nessas questões, distinguindo-o de outros bispos que passaram por Nova Iguaçu.

Entrevistei numa manhã de domingo, 19 de março de 2011, após a celebração da missa na Catedral, as duas ministras da eucaristia: senhora Nailza Rodrigues dos Santos e a senhora Inês Campos da Silva. Ambas conviveram por muito tempo ao lado de Dom Adriano Hypólito e contribuíram significativamente para o resgate da memória do bispo, sobretudo nos momentos mais difíceis sofridos por ele quando de seu sequestro e pela violência sofrida pela diocese quando das pichações nas igrejas de Nova Iguaçu, a explosão da bomba na Catedral. Ambas ainda exercem o cargo de ministra da eucaristia na Catedral ao lado do atual pároco, Padre Marcus Barbosa Guimarães.

Padre Marcus Barbosa Guimarães, atual pároco da Catedral de Santo Antônio de Jacutinga, desde o dia 6 de fevereiro de 2011, concedeu-me entrevista no dia 19 de setembro de 2011. Os depoimentos de Padre Marcus foram importantes, pois ele foi ordenado padre, em 11 de agosto de 1985, por Dom Adriano Hypólito. A contribuição de Padre Marcus foi singular, pois, de forma solícita, aberta e humilde falou sobre Dom Adriano. Como Pároco, pôde esclarecer detalhes sobre o memorial e a atuação ministerial do bispo. Em relação a Dom Adriano ele disse: “Evocam-se várias imagens e experiências. Um homem de Deus, um homem do povo, um homem de testemunho. Um homem que bebia da fonte, da vida de Deus e testemunhava nos momentos da alegria, nos momentos das dores, na defesa mesmo. Como um pastor. Alguém que viveu como bispo mesmo. Que fazia o que Jesus procurava fazer.”

Outra importante entrevista foi realizada com Rosana Xavier Ferreira e Flávio Antônio Brandão de Souza, realizada numa tarde do dia 30 de setembro de 2011. Ambos atuam, hoje, no Centro Sócio-político da Diocese de Nova Iguaçu, exercendo a função de Coordenador Municipal de Nova Iguaçu no Projeto Sócio-Político. Rosana iniciou sua trajetória na diocese quando tinha apenas 16 anos, trabalhando na secretaria no atendimento ao público por cerca de 15 anos e depois foi para a área administrativa. Ela vivenciou a época de Dom Adriano Hypólito. No dia da explosão da bomba na Catedral estava presente. Suas informações sobre esse período foram valiosas. Ela relata minuciosamente o trauma provocado pelas inúmeras violências sofridas pela Diocese de Nova Iguaçu: a bomba, o sequestro, as pichações etc. Em sua concepção Dom Adriano era “Um homem muito corajoso. Era um profeta. Um “cara” que estava sempre presente na luta do povo, nas suas conquistas. A Diocese de Nova Iguaçu, na época de Dom Adriano, principalmente, sempre teve essa preocupação em ser uma Igreja que defendesse o povo.”

Flávio Brandão, hoje geógrafo, contribuiu bastante para o entendimento da relação entre religião e política e o papel dos leigos engajados na política. Flávio é um dos exemplos de leigos que fora formado nas bases da Igreja de Nova Iguaçu cujos desdobramentos contribuíram para a sua prática política, chegando a ser um dos dirigentes do Partido dos Trabalhadores de Nova Iguaçu. Hoje, juntamente com Rosana Xavier, prepara lideranças para a gestão política.

A documentação utilizada no desenvolvimento da pesquisa são os dois periódicos diocesanos: “A Folha”, semanário da Diocese de Nova Iguaçu que começa sua edição a partir da década de 1970 e segue até o fim de dezembro de 1993; e o “Boletim Diocesano”, boletim

litúrgico que começa a ser editado no ano de 1969. Nesses documentos podem-se obter os discursos e o posicionamento de Dom Adriano sobre questões teológica, econômica, política, social e cultural. Entrevistas concedidas a jornais e revistas pelo bispo também são utilizadas, sobretudo, os jornais litúrgicos – “A Folha” e o “Boletim Diocesano” – com o objetivo de resgatar a concepção teológica do bispo e compreender de que forma o seu discurso e o desenvolvimento do seu trabalho pastoral vão construindo uma identidade sócio-libertadora na Diocese de Nova Iguaçu.



# 1 A HISTÓRIA DO MUNICÍPIO (SEDE) DA DIOCESE DE NOVA IGUAÇU: INTERDEPENDÊNCIA ENTRE RELIGIÃO E POLÍTICA

A pesquisa debruça-se no estudo sobre a Diocese de Nova Iguaçu tendo, portanto, como delimitação espacial o município de Nova Iguaçu – que compõe uma das regiões dentro da diocese. Objetiva-se estudá-la em função de seu contexto socioeconômico, político e eclesialístico e, sobretudo, pela figura do terceiro bispo diocesano que é visto em diversas fontes documentais e testemunhos como um ardoroso lutador em prol dos direitos humanos e da justiça social. Decerto, os problemas sociais, políticos e econômicos existentes nos municípios que abrangem a Diocese de Nova Iguaçu, somados ao período crítico instaurado pela Ditadura Civil-Militar no país, servirão como a válvula de escape para o recrudescimento de reivindicações por parte de movimentos sociais que encontrarão apoio no discurso e no posicionamento crítico e combativo do Bispo Diocesano Dom Adriano Mandarino Hypólito.

## 1.1 História da construção do município de Nova Iguaçu.

Nova Iguaçu na língua tupi-guarani quer dizer “água grande”, em referência ao Rio Iguaçu, que é o mais volumoso da região que, ao longo dos séculos XVII e XIX, contribuiu para ligar o antigo Distrito Federal (Rio de Janeiro) à região da Baixada.

O município de Nova Iguaçu, fundado em 15 de janeiro de 1833, integra a região da Baixada Fluminense, sendo o quarto município mais populoso do Estado de acordo com o censo demográfico do ano de 2010 realizado pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE. Essa região foi marcada durante a segunda metade do século XVIII até a segunda metade do século XIX pela produção da cana-de-açúcar; em seguida pela produção cafeeira após a chegada da estrada de ferro e na primeira metade do século XX pela produção da laranja

como aponta Adriano Oliveira Rodrigues em sua dissertação de mestrado<sup>15</sup> onde estuda a história econômica da região de Nova Iguaçu, procurando sublinhar as mudanças espaciais ocorridas entre os séculos XIX e XX.

Jordânia Rocha de Queiroz Guedes<sup>16</sup>, em sua dissertação de mestrado, estuda o processo de escolarização na região iguaçuana no século XIX utilizando-se de três obras de memorialistas que servem aqui como indicação para aprofundamento da História da Baixada Fluminense, sobretudo, Nova Iguaçu. As três obras são pontuadas da seguinte maneira: a) Memória da Fundação de Iguassú, escrita por José Matoso Maia Forte e publicada pela Typografia Jornal do Comércio, no ano de 1933, escrita no centenário da criação do município, no ano de 1933, que traz uma retrospectiva histórica acerca da fundação do município, suas dimensões geográficas, políticas e econômicas, bem como a sua importância perante a Província e o Império Brasileiro; b) A mudança da Vila (História Iguassuana), escrita por Waldick Pereira, publicada pela Arsgráfica, em 1970. Nessa obra o autor narra a mudança da sede municipal de Iguassú; começa desde a criação e configuração da vila, estendendo-se até a chegada da Estrada de Ferro e a mudança da sede municipal; e c) a obra Cana, Café e Laranja: história econômica de Nova Iguaçu, também de Waldick Pereira, publicada pela FGV, em 1977, onde o autor apresenta os três elementos que segundo o mesmo regem a economia iguaçuana: a cana-de-açúcar, o café e a laranja.

Desde a fundação das primeiras sesmarias em 1558, iniciou-se na região o cultivo de cana-de-açúcar e a formação dos primeiros engenhos que se dedicavam principalmente à produção de açúcar e aguardente. Em decorrência de conflitos entre portugueses e franceses, no ano de 1565, Estácio de Sá, governador-geral da Capitania do Rio de Janeiro, doou uma sesmaria às margens do rio Iguaçu a Cristóvão Monteiro, então ouvidor-mor da Câmara do Rio de Janeiro, que por ter lutado contra os franceses requereu lotes de terras que correspondem, hoje, às áreas de [Santa Cruz](#) e [Campo Grande](#), [Seropédica](#), [Itaguaí](#), [Duque de Caxias](#), [Nova Iguaçu](#), [Niterói](#) e outros municípios. Recebeu de Estácio de Sá uma sesmaria às margens do rio Iguaçu. Essas terras foram doadas mais tarde aos monges beneditinos, que foram adquirindo novas propriedades na região e que, posteriormente, constituíram-se numa das maiores e mais

---

<sup>15</sup> RODRIGUES, Adriano Oliveira. De Maxambomba à Nova Iguaçu (1833-90. S): economia e território em processo. Dissertação de Mestrado – Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal Fluminense – UFRJ, 1996.

<sup>16</sup> GUEDES, Jordânia Rocha de Queiroz. Cenário do processo de escolarização da Guanabara: a história de Iguassú (1833-1858). Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, em 2012.

antigas fazendas do Brasil: a Fazenda Iguassú. Observa-se, desde esse período, relações entre o desenvolvimento da região de Nova Iguaçu com a Igreja local. Segundo Rodrigues,<sup>17</sup> no ano de 1719, Iguassú é elevada a categoria de freguesia curada, ou seja, Freguesia (distrito) com um Cura (padre). Este fato evidenciou o reconhecimento, por parte das autoridades coloniais, de uma área de ocupação com potencial econômico, bem como de sua maior ocupação.

Num primeiro momento, a articulação da região dava-se por meio da navegação flúvio-marítima, contribuindo para sua ocupação. O escoamento dos produtos dessa região dava-se por meio da Estrada Real de Comércio que exportava o açúcar, o anil e a cochinilha, entre os séculos XVII e XVIII; no século XIX o café era o principal item escoado; e, já na primeira metade do século XX, a laranja, a banana e o abacaxi. Assim, com o desenvolvimento da região, foi então criada a Vila de Iguaçu, formada pelas Freguesias de Iguaçu (sede), Inhomirim, Pilar, Santo Antonio de Jacutinga, São João de Meriti e Marapicu em 1833. Todavia, a expansão da produção cafeeira na região ocorreu, significativamente, com a implantação da malha ferroviária, inaugurada em 1858, ligando as estações de Maxambomba e Queimados, ambas localizadas em Iguassú, alcançando, em 1864, o Vale do Paraíba.

Com a chegada das locomotivas a vapor, conhecidas como “marias-fumaças” a atividade comercial aumentou na região e logo a Matriz da Freguesia de Santo Antônio de Jacutinga foi transferida para perto da estação, em 1863.

**Figura 1** - Cartaz sobre a História da Catedral fixado na entrada da Catedral de Santo Antônio de Jacutinga.

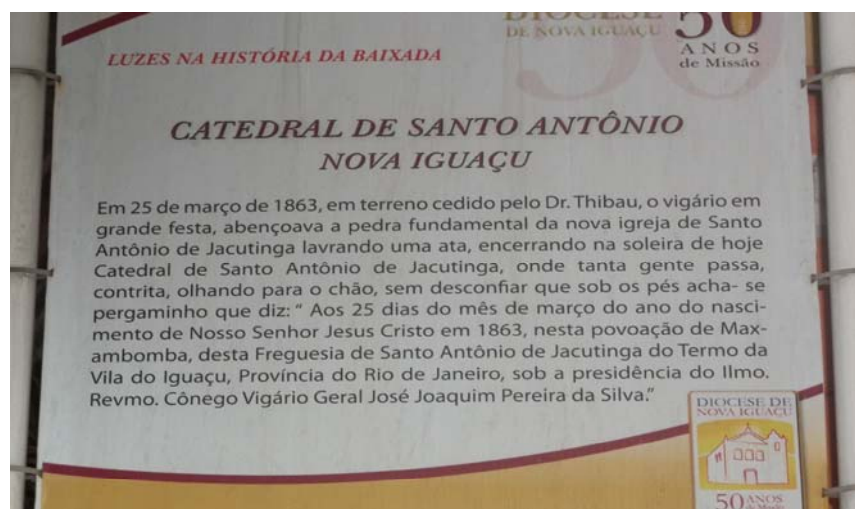


Foto Alexander Gomes, em 11 de março de 2011.

<sup>17</sup>RODRIGUES, Adriano Oliveira, op. cit., p. 23

Em 1891, a sede da Vila de Iguaçu é transferida para o arraial de Maxambomba, que se torna, a partir dessa data, a sede do Governo Municipal. Em 1916, Maxambomba passa a ser chamada de Nova Iguaçu.

Decerto, a malha ferroviária contribuiu para gerar transformações nas relações capitalistas, dinamizando a produção do café, mas, por outro lado, arrefeceu a dinâmica de transporte que anteriormente estava voltada para a navegação fluvial, afetando as chamadas vilas-portos. Com a decadência da produção cafeeira na região, a citricultura de laranja assume a dianteira da produtividade local. O período áureo da produção de laranja é datado de 1930 até 1956. Nos períodos entre os anos de 1941 a 1945 atinge uma produção total de 6.418.269 caixas de laranja.<sup>18</sup>

Idos para os anos de 1920 e 1940, observa-se como demonstra tabela 1 abaixo, que a situação fundiária na região da Baixada Fluminense torna-se uma questão crucial que contribuirá para gerar tensões sociais na luta pela posse da terra, onde a Igreja local interferirá na causa em favor dos menos favorecidos. O assassinato da Irmã Maria Filomena Lopes Filha, que lutava na causa da terra, é um fato emblemático que será comentado adiante.

Tabela 1 - Comparação dos dados relativos ao número de propriedades agrícolas no município de Nova Iguaçu entre 1920 e 1940.

<b>Tamanho das glebas.</b>	<b>1920</b>	<b>1940</b>
<b>Até 40 hectares</b>	<b>213</b>	<b>1.451</b>
<b>De 41 a 200 hectares</b>	<b>29</b>	<b>62</b>
<b>Mais de 200 hectares</b>	<b>38</b>	<b>18</b>

Fonte: SOARES, Maria Therezinha de Segadas. Nova Iguaçu: absorção de uma célula urbana pelo Grande Rio de Janeiro. 1960. 134 p. Tese de livre docência – Faculdade Nacional de Filosofia. Programa da Pós-Graduação em Geografia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1960. In: RODRIGUES, Adriano Oliveira. Op. cit., p.44.

Logo no início de seu bispado, em 1968, Dom Adriano introduz o sistema colegial ou democrático de eleições para preenchimento dos cargos diocesanos e, nesse mesmo ano, sob sua orientação, era criado o Movimento de Integração Comunitária (MIC) como primeira resposta possível aos problemas da Baixada Fluminense. De acordo com Percival Tavares

<sup>18</sup> Idem, p. 44

“Entre 1964 e 1974, a única tentativa de organizar a população numa base permanente é o MIC, que visa organizar os católicos em vista da obtenção de melhores serviços urbanos.”<sup>19</sup>

Além do fracionamento da terra no município de Nova Iguaçu, a falta de infraestrutura e de saneamento básico, a violência (homicídios e atuação de grupos de extermínio) são fatores que, decerto, contribuem para projetar uma imagem negativa da Baixada Fluminense,<sup>20</sup> bem como agravar a alarmante carência social da população local, elementos de reivindicação na pauta das pastorais sociais da Igreja Católica local e dos movimentos sociais.

Nova Iguaçu é considerada uma cidade dormitório, concentrando 795.212 habitantes de acordo com o censo demográfico do IBGE em 2010. O município é habitado predominantemente por trabalhadores desqualificados, em sua maioria. Abriga também grande número de migrantes oriundos das regiões Norte e Nordeste do país. Carente de serviços urbanos, os habitantes desse município, sobretudo os que habitam a periferia, vivem numa condição de penúria. Percebe-se nitidamente que os serviços urbanos como saneamento básico, iluminação, asfaltamento de ruas não acompanham o crescimento populacional. Mesmo havendo uma redução no contingente populacional, pois em 2007 este índice atingia 830.672 habitantes, conforme censo do IBGE, o município ainda permanece nas estatísticas como um dos mais populosos do país. Decerto, esse fator contribuiu para a criação dessa diocese no ano de 1960.

---

<sup>19</sup> Cf. SILVA, Percival Tavares da. Origem e Trajetória do Movimento Amigos de Bairro em Nova Iguaçu (MAB) – 1974/1992. (Relação vanguarda-base-massa: práxis política e educativa). Dissertação de Mestrado: FGV – Fundação Getúlio Vargas / IESAE – Instituto de Estudos Avançados em Educação, 11 de fevereiro de 2004, p.31.

<sup>20</sup> Sobre o padrão da violência na Baixada Fluminense, o livro de José Cláudio Souza Alves: *Dos barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense*, publicado pela APPH, CLIO, 2003 oferece uma análise desse contexto dentro do processo de formação histórica da região.

### 1.1.1 A Criação da Diocese de Nova Iguaçu<sup>21</sup>

A preparação para a criação da Diocese de Nova Iguaçu data-se do ano de 1953, desde a constituição de uma Comissão pró-Criação da Diocese de Nova Iguaçu por meio de entendimentos entre o Bispo de Barra do Pirai, José André Coimbra, junto à Nunciatura Apostólica. A ideia nasce com a preocupação das próprias autoridades eclesíásticas em dar assistência espiritual ao crescente contingente populacional da Baixada Fluminense. Dois fatores contribuíram para isso: primeiramente, a consequência trazida pela decadência da citricultura na região que provocou o loteamento na região das áreas vastas antes cultivadas; e, em segundo, a inauguração da Rodovia Presidente Dutra, em 19 de janeiro de 1951, ligando a capital federal – situada na época no Rio de Janeiro – a São Paulo, contribuindo para a formação de uma zona industrial nas mediações de Nova Iguaçu. Ambos os eventos contribuíram para promover um significativo adensamento populacional na região.

A primeira comissão, sob a presidência do Pároco Mons. João Müsch, tocou o projeto diante, adquirindo a área e prédio da Fazenda da Posse, próximos ao centro urbano, ambos avaliados em dois milhões e trezentos cruzeiros, em 1954. Assim, iniciam-se os trabalhos preparatórios para a criação da diocese. Quando do falecimento do Padre João Müsch uma placa de bronze fora afixada às portas da Catedral, inaugurada a 9 de julho de 1961, em sua homenagem.

---

<sup>21</sup> Informações sobre a criação da Diocese de Nova Iguaçu foram extraídas de: PASSOS. Padre Dinarte Duarte. Nova Iguaçu dez anos de diocese (1960-1970). Cadernos de Nova Iguaçu, Vol. 4. Edições da Diocese de Nova Iguaçu, 1970.

Figura 2 - Placa dedicatória em homenagem ao Pároco Mons. João Mûsch



Foto Alexander Gomes, em 11 de março de 2011.

A segunda comissão começa seu trabalho, já por volta de 1957, presidida pelo próprio Bispo Diocesano de Barra do Piraí, D. Agnelo Rossi, à medida que percebe certa morosidade no andamento do processo. Com a assessoria de Padre Dinarte Duarte (Nova Iguaçu), Padre Artur Hartmann (Nilópolis), Padre César Vegezzi (Itaguaí) e o Padre Manoel Bezerra França (Mangaratiba) a comissão acelerou o processo de constituição da nova diocese. Em agosto de 1959 o Sr. Núncio Apostólico Dom Armando Lombardi visitou a cidade de Nova Iguaçu com a pretensão de validar ou não o trabalho até então realizado, percorrendo as igrejas locais, a matriz de Santo Antônio de Jacutinga e a Fazenda da Posse, esta última que seria a residência episcopal. Aprovado o empreendimento, encaminhou-se ao Papa a documentação necessária para a execução do projeto. Após a aprovação pela Santa Sé, o Bispo Diocesano de então, Dom Agnelo Rossi, antecipava-se em Portaria baixada a 17 de março de 1960, destacando o bispo que o sucederia na nova diocese criada, o valor que deve ter uma diocese, e a preparação do povo para a recepção da mesma.

Sendo assim, a Diocese de Nova Iguaçu foi inaugurada a 26 de março 1960 pela *Bula Quandoquidem Verbis* do Papa João XXIII, tendo como primeiro Bispo Diocesano Dom

Walmor Battú Wichrówski, que toma posse a 12 de junho desse mesmo ano, ficando até junho de 1961, quando fora transferido para S. Maria, no Rio Grande do Sul.

Figura 3 - Placa dedicatória a D. Walmor Battú Wichrowski



Foto Alexander Gomes, em 11 de março de 2011.

No lugar do primeiro bispo diocesano foi nomeado Dom Honorato Piazzeta, que, em junho de 1961, toma posse canônica de seu cargo, exercendo a função de Segundo Bispo Diocesano até a sua transferência para a Diocese de Lages, no Estado de Santa Catarina pelo então Papa Paulo VI. Isso ocorre no início do ano de 1966. Em seu lugar fora indicado Dom Adriano Mandarino Hypólito, O.F.M., que na época exercia a função de Bispo Auxiliar de Salvador.

Dom Adriano Hypólito nasceu em Aracaju no ano de 1918 e faleceu no dia 10 de agosto 1996 em Nova Iguaçu. Chegou à Nova Iguaçu no ano de 1966 quando foi nomeado bispo dessa diocese. Na homilia de sua posse ele se dizia ser um “Bispo que vem para pôr-se a serviço da comunidade”.<sup>22</sup> Antes de assumir a carreira vocacional, Adriano se chamava Fernando, filho de Nicolau e Isabel, ambos descendentes de imigrantes italianos radicados em Sergipe. Fernando era o filho mais velho do casal. Aos onze anos ingressa como coroinha e por duas vezes ficou suspenso de suas funções devido a atitudes consideradas rebeldes. Aos treze anos decidiu pela vida religiosa, conseguindo posteriormente uma vaga gratuita no Seminário Menor Franciscano de João Pessoa, na Paraíba. Dali em diante seguiu para o Seminário de Rio

<sup>22</sup> Cf. PASSOS, Pe. Dinarte Duarte. Caderno de Nova Iguaçu. Op. cit.

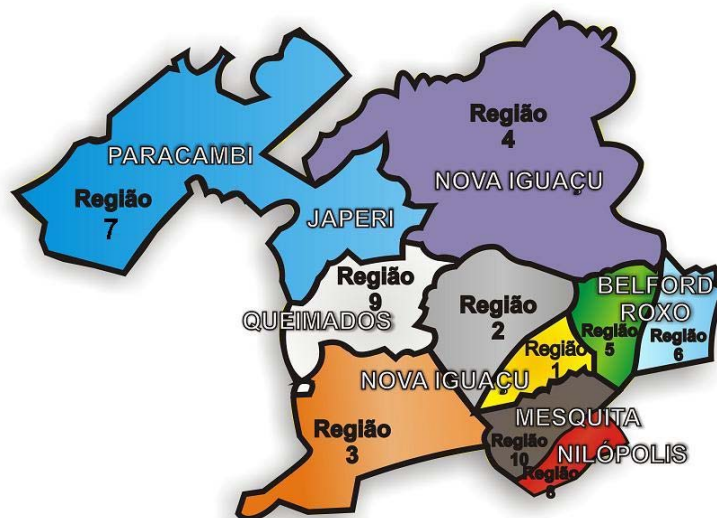


Negro, no Paraná, onde foi colega de Dom Paulo Evaristo Arns. No ano de 1937 vestiu o hábito dos franciscanos, passando a se chamar Adriano.

No ano de 1942, Dom Adriano é ordenado em Salvador, Bahia. Foi Prefeito e professor no Seminário Franciscano em Ipuarana, Campo Grande, Paraíba de 1955 a 1958; mestre dos Clérigos – Teólogos e redator da revista “Mensageiro da Fé – Salvador, Bahia entre os anos de 1961 a 1963; professor do Seminário Menor O.F. M, em Ipuarana, Paraíba de 1943 a 1961; Diretor Espiritual do seminário Maior da Bahia em 1961. Foi designado pela Bula “Qui Munus Nostrum”, de Paulo VI, Terceiro Bispo da Diocese de Nova Iguaçu. Nesse período ele atuava como Bispo Auxiliar de Salvador. No dia 6 de novembro de 1966, Dom Adriano Hypólito toma posse na Diocese de Nova Iguaçu.

Com território desmembrado das Dioceses de Barra do Pirai-Volta Redonda e de Petrópolis, em 1960 e de Itaguaí, em março de 1980, a Diocese de Nova Iguaçu, conforme dados da Mitra Diocesana e do Censo do IBGE no ano de 2007, abrange os municípios de Mesquita, Queimados, Japeri, Paracambi, Belford Roxo, Nilópolis e Nova Iguaçu. Geograficamente está situada no Centro-Sul do Estado do Rio de Janeiro, dividindo-se em sete regiões pastorais. Em Nova Iguaçu são quatro regiões pastorais, compreendidas em Centro, Miguel Couto, Cabuçu e Austin.

Figura 4 - Mapa dos municípios que compõem a Diocese de Nova Iguaçu



Fonte: <http://www.mitrani.org.br/paroquias.htm>.

### 1.1.2 O vínculo entre o político e o religioso: relação tênue no cerne da realidade social de Nova Iguaçu.

Dom Adriano em vários pronunciamentos em “A Folha” e no “Boletim Diocesano” destacava a problemática social da Baixada Fluminense, que ele mesmo interpretava como uma “esquizofrenia social”<sup>23</sup>. Em decorrência do posicionamento do bispo, a Diocese de Nova Iguaçu foi identificada como não conservadora ou progressista. Obviamente, os termos tradicionais ou conservadores; progressistas ou não conservadores devem ser cuidadosamente empregados, porque são ambíguos como o próprio bispo enxergava: “A Igreja como Jesus Cristo, será sempre um sinal de contradição”.<sup>24</sup> Todavia, a linha de ação conduzida por Dom Adriano diante das problemáticas sociais da Baixada e comparada a outras dioceses, como a do Rio no bispado de Dom Eugênio Salles, é que justifica o uso do termo “não conservador” em nossa análise. Em “A Folha” ele mesmo, se pode dizer, autodenomina-se um não conservador quando avalia a postura do General Euclides Figueiredo Filho ao criticar o seu trabalho pastoral:

Nota-se também um certo desejo de que a Igreja assumisse o papel de supor do sistema político brasileiro. Ou pelo menos que ficasse restrita aos atos culturais, às obras de assistência, ao consolo dos pobres, dos doentes e dos aflitos, a uma fé individual e privada que não se preocupasse nunca com as estruturas do pecado social nem tomasse a defesa dos fracos e humildes. Quando a Igreja por seus bispos, padres, religiosos e leigos engajados sai deste esquema falso, porque incompleto, eis-nos atravessando turbulências e criando áreas de atrito.<sup>25</sup>

Nota-se, assim, que o caminho encontrado por Dom Adriano Hypólito para escapar do referido “esquema falso”, como ele cita, foi através de uma ação missionária “fermentadora do evangelho” e “encarnada na realidade concreta”.<sup>26</sup> Nesse sentido, devido ao modelo de evangelização, sobretudo após a posse de Dom Adriano, como destaca João Marcus e Maria Evonilde, a Diocese de Nova Iguaçu “se tornaria referência na região Metropolitana do Rio de Janeiro no que se refere à experiência das Comunidades Eclesiais e Base (CEBs) e do apoio à

<sup>23</sup> Cf. Boletim Diocesano, n.º 249/250, de outubro/novembro de 1989.

<sup>24</sup> Cf. A Folha, Ano 6, n.º 323 de 23 de julho de 1978.

<sup>25</sup> Idem.

<sup>26</sup> Cf. A Folha, Ano 6, n.º 322 de 16 de julho de 1978.

Teologia da Libertação (TL), experiências que marcam o perfil das dioceses voltadas para as vinculações entre o religioso e o político.”<sup>27</sup>

Santos e Ramos citam o papel desempenhado por Dom Adriano Hypólito. Seus apontamentos vão em direção ao trabalho pastoral engendrado em Nova Iguaçu através da criação da CPT, CPO, dos periódicos “A Folha” e o “Boletim Diocesano”, do Clube de Mães, do apoio ao Sindicato das Domésticas, entre tantos outros instrumentos de evangelização.

No final da década de 1970, quando a situação de pobreza da região e a fama de violenta já se destacava no estado, grupos de religiosos, religiosas e leigos, seguindo o exemplo de outras dioceses do país, trazem para espaços e eventos tradicionais da Igreja uma reflexão mais crítica sobre as relações sociais e sobre a valorização da organização popular. Colaborou decisivamente para isso a vinda para a região de bispos progressistas, primeiro D. Adriano Hypólito para Nova Iguaçu, e, depois, D. Mauro Morelli para Duque de Caxias, o qual, além de apoiar e fortalecer a ação de quem já vinha atuando na perspectiva da organização popular, ainda estreitou laços entre a Igreja e os movimentos organizados já existentes. Esta dinâmica foi fundamental para dar escala a um processo formativo de lideranças sociais e políticas que passaram a se destacar nos movimentos organizados e na vida política de suas cidades. (...) Pode-se perceber que este processo se deu em razão de uma conjuntura específica que aliou a situação de pobreza e a necessidade de melhorias sociais e políticas na região com a presença de agentes comunitários comprometidos com as causas da Teologia da Libertação. Destaca-se a ação de D. Mauro Morelli e D. Adriano Hipólito, que incentivaram a formação de cristãos engajados no trabalho eclesial, social e político, tendo em vista a superação da realidade de pobreza e o crescente aumento da violência, a valorização dos direitos humanos, em virtude do descaso dos órgãos competentes e da carência de políticas públicas que atendessem as necessidades básicas da população. .<sup>28</sup>

Como conclusão desse capítulo, detecta-se que através do trabalho pastoral engendrado pelo bispo de Nova Iguaçu é possível visualizar a força do referencial “opção preferencial pelos pobres”, lema inscrito no Concílio Ecumênico Latino-americano, realizado em Medellín que redimensiona a visão e a postura da Igreja Católica, sobretudo no Brasil, diante da realidade social. Há exemplos que tornam patentes as ações de Igrejas no Brasil afora que desenvolvem um trabalho pastoral que materializa a “promessa evangélica” na prática, tendo como práxis a conscientização e formação dos leigos engajados. As ações político-pedagógicas engendradas, sobretudo, pela Diocese de Nova Iguaçu é um exemplo singular na Baixada Fluminense. Dom Adriano Hypólito logo ao assumir a Diocese de Nova Iguaçu propõe uma pastoral diocesana que dê respostas aos problemas sociais da Baixada Fluminense, uma região carente e com índices alarmantes de violência.

<sup>27</sup> ASSIS, João Marcus Figueiredo e ASSIS, Maria Evonilde C. F. Militância e Subjetividade: as influências da atuação religiosa e sócio-política de Dom Adriano Hypólito. Trabalho apresentado no XII Simpósio da ABHR, 31/05 – 03/06 de 2011, Juiz de Fora (MG), GT 03: Religião e política: o saber religioso da política e o saber político do religioso.

<sup>28</sup> SANTOS, Eva Teresinha dos e RAMOS, Luciano França. O Processo Formativo de Lideranças Sociais e Políticas na Baixada Fluminense – Duque de Caxias e Nova Iguaçu. In: BROSE, Markus (Org.). Lideranças para a Democracia Participativa: experiências a partir da Teologia da Libertação. GOIÂNIA: Editora da UCG, 2008, p. 22 e p.37.

Uma área tão difícil e problemática, como é a Baixada Fluminense, pode e deve ser entendida como campo de ação missionária. A população é na sua maioria católica de origem. Mas de fato o catolicismo ficou estagnado ou então reduzido a fórmulas que se esvaziaram de seu conteúdo e assumiram caráter mágico. Enganadas pelas aparências e semelhanças externas que são cultivadas fraudulentamente, pessoas ignorantes procuram os falsos padres que infestam a Baixada Fluminense, uns pertencentes à Igreja Brasileira, outros delas saídos para as mais extravagantes formas religiosas. Há também os que de boa-fé procuram satisfazer sua fome de transcendência em fórmulas mágicas. Na Baixada Fluminense a Igreja tem de ser mais do que noutras regiões do Brasil uma Igreja missionária que anuncia o salvador e libertador Jesus Cristo.<sup>29</sup>

Diante desses fatores pode-se concluir que o modelo de Evangelização medrado pela diocese redimensiona a interdependência entre Fé e Política, e esta aparece como uma saída para romper com as problemáticas existentes na região. Isso fica nítido na fala de Dom Adriano:

A virtude teologal da Fé, segundo a tradição da Igreja, é um dom gratuito do Espírito Santo. Mas isto não dispensa o nosso esforço em conhecer as verdades que Deus nos revelou, por um gesto do seu Amor. Aprofundar a nossa Fé consiste em conhecer as verdades reveladas e, ao mesmo tempo, em viver a Fé na sua dimensão comunitária.

Quando Dom Adriano assume a diocese de Nova Iguaçu, em 1966, já tinha ciência da tarefa árdua que estaria em suas mãos. Como disse: “Foi Paulo VI quem me chamou para Nova Iguaçu, para a Baixada Fluminense, para esta paisagem humana com a qual me identifiquei, na qual sinto o peso dos imensos problemas humanos, mas ao mesmo tempo a força transformadora da graça divina”.<sup>30</sup> O anúncio da linha de ação pastoral a ser desenvolvida já aparece em uma de suas entrevistas antes mesmo de completar um ano de bispado.

O Concílio Ecumênico Vaticano II (realizado em 1963) não descobriu que o homem salvo por Jesus Cristo é uma totalidade. Isto já era sabido. Mas o Concílio frisou esta verdade, trouxe-a à consciência dos cristãos, insistiu muito nela. É a pessoa humana que deve ser salva. É a sociedade humana que deve ser renovada. É portanto, o homem, considerado em sua unidade e totalidade, corpo e alma, coração e consciência, inteligência e vontade que será o eixo de toda a nossa explanação. Assim, se exprime a constituição *Gaudium et Spei* sobre a igreja no mundo moderno. Seria falsificar sua missão de mestre, se o bispo *se restringe unicamente à esfera religiosa*. Seria falsificação de sua missão e também infidelidade ao homem total que é o objeto da ação salvadora de Jesus Cristo e da Igreja.<sup>31</sup>

Dom Adriano renunciou ao cargo de bispo “múnus episcopal” a 9 de novembro de 1994 e veio a falecer no dia 10 de agosto de 1996. Um ano depois de seu falecimento, foi inaugurado na Catedral de Santo Antônio de Jacutinga um memorial dedicado a sua obra e vida, conforme segue o capítulo a seguir.

<sup>29</sup> Cf. “A Folha”, Ano 4, n° 232, de 24 de outubro de 1976.

<sup>30</sup> Cf. Boletim Diocesano, n.º 117, de 1º de setembro de 1978.

<sup>31</sup> Jornal Correio da Semana, de 27 de julho de 1967.

## 2 O MEMORIAL DOM ADRIANO HYPÓLITO

Este capítulo tem por objetivo descrever o memorial de Dom Adriano Hypólito inaugurado no dia 09 de agosto de 1997, dedicado a Dom Adriano Hypólito.

O coordenador do projeto para a construção do memorial foi o Padre Agostinho Pretto<sup>32</sup>, que procurou inserir no espaço painéis que relembram os fatos marcantes da trajetória do bispo, incluindo ali objetos de uso pessoal e a sua cripta com seus restos mortais. Os arquitetos responsáveis pela construção da obra foram Wilher Barbosa e Ronaldo Grana. Nesse mesmo dia foi realizada uma missa na Catedral Santo Antônio de Jacutinga e a Prefeitura de Nova Iguaçu promoveu a mudança do nome da Rua Aymorés, em Moquetá, para Rua Dom Adriano Hypólito.

Esse capítulo tem duas finalidades: a primeira é fazer um estudo etnográfico do memorial, concebendo-o como um espaço-memória, tomando como base os pressupostos teóricos de Pierre Norá ao assinalar que o papel da memória tem a intencionalidade de:

Arrancar do que ainda sobrou de vivido no calor da tradição, no mutismo do costume, na repetição do ancestral, sob o impulso de um sentimento histórico profundo. A ascensão à consciência de si mesmo sob o signo do terminado, o fim de alguma coisa desde sempre começada (...). A memória é a vida, sempre carregada por grupos vivos e, nesse sentido, ela está sempre em evolução, aberta à dialética da lembrança e do esquecimento<sup>33</sup>

A análise do memorial como espaço-memória será feita a partir da descrição de todos os objetos existentes nesse ambiente que nos possa revelar a vida e trajetória de Dom Adriano. Mas objetiva-se também observar o funcionamento desse espaço ainda nos dias de hoje e os interesses que moveram a sua construção.

Um pressuposto teórico que nos ajuda aqui a entender o resgate dos acontecimentos ocorridos em Nova Iguaçu no bispado de Dom Adriano é a concepção de memória empregada por Michael Pollak em “Memória, Esquecimento e Silêncio” onde este autor assinala que:

A memória, essa operação coletiva dos acontecimentos e das interpretações do passado que se quer salvar, se integra, como vimos, em tentativas mais ou menos conscientes de definir e de reforçar sentimentos de pertencimento e fronteiras sociais entre coletividades de tamanhos diferentes: partidos, sindicatos, igrejas, aldeias, regiões, clãs, famílias, nações etc. A referência

---

<sup>32</sup> Cf. Jornal “O Globo”, de 27 de julho de 1997.

<sup>33</sup> NORRÁ, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: Projeto-História. São Paulo: PUC, 1993, p. 7.

ao passado serve para manter a coesão dos grupos e das instituições que compõem uma sociedade, para definir seu lugar respectivo, sua complementariedade, mas também as oposições irreduzíveis.<sup>34</sup>

Compreende-se aqui a categoria “memória” como uma construção coletiva, por isso, utiliza-se depoimentos de leigos, padres, professores, militantes, funcionários da Igreja que conviveram com Dom Adriano. No âmbito de algumas entrevistas, o bispo é identificado como uma figura profética, no sentido daquele que se colocou a serviço do Evangelho e doou-se integralmente ao povo sofrido de Nova Iguaçu.

Uma questão relevante que aparece no interior do enquadramento da memória e que merece ser apontada é o trabalho psicológico do indivíduo em decorrência do trauma trazido pelos vários acontecimentos violentos ocorridos em Nova Iguaçu. Nota-se, destarte, que a preservação da memória contribui para reforçar sentimentos que são difíceis de esquecer. Nas entrevistas fica nítido como a imagem de Dom Adriano se associa imediatamente aos episódios trágicos ocorridos em Nova Iguaçu no âmbito da Ditadura Civil-Militar.

Dona Nailza em entrevista disse:

Passaram por aqui vários bispos, mas Dom Adriano foi o primeiro. Passaram muitos bispos, mas o que marcou foi Dom Adriano devido a tudo o que ele passou. Chorei muito com sua morte. Ele ficou doente, depois Jesus o chamou. O que marcou mais foi Dom Adriano, pelo sofrimento, pela bomba que estourou aqui na catedral. Ele vinha descendo a escada quando estourou a bomba. Eu fiquei surda durante seis meses após à explosão da bomba.<sup>35</sup>

Dona Inês também fala sobre os momentos difíceis ocorridos na diocese e na sua fala a figura de Dom Adriano é central:

O que ele fez para os bandidos o sequestrarem; a maldade que fizeram com ele, a bomba. Ele não tinha medo. Eu conversava com ele perguntando se não tinha medo dos marginais fazerem essas coisas. Ele respondia que quem tem medo não tem Deus. Eu morrerei aqui! Dizia ele. E ele morreu aqui.<sup>36</sup>

Rosana Xavier ainda reiterou:

Dom Adriano deixou o curso da vida dele normal; ele disse para não nos amedrontarmos diante disso e continuou o papel dele como a autoridade máxima de uma diocese e continuou a vivenciar o profetismo dele, que era continuar na luta do povo e suas conquistas. A Baixada

<sup>34</sup>POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, Vol.2, n.º 3, 1989, p.7.

<sup>35</sup> Anexo 6: entrevista da ministra da eucaristia Sra. Nailza Rodrigues dos Santos.

<sup>36</sup> Anexo 6: entrevista da ministra da eucaristia Sra. Inês Campos da Silva.

Fluminense, não digo deve, pois é o papel da Igreja a construção do reino, mas a Baixada ganhou muito com a presença de Dom Adriano.<sup>37</sup>

A segunda finalidade deste capítulo é conceber o memorial como um espaço de interdependência entre religião e política, uma vez que fica nítido que as matérias ali selecionadas procuram ressaltar a luta política de Dom Adriano em prol dos pobres e todos os acontecimentos que marcaram o seu bispado como o caso do sequestro, das pichações nas Igrejas de Nova Iguaçu, a falsificação do semanário litúrgico, “A Folha”, a explosão de uma bomba na Catedral de Santo Antônio de Jacutinga, a explosão do fusca do bispo em frente à sede da CNBB, na Glória etc. Nesse sentido, pode-se assinalar que nos documentos e objetos presentes no memorial encontram-se um “discurso de poder” inscrito na preservação de uma memória que procura não apenas denunciar as atrocidades cometidas contra Dom Adriano e a Diocese de Nova Iguaçu, mas também mostrar a força e a resistência da comunidade religiosa iguaçuana, traduzida num sentimento histórico de luta contra o terror provocado por essas violências.

## 2.1 O Memorial Dom Adriano Hypólito: um espaço-memória

O objetivo do Memorial é preservar a memória do terceiro bispo de Nova Iguaçu, ressaltando sua trajetória de vida. Observa-se que este percurso não se dissocia da luta política do bispo pela emancipação dos oprimidos, da esperança pela vida. Existe uma singularidade que se pode visualizar quando se observa os materiais presentes no memorial como, por exemplo, as vestimentas dadas ao bispo por um repórter no dia de seu sequestro e que se encontram penduradas em um cabide.

João Marcus, em sua tese de doutoramento, analisou a importância da construção da memória pela Diocese de Nova Iguaçu e salienta que “É inegável que as lembranças em torno

---

<sup>37</sup> Anexo 4: entrevista de Rosana Xavier.

de Dom Adriano Hypólito compõem o sentido agregador das memórias da Diocese. Ele é referência em quase todos os entrevistados.”<sup>38</sup>

Nas entrevistas realizadas por mim no âmbito da pesquisa a figura de Dom Adriano, indubitavelmente, aparece como elemento aglutinador da memória da diocese. Em todas as entrevistas Dom Adriano Hypólito é descrito como um líder espiritual que dedicou sua vida na luta pelos pobres e oprimidos. Salvador Marcelino, um dos entrevistados, assinala que “Dom Adriano era homem um muito sensível com o ser humano”.<sup>39</sup> Nesse sentido, fica claro que a imagem de Dom Adriano não se dissocia do trabalho pastoral realizado pela Diocese de Nova Iguaçu e que ainda hoje o legado do bispo permanece vivo na memória dos religiosos e leigos que com ele vivenciaram. Em entrevista, concedida em 19 de setembro de 2011, Padre Marcus Barbosa Guimarães ressalta que as motivações para a construção do memorial se devem à gratidão e a vida de Dom Adriano e até mesmo de outros religiosos que passaram por Nova Iguaçu e, sobretudo, ter presente a história de Nova Iguaçu, a memória, o passado; a atualização do presente e a esperança para o futuro.<sup>40</sup>

Dessa forma, o Memorial como um espaço-memória revela-nos aos poucos a trajetória do terceiro bispo de Nova Iguaçu, a sua vida e os laços fraternos construídos ao longo da sua passagem por esta diocese. Isso fica ainda mais nítido quando cruzamos os depoimentos sobre a figura de Dom Adriano. Senhora Nailza, em entrevista, disse: “Não tem um bispo que comparasse a ele. Todos os bispos são bons, mas igual a ele não tem (...). Para mim, Dom Adriano é um santo, sagrado. Não estou desfazendo dos outros bispos. Ele sempre participou de tudo na Igreja.”<sup>41</sup> A senhora Inês Campos da Silva também ressalta, em entrevista, que Dom

---

<sup>38</sup> ASSIS, João Marcus F. *Negociações para o convívio no catolicismo na Diocese de Nova Iguaçu*. Tese (doutorado) Ciências Sociais. Rio de Janeiro: PPCIS/UERJ, 2008, p. 132.

<sup>39</sup> Anexo 3: entrevista concedida por Salvador Marcelino.

<sup>40</sup> Anexo 2: entrevista concedida por Padre Marcus Barbosa Guimarães.

<sup>41</sup> Anexo 6: entrevista concedida ministra da eucaristia Sra. Nailza Rodrigues dos Santos.



Adriano “fez muita coisa. Tudo o que está aqui em Nova Iguaçu foi ele quem fez. Ele trabalhou muito. Ele foi um bispo que não tinha medo”.<sup>42</sup>

Esses depoimentos acentuam, em parte, o legado deixado por Dom Adriano e a recuperação desse trabalho pastoral encontra-se também nos documentos extraídos de artigos de jornal, revistas e fotos fixados em painéis no memorial, conforme fotografias abaixo.

Figura 5 - Painel fixado no Memorial - Dom Adriano e a Imprensa



Foto Alexander Gomes, retirada em 14 de março de 2011.

Figura 6 - Painel fixado no Memorial – Atividades Sociais realizadas por Imprensa



<sup>42</sup> Anexo 6: entrevista concedida pela ministra da eucaristia Inês Campos da Silva.

Foto Alexander Gomes, retirada em 14 de março de 2011.

Figura 7 - Painel fixado no Memorial – Atividades Sociais realizadas por Imprensa



Foto Alexander Gomes, retirada em 14 de março de 2011.

Nos painéis acima há fotografias de Dom Adriano desde a infância no nordeste com seus familiares até a sua vida como frade franciscano e como bispo diocesano; apresenta também seu engajamento em atividades sociais, como o encontro com os sem-terra, em Campo Alegre no dia 08 de novembro de 1984; e sua visita à Favela “Matadouro”, em Nilópolis, no dia 1 de dezembro de 1987 e até na distribuição de sopa na Favela “Lírio do Vale”, em Nova Iguaçu, no dia 1 de julho de 1984; há também fotos das construções realizadas em seu bispado como o Centro de Formação de Líderes, inaugurado em 21 de junho de 1973, e a Casa de Oração Frei João Mai, inaugurada em 12 de junho de 1978.

Abre-se um espaço, aqui, para relatar um pouco da trajetória histórica desse bispo, tendo por base os artigos de jornais e revistas fixados no memorial.

Figura 8 - Painel fixado no Memorial – Histórico da vida de Dom Adriano

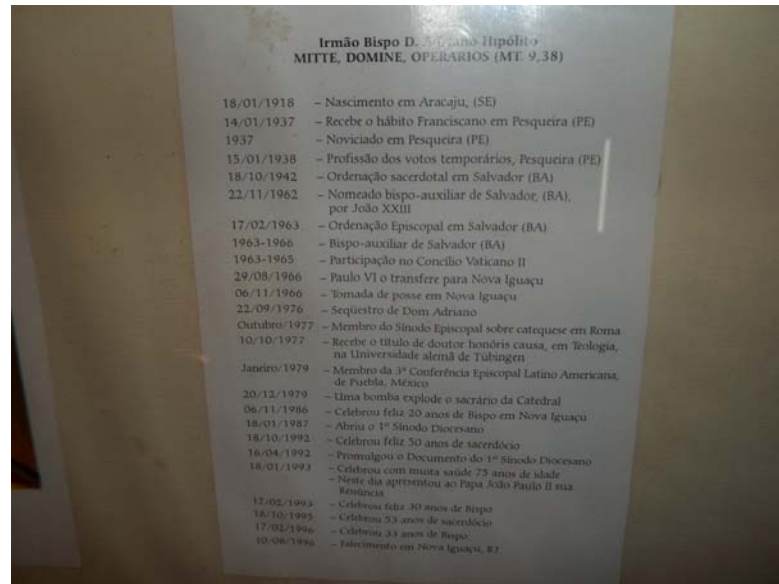


Foto: Alexander Gomes, retirada em 14 de março de 2011.

Dom Adriano Hypólito nasceu em Aracaju em 18 de janeiro de 1918 e faleceu no dia 10 de agosto de 1996, em Nova Iguaçu. Chegou nessa diocese no ano de 1966 quando foi nomeado pelo papa Paulo VI terceiro bispo Diocesano de Nova Iguaçu. Na homilia de sua posse ele se dizia ser um “Bispo que vem para pôr-se a serviço da comunidade”<sup>43</sup>.

Antes de assumir a carreira vocacional, Dom Adriano se chamava Fernando Polito, filho de Nicolau e Isabel, ambos descendentes de imigrantes italianos radicados em Sergipe. De acordo com trabalho desenvolvido sobre a vida do pai de Dom Adriano realizado por Antônio Lacerda<sup>44</sup>, responsável pelo Acervo da Diocese de Nova Iguaçu, Nicolau era um pequeno comerciante em Aracaju, chegando a ser prefeito interino dessa cidade. Fernando era o filho mais velho. Aos onze anos foi morar com seu pai em Salvador e a partir daí ingressa como coroinha. Por duas vezes ficou suspenso de suas funções devido a atitudes consideradas rebeldes. Aos treze anos decidiu pela vida religiosa, conseguindo posteriormente uma vaga gratuita no Seminário Menor Franciscano de João Pessoa, na Paraíba. Dali em diante seguiu

<sup>43</sup> Cf. PASSOS, Pe. Dinarte Duarte. Caderno de Nova Iguaçu, op. cit.

<sup>44</sup> MENESES, Antônio Lacerda. Apontamentos Biográficos. In: <http://domadrianohypolito.blogspot.com.br/>, em 18 de novembro de 2010.

para o Seminário de Rio Negro, no Paraná, onde foi colega de Dom Paulo Evaristo Arns. No ano de 1937 vestiu o hábito dos franciscanos, passando a se chamar Adriano.

Em 1942, Dom Adriano é ordenado em Salvador, Bahia. Foi prefeito e professor no Seminário Franciscano em Ipuarana, Campo Grande, Paraíba de 1955 a 1958; mestre dos Clérigos – Teólogos e redator da revista “Mensageiro da Fé – em Salvador, Bahia entre os anos de 1961 a 1963; professor do Seminário Menor O.F. M, em Ipuarana, na Paraíba, de 1943 a 1961; Diretor Espiritual do Seminário Maior da Bahia em 1961. Foi designado pela Bula “Qui Munus Nostrum”, de Paulo VI, Terceiro Bispo Diocesano de Nova Iguaçu. Nesse período ele era Bispo Auxiliar de Salvador. No dia 06 de novembro de 1966, Dom Adriano toma posse e na sua primeira saudação como bispo diocesano, discursa:

O que o Bispo espera dos fiéis católicos de Nova Iguaçu é senso de responsabilidade cristã e espírito de colaboração sincera, humilde, todos interessados igualmente na sorte do Evangelho, sensibilidade para a extraordinária hora de Deus em que vivemos, hora difícil, sem dúvida, erichada de problemas religiosos, sociais, culturais e econômicos que desafiam a nossa inteligência e a nossa Fé. Não sei quanto tempo estarei gozando o convívio de cruz e de glória do meu clero e do meu povo de Nova Iguaçu. Pediria ao Pai que fosse convívio de fidelidade recíproca até a morte. Não sei se será assim. Deus sabe. Não sei o que, juntos, poderemos realizar de nossos sonhos e esperanças e planos. Pode ser muito, pode ser pouco. Não sei. Deus sabe. Mas o que sabemos com certeza na visão da Fé sobrenatural é que nunca nos faltará a graça de Deus, sempre na medida de nossa docilidade interior.<sup>45</sup>

No discurso de saudação detecta-se que Dom Adriano anuncia como será seu trabalho pastoral. Sua preocupação com as questões sociais aparece nitidamente em seu primeiro pronunciamento. Fé e política não se dissociam de sua filosofia cristã. Observa-se que o bispo já se preocupa com a realidade social e os problemas que se encontram na região para a qual fora enviado.

### 2.1.1. O Memorial: primeiro contato.

No dia 11 de março de 2011, estive na Catedral Metropolitana de Nova Iguaçu Santo Antônio de Jacutinga, onde se encontra o memorial de Dom Adriano Hypólito. Obtive a permissão do Padre Marcus Barbosa Guimarães para visitar o local e realizar o trabalho de campo. Todavia, como não havia funcionários disponíveis nesse dia, retornei à Catedral no dia 14 de março.

<sup>45</sup> Cf. Jornal Correio da Semana, nº 569 de 12 de novembro de 1966.

Ainda no dia 11 de março consegui, através da permissão do padre Marcus, visitar e fotografar o interior da Catedral. De imediato, o que chama a atenção é uma placa que registra o atentado à Catedral que ocorreu no dia 20 de dezembro de 1979, próximo do Natal, quando uma bomba explodiu dentro da Igreja, danificando o sacrário. Construíram após o atentado um espaço para preservar os cibórios<sup>46</sup> profanados, deixando à vista de todos que visitam a Catedral, conforme figura 9, abaixo.

Figura 9 - Cibórios danificados por uma bomba



Foto de Alexander Gomes em 11 de março de 2011.

A preservação dos cibórios profanados nos revela a retaliação sofrida pela diocese no âmbito da Ditadura Civil-Militar. A postura do bispo Dom Adriano em denunciar a violência, a corrupção, a pobreza e a fome na Baixada Fluminense é vista como o motivo pelas ações violentas sofridas. A preservação do sacrário danificado apresenta uma função simbólica: manter sempre vivo o “martírio” sofrido, bem como a resistência e atitude de fé dos cristãos de Nova Iguaçu; a força de um bispo que não se intimidou com o atentado e manteve-se firme na caminhada profética.

<sup>46</sup> Cibório: cálice com tampa utilizado na liturgia da Igreja Católica para a guarda de hóstias consagradas.

No dia 30 de setembro de 2010, Rosana Xavier, em entrevista concedida, afirmou que estava presente no dia do atentado e que tal ato tinha por objetivo enfraquecer o trabalho pastoral desenvolvido por Dom Adriano. Esses episódios, na concepção da maioria dos leigos entrevistados, fazem com que o sentimento de “resistência” transforme-se num lema na história da diocese e com ela manter viva a memória do bispo Dom Adriano. Rosana Xavier assim ressalta:

A bomba foi um momento muito marcante na vida da diocese. Eu cheguei à Catedral em 1978 e o sequestro ocorreu em 1976. Quando Dom Adriano foi sequestrado eu ainda era muito jovem (...). Eu era da Pastoral da Juventude, então a gente já vivia essa coisa do sequestro; sabíamos o que tinha acontecido; todo mundo ficou muito indignado. Quando eu cheguei à catedral, antes de acontecer a bomba, aconteceram as pichações. A bomba foi o momento que marcou muito porque a gente não esperava; ninguém espera que isso aconteça. Foi um momento muito difícil para todos nós. Agora, eu acho que tudo o que aconteceu: o sequestro, as pichações, o carro ter colocado fogo, isso tudo, (...) fez com que a gente se sentisse mais forte e saber que estávamos no caminho certo. Dom Adriano serviu como uma fonte de força mesmo, da gente continuar na luta, pois estávamos no caminho certo. Isso aconteceu porque a gente está incomodando e que a gente está construindo o nosso profetismo dentro da Igreja. Dom Adriano deixou o curso da vida dele normal; não se amedrontem diante disso e continuou o papel dele como a autoridade máxima de uma diocese e vivenciar o profetismo dele, que era continuar na luta do povo e suas conquistas. A Baixada Fluminense, não digo deve, pois é o papel da Igreja a construção do reino, mas a Baixada ganhou muito com a presença de Dom Adriano.<sup>47</sup>

Hoje, quem chega à catedral observa que não há a presença do sacrário no interior da igreja.

Figura 10 - Interior da Catedral Santo Antônio de Jacutinga



Foto de Alexander Gomes em 11 de março de 2011.

---

<sup>47</sup> Anexo 4: entrevista concedida por Rosana Xavier.



De acordo com o funcionário, zelador da Catedral Santo Antônio de Jacutinga, Ângelo Calazans Rodrigues, o motivo da mudança decorreu-se do incidente em dezembro de 1979, por isso, nos fundos, ao lado do altar principal, foi construída uma nova sala, onde se encontra o novo sacrário.

Figura 11 - Sacrário da Catedral de Santo Antônio



Foto Alexander Gomes, em 11 de março de 2011.

Retornei à Catedral no dia 14 de março, numa manhã de sábado, aproximadamente às 8 horas da manhã. O funcionário da Catedral Ângelo Calazans acompanhou-me durante a visitação do memorial. De acordo com informações obtidas através de Ângelo, o memorial recebe muitas visitas no ano de falecimento de Dom Adriano, ocorrido no dia 10 de agosto de 1996. Nesse período, ele encontra-se aberto a visitas de leigos, religiosos, estrangeiros e parentes. Há celebrações em homenagem à trajetória de vida de Dom Adriano em Nova Iguaçu.

Por meio da entrevista concedida pelo Pároco da Catedral, Padre Marcus, maiores informações foram fornecidas sobre a utilização desse espaço-memória. Ele disse que as visitas ao memorial ocorrem durante o ano todo e acentua que esse espaço:

Quis ser um memorial e ao mesmo tempo guardar esse espaço celebrativo. Tem até hoje, normalmente, as missas de sábado que acontecem lá, porque tem casamentos na grande igreja; tem grupos que se encontram ali na semana como o grupo de oração; existe um grupo de leitura da Bíblia. Fica sendo um espaço também litúrgico e celebrativo. Procura-se guardar esse espaço para uso do povo, para não ficar sendo apenas um memorial, um museu, uma recordação (...). O memorial que também é um espaço celebrativo abriga então durante a semana para vários momentos. As pessoas que desejam visitá-lo. Ele fica fechado em termos, pois se a pessoa

quiser visitá-lo fora dos momentos em que ele se encontra aberto para celebrações ou para o uso da comunidade pode pedir ao padre, a um dos funcionários ou a uma das secretárias que o memorial é aberto. Ele fica fechado por questão mesmo de segurança, pois não tem diretamente uma pessoa que fique ali.<sup>48</sup>

Observa-se que há uma relação entre o memorial e o espaço religioso de sua localização. Para termos acesso a ele temos que passar por dentro de uma capela que fica no lado externo da catedral, conforme fotografias abaixo.

Figura 12 - Passagem de acesso ao Memorial



Foto: Alexander Gomes, em 14 de março de 2011

---

<sup>48</sup> Anexo 2: entrevista concedida pelo Pároco da Catedral, Padre Marcus Barbosa Guimarães..



Figura 13 - Passagem de acesso ao Memorial



Foto: Alexander Gomes, em 14 de março de 2011.

Para se chegar ao memorial, tem-se que passar por uma pequena capela. Há, aproximadamente, cerca de 150 cadeiras na capelinha. Há um sacrário ornamentado em tom dourado, conforme figura 14, contendo em relevo uva e trigo; uma imagem de Nossa Senhora da Conceição ao lado; uma imagem de Jesus Cristo crucificado; uma cruz e abaixo um vaso em tom dourado que representa o mar e, em relevo, um peixe; e, ao lado do vaso, a imagem de São Pedro: símbolos do Cristianismo. Nesse sentido, pode-se ressaltar a experiência fisiológica que esse espaço traz para aqueles que o visitam e, desde já, caracterizar que a maior parte dos visitantes é composta por leigos e religiosos.

A localização do memorial no interior de uma capela faz-se assinalar duas questões: primeiramente ela pode induzir àqueles que estejam assistindo à uma missa ou participando de algum encontro no local, visitar o memorial, contribuindo assim para que se resgate a memória do bispo ou se fazer conhecer sua história de vida; em segundo, a experiência fisiológica, expressa por aqueles que estão no local, pode ter significados importantes – que nesse trabalho não vamos recuperar – como aqueles descritos por *Marcel Mauss* ao estudar os sentimentos através dos rituais orais nos funerários australianos. Mauss ao descrever o trabalho de M. Dumas assinala o seguinte:

O riso e as lágrimas e, como acrescentei, os gritos, em certos rituais, não são somente expressões de sentimentos; são também, ao mesmo tempo, rigorosamente ao mesmo tempo, signos e símbolos coletivos; e enfim, de outro lado, são manifestações e distensões orgânicas tanto quanto sentimentos e idéias. Sociologia, psicologia, fisiologia, tudo aqui deve misturar-se.  
49

O que se pretende recuperar aqui, por meio desses pressupostos, é que tais manifestações fisiológicas podem originar-se (emergir) num ambiente – que é também um espaço celebrativo – que convida à reflexão, criando um sentimento de pertencimento, de envolvimento, de partilha e de identidade com a trajetória do bispo e com a própria história de Nova Iguaçu. Os visitantes ao internalizarem esse sentimento de pertencimento podem projetar uma imagem daquela época mesmo não tendo vivenciado aqueles episódios e construir, a partir daí, uma memória individual.

Michael Pollak observa esse fenômeno em entrevistas que realizara sobre a guerra na Normandia – quando tropas alemãs invadiram a região em 1940 – que jovens que nem eram nascidos no período da Primeira Guerra Mundial projetavam uma imagem desse período (da Primeira Guerra) para o da Segunda Guerra, dizendo que viram soldados alemães com capacetes pontudos “casques à pointe” e estes capacetes são típicos da Prússia, do tempo da Primeira Guerra Mundial. Michael Pollak<sup>50</sup> observa que ocorre nesse caso uma projeção da memória. Esse fenômeno, podendo ocorrer com aqueles que visitam o memorial de Dom Adriano – principalmente os religiosos e os leigos, cujos pais ou familiares vivenciaram tais acontecimentos, – serve para reforçar, sobretudo, a memória da Diocese de Nova Iguaçu.

De acordo com Padre Marcus, em entrevista,<sup>51</sup> a intenção é fazer com que o Memorial não seja simplesmente um espaço de preservação da memória de Dom Adriano, mas também um espaço celebrativo e litúrgico. Observa-se, então, que os objetos e artigos que estão no memorial tem uma dimensão política, mas a essência onde se encontra todo o acervo aufere aspectos da evangelização, tornando evidente, assim, o caráter político-religioso desse espaço.

---

<sup>49</sup> MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos: funerais orais funerários australianos. IN: \_\_\_\_\_ Ensaios de Sociologia. São Paulo: Perspectiva, 2005, p.334. (artigo publicado pela primeira vez em 1921).

<sup>50</sup> Cf. POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. In: Estudos Históricos, Rio de Janeiro, vol.5, n.º 10, 1992, p. 3

<sup>51</sup> Anexo 2: entrevista concedida pelo Pároco da Catedral, Padre Marcus Barbosa Guimarães.

Figura 14 - Interior da Capela que dá acesso ao Memorial de Dom Adriano Hypólito.



Foto Alexander Gomes, em 14 de março de 2011.

Ainda em entrevista perguntei ao Padre Marcus se o memorial recebe visitas com frequência; quem são as pessoas que o visita e como estão expostos os objetos e a sua hierarquização. Ele respondeu que o memorial é bastante visitado por amigos de Dom Adriano da Alemanha, da Itália, da Suíça, de países que ajudaram na Baixada Fluminense e na diocese; vêm congregações religiosas, madres superiores bem como gente que vem a Nova Iguaçu e não conhece a história do bispo. Padre Marcus revela que velas não são acesas no local porque o ambiente é fechado e não é propício para isso. Todavia, Dona Nailza Rodrigues ao falar desse espaço-memória assinala que “O memorial é uma coisa muito edificada. Toda vez que chega o aniversário dele (Dom Adriano), que é no dia dez de janeiro, as pessoas vem aqui, trazem flores.”<sup>52</sup>.

Observa-se que há uma relação entre os objetos ali expostos com os preceitos cristãos. Padre Marcus acentua que o que há no memorial

É próprio do bispo: o cajado, o báculo, que a gente chama mitra, a estola que eram sinais usados por ele nas celebrações e próprio do pastoreio do bispo de cuidar e zelar pelo rebanho que lhe foi confiado; depois tem objetos pessoais: óculos, a camisa, a calça, que nós lembrávamos na entrevista anteriormente, o crucifixo, a cruz peitoral que ele usava diariamente, livros de oração, pois ele era um homem de muita espiritualidade; ele levantava de madrugada para rezar e celebrava por volta das quatro da manhã a eucaristia. Tudo isso tem uma relação muito direta.<sup>53</sup>

<sup>52</sup> Anexo 6: entrevista concedida pela ministra da eucaristia Nilza Rodrigues dos Santos.

<sup>53</sup> Anexo 2: entrevista concedida pelo Pároco da Catedral, Padre Marcus Barbosa Guimarães.

O memorial em homenagem a Dom Adriano Hypólito foi inaugurado no dia 09 de agosto de 1997, um ano após o seu falecimento. O Jornal “O Dia”<sup>54</sup> divulgou o evento, que foi realizado com a presença de vários religiosos, num dia de sábado, sendo que a data exata do falecimento seria no dia 10 de agosto, domingo. Segundo Antônio Lacerda, responsável pelo acervo da diocese localizado no Centro de Formação em Moquetá, o evento aconteceu num dia antes, sábado, de forma que os religiosos de outras comunidades pudessem prestigiá-lo, pois no dia de domingo, certamente, em virtude dos mesmos estarem comprometidos com os eventos em suas paróquias e capelas a presença seria bem menor.

O memorial é um espaço pequeno bem como o volume de seu acervo. Todavia, esse espaço aufere valor simbólico ao retratar a trajetória de vida de Dom Adriano e todo o seu trabalho pastoral. Não é à toa que padre Marcus pretende fazer com que esse espaço seja um “resgate histórico de forma que o memorial possa se transformar num outro nome: lugar-memória.”<sup>55</sup>

Patrícia Birmam<sup>56</sup> ao descrever o Museu do Negro, situado ao lado da Igreja do Rosário e São Benedito, retrata a relação simbólica desse espaço e a exposição dos objetos ali presentes com a abolição da escravatura. Em sua análise, ela torna evidente o símbolo político de tais símbolos. Da mesma forma observa-se que o memorial dedicado a Dom Adriano Hypólito é um pequeno espaço, todavia a dimensão simbólica dos objetos ali expostos tem uma relação direta com os eventos ocorridos no âmbito da Ditadura Civil-Militar e o caráter simbólico dos painéis e os relatos registrados nos artigos de jornal expostos retratam esse caráter político na trajetória de vida do bispo. Daí entende-se esse espaço-memória como um espaço simbólico onde o religioso e o político possuem uma relação de interdependência.

Terminei a visitação nesse dia, 14 de setembro, por volta das 13 horas. Coletei várias informações e retirei várias fotografias do memorial e do interior da Catedral Santo Antônio de Jacutinga.

---

<sup>54</sup> Anexo 7: Jornal “O Dia”, de 27 de julho de 1997.

<sup>55</sup> Anexo 2: entrevista concedida pelo Pároco da Catedral, Padre Marcus Barbosa Guimarães.

<sup>56</sup> BIRMAN, Patrícia. Modos periféricos de crença. In: SANCHIS, Pierre (Org.). Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultural. Grupo de Estudo do catolicismo do ISER, São Paulo: Loyola, 1992, p. 168 e 185.

### 2.1.2 O Memorial: lugar-memória, trajetória de vida do bispo.

O trabalho realizado nesse espaço tem um significado relevante para a pesquisa, porque traz em seu interior vestígios da trajetória do terceiro bispo de Nova Iguaçu. Assim, nessa seção, pretende-se ordenar os eventos ocorridos em Nova Iguaçu em consonância com os objetos que se encontram nesse espaço, possibilitando-nos reconstruir o passado, onde a história preservada pela memória se converte numa linguagem político-religiosa, tornando singular o bispado de Dom Adriano Hypólito.

Michael Pollak assinala que:

Existem lugares da memória, lugares particularmente ligados a uma lembrança, que pode ser uma lembrança pessoal (...). Na memória mais pública, nos aspectos mais públicos da pessoa, pode haver lugares de apoio da memória, que são lugares de comemoração. Os monumentos aos mortos, por exemplo, podem servir de base a uma relembração de um período que a pessoa viveu por ela mesma.<sup>57</sup>

Dessa forma, observa-se que o memorial como lugar-memória tem a função de preservar a história de vida do bispo diocesano. Contudo não se pode esquecer que tal trajetória está inscrita num período emblemático que é a Ditadura Civil-Militar e que perpassa todo processo de redemocratização que ocorreu em 1985. De certa forma – principalmente para os religiosos e leigos engajados – esse espaço resgata um pouco daquilo por eles viveram naquele período.

É significativo ressaltar que existe uma cultura na preservação da memória em Nova Iguaçu e essa cultura teve início no bispado de Dom Adriano, uma vez que foi por meio dele que se construiu, por exemplo, o Centro de Formação<sup>58</sup>, onde se encontra hoje o Acervo da Cúria Diocesana de Nova Iguaçu, que procura preservar a memória de Nova Iguaçu. O Centro de Formação abriga tanto a parte administrativa quanto jurídica e também pastoral da Diocese.

Procura-se, assim, afirmar que essa cultura que procura preservar a memória de Nova Iguaçu foi incentivada pelo próprio bispo e que, mesmo após a sua morte, ela se mantém. Em

---

<sup>57</sup> POLLAK, Michael. Memória e Identidade Social. Op. cit., pp. 2-3.

<sup>58</sup> O Centro de Formação de Líderes é uma Casa de Formação da Diocese de Nova Iguaçu, situado no Bairro Moquetá, em Nova Iguaçu. Por muito tempo, este Centro foi local da sede da Cáritas. Até outubro de 1985, quando comprou e inaugurou sua sede própria, o MAB fez seus encontros e reuniões neste Centro.

entrevista perguntei ao Padre Marcus quem teve a ideia de construir o memorial e em resposta ele disse que:

A ideia surgiu após a morte de Dom Adriano. Mas já na concepção dele e do Conselho Presbiteral havia a ideia de transformar a cripta num local onde se pudessem colocar os restos mortais dos padres e dos bispos que tivessem trabalhado aqui no pastoreio. Isso tudo foi se concretizando aos poucos e se tornou realidade após a sua morte. O sepultamento dele foi feito lá e preparado para ser sepultado depois de tantos anos de trabalho aqui conosco. Após a sua sepultura foi feito todo preparo de colocar também os fatos históricos, através de jornais, de sinais de sua pessoa para resgatar um pouco a sua história.<sup>59</sup>

Figura 15 - Cripta de Dom Adriano Hypólito



Foto: Alexander Gomes em 14 de março de 2011.

Nesse memorial, encontramos também os restos mortais de outros padres e religiosos. Todavia, observa-se que a gaveta onde se encontram os corpos desses religiosos é bem menor em comparação à cripta onde se encontra Dom Adriano e a do Mons. João Mûch.

<sup>59</sup> Anexo 2: entrevista concedida pelo Pároco da Catedral, Padre Marcus Barbosa Guimarães.

Figuras 16, 17, 18 e 19 - restos mortais de religiosas e padres que se encontram no Memorial Dom Adriano.



Foto: Alexander Gomes, retirada em 14 de março de 2011.

No interior da capela que dá acesso à entrada do memorial encontra-se a cripta do Pároco Mons. João Much que foi presidente da comissão responsável pela implantação da Diocese de Nova Iguaçu. Mons. Much foi Vigário de Nova Iguaçu e atuou como sacerdote nessa diocese durante 31 anos.



Figura 20 - Cripta do Pároco Mons. João Mûch



Foto: Alexander Gomes, retirada em 14 de março de 2011.

Através dos objetos e documentos expostos no memorial é possível resgatar a vida de religiosos que atuaram em Nova Iguaçu, sobretudo a vida de Dom Adriano Hypólito. Decerto, nesse espaço a interdependência entre política e religião é traduzida na concepção do Pároco da Catedral Padre Marcus quando lhe perguntei em entrevista sobre a conotação política presente no memorial. Ele disse:

Tem uma dimensão política com certeza, mas sempre no âmbito daquilo que nos atingiu na evangelização. A política não vem em primeiro lugar, mas o aspecto mesmo da evangelização; pelo anúncio do Evangelho, pelo anúncio da vida de Jesus e o sentido de ser Igreja e as consequências. Ali também se faz muito forte essa dimensão política, tendo como raiz o testemunho de alguém que seguiu a Jesus Cristo.<sup>60</sup>

Dos objetos que traduzem a vida religiosa do bispo encontramos, conforme fotografia abaixo:

<sup>60</sup> Anexo 2: entrevista concedida pelo Pároco da Catedral, Padre Marcus Barbosa Guimarães.



Figura 21 - objetos religiosos utilizados por Dom Adriano Hypólito



Foto: Alexander Gomes, retirada em 14 de março de 2011.

A mitra, uma insígnia pontifical que cobre a cabeça do prelado – autoridade religiosa – numa cerimônia religiosa; observa-se o chinelo utilizado pelo bispo. Nota-se que esse chinelo é um modelo franciscano que aponta diretamente para a origem religiosa do bispo: a Ordem dos Frades Menores – OFM.

Em entrevista Dona Nailza relata esse lado fraternal do bispo. Quando lhe perguntei de onde achava que advinha a ligação do bispo para com os pobres ela respondeu:

Ele conversava muito com os pobres. Queria saber sua origem. Você não vai ajudar alguém sem saber sua origem. Por que está passando aquela situação? Conversava para saber sua situação (do pobre). Ele a serviço de Deus foi um grande bispo dentro da catedral. Dom Adriano sentava na cadeira e ficava conversando. Não era confissão, mas queria ouvir sua necessidade. Às vezes, dava-me dinheiro para comprar remédios (para os doentes). Eu ia à farmácia, comprava o remédio e dava-lhe a receita.<sup>61</sup>

Dona Inês assinalou:

Achava e acho que ele era um bispo santo, porque o que ele podia fazer não deixava de fazer. Tem gente que não liga para os pobres, mas ele os ajudava muito. Um bispo igual a ele é um bispo santo. Ele tinha muita pena dos pobres. Um bispo igual a ele é um bispo santo. Quem tem que ajudar as pessoas na Igreja é o bispo. Ele fazia isso. Se tivesse uma pessoa doente e lhe falasse ele dava dinheiro para comprar remédios. Ele era um bispo santo. A gente quando olhava para ele via isso. Ele era um bispo santo! Ele tinha muita pena dos pobres! (...) Isso é uma coisa que ele tinha de Deus. Uma missão que Deus lhe deu. Deus dá as missões às pessoas,

<sup>61</sup> Anexo 6: entrevista concedida pela ministra da eucaristia Nailza Rodrigues dos Santos.

mas tem muita gente que não as cumprem. Deus dá a missão. Muita gente fala que não tem missão alguma, mas Deus lhe dá. Ele como bispo cumpriu sua missão aqui na Terra.<sup>62</sup>

Nota-se que o lado fraterno de Dom Adriano é uma referência na fala dos entrevistados. Em decorrência de sua preocupação para com os menos favorecidos emergem, em alguns depoimentos, a noção de “bispo santo” ou “santo moderno”. Essa questão será retomada mais adiante na seção 2.2.

Figura 22 - objetos utilizados por Dom Adriano Hypólito



Foto Alexander Gomes, em 14 de março de 2011.

Entre outros objetos encontramos o báculo episcopal, instrumento utilizado somente por prelados (bispos, arcebispos e cardeais) na liturgia da missa. O báculo é uma espécie de cajado por meio do qual o “pastor” se apoia e conduz seu rebanho, por isso, é caracterizado como um instrumento que tem como simbolismo o papel do bispo: aquele que conduz o rebanho no caminho de Deus.

---

<sup>62</sup> Anexo 6: entrevista concedida pela ministra da eucarística Inês Campos da Silva.

Figura 23 - objetos pessoais de Dom Adriano Hypólito

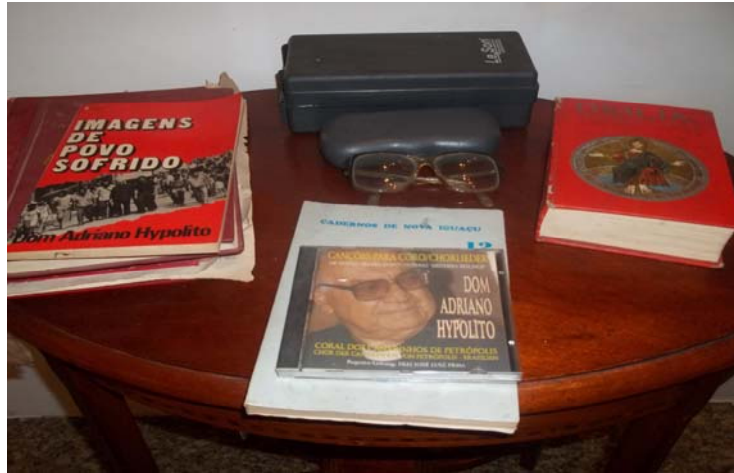


Foto Alexander Gomes, em 14 de março de 2011.

Encontramos também anotações de Dom Adriano, bem como um livro por ele publicado com o título “Imagens de povo sofrido”; um CD de sua autoria “Canções para coro”. Tais objetos revelam, de fato, a essência do bispo e seus dons. Dom Adriano, além de bispo e professor, foi autor de várias canções e cânticos sacros.

Observa-se que ali estão expostos objetos pessoais como óculos, chinelo, como descrevi acima, e as vestimentas utilizadas por ele após o sequestro: a camisa e a calça.

Figura 24 - objetos pessoais de Dom Adriano Hypólito



Foto Alexander Gomes, em 14 de março de 2011.

Nota-se que a interdependência entre o religioso e o político vão se entrelaçando. O título do livro “Imagens de povo sofrido” revela a preocupação incondicional do bispo para com o povo sofrido da Baixada Fluminense. Rosana Xavier descreve essa atitude de ação de Dom Adriano quando assinala:

Dom Adriano foi um homem que proclamava a esperança, o otimismo, o sonho de dias melhores. Isso ele passava para o seu povo no dia a dia. Se ele fermentava essas atitudes nossas era porque ele acreditava. Ele sempre passou de uma forma muito forte, não passou apenas com palavras, mas com seu próprio testemunho. Isso tudo comentamos como no caso da bomba, do sequestro. Ele foi um homem que fomentava no sentido de passar essa energia para gente e a diocese. Você não pode falar na pessoa de Dom Adriano sem falar na Pastoral Operária. Como você pode desligar a pessoa Dom Adriano da Associação de Moradores, da Pastoral Operária, da Pastoral do Negro, da Pastoral da Terra, da Pastoral dos Imigrantes? Não dá para falar de Dom Adriano sem falar dessas pastorais, da Pastoral da Mulher, da questão dos Direitos Humanos no qual ele foi o fundador (em Nova Iguaçu) Hoje, ainda, a gente percebe a presença dele como algo que nos inspira e nos fortalece.<sup>63</sup>

A jornalista Flávia Ferreira, na matéria publicada pelo *Jornal do Brasil* em 10 de março de 2010, intitulada *Geografia da Fome*, traz depoimentos de Sada Baroud David, que na época da Ditadura Civil-Militar lecionava geografia na Escola Monteiro Lobato e quase foi presa por ter inserido em uma de suas avaliações de geografia conteúdos que eram subversivos para os militares. Sada David relata, nessa entrevista, que apesar do susto não recusou o convite de Dom Adriano em fazer parte para secretariá-lo na recém-fundada Comissão Diocesana de Justiça e Paz.

Nessa reportagem há dois aspectos relevantes. Em primeiro lugar destaca-se a percepção de Sada David em ver Nova Iguaçu como um lugar de resistência, detectando que a criação da Comissão de Justiça e Paz da Diocese de Nova Iguaçu ratifica o legado inscrito pelo bispo. Nesse relato Sada David diz que “Todos os meses recebíamos a visita de bispos do peso de um Dom Paulo Evaristo Arns e Dom Pedro Casaldáliga (...). Nem em mil anos teremos bispos tão comprometidos com a pastoral social (...). Organizamos o povo e começamos a fazer todas as reivindicações que a gente achava que o país precisava”.<sup>64</sup> Em segundo lugar, Sada David diz que os professores eram sempre monitorados pelo coronel Zamith lá pelos anos 1968 e 1970 e quando este não estava presente mandava olheiros. Esse ponto é relevante porque de acordo com alguns artigos de jornal expostos no memorial o sequestro sofrido por Dom Adriano, ocorrido em 22 de setembro de 1976, aponta o tenente-coronel do Exército José

---

<sup>63</sup> Anexo 4: entrevista concedida por Rosana Xavier.

<sup>64</sup> *Jornal do Brasil*, Publicado em 10/03/2010 pelo(a) Wiki Repórter [FlaviaFerreira](#), Nova Iguaçu - RJ

Ribamar Zamith como o principal suspeito do atentado, identificando-o como o “terror da Baixada”.

Figura 25 - manchetes de jornais sobre os episódios de violência a contra a Diocese de Nova Iguaçu.



Foto: Alexander Gomes, retirada em 14 de março de 2011.

Decerto, esses incidentes estão relacionados com o posicionamento da linha pastoral de Dom Adriano. Alguns exemplos de retaliações sofridas pela diocese foram o sequestro do bispo em 22 de setembro de 1976, a falsificação do semanário litúrgico “A Folha”, em maio de 1977; a pichação das igrejas da diocese que amanhecem pichadas com acusações de comunista ao bispo no mês de novembro de 1979 e a explosão da bomba no interior da Catedral de Santo Antônio de Jacutinga em 20 de dezembro de 1979 .

Na concepção dos leigos e dos religiosos não restam dúvidas de que as ações contra o bispo de Nova Iguaçu foram estratégias orquestrados para arrefecer o trabalho pastoral por ele realizado. Rosana Xavier sobre os episódios assinala:

Eu acho que tudo o que aconteceu: o sequestro, as pichações, terem colocado fogo no carro, isso tudo, as pastorais e movimentos que a gente convivia na época fez com que a gente se sentisse mais forte e saber que estávamos no caminho certo. Dom Adriano serviu como uma fonte de força mesmo, da gente continuar na luta, pois estávamos no caminho certo. Isso aconteceu porque a gente está incomodando e que a gente está construindo o nosso profetismo dentro da Igreja.<sup>65</sup>

O que chama a atenção é que sempre que a diocese fosse realizar algum evento ou

<sup>65</sup> Anexo 4: entrevista concedida por Rosana Xavier.

atividade de cunho político sofria ações de violência contra o patrimônio religioso, ou contra os próprios religiosos, conforme os dados que podem ser observados abaixo:

No ano de 1976, publica-se a Cartilha de Orientação Política da Diocese e em 22 de setembro desse mesmo ano Dom Adriano foi sequestrado, espancado e deixado nu; seu corpo foi pintado de vermelho e deixado num matagal em Jacarepaguá, enquanto seu carro era levado até as vizinhanças da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB), na Glória e destruído por uma bomba. Decerto, o sequestro do bispo foi algo que foi recebido com muita indignação não apenas pelos leigos e religiosos da Baixada Fluminense, mas mobilizou religiosos de outras dioceses e a própria mídia, que relatou o episódio. Até mesmo a imprensa internacional noticiou o episódio:

El bispo, Adriano Hypólito, paladín de los derechos humanos y del pobre, fue hallado a primeras horas de la mañana desnudo, apaleado y atado, em um subúrbio de Rio, após ser sequestrado él y un sobrino suyo por un grupo de pistoleros armados, los cuales los obligaron a subir a dos automóviles distintos, cerca de la Catedral de Nova Iguaçu. Al mismo tiempo, una bomba de relojería estallaba em Rio. Esta explosión siguió a una llamada telefónica a la emisora << Jornal do Brasil>>, de um portavoz de la organización ultraderechista, << Alianza Brasileña Anticomunista>>, que se atribuyó todos estos hechos y dijo que la Alianza deseaba <<castigar>> al obispo Adriano (...). Es obispo Adriano há denunciado frecuentemente a la Patrulla de la Muerte, una organización macabra, que se cree formada por la policía y responsable de eliminar a unos 3.000 \* presuntos criminales durante los últimos doce años.<sup>66</sup>

As ministras da eucaristia Nailza e Inês relataram sua reação ao sequestro de Dom Adriano. Dona Nailza disse:

No dia que eu soube disso eu estava aqui na Igreja. Quando veio a notícia foi um choque. Como puderam fazer isso com um bispo? Com uma pessoa comum, mas com um bispo! Deixaram-no nu; riscaram-no todo de tinta vermelha. Depois ele apareceu. Aí foram jornais e repórteres para saber como foi.<sup>67</sup>

Dona Inês comentou que no dia do sequestro do bispo tinha ido visitar um doente. Ela relata o diálogo que manteve com Dom Adriano após o sequestro:

- o senhor não ficou com medo? Ele respondeu: - quem tem Deus não tem medo! Eu lhe disse: - não sei como eles não lhe mataram! Deus foi muito bom para o senhor, porque eles não lhe mataram. Ele respondeu que iria morrer aqui. Ninguém vai me matar não! Ele disse: - Eu vou morrer aqui! E ele morreu aqui.<sup>68</sup>

<sup>66</sup> Cf. Periódico de España, de 23 de setembro de 1976. (Supostos criminosos. (trad.)

<sup>67</sup> Anexo 6: entrevista concedida pela ministra da eucaristia Nailza Rodrigues dos Santos.

<sup>68</sup> Anexo 6: entrevista concedida pela ministra da eucaristia Inês Campos da Silva.

Tudo leva a crer que tais incidentes, segundo os depoimentos que coletei, ocorreram em resposta à linha de ação pastoral da diocese. Padre Agostinho Pretto denuncia e identifica o inimigo, causador dessas brutalidades: a Ditadura Civil-Militar. Assim, ele escreve:

O inimigo comum era a Ditadura Militar. Esse era o inimigo comum. E esse inimigo comum nessa gestação nos criou muita dificuldade. Ele nos perseguia. Ele nos acompanhava; vigiava-nos; tomava nota das placas de nossos carros; ele soltava os cachorros nas nossas caras; ele pichava as paredes de nossas casas. Ele sequestrou e torturou.<sup>69</sup>

No início de 1977, Dom Adriano foi escolhido como um dos representantes do episcopado brasileiro no Sínodo dos Bispos sobre Catequese. Em maio de 1977, no domingo de Pentecostes, o jornal diocesano “A Folha” foi falsificado, espalhado na Baixada Fluminense e na Cidade do Rio de Janeiro acusando alguns bispos de “comunistas”. Nesse mesmo ano, em 19 de junho de 1977, o grande debate sobre direitos humanos para organização de uma Comissão Diocesana de Justiça e Paz foi impedido e proibido pelas forças de segurança, que cercaram o Centro de Formação de Líderes, ostentando um verdadeiro aparato de guerra. Em 12 de fevereiro de 1978, através do Decreto 01/78, Dom Adriano criou a Comissão de Justiça e Paz. Na assembleia da CNBB em abril de 1978, Dom Adriano foi eleito como um dos delegados à Conferência Episcopal Latinoamericana de Puebla. Neste mesmo mês, a Comissão de Justiça e Paz de Nova Iguaçu já denunciaria novas ameaças contra D. Adriano: “o bispo não aprendeu a lição” e por isso “receberia um castigo” ainda mais violento que da primeira vez. Essas ameaças geralmente vinham através de telefonemas anônimos à diocese.

Após a criação da Comissão Diocesana de Justiça e Paz no ano de 1979 – (que aconteceu durante a missa de abertura da Campanha da Fraternidade e que teve ampla divulgação pela imprensa) como órgão de assessoria e enfrentamento dos problemas relacionados aos Direitos Humanos; bem como a criação da Pastoral da Terra da Diocese de Nova Iguaçu e ainda a Pastoral Operária ser escolhida como prioridade da Ação Pastoral Diocesana – desencadearam-se mais hostilidades por parte daqueles que rejeitavam a linha pastoral diocesana como, por exemplo, a pichação das igrejas e a explosão da bomba na Catedral.

Em entrevista perguntei ao senhor Salvador Marcelino se as autoridades do Governo Militar, sabendo que essas reuniões ocorriam na diocese de alguma forma, não promoveriam retaliações. Em resposta ele disse que:

Houve retaliações. Dom Adriano foi sequestrado, mas eles não podem fazer isso contra a Igreja. Eles pegam uma pessoa da Igreja. A Igreja é de fato diversificada. Um bispo de outra diocese

<sup>69</sup> Anexo 1: entrevista concedida pelo Padre Agostinho Pretto.

que não é tão comprometido com a causa popular não sofre retaliação. A Igreja é igual a uma “Arca de Noé”. Tem pessoas que são seduzidas pelo poder. Tem padre que é filho da burguesia.<sup>70</sup>

Podem-se fazer duas observações na fala do senhor Salvador Marcelino. A primeira é que, de fato, tais incidentes ocorridos em Nova Iguaçu foram realizados em decorrência da linha de ação pastoral da diocese. A segunda é que seu discurso ratifica o posicionamento político-religioso de Dom Adriano Hypólito: a Teologia da Libertação. Ainda em depoimento o senhor Salvador assinala:

Muita gente que está na Igreja pensa: por que as pessoas tem que se envolver com a questão política? Dom Adriano dizia: Teologia da Libertação é Evangelho. Você pega uma pessoa que reflete o Evangelho que é da alta burguesia, para ela Evangelho é uma coisa e Teologia da Libertação é outra. Ele não consegue ligar que o Império Romano hoje é o FMI, são os Estados Unidos.<sup>71</sup>

De acordo com o senhor Salvador Marcelino os motivos que levaram as pichações feitas na Catedral e numa Igreja no bairro da Prata, em Nova Iguaçu em novembro de 1979, que numa manhã de domingo amanheceram pichadas com acusações ao bispo e à sua linha pastoral, foi um encontro que aconteceria na diocese com os repatriados.

Teve um encontro muito interessante na comunidade. Foi o encontro com os Repatriados. Encontro que marcou a comunidade. No dia de domingo que estava marcado esse encontro dos repatriados, no sábado, chegaram à Igreja de Santa Rita e picharam a Igreja; chamaram o bispo de comunista. Fora comunista! Picharam a Igreja de Heliópolis e mataram os cães do padre André.

Perguntei-lhe ainda, em entrevista, se ele acredita que essa pichação se deveu ao que seria debatido nesse encontro. Em resposta ele disse:

Sim, porque esse encontro era dos repatriados. Até o Francisco Julião estava nesse encontro. Vieram para discutir os rumos da abertura política. Como garantir a unidade na oposição para não haver o esfacelamento dos partidos políticos. Como se diz? Bezerro quando está preso e é solto, quando sai do curral ocorre o estouro da boiada! Como nós vamos conter isso? Como garantir a unidade da oposição contra a ordem estabelecida?<sup>72</sup>

Frei Clarencio Neotti, da OFM, escreve que Dom Adriano “Despertou uma nova mentalidade comunitária e fez dos que se iam aproximando gente que tomava a consciência na mão e se punha a refletir e a assumir responsabilidades. Aí começou a receber ameaças anônimas. Eram os interessados em que o povo não se conscientizasse, que o povo

<sup>70</sup> Anexo 3: entrevista concedida pelo Sr. Salvador Marcelino.

<sup>71</sup> Idem.

<sup>72</sup> Anexo 1: entrevista concedida pelo Padre Agostinho Pretto.



permanecesse massas manipuladas (...). Na pessoa de Dom Adriano foi ferido o Povo.”<sup>73</sup>

A bomba que foi lançada contra a Catedral de Santo Antônio de Jacutinga, no dia 20 de dezembro de 1979, danificando paredes e destruindo o sacrário faz parte desse processo de retaliação contra a linha pastoral do bispo diocesano. Talvez esse tenha sido o episódio, após o sequestro do bispo, mais emblemático, que despertou a atenção de toda a Igreja Católica, mobilizando no dia 30, cerca de dez mil pessoas numa procissão de desagravo a Jesus Cristo (o sacrário foi destruído) e de apoio a Dom Adriano Hypólito.

Nada disso intimidou o bispo de Nova e diversos jornais registraram o atentado à Catedral. O Jornal “O Globo” de 21 de dezembro de 1979, trouxe a seguinte manchete: “Bomba explode no altar de igreja em Nova Iguaçu e bispo sofre ameaças” e o Jornal “O São Paulo” escreve: “Bomba explode na Catedral de Nova Iguaçu”. O Jornal Gazeta de Notícias, de 21 de dezembro de 1979, dia posterior ao episódio, noticia a seguinte manchete: “Terror não respeita mais nada”.

Observa-se que as manchetes de jornal tratam com indignação o ato orquestrado que não respeita nem igrejas e, sobretudo, religiosos. Os próprios leigos em depoimento registram o episódio com pavor e repugnância.

Rosana Xavier descreve bem o episódio e o trauma sofrido em decorrência do episódio, pois estava no momento em que o fato ocorreu.

É claro, no caso da bomba, como eu acompanhei de perto, tivemos certo medo até em falar, pois como estávamos muito perto (do fato) veio muita imprensa e a própria coordenação da diocese pediu-nos para não falarmos nada porque houve um ataque e poderíamos falar algo que pudesse comprometer nossas vidas. Por um momento, aquela coisa: vamos parar agora, deixar as coisas se assentarem e depois continuar! Para mim, o que repercutiu nas pastorais daquela época, que estavam “pipocando”, foi um momento de muita força, vamos acompanhar nosso bispo, pois estamos no caminho certo (...). Na época, trabalhávamos na secretaria, ao lado da Catedral. Numa manhã de 20 de dezembro de 1979, já próximo ao Natal, a gente estava trabalhando na secretaria. Dois rapazes que eram funcionários da época estavam montando o presépio na entrada da Igreja, porque era uma tradição da Igreja, onde as pessoas gostavam de rezar. Por volta das 11 horas da manhã, a gente escutou a explosão e ficamos sem entender o que estava acontecendo, parecia que o prédio estava caindo em cima da gente. Quando a gente escutou o estrondo é como se a Igreja estivesse caindo na cabeça da gente. A secretaria ficava embaixo do prédio, onde ficava a Mitra Diocesana. Foi na Igreja, foi na Igreja! E a gente se deparou com aquela cena; a bomba explodiu o sacrário onde fica o próprio Corpo de Jesus, onde ficam as hóstias consagradas e para a nossa surpresa, a gente acha, não, a gente tem certeza que Deus naquela hora se fez presente; já estava presente nas hóstias consagradas, mas Deus se mostrou de uma forma, pois era um local onde as pessoas ficavam rezando e naquele momento não havia ninguém. Houve a explosão, uma coluna da Catedral caiu, o ventilador caiu e se espatifou, o próprio santíssimo se espatifou, o Ronaldo que estava montando o presépio ficou com problema de audição. O que a gente fez foi chamar as autoridades competentes para tentar resolver, porque você não se pode colocar as mãos. Para nós vermos Jesus ser jogado daquela forma, não sendo respeitado. A gente ficou triste por isso e ao mesmo tempo perceber que a Igreja estava vazia e não ter acontecido o pior. Fizemos um momento de oração e marcamos uma procissão em desagravo. Todo dia 20 de cada mês tem uma adoração ao

<sup>73</sup> Centro Informativo, de 3 de julho de 1979.

santíssimo sacramento em desagravo por aquilo que aconteceu.<sup>74</sup>

Perguntei à Rosana sobre a reação de Dom Adriano Hypólito no momento do incidente e ela respondeu:

Dom Adriano deixou o curso da vida dele normal. Ele disse para não nos amedrontarmos diante disso e continuou o papel dele como a autoridade máxima de uma diocese e continuou a vivenciar o profetismo dele, que era continuar na luta do povo e suas conquistas. A Baixada Fluminense, não digo deve, pois é o papel da Igreja a construção do reino, mas a Baixada ganhou muito com a presença de Dom Adriano.<sup>75</sup>

A fala de Rosana Xavier aponta indícios da concepção político-religiosa do bispo diocesano, que mesmo sofrendo retaliações, abriu as portas de sua diocese, na década de 1980, para receber o Encontro Nacional dos Trabalhadores em Oposição à Estrutura Sindical – o ENTOES –, que ocorreu no Centro de Formação de Líderes, em Moquetá.

Padre Agostinho Pretto falando sobre o posicionamento de Dom Adriano em abrir as portas da diocese – não apenas para o ENTOES – para receber tais encontros e abrigar pessoas perseguidas pela Ditadura Civil-Militar assinala:

A Igreja estava aí. A Igreja era a porta de entrada, que recebia sem cobrar. Não alugava, mas abria as portas. Esse foi o grande gesto profético de Dom Adriano. Um homem, sergipano, pobre, franciscano, teólogo, inteligente, escritor, músico. Esse é o homem que Deus nos deu na tragédia dos militares imposta.<sup>76</sup>

### 2.1.3 O Memorial: um espaço de interdependência entre a religião e a política

Os objetos que estão expostos no memorial, indubitavelmente, carregam em si uma mensagem político-religiosa. Os episódios ocorridos na diocese, os relatos registrados nos artigos de jornal e os depoimentos de leigos e religiosos contribuem para ratificar essa interdependência. O discurso político-religioso e a própria trajetória de vida do bispo alimentam o profetismo em torno de sua figura.

Rosana Xavier aponta o lado profético de Dom Adriano em entrevista e assinala que:

Dom Adriano teve uma importância muito grande no sentido do profetismo. Era um homem ousado. Um nordestino muito fechado, muito na dele, mas um homem que pensava no bem comum. Um homem muito corajoso. Era um profeta. Um “cara” que estava sempre presente na

<sup>74</sup> Anexo 4: entrevista concedida por Rosana Xavier.

<sup>75</sup> Idem.

<sup>76</sup> Anexo 1: entrevista concedida por Padre Agostinho Pretto.

luta do povo, nas suas conquistas. A Diocese de Nova Iguaçu, na época de Dom Adriano, principalmente, sempre teve essa preocupação em ser uma Igreja que defendesse o povo. Para mim, ele representa esse profetismo, essa coragem. A própria vocação sacerdotal de sua vida em prol dos necessitados.<sup>77</sup>

Nota-se que na concepção de Rosana Xavier o lado profético do bispo está associado à sua luta em prol dos mais necessitados.

Em entrevista ao Jornal “Municípios da Baixada”, de 18 de agosto de 1996, Maria Conceição B. Freitas disse: “Vou me alimentar sempre das coisas que aprendi com Dom Adriano”. Essa fala ratifica o quanto o bispo de Nova Iguaçu trabalhou em prol da justiça e da igualdade e o quanto seus ensinamentos despertaram aqueles que estavam “adormecidos” para as questões política e social (questão que será abordada mais adiante). De fato, Dom Adriano era um missionário que trabalhava em prol do povo e que fez a “opção preferencial” pelos pobres. Em entrevista para a “Tribuna da Imprensa” (Rio) e “O Jornal” (Portugal) ele ratifica:

Tenho certeza de que a Igreja deve e pode dar uma contribuição válida para corrigir as trágicas distorções e injustiças sociais que existem no mundo e em muitos países. Vemos que a Igreja do Brasil está fazendo sua opção pelos pobres e pequenos, pela sua identificação com as grandes causas do Povo.<sup>78</sup>

O papel político-social e religioso desempenhado por Dom Adriano pode ser visto como símbolo de resistência e luta contra a opressão e as injustiças sociais presentes na Baixada Fluminense, uma região onde os índices de pobreza, de criminalidade e violência são extremos. Fica nítido que as matérias selecionadas procuram adjetivar o lado fraterno do bispo de Nova Iguaçu e, ao mesmo tempo, ressaltar sua luta política em prol dos pobres. Nesse sentido, pode-se assinalar que no interior desses documentos encontramos um discurso político-religioso que busca conscientizar os leigos dando-lhes, por meio da ação prática, subsídios para superarem a opressão; prova disso é a criação do Centro de Formação de Líderes inaugurado em 21 de julho de 1973 e a criação da Comissão de Justiça e Paz.

Quando perguntado se existe alguma intenção por parte de instituições políticas em abafar a memória de Dom Adriano, Padre Marcus respondeu que “Sempre houve. Com ele em vida e ainda hoje. Vai desde a resistência, a indiferença e ao silêncio. E ao desconhecimento também.”<sup>79</sup>

<sup>77</sup> Anexo 4: entrevista concedida por Rosana Xavier.

<sup>78</sup> Cf. Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, nº 161, de 1º de junho de 1982.

<sup>79</sup> Anexo 2: entrevista concedida pelo Pároco da Catedral, Padre Marcus Barbosa Guimarães.

Perguntei-lhe se por parte da Igreja haveria alguma forma de resistência e ele respondeu o seguinte:

De alguma forma também silencia. Embora nesses últimos tempos a gente tenha visto não só Dom Adriano, mas outros bispos e padres que tiveram uma referência nacional, muitas vezes até internacional; a gente vê várias biografias, inclusive a de Dom Adriano a gente não tem. Foi sonhado logo após a sua morte, mas depois caiu num certo marasmo e esquecimento e não conseguimos resgatar. Há biografias de pessoas ainda em vida como Dom Pedro Casaldáliga. Dom Waldir Calheiros, onde temos publicações para quem quiser fazer alguma pesquisa encontra de uma maneira mais direta um resgate da história e de sua posição, de seu caminhar. De falecidos temos Dom Luciano Mendes de Almeida; Dom Hélder, que tem várias publicações.<sup>80</sup>

O resgate da memória do bispo resgata, sobretudo, o seu trabalho pastoral dedicado aos pobres, bem como as atrocidades contra esse mesmo trabalho, revelando-nos aquilo que Márcio Selligman destaca: “Talvez a busca deste local do testemunho seja antes uma errância, um abrir-se para sua autenticidade, para suas fraturas e silêncios”.<sup>81</sup> O resgate de um passado marcado por um período crítico – aqui a Ditadura Civil-Militar – revela fraturas por causa das retaliações sofridas pela diocese e pelo próprio bispo. Decerto, isso produz incômodo, em virtude de governos repressores não respeitarem nem aqueles que pregam a palavra de Deus; mas ao mesmo tempo, pelo teor da violência, não impede que tal trajetória seja esquecida, ficando esta guardada na memória daqueles que vivenciaram tais episódios e preservada posteriormente em espaços-memória. Nota-se que o silêncio poderia se fazer presente nos depoimentos daqueles que vivenciaram com Dom Adriano Hypólito em decorrência do trauma que tais episódios produziram. Entretanto, isso não acontece, ao contrário, ele está muito presente ainda nos depoimentos.

Dona Nailza em depoimento diz:

Passaram por aqui vários bispos, mas o que marcou foi Dom Adriano devido a tudo o que ele passou. Chorei muito com sua morte. Ele ficou doente, depois Jesus o chamou. O que marcou mais foi Dom Adriano, pelo sofrimento, pela bomba que estourou aqui na Catedral.<sup>82</sup>

Quando lhe perguntei se Dom Luciano, atual bispo de Nova Iguaçu, tem a mesma visão política de Dom Adriano ela me respondeu:

Dom Luciano nunca foi ligado à política. Cada bispo tem sua linha de ação, de fazer. Dom Adriano era ligado à política, ao povo. Dom Werner não e Dom Luciano nunca foi ligado à

<sup>80</sup> Idem.

<sup>81</sup> SILVA, Márcio Selligman. Narrar o trauma – a questão dos testemunhos de catástrofes históricas. PSIC. CLIN., Rio de Janeiro, Vol., n.º 1, 2008, p. 78.

<sup>82</sup> Anexo 6: entrevista concedida pela ministra da eucaristia Nailza Rodrigues dos Santos.

política. Ele é mais neutro. Dom Luciano celebra suas missas, dá continuidade às pastorais, mas não está ligado à política.<sup>83</sup>

Rosana Xavier ao se recordar do período em que Dom Adriano estava à frente da diocese assinala:

Eu acho que têm coisas que a gente vivencia hoje como um canto, uma oração nos faz lembrar Dom Adriano. Ele era um homem muito fechado; não era um homem de papirico. Às vezes parecia até uma imagem fria, mas ele era muito na dele. Ele tinha uma espiritualidade muito grande (...). Ele era um homem muito presente. Quando a gente traz hoje o desafio do sistema, do mundo informatizado, a gente recorda o passado e lembramos o que vivenciamos com a presença de Dom Adriano, então, a gente quer animar as pessoas. Hoje a gente não tem mais vida comunitária. Naquela época sempre havia algum grupo discutindo política, associação.<sup>84</sup>

Esses exemplos que resgatam a memória de Dom Adriano enquadram-na e inscrevem-na como um “foco de resistência”. E, a partir desse enquadramento de memória, entende-se o porquê do recrudescimento da imagem de um bispo que aparece como mártir ou santo moderno, na concepção de alguns leigos e, até mesmo, de religiosos que com ele conviveram. Vejamos alguns depoimentos.

Dona Nailza diz:

Para mim, Dom Adriano é um santo, sagrado. Não estou desfazendo dos outros bispos. Ele sempre participou de tudo na Igreja. Nunca deixou em vão nada: as missas... Quando ele entrou aqui, a Igreja encheu para recebê-lo. As pessoas quando queriam alguma coisa diziam que falassem com ele. Ele sempre deu carinho às pessoas. Depois que ele morreu foi uma romaria de gente. Depois que Deus o chamou ele tinha que ser declarado um santo. Para mim ele não se apagou nunca. Ele sempre me ensinou as coisas boas da Igreja (...). Dom Adriano para mim foi um santo! Jesus tinha que pegá-lo e levá-lo para o céu, porque ele foi um grande bispo.<sup>85</sup>

Dona Inês ainda ratifica: “Tem pessoas que tem o dom das coisas. Quando a gente o cumprimentava, a gente já se sentia bem. Ele era um bispo santo! Ele sempre tinha uma palavra agradável para nos dizer. Quando você cumprimenta uma pessoa e esta tem algo agradável a lhe dizer você se sente bem.”<sup>86</sup>

Rosana Xavier revela algo interessante:

Hoje, ainda, a gente percebe a presença dele como algo que nos inspira e nos fortalece. Conheço pessoas ainda que .... como diz o Padre Agostinho são nossos santos modernos. Tem muitas pessoas que rezam para Dom Adriano para nos ajudar, para nos dá sabedoria, para a gente não perder a coragem naquilo que a gente vive hoje com tantos desafios.<sup>87</sup>

---

<sup>83</sup> Idem.

<sup>84</sup> Anexo 4: entrevista concedida por Rosana Xavier.

<sup>85</sup> Anexo 6: entrevista concedida pela ministra da eucaristia Nailza Rodrigues dos Santos.

<sup>86</sup> Anexo 6: entrevista concedida pela ministra da eucaristia Inês Campos da Silva.

<sup>87</sup> Anexo 4: entrevista concedida por Rosana Xavier.

A aura mística em torno da figura de Dom Adriano encontra-se atrelada ao seu trabalho pastoral, à sua dedicação aos pobres, à luta política contra a Ditadura Civil-Militar e contra a miséria do Povo e nos embates que travou até mesmo dentro da própria Igreja e contra os poderosos da Baixada Fluminense em favor dos menos favorecidos. De certa forma, seu posicionamento político embasado no Evangelho fortalecia sua linha de ação ao informar e formar os leigos. É por meio dessa linha de ação que a imagem de um bispo santo (entendido aqui como mártir, modelo de justiça, de sabedoria, de força, de fé, de coragem etc. como aparece nas entrevistas) vai recrudescendo e tornando-se alimento e modelo na caminhada, sobretudo, para os leigos de Nova Iguaçu.

Perguntei ao Padre Marcus sobre esse lado profético em torno da memória de Dom Adriano, porque em algumas entrevistas que realizei apareciam expressões como “bispo santo” ou “santo moderno”. Perguntei-lhe se os leigos veem Dom Adriano como um santo católico e o que essas expressões representam em sua concepção e como ele as caracterizaria. Padre Marcus respondeu-me que isso acontece porque o bispo “tocou na alma do povo”. Procurando aprofundar, então, na questão perguntei-lhe se as expressões “bispo santo” ou “santo moderno” seriam em termos de o bispo ser visto como um mártir ou um santo católico a ponto de lhe pedirem milagres, devoção, acenderem velas. Ele respondeu:

Acho que nessa devoção mais de milagre não. Mais na linha do testemunho. Naquilo que os afetou na vida, seja por uma palavra por ele proferida, por uma atitude, pelo contato pessoal, pela sua presença, pela sua humanidade, pela sua dimensão profética em defesa dos mais pobres. Isso tocou a alma do povo. Não são apenas as situações exteriores. A história por dentro e a vida. O testemunho da gratidão, do que ele foi. Evocar a memória de Dom Adriano reacende esse espírito de coragem, da vivência da fé, a expressão de uma igreja viva.<sup>88</sup>

Um exemplo que corrobora essa concepção é o depoimento de Salvador Marcelino ao descrever o início de seu vínculo à Igreja.

Eu posso dizer que o ponto de partida foi a posição de Dom Adriano Hypólito (...) Num certo dia, eu lendo uma notícia de Dom Adriano, numa saudação de Páscoa, onde ele fazia crítica à segurança pública, dizendo que tinha policiais macomunados com marginais da pior espécie aqui na Baixada (...) na medida em que eu descobri que o que ele pensava, falando uma verdade do ato, isso me fez vir para a Igreja (...) Dom Adriano era homem um muito sensível com o ser humano.<sup>89</sup>

A imagem de Dom Adriano, seu engajamento com a questão social decerto evidencia a memória de um líder espiritual que conduzia o seu povo. Por isso, a interdependência entre fé e política é compreendida aqui como um elemento aglutinador na linha de ação das pastorais sociais de Nova Iguaçu no bispado de Dom Adriano. Detecta-se que a partir da exposição dos

<sup>88</sup> Anexo 2: entrevista concedida pelo Pároco da Catedral, Padre Marcus Barbosa Guimarães.

<sup>89</sup> Anexo 3: entrevista concedida pelo Sr. Salvador Marcelino.

objetos e relatos de artigos de jornais presentes no memorial, e até mesmo nos documentos produzidos pelo bispo, a interdependência entre política e religião funciona como mediação simbólica, política e social no processo de reconstituição de um período crítico (Ditadura Civil-Militar) como aponta Andréa Paiva quando analisa o Museu do Negro, localizado no Rio de Janeiro. Andréa analisa, a partir dos objetos ali expostos, sua função simbólica na reconstituição de representações ideológicas sobre os indivíduos e os diversos grupos.<sup>90</sup>

Professor Percival Tavares em depoimento diz:

A riqueza que era o tempo de Dom Adriano. Ele puxava a diocese e as pessoas tinham vergonha em jogar uma pedra no caminho para atrapalhar. Havia sim resistência interna, mas esta era muito mais camuflada, reticente e devagar, porque sabiam que o bispo estava envolvido. Dom Adriano exercia sobre as pessoas engajadas. (...). Ele é pastor (...) ele sofre as consequências porque ele faz opção. (...) Lembre-se que ele é um franciscano. Um franciscano genuíno. Faz parte dessa concepção. Para ele na concepção original de um franciscano não é algo inimaginável. Diante de uma situação de tanta pobreza ele vai atrás dessa Igreja. Ele é um pastor sim!<sup>91</sup>

Fica nítido que a “opção preferencial pelos pobres”, um lema que conduzia o seu trabalho pastoral, é o que faz com que Dom Adriano seja visto como um “santo moderno”, termo entendido aqui como um pastor, um mártir, um homem que cumpriu a sua missão evangélica. Como interpreta a Senhora Inês quando perguntada de onde vinha o apego do bispo aos mais necessitados.

Isso é uma coisa que ele tinha de Deus. Uma missão que Deus lhe deu. Deus dá missões às pessoas, mas tem muita gente que não as cumprem. Deus dá a missão. Muita gente fala que não tem missão alguma, mas Deus lhe dá. Ele como bispo cumpriu sua missão aqui na Terra.<sup>92</sup>

Em sua dissertação de mestrado, Sonia Ambrozino da Silva revela que “passados mais de dez anos de sua morte, D. Adriano continua sendo lembrado como “presença profética na história da Igreja no Brasil.”<sup>93</sup> Essa lembrança deve-se ao trabalho pastoral de Dom Adriano dedicado à luta contra a desigualdade social, contra a miséria e contra as injustiças sociais tão alarmantes na Baixada Fluminense.

De acordo com Sônia Ambrozino:

A formação sociopolítica da Diocese só ganha relevância a partir da atuação de D. Adriano Hypólito, como vimos no capítulo II. Nos anos de ditadura, ele foi um forte defensor dos

<sup>90</sup> PAIVA, Andréa Lúcia da Silva de. Os Fios do Trançado: um estudo antropológico sobre práticas e representações na Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos no Rio de Janeiro. Tese de Doutorado submetida ao Programa de Pós-Graduação em Sociologia e Antropologia do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais da Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ, junho de 2009.

<sup>91</sup> Anexo 5: entrevista concedida por Percival Tavares.

<sup>92</sup> Anexo 6: entrevista concedida pela ministra da eucaristia Inês Campos da Silva.

<sup>93</sup> SILVA, Sônia Ambrozino da. Diocese de Nova Iguaçu: uma análise dos efeitos da formação sociopolítica na vida e no engajamento político de seus agentes. Dissertação de Mestrado, UFF, 2007, p 20.

direitos humanos. Naquela época, através da Comissão de Justiça e Paz, lutava para defender os direitos, principalmente daqueles mais pobres e denunciar o Esquadrão da Morte com seu “mão branca”, que era o nome que se dava a todos aqueles que matavam os chamados perigosos. Mais tarde, em 06 de outubro de 1993, a Diocese criou o Centro Diocesano de Direitos Humanos (...). Finalmente, em 12 de fevereiro de 1978, foi criada a Comissão de Justiça e Paz, que tinha como finalidade defender os Direitos Humanos do povo da Baixada Fluminense. Esta Comissão trabalhou muito na defesa dos direitos dos mais pobres, em relação a conflitos de terra, problemas relacionados à habitação etc. Para dar continuidade a este mesmo trabalho, foi criado, então, o Centro de Direitos Humanos, que a partir daí absorveu e continuou o magnífico trabalho da Comissão de Justiça e Paz. D. Adriano participou ativamente dos processos produzidos na Baixada Fluminense naquela época, principalmente com o advento da Teologia da Libertação, a criação e intensificação das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), entre outros movimentos de resistência às situações de ditadura e marginalização das minorias e dos desfavorecidos.<sup>94</sup>

A interdependência entre o religioso e o político é um fenômeno que deve ser interpretado, porque é a partir dele que se consegue dimensionar o trabalho pastoral de Dom Adriano e, ao mesmo tempo, diferenciar o posicionamento do bispo em relação ao de outros religiosos.

O professor Percival Tavares levanta algumas questões importantes em entrevista. Ele reconhece o trabalho realizado por Dom Adriano em Nova Iguaçu, bem como acentua que hoje o episcopado está menos envolvido com as questões políticas. Todavia, percebe-se – na concepção de Percival Tavares – que no contexto de “Igreja instituição” e “Igreja povo” uma reticência deve ser feita: o bispo mesmo tendo um discurso preferencial em prol dos pobres aparece como um intelectual da Igreja enquanto instituição/hierarquia. Observemos a fala do professor Percival:

Dom Adriano se colocava como pastor. Aí o negócio é complicado. Como nós vamos caracterizar uma pessoa que se coloca como pastor mas tenta trabalhar as relações na forma de fraternidade. Essa é a questão que está sendo colocada. É um nó dentro da Igreja. Somos todos irmãos, mas eu faço a opção preferencial. Acho que essa história da opção preferencial da Igreja aponta justamente isso. Tudo bem, eu tenho dez filhos, mas eu faço a opção preferencial por esse mais fraquinho, que leva bordoadas dos outros irmãos; ralha com o irmão que bate no pequeno, mas somos todos irmãos. Essa lógica acaba sendo perversa. Ao invés de apontar para demarcação de posição histórica e eu diria até classista, nivela e nos discursos isso acaba quebrando qualquer resistência mais forte de quem está com um trabalho mais engajado. (...) A Igreja no fundo, no fundo (...) as pessoas são intelectuais da Igreja; a gente tem que tomar muito cuidado quando se fala em Igreja. Temos Igreja hierarquia e Igreja Povo. Toda hora estamos falando de Igreja (...) quando se fala de apoio da Igreja estamos falando da hierarquia; e a gente quando vai falar de Igreja também fala de povo. Igreja Povo, os leigos. Acho que é bom a gente demarcar: Igreja hierarquia e Igreja do povo: leigos.<sup>95</sup>

Para o professor Percival Tavares a “opção preferencial de Medellín não é pelos pobres, é opção preferencial. Eu tenho preferência. É uma Igreja que sabe que tem que tomar uma posição ao lado dos pobres, mas que não pode deixar os outros de fora. Aí vai ter um conflito constante.”<sup>96</sup> Contudo, a pesquisa procura demonstrar que o posicionamento

<sup>94</sup> Idem.

<sup>95</sup> Anexo 5: entrevista concedida por Percival Tavares.

<sup>96</sup> Idem.



teológico de Dom Adriano – analisado a partir de sua experiência de vida, pela sua formação religiosa como franciscano e, sobretudo, pelo depoimento de leigos e religiosos que dizem que ele era um bispo que dizia ter sido convertido pelo povo – extrapola a hierarquização eclesial e redimensiona, assim, as concepções levantadas por Percival Tavares. Dom Adriano assinalava que a Igreja não podia fechar seus olhos para a realidade social, pois “Sua missão na Terra está a serviço do Homem em todas as dimensões”. No Boletim Diocesano ele escreve:

Temos de abrir os olhos para a realidade de nossa Baixada (...). Em todos os aspectos pastorais de nossa diocese podemos e devemos dar atenção a este aspecto básico que é: o grosso de nosso povo é ou tem conexão íntima com uma classe operária em formação. Na catequese e na pregação, na liturgia e nas comunidades de base, nos círculos bíblicos e nos cursilhos, nos encontros e reuniões, nos movimentos e nas associações, na ação social e na preparação para os sacramentos devemos ter sempre diante dos olhos o fato de que a maioria de nossos fiéis e de nosso povo são operários ou pessoas que nos diversos serviços públicos tanto oficiais como particulares lidam com a classe operária.<sup>97</sup>

Em diversos pronunciamentos e atitudes práticas encontramos subsídios que respondem a essa indagação. Na Conferência Episcopal de Puebla, o bispo abstém-se de seu voto por acreditar que tal documento produzido nessa conferência apresentava distorções e que a Igreja não poderia fechar-se para a realidade social à sua volta.

Antonio Lacerda<sup>98</sup> escreve que Dom Adriano, nessa conferência, apresentou duas intervenções e que ambas foram sugestões, entre outras, que o bispo apresentou por escrito.

---

<sup>97</sup> Cf. Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu n° 115, de 1º de julho de 1978.

<sup>98</sup> Meneses, Antonio Lacerda. Intervenções de Dom Adriano em Puebla, extraído de Intervenções de Dom Adriano em Puebla <http://domadrianohypolito.blogspot.com.br/2010/11/apontamentos-biograficos.html>, 18 de novembro de 2010.

1. Intervenção no dia 7 de fevereiro A respeito do tema: «Visão histórica da Evangelização na América Latina, seus grandes momentos».

a) «Puebla deve continuar Medelín e por isso deve dar toda importância ao contexto sócio-político-econômico da América Latina, no conjunto da sociedade capitalista ocidental. A sociedade latino-americana continua sendo uma sociedade dividida em opressores e oprimidos, entre uma pequena camada de elite e as grandes massas marginalizadas. Nossos povos são povos à margem do processo social. Isto cria grandes problemas e significa um tremendo desafio à ação pastoral. Nosso problema pastoral não é como anunciar o Evangelho a uma população sem religião ou a uma população secularizada, mas sim como anunciar o Evangelho a um povo pobre, marginalizado, oprimido, que apesar de tudo ainda é profundamente religioso, ainda espera e confia na ação da Igreja, ainda ama o clero, ainda crê que Deus é Pai e que todos somos irmãos. Em nome deste Povo ordeiro e bom, que confia em nós, é que devemos denunciar injustiças gritantes e revoltantes. Não a partir de qualquer ideologia, mas a partir do Evangelho onde lemos a palavra do Mestre: «Vocês todos são irmãos» (Mt 23,8).

b) O texto da Comissão 1 deve ser revisto com rigor e mais condensado. Há muito que pode faltar sem fazer falta. Quanto aos números 1 e 2: «amicus Plato sed magis arnica veritas». Basta olharmos os dez anos que medeiaram entre Medelín e Puebla, com as numerosas ditaduras militares ou paramilitares, com as falsas democracias, com as torturas, as perseguições, os exílios, os sequestros, etc; basta vermos a opressão do povo humilde e bom, para vermos como é exagerado o otimismo da visão histórica apresentado pelo texto».

2. Intervenção do dia 8 de fevereiro A respeito do tema: «Ministério hierárquico».

a) «Olhando as multidões da América Latina, — que parecem ovelhas sem pastor —, sentimos no coração a dor que Jesus sentia: «Tenho compaixão do Povo» (Mt 15,32). Resumindo nossas experiências pastorais e o que foi dito aqui tantas vezes e de tantos modos, dói-nos na carne: — o peso de nossa missão na América Latina; — a fome de Deus que o Povo sente e a esperança que põe na Igreja;  
— o vazio pastoral de grandes áreas nas cidades e nos campos;  
— a falta de vocações;

Numa das edições de “A Folha” sob o título “Novos teólogos” querem amaciar Medellín, Dom Adriano escreve: “Numa América Latina dominada por regimes dogmáticos, está querendo se impor, na Igreja, a ala do deixa-disso, disposta a amaciar a rudeza dos ensinamentos sobre justiça e igualdade.”<sup>99</sup> Dessa forma, observa-se que na concepção de Dom Adriano religião e política devem ser mediadas à luz do Evangelho. O posicionamento crítico de Dom Adriano revela, indubitavelmente, sua preocupação com o Povo independentemente de ideologia, de partido político. Nesse sentido, a categoria comunista empregada pelos seus opositores deve ser tratada à luz dos pronunciamentos e do trabalho pastoral do bispo, pois se percebe que essa denominação foi empregada para comprometer a linha de ação pastoral da diocese, funcionando como uma retaliação para vulgarizar o bispo e suas ações.

Sônia Ambrozino assinala que:

Com a chegada de Dom Adriano Mandarin Hypólito em 1966, a Diocese se vê fortemente influenciada pelo Concílio Vaticano II (1962-1965) e, logo após, pelos Concílios de Medellín em 1968 e o de Puebla em 1979, onde a Igreja Católica faz uma “opção preferencial pelos pobres”. No auge da Teologia da Libertação e do crescimento das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), a Diocese de Nova Iguaçu desenvolve uma formação sociopolítica que tenta articular fé e vida, fé e política. É uma formação voltada para a reivindicação dos direitos sociais à moradia, transportes, saneamento básico etc. A palavra que circula é conscientização, pois se tem uma idéia de que um agente social formado e consciente poderá lutar por seus direitos e por sua coletividade.<sup>100</sup>

Encontramos, assim, elementos que sustentam a hipótese da pesquisa onde a designação de Dom Adriano como “bispo comunista” deve ser contextualizada, até porque em sua concepção teológica, para além de uma mediação socioanalítica, o foco central é o homem oprimido; e, nessa concepção, fé e política devem ser dimensionadas por meio do Evangelho, ou seja, buscar um caminho para acabar com a opressão por meio da palavra de Deus, que deve

---

— o número pequeno de padres, apesar da ajuda externa;

— a ignorância religiosa das massas;

— o proselitismo conquistador de grupos cristãos ou não cristãos que ocupam áreas vazias e, mal ou bem, saciam a fome religiosa do Povo;

— o cansaço que esta situação causa em muitos de nós.

b) Está em jogo a Evangelização da América Latina hoje e amanhã. Com a tranquilidade da Fé, o otimismo da Esperança e a largueza do Amor não adiaremos abertura para o impasse? Nos seus «Subsídios para Puebla» (nº 98) a Conferência dos Bispos do Brasil, sensível ao problema, diz textualmente: «Considerando a carência de presbíteros e a necessidade espiritual das pequenas comunidades, examine-se a possibilidade de ordenação presbiteral de homens casados, que se recomendam por sua vida cristã e liderança apostólica na sua própria comunidade». c) Minha proposta: esta Conferência peça ao S. Padre a ordenação também de homens casados - viri probati - que dão testemunho de vida cristã profissional e familiar, que tenham boa formação catequética, que são capazes de doação, que estão engajados no serviço da comunidade eclesial. Trata-se de criar uma nova forma que se ajunta, enriquecendo, ao sacerdócio atual da Igreja. Sensível ao sofrimento e aos problemas da América Latina, o S. Padre acolherá o nosso pedido de pastores que só procuram a glória do Pai e o bem dos irmãos».

<sup>99</sup> “A Folha”, Ano 6º, nº 324, de 30 de julho de 1978.

<sup>100</sup> AMBROZINO, Sônia, op. cit.

servir de instrumento no processo de conscientização do laicato. Esses preceitos aparecem inscritos nas mediações inscritas na linha teológica da Teologia da Libertação conforme escritos de Leonardo Boff <sup>101</sup>, onde assinala que a Teologia da Libertação atua em três mediações a) a mediação socioanalítica que olha para o lado do mundo do oprimido; b) a mediação hermenêutica que olha para o lado do mundo de Deus, procurando ver qual é o plano divino em relação ao pobre e c) a mediação prática que, por sua vez, olha para o lado da ação e tenta descobrir as linhas operativas para superar a opressão de acordo com o plano de Deus. Destarte, fica visível que nessa concepção a interdependência entre religião e política, fé e vida são interdependências que se estiverem isoladas não contribuem para que o reino de Deus seja edificado aqui na Terra.

---

<sup>101</sup> BOFF, C. e BOFF, L. Como Fazer Teologia da Libertação. Petrópolis: Vozes, 2001

### 3 O PROJETO PASTORAL DE DOM ADRIANO HYPÓLITO

Compreende-se que a Teologia da Libertação atuou como uma força para a mobilização política e social dentro da Igreja Católica e, decerto, promoveu mudanças no trabalho pastoral realizado em algumas dioceses no Brasil. A Diocese de Nova Iguaçu encontra-se inserida dentro desse contexto em decorrência do trabalho pastoral desenvolvido por Dom Adriano Hypólito.

À medida que a Igreja Católica na América Latina e, sobretudo, no Brasil coloca em prática os ensinamentos do Concílio Vaticano II e das posteriores Conferências Episcopais, sobretudo de Medellín, ocorrem divisões no interior da própria Igreja. É importante ressaltar que no Concílio Vaticano II, – que foi o XXIV Concílio Ecumênico da Igreja Católica – convocado no dia [25 de dezembro](#) de [1961](#), através da [bula papal "Humanae salutis"](#), pelo [Papa João XXIII](#), que o inaugurou no dia [11 de outubro](#) de [1962](#), realizado em quatro sessões, terminando somente no dia [8 de dezembro](#) de [1965](#), já sob o papado de Paulo VI, a Igreja promove a atualização da prática e doutrina cristãs. O concílio torna patente a *Constituição Pastoral Gaudium et Spes* – cuja tradução é alegria e esperança – que retrata alguns aspectos da vida econômica e social e escreve que o desenvolvimento econômico deve estar a serviço do homem para atender as suas necessidades materiais. O Concílio Vaticano II demonstra a preocupação da Igreja em relação aos oprimidos, sobretudo aqueles oriundos dos países do Terceiro Mundo, servindo de instrumento para dois importantes encontros episcopais latino-americanos<sup>102</sup>: a Conferência Episcopal dos Bispos Latino-americanos reunidos em Medellín (1968) onde é apresentada a tese de que não se pode evangelizar num contexto social de miséria e a Terceira Conferência dos Bispos Latino-americanos, em Puebla (1979), onde se reascende a discussão suscitada em Medellín: a questão da justiça social; enquanto, por outro lado, afirma-se não ser possível ver *Jesus* como um político ou revolucionário. Decerto, é o prenúncio da reação da Igreja por achar que o pensamento marxista estava infiltrado dentro da própria Igreja, sobretudo pela Teologia da Libertação.

---

<sup>102</sup> É importante analisar os discursos produzidos nas Conferências Episcopais de Medellín (1968) e Puebla (1979), onde se refletem as questões da pobreza e miséria na América Latina e o recrudescimento de um discurso “à esquerda” que emerge no interior da Igreja ao longo dessas conferências: a *Teologia da Libertação*, cuja essência é vista e rechaçada pela Igreja – sobretudo no pontificado de João Paulo II – como inspiração marxista-leninista.

A partir desse ponto de vista conceitua-se, aqui, a Igreja como um grupo distinto de hierarquias e de fiéis. Não obstante, o papel desempenhado por Dom Adriano Hypólito é relevante para o desenvolvimento da pesquisa, porque ele é identificado como “um líder não conservador preocupado com as questões sociais da Baixada Fluminense e defensor da participação dos leigos no trabalho pastoral”. Dessa forma, procura-se na seção 3.1 analisar o pensamento e o trabalho pastoral desenvolvido por Dom Adriano para compreender o que ele entendia pelas categorias que emergem em seu discurso; detectar suas posições referentes ao Marxismo e à Teologia da Libertação para responder às denúncias de que ele era um bispo marxista e inferir qual é o limite de ação da Igreja na Diocese de Nova Iguaçu a partir de sua concepção teológica. Na seção 3.2 pretende-se extrair de estudos acadêmicos realizados sobre Nova Iguaçu e sobre Dom Adriano e dos pronunciamentos do próprio bispo para compreender o trabalho pastoral engendrado nessa diocese.

### **3.1 O pensamento teológico de Dom Adriano Hypólito: trabalho pastoral e concepções políticas do bispo de Nova Iguaçu**

Michael Löwy na obra “Marxismo e Teologia da Libertação”<sup>103</sup> põe em relevo por que a Teologia da Libertação despertou tanta preocupação por parte do Vaticano e, até mesmo, do Pentágono. Löwy afirma que tais questões estavam bem além do debate ideológico ou teológico. Tratava-se de um desafio de poder, tanto social quanto clerical. Nessa obra, Michael Löwy estuda a religião a partir da perspectiva marxista, visualizando-a como realidade social e histórica: “O cristianismo não é tratado mais como em Feuerbach, como uma “essência” fora do tempo, mas como uma forma cultural sujeita a transformações”.<sup>104</sup> Nesse contexto, várias referências apontam a Teologia da Libertação como um fenômeno religioso que reflete as questões sociais, promovendo mudanças e transformações no pensamento de membros da própria Igreja Católica, perturbando o campo político-cultural, redefinindo não apenas um novo olhar sobre a teologia tradicional, mas também sobre a prática do trabalho pastoral. Esses estudos, no que tangerem as mediações entre religião e política, acentuam o papel da Teologia da

---

<sup>103</sup>LÖWY, Michael. *Marxismo e Teologia da Libertação*. São Paulo: Cortez / Autores Associados, 1991.

<sup>104</sup> Idem, p.12.

Libertação como teoria e prática política desenvolvida por padres e bispos não conservadores na América Latina que no âmbito da Ditadura Civil-Militar promoveu intensos debates e divisões no interior da própria Igreja.

Ver em tudo isso simplesmente uma astúcia da Igreja, uma “manobra populista” para manter o controle das massas ou uma tática hábil para fazer face ao comunismo – como o fazem alguns marxistas um pouco apressados – é passar ao lado do essencial e não compreender nada, nem as motivações subjetivas, nem a significação objetiva do fenômeno. Não é uma astúcia, mas uma profunda mudança de curso espiritual, uma autêntica conversão moral e política à causa dos pobres.<sup>105</sup>

Esses estudos contribuem para melhor análise teórica das proposições pretendidas nessa pesquisa. Luigi Bodin<sup>106</sup> acentua que a opção política marxista e socialista é compatível com a opção cristã, porque toda realidade histórica é compatível com o Cristianismo. Bodin enxerga a Teologia da Libertação como uma teologia política. Scott Mainwaring<sup>107</sup> aborda o papel da Igreja e sua relação com os movimentos sociais, destacando um capítulo para retratar a Igreja e o movimento popular de Nova Iguaçu (1974-1985), onde afirma questões relevantes: a prática religiosa se converge em prática política, à medida que recebe o apoio de Dom Adriano Hypólito à gestação do MAB e a conscientização política dos líderes e membros das pastorais sociais auferidas no âmbito da Igreja local. Ressalta, também, o papel da Igreja num período de transição política, onde assinala os conflitos no âmbito da própria Igreja e as ações do Vaticano contra os teólogos da libertação e bispos progressistas, principalmente após a nomeação do conservador Alfonso Lopes Trujillo, em 1972, como secretário geral do CELAM.

Esses enfoques servem-nos de base para ratificar o que a pesquisa propõe: a dimensão teológica inscrita nas Conferências Episcopais que ocorreram na América Latina contribuirá para que dioceses progressistas realizem trabalhos de conscientização política às suas pastorais, cujos desdobramentos serão visíveis no engajamento político dos cristãos dessas dioceses em sindicatos, partidos políticos, movimentos sociais de bairro, que passam a reivindicar justiça, direitos sociais, políticos e econômicos cerceados pelo governo.

O que evidencia a ligação de Dom Adriano Hypólito com essas questões são, por exemplo, os seus pronunciamentos sobre a Teologia da Libertação, suas intervenções na Conferência Episcopal de Puebla e seu pronunciamento em defesa de Leonardo Boff quando foi condenado ao silêncio obsequioso.

---

<sup>105</sup> Idem, p.98.

<sup>106</sup> BODIN, Luigi. “O Marxismo e a Teologia da Libertação”. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987, p. 158.

<sup>107</sup> MAINWARING, Scott. A Igreja Católica e a política no Brasil: (1916-1985), São Paulo: Editora Brasiliense, 1989.

Na seção anterior (capítulo 2) já mencionamos as intervenções de Dom Adriano em Puebla. Dom Adriano em inúmeras declarações em “A Folha” se posiciona abertamente sobre sua preferência pelos pobres e torna patente seu posicionamento político. Por exemplo, numa das edições desse periódico – sob o título “Novos teólogos” querem amaciar Medellín – quando perguntado pela “A Folha” se a Igreja havia se politizado, ele responde:

Não me parece. A Igreja, a partir de uma reflexão mais séria sobre si mesma, sobre sua missão, sobre sua atuação no mundo de hoje, convenceu-se de que está a serviço do plano de amor de Deus, um plano que atinge todas as dimensões da pessoa humana, da comunidade, do mundo. (...) na consciência clara de nossa vocação, anunciamos a força libertadora do Evangelho; quando dos princípios belíssimos de amor, de justiça, de verdade, etc., descemos para os casos concretos de violação, destes valores. A isto chamam atividade política, exorbitar de atribuições, politização, camuflagem, subversão, etc. Apesar de todas estas incompreensões, a Igreja fica fiel à sua missão salvífica.<sup>108</sup>

Através dos discursos proferidos por Dom Adriano fica evidente o seu posicionamento em relação à esfera política e social. Ele reconhece a degradação dos valores humanos que atinge os menos favorecidos. No bojo desse discurso há evidências da ligação entre o aspecto religioso e político. Ambos aparecem de forma interdependente. É possível, assim, visualizar as críticas que o bispo tece sobre a realidade social da Baixada Fluminense. Decerto, Dom Adriano não se calava diante de tamanha violência, mesmo após os episódios que atingiram diretamente sua diocese, como as pichações na Catedral e igrejas, ameaças aos leigos, padres e, sobretudo, ao próprio bispo, que fora sequestrado. José Cláudio Souza Alves abordando a realidade da Baixada Fluminense assinala: “a violência surge aqui como toda e qualquer forma de violação dos direitos humanos, entendidos como o conjunto dos direitos políticos, civis, econômicos, sociais e culturais”.<sup>109</sup> Segundo este autor o próprio governador do Estado do Rio de Janeiro Faria Lima (1974-1979) asseguraria a Dom Adriano que iria apurar até as últimas consequências tudo o que se relacionasse com o aparecimento de cadáveres na Baixada Fluminense.<sup>110</sup>

Dom Adriano procura mostrar que a Igreja não deve fechar seus olhos para a realidade social. Sua missão na Terra está a serviço do Homem em todas as dimensões. No Boletim Diocesano ele escreve:

Temos de abrir os olhos para a realidade de nossa Baixada (...). É uma questão de <<justiça>> e de <<caridade pastorais>> nós nos preocupamos com esta multidão imensa de <<operários>> de espírito rural que são o maior contingente humano da Baixada Fluminense, suas famílias,

<sup>108</sup> “A Folha”, Ano 6º, nº 324, de 30 de julho de 1978.

<sup>109</sup> ALVES, José Cláudio Souza, op. cit., pp. 10-20.

<sup>110</sup> Idem, p.137

suas necessidades e problemas, suas frustrações e traumas, seus anseios e esperanças. Aí temos a pista, daí tiramos sugestões para o nosso trabalho pastoral. Em todos os aspectos pastorais de nossa diocese podemos e devemos dar atenção a este aspecto básico que é: o grosso de nosso povo é ou tem conexão íntima com uma classe operária em formação. Na catequese e na pregação, na liturgia e nas comunidades de base, nos círculos bíblicos e nos cursilhos, nos encontros e reuniões, nos movimentos e nas associações, na ação social e na preparação para os sacramentos devemos ter sempre diante dos olhos o fato de que a maioria de nossos fiéis e de nosso povo são operários ou pessoas que nos diversos serviços públicos tanto oficiais como particulares lidam com a classe operária. Esta consideração deve orientar e dar formas mais concretas à nossa palavra e à nossa atitude pastoral. A opção pela pastoral operária, como uma das prioridades de nossa diocese tem sentido (...) porque responde ao desafio concreto da Baixada Fluminense.<sup>111</sup>

Observa-se que Dom Adriano reconhece a necessidade de conceder apoio à maioria dos habitantes de uma região tão carente e sofrida, formada primordialmente por operários, pessoas humildes e carentes. Nota-se que ele faz críticas e declara sua opinião no âmbito da Ditadura Militar, um período em que manifestações operárias eram proibidas e coibidas pelo regime. Todavia, ele não se intimidava. Em “A Folha”, ele assinala:

Numa área metropolitana como é a Baixada Fluminense se concentram os mais diversos tipos de monstruosidades sociais. Quase todas as camadas da população vivem sujeitas a um regime de exploração escandaloso. Será que não se pode fazer nada? Será que tudo isto é fatal. Na força da Fé e do Evangelho, os cristãos engajados e conscientes respondem que nada disto é fatal e que muita coisa pode ser feita, se quisermos.<sup>112</sup>

A dimensão da categoria “libertação” na concepção de Dom Adriano não está dissociada da concepção do Evangelho e tem como alicerce os princípios defendidos no Concílio Vaticano II. É através de seus discursos que conseguimos mensurar o sentido que este bispo exprime o ideal de libertação e que esta depende da conquista de direitos e autonomia do próprio povo: missão profética e realidade concreta são dimensões indissociáveis na concepção do bispo. Detecta-se, assim, que é por isso que o seu trabalho pastoral está alicerçado à conscientização dos leigos como cidadãos, cristãos e membros da Igreja, e, por isso, a Igreja não pode fechar seus olhos aos problemas existenciais do Homem.

Em “A Folha” ele escreve:

Um primeiro exemplo de como se empobreceu a imagem da Igreja está em identificar Igreja e Clero, como se somente Papa, bispos e padres fossem a Igreja e carregassem sozinhos o peso da Pastoral. A culpa foi de todos nós, clero e povo. Em sua parte mais profunda e essencial a Igreja era o Clero; os leigos eram o objeto da solicitude paternal do clero, sem responsabilidades próprias. Uma Igreja clerical em que somente os clérigos decidiam e mandavam com autoridade inapelável. Felizmente os últimos decênios, sobretudo a partir do Vaticano II, viram uma revalorização do povo de Deus como todo e por isso mesmo uma insistência enorme em que os leigos, na força do seu batismo, participem com mais eficácia na

<sup>111</sup> Cf. Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu n° 115, de 1° de julho de 1978.

<sup>112</sup> Cf. “A Folha” n° 189, Ano 4°, de 04 de janeiro de 1976.



vida da Igreja e na Pastoral. Compreendemos melhor que todos e cada um dos cristãos devem levar à sua família, ao seu trabalho, à sua profissão a dimensão libertadora de Jesus Cristo e do evangelho. É neste sentido que podemos esperar uma “conversão” do mundo e das diversas comunidades. Do Evangelho partem grandes impulsos que podem, na força da graça de Jesus Cristo, modificar para melhor os diversos aspectos da comunidade humana (...). Reduzir a ação da Igreja, isto é: a Pastoral apenas ao chamado espiritual, é desconhecer a força fermentadora do evangelho para todos os setores da vida social. Segundo aquela opinião, a Igreja deveria ocupar-se das “almas” e do que diz respeito às “almas”. “Salvar almas” seria a fórmula típica desta mentalidade, embora de fato a Igreja nunca tenha traído nos melhores de seus filhos e de suas instituições a fidelidade à sua preocupação pelo homem total. Como poderemos preocupar-nos de “almas”, se estas “almas” estão ligadas essencialmente aos corpos e vivem solicitadas por mil desafios existenciais? Como poderemos esquecer a sorte terrena de irmãos nossos que merecem o sacrifício do próprio Filho de Deus? Podemos certamente e distinguir aspectos espirituais, aspectos materiais, aspectos mistos nas coisas humanas, mas um distinguir que não deve ser um separar radical e muito menos um privar a Igreja de sua responsabilidade salvadora em relação à pessoa humana total. Morre uma pessoa querida: esta morte é um desafio à nossa fé. Mas a fé se vê desafiada também quando o salário de fome não permite à pessoa enfrentar seus deveres para consigo mesma e para com os seus. O que está em todos os problemas humanos está em jogo é antes de tudo a própria dignidade do homem, como imagem e semelhança de Deus. Por isso mesmo, tudo o que é humano é espiritual. Mais: tem qualquer coisa de divino. Como é então que a Igreja se deveria ocupar exclusivamente com as “almas”? De passagem é bom lembrar que na Bíblia Sagrada “alma” tem o sentido de pessoa humana, a pessoa total em todos os seus aspectos.<sup>113</sup>

Os argumentos de Dom Adriano nessa passagem estão em consonância com o Vaticano II, concílio este que promoveu mudanças na concepção teológica da Igreja Católica na América Latina, despertando e colocando o povo na dianteira do projeto evangelizador, cujo objetivo, para este fim, é a libertação e conversão da comunidade e a busca da dignidade do homem. Nota-se que tal discurso é integrador porque abarca toda a humanidade no projeto salvífico. Todavia o “Povo” aparece como herdeiro desse projeto uma vez que é este que se encontra na dimensão libertadora pregada por Cristo. Em vários pronunciamentos Dom Adriano deixa isso claro.

Em alguns documentos observa-se que o bispo torna patente a dimensão libertadora inscrita na Conferência Episcopal de Medellín: “a libertação de que fala o documento de Medellín e de que falamos nós só pode ser entendida com justiça quando a consideramos à luz da fé”<sup>114</sup>. Observa-se que a concepção religiosa e política aparecem interligadas. Na passagem acima, fica evidente que para Dom Adriano Hypólito a Igreja não deve se calar diante da falta de dignidade humana. Cabe a ela (Igreja) ajudar o homem nesse processo de autovalorização e a Teologia da Libertação tem um papel importante em seu trabalho pastoral.

Através dos discursos proferidos por Dom Adriano também é possível comprovar que ele não se calou em relação ao “caso Boff”, que foi um dos principais percussores da Teologia

<sup>113</sup> Cf. “A Folha” n° 322, Ano 6°, de 16 de julho de 1978.

<sup>114</sup> Cf. “Boletim Diocesano”, n° 116, de 1° de agosto de 1978.

da Libertação no Brasil. Dom Adriano polidamente discordou do posicionamento da Igreja Católica Romana:

A medida da Sagrada congregação para a defesa da Fé foi aprovada pelo Papa João Paulo II. Não podemos discutir, em princípio, a autoridade pessoal do Santo Padre e a autoridade delegada de qualquer Congregação Romana (ou ministérios da Santa Sé). Com respeito profundo que nos merece a medida de Roma, tomada com certeza na melhor das intenções, podemos e, por uma questão de coerência, devemos discordar da oportunidade e da atualidade de tais punições. (...) muita gente que nunca ouvira falar de Boff nem de Teologia da Libertação, interessou-se em conhecer um e outra; muita gente viu-se forçada a aprofundar seu conhecimento da Teologia da Libertação (o que é uma grande vantagem, no interesse Pastoral). Mas é certo também que uma medida em si pouco pedagógica (nos tempos modernos) despertou em muitos grupos fora da Igreja a suspeita de que nossa Igreja continua a mesma: intolerante, repressiva, oportunista, auto-suficiente, dona absoluta não só da verdade, mas dos métodos de impor a verdade. Não podemos aceitar esse tipo acusação, mas não podemos estranhar esse tipo de interpretação quando acontece o que aconteceu a Leonardo Boff.<sup>115</sup>

Os esclarecimentos de Dom Adriano em relação a Leonardo Boff registram sua obediência à Santa Sé, uma vez que pertence a alta hierarquia da Igreja; suas críticas são polidas e bastante reflexivas. Entretanto, seus discursos registram a opção clara pelos pobres, numa linguagem simples, extraída do Evangelho, que funciona como um mecanismo que não pode ser ocultado diante das mazelas do sistema capitalista nem mesmo da atenção do Vaticano que combateu arduamente uma teologia que – de acordo com a Conferência Episcopal de Medellín – buscava claramente “a opção pelos pobres”.

No bojo dos discursos do bispo – quando defende que a Igreja não deve se ocupar apenas com o lado espiritual e na defesa de Boff – encontramos elementos que evidenciam que religião e política tornam-se interdependentes e o resultado desse processo se inscreve numa *ethicam humanae dignitatem*, que dimensiona o homem em todos os seus aspectos: espiritual, cultural e material.

Decerto, o posicionamento crítico de Dom Adriano Hypólito gerou divergências. O bispo foi enquadrado de marxista e criticado dentro da própria Igreja Católica, sobretudo pela ala direitista no âmbito da Ditadura Civil-Militar. Em “A Folha”, respondendo uma pergunta se haveria inconvenientes tratar da importância do socialismo como ideologia e sistema político o bispo responde:

Não há inconveniente nenhum. Um jornal, como o nosso, que quer orientar e formar, partindo do evangelho e da doutrina da Igreja, que fala em primeiro lugar para cristãos ansiosos da verdade, que não está comprometido com qualquer ideologia senão somente com a mensagem de Jesus Cristo (...) um jornal como “A Folha” deverá tratar de todos os assuntos que interessam os leitores. (...) Quanto ao Socialismo, é inegável que sempre teve grande importância e mais ainda hoje em dia quando, na teoria e na prática, sem dúvida nenhuma a alternativa para o Capitalismo. (...). Para nós o tema Socialismo, como qualquer outro tema, pode e deve ser

<sup>115</sup> Escritos de Fé e Política (Reunião de textos de dom Adriano Hypólito). Mitra de Nova Iguaçu/Arquivo Diocesano, 1985. Extraído de OLIVEIRA. Antônio da Conceição. Dom Adriano Hypólito: uma história de perseverança e coragem, s/data, p. 114.

tratado. Podemos tentar um confronto entre as duas chamadas opções do mundo moderno – Capitalismo e Socialismo. E, esperamos, com objetividade porque estamos convictos – lição da filosofia e da história – que não há perfeição absoluta nas coisas humanas nem sistema político que definitivamente resolva os problemas existenciais.<sup>116</sup>

É possível, assim, observar que o bispo não defende nem a proposta Capitalista nem a Socialista. À luz da concepção filosófica e histórica compreende que ambos os sistemas não conseguiram resolver as injustiças sociais. Em outra passagem cita estudiosos como o economista e político sueco Gunnar Myrdal e o Padre Le Bret, sociólogo francês, que diagnosticaram as condições de vida do Terceiro Mundo advertindo os países desenvolvidos e as classes dominantes para as suas responsabilidades sociais. Dom Adriano assim escreve:

Nem sempre são ouvidas estas vozes sensatas. Muitas vezes são abafadas pelos gritos apaixonados de que são subversivos, eles que desmascaram as tremendas injustiças sociais precisamente porque amam a humanidade procuram realizar um pouco da fraternidade cristã. Contra toda a evidência ainda há muita gente, também no Brasil, que se aferram ao estabelecimento e fecham os olhos, os ouvidos, a cabeça, o coração, ao sofrimento do povo, que se fixam mais e mais nos seus escandalosos privilégios. E daí lançarem mão de um argumento mesquinho: acusam de subversão e de comunismo qualquer tentativa de correção do sistema. São os coveiros do sistema.<sup>117</sup>

De certa forma, pode-se observar que Dom Adriano tece críticas aos seus críticos. Fica evidente também que em sua concepção não pode haver subversão na luta contra a fome, a miséria e a pobreza. Sua defesa não consiste na proteção das visões de mundo seja capitalista ou socialista. Sua luta está bem demarcada: resolver os problemas humanos, combater as injustiças sociais. Ele tece críticas também ao Comunismo russo quando escreve que:

O Comunismo conquistou a Europa Central, além dos países bálticos, da Polônia, Bulgária e Romênia. Está hoje na Alemanha Oriental, na Hungria, na Tcheco-Eslováquia. E no mundo tem sido grandes os avanços do comunismo, embora nem sempre de marca russa (...) O Liberalismo exaltou tanto a pessoa humana que esvaziou de valor a comunidade. Contra esse exagero e essa radicalização o Socialismo exagerou e radicalizou os valores sociais e comunitários.

Observa-se que no discurso do bispo o Comunismo russo é rechaçado pela sua extrema radicalização, violência, ditadura; por outro lado, o Liberalismo, em sua concepção, promoveu o individualismo da humanidade; e nesse sistema residem as mazelas da exploração humana e do egoísmo, que geram a pobreza e a miséria. Fica nítido que seus discursos, pautados nas concepções de justiça à luz da fé, excluem proposições que o condenam como subversivo ou comunista. Seu discurso deslegitima qualquer ideologia que exclua o ser humano de viver dignamente: é uma concepção religiosa alicerçada na defesa dos direitos humanos e do cidadão. Dom Adriano enxerga que o Socialismo ou o discurso socialista estava em marcha;

<sup>116</sup> Cf. “A Folha” n° 193, Ano 4, de 1° de fevereiro de 1976.

<sup>117</sup> Cf. “A Folha” n° 195, Ano 4, de 15 de fevereiro de 1976.

uma alternativa, no momento em que o mundo se encontrava mergulhado na pobreza e, no caso do Brasil, na extrema repressão da Ditadura Civil-Militar – basta lembrar-se dos episódios que ocorreram em Nova Iguaçu. Nos prognósticos realizados por Dom Adriano sobre a realidade social não ficam evidentes sua defesa ao Comunismo. Logo, os atos sofridos por ele em decorrência de seu trabalho pastoral realizado na Baixada Fluminense podem ser vistos como atos de repressão que criminalizam diretamente sua concepção e visão teológica.

Em entrevista concedida para a Revista Manchete em 19 de março de 1978, Dom Adriano assinala:

Há muita gente que aplaude hoje as atitudes da Igreja oficial, no Brasil, e as atitudes de muitos bispos brasileiros. Identificam a nossa posição com a oposição, simplesmente, como contestação do regime. Isto não é verdade, a não ser aparentemente. Nossa identificação é com Jesus Cristo. Nossa posição decorre do dever de cumprir a missão profética inerente à Igreja. (...) Em qualquer sistema ou regime ou forma de governo caberá à Igreja primeiro realizar sua missão profética – desmascarar os erros e apontar pistas de esperança –, segundo, lutar para não se corromper, isto é: para não se deixar seduzir ou acomodar ou amolecer por favores e privilégios. Sim, esta tentação sempre foi atual e terrível, sobretudo quando certos regimes se identificam aparentemente com a Igreja, dando-lhe a sensação de ser chegada a hora da “cidade de Deus” agostiniana já aqui neste mundo. E a melhor forma de corrupção, para jornalistas, para intelectuais, para políticos, para bispos e padres – para quaisquer grupos de pessoas que perderam de vista sua liberdade e sua consciência – está na concessão/aceitação de favores, isenções, privilégios.<sup>118</sup>

Resta-nos responder, diante desses fatos, qual é o limite de ação da Diocese de Nova Iguaçu.

Padre Agostinho Pretto, diante das perseguições dos militares – ele havia sido preso no ano de 1970 – e dificuldades para desenvolver seu trabalho junto aos trabalhadores relata que pediu apoio a Dom Eugênio Salles para organizar a Pastoral Operária a partir de sua diocese, mas este se negou veementemente. Em seguida, recorreu a Dom Adriano que lhe disse:

Que bom! Quanto tempo eu esperava que alguém viesse aqui, nessa Baixada, trabalhar com os trabalhadores. Aqui é uma realidade de migrantes. Aqui migrantes vindos da Paraíba, Pernambuco, Maranhão, de Minas, do Espírito Santo. Aqui é a grande cidade nordestina, a grande cidade daqueles que vieram de fora.<sup>119</sup>

Quando lhe perguntei em entrevista por que Dom Eugênio teve essa atitude, Padre Agostinho respondeu:

Porque Dom Eugênio é conservador e estava de acordo com os militares. Dom Eugênio via nos militares aqueles que poderiam retirar o comunismo do Brasil, das crianças que eram comidas

<sup>118</sup> Cf. “Boletim Diocesano”, n° 116 de 1° de agosto de 1978.

<sup>119</sup> Anexo 1: entrevista concedida por Padre Agostinho Pretto.

por comunistas... Dom Eugênio era uma vítima como tantos outros, sem falar de outros, como aqueles que vieram a fechar a Ação Católica como o Cardeal de Porto Alegre. (...) No ano que nasce (a Pastoral Operária), eles perceberam que aqui (Nova Iguaçu) estava o foco de grande resistência.<sup>120</sup>

O depoimento de Padre Agostinho Pretto evidencia que Dom Adriano mesmo sendo limitado pelas ações da ditadura e rechaçado por alguns religiosos dentro e fora de sua diocese, por considerarem seus atos subversivos, manteve sua postura e concepção teológica alicerçada ao Concílio Vaticano II. Nesse sentido, entende-se que a categoria “social”, na concepção do bispo, orientada a partir dos ensinamentos do Evangelho, está comprometida com a realidade social, sobretudo da Baixada Fluminense onde atua. Ele próprio assinalou numa entrevista para o jornal “O Estado de São Paulo” que:

Estou na Baixada faz já onze anos. Há muito que fazer, sem dúvida nenhuma, nesta região problemática. Mas seria uma injustiça negar que se tem feito já muita coisa. Sobretudo no campo da conscientização e da participação do laicato na missão da Igreja. O acento principal Pastoral está numa fé integrada na vida, numa vivência sacramental que deve, por assim dizer, sacramentalizar os acontecimentos com a marca libertadora de Jesus Cristo, para ser sinal eficaz da graça, do amor fraterno, da libertação etc. Daí tiramos os impulsos construtivos para os mais diversos aspectos da vida social. Temos a certeza de que, além do pecado pessoal, existe, muito mais grave e muito mais enraizado, um pecado social ou comunitário, que vicia e corrompe o homem, tornando-o incapaz da conversão.<sup>121</sup>

Essa passagem enuncia dois pontos para reflexão. O primeiro diz respeito à concepção teológica defendida pelo bispo. Ele não aprova a ideia de reduzir a ação da Igreja apenas ao chamado espiritual. A concepção de libertação do homem é abrangente; é uma libertação que deve atingi-lo em todas as suas dimensões: espiritual, cultural, comunitária, social e material. Assim ele escreve:

Reduzir a ação da Igreja, isto é: a Pastoral apenas ao chamado espiritual, é desconhecer a força fermentadora do evangelho para todos os setores da vida social. Segundo aquela opinião, a Igreja deveria ocupar-se das “almas” e do que diz respeito às “almas”. “Salvar almas” seria a fórmula típica desta mentalidade, embora de fato a Igreja nunca tenha traído nos melhores de seus filhos e de suas instituições a fidelidade à sua preocupação pelo homem total. Como poderemos preocupar-nos de “almas”, se estas “almas” estão ligadas essencialmente aos corpos e vivem solicitadas por mil desafios existenciais? Como poderemos esquecer a sorte terrena de irmãos nossos que mereceram o sacrifício do próprio Filho de Deus? Podemos certamente distinguir aspectos espirituais, aspectos materiais, aspectos mistos nas coisas humanas, mas um distinguir que não deve ser um separar radical e muito menos um privar a Igreja de sua responsabilidade salvadora em relação à pessoa humana total. Morre uma pessoa querida: esta morte é um desafio à nossa fé. Mas a fé se vê desafiada também quando o salário de fome não permite à pessoa enfrentar seus deveres para consigo mesma e para com os seus. O que em todos os problemas humanos está em jogo é antes de tudo a própria dignidade do homem, como imagem e semelhança de Deus. Por isso mesmo, tudo o que é humano é espiritual. Mais: tem qualquer coisa de divino. Como é então que a Igreja se deveria ocupar exclusivamente com as

---

<sup>120</sup> Idem.

<sup>121</sup> Jornal “O estado de São Paulo”, 30 de novembro de 1978.

“almas”? De passagem é bom lembrar que na Bíblia Sagrada “alma” tem o sentido de pessoa humana, a pessoa total em todos os seus aspectos.<sup>122</sup>

Em segundo, uma vez que essa concepção de libertação atinge todos os aspectos da pessoa humana, a Igreja não se pode fechar. Nesse sentido, categorias – como social, trabalho, libertação etc. – na concepção de Dom Adriano deve ser compreendida à luz da mensagem profética do Evangelho, porque este, “abre perspectivas de solução em todos os problemas existenciais. Fato histórico, a Ressurreição de Jesus Cristo se projeta em todas as situações da vida do homem e da comunidade”.<sup>123</sup>

Compreende-se a defesa feita por Dom Adriano ao Papa Paulo VI e ao Concílio quando perguntado pela “A Folha” sobre seu posicionamento a respeito das acusações feitas ao Papa Paulo VI que fora taxado de heresia e recebera declarações de deposição, uma vez que teria se afastado da tradição no âmbito do Concílio Vaticano II. Dom Adriano então responde:

Tudo isto aconteceu. E magoou profundamente a Igreja, não apenas o Papa Paulo VI. Como admitir que o Papa com todo o episcopado do mundo inteiro (com raríssimas exceções) e com o povo de Deus, espalhado em todos os países, se possa afastar da unidade eclesial? No Vaticano II estávamos nós bispos sob Pedro, realizávamos conscientemente a unidade visível da fé, da esperança, do amor da Igreja (...). Toda a tradição da Igreja tem no Papa a garantia de fidelidade a Jesus Cristo e de adaptação à situação concreta da humanidade. Temos certeza de que Paulo VI, nos seus 15 anos de Pontífice, nunca se afastou da Tradição viva da Igreja. Foi sempre fiel. De uma fidelidade total.<sup>124</sup>

Dito isto, não resta dúvida de que o trabalho pastoral de Dom Adriano, alicerçado ao Concílio vaticano II, buscava realizar um trabalho que respondesse aos anseios da população sofrida de Nova Iguaçu e da Baixada Fluminense.

Salvador Marcelino em entrevista disse que Dom Adriano dizia que “só o povo organizado é capaz de criar o novo e se libertar do egoísmo”.<sup>125</sup> Salvador assinala ainda que foi a Pastoral Operária de Nova Iguaçu quem trouxe o Encontro Nacional dos Trabalhadores em Oposição à Estrutura Sindical – ENTOES – para ser sediado em Nova Iguaçu; evento que ocorreu entre os dias 13 e 14 de setembro de 1980 e que Dom Adriano foi quem abriu a reunião

<sup>122</sup> Cf. “A Folha”, Ano 6, n.º322, de 16 de julho de 1978.

<sup>123</sup> Cf. “A Folha”, Ano 4, n.º204, de 18 de abril de 1976.

<sup>124</sup> Cf. “A Folha”, Ano 6, n.º343, de 10 de dezembro de 1978.

<sup>125</sup> Anexo 3: entrevista Salvador Marcelino.

dando total apoio ao evento que ocorreu no Centro de Formação, em Moquetá. Sua postura à frente da Diocese de Nova Iguaçu demonstra como Scott Mainwaring escreve, “opção consciente de estimular a autonomia dos movimentos populares” e que “Incentivando grande número de pessoas a refletirem mais criticamente sobre política, as CEB’s ajudaram a despertar o desejo de participar politicamente.”<sup>126</sup>

No Boletim Diocesano o bispo escreve:

É uma questão de ‘justiça’ e ‘caridade pastorais’ nós nos preocupamos com esta multidão imensa de ‘operários’ de espírito rural que são o maior contingente humano da Baixada Fluminense, suas famílias, suas necessidades e problemas, suas frustrações e traumas, seus anseios e esperanças. Aí temos a pista, daí tiramos sugestões para o nosso trabalho pastoral.<sup>127</sup>

O posicionamento de Dom Adriano e seu apoio direto às causas sociais, sobretudo na valorização do trabalhador, revelando a fragilidade da classe operária da Baixada Fluminense e do Brasil revela aquilo que Dom Cláudio Hummes pronunciou na Primeira Assembleia Nacional da Pastoral Operária, ocorrida em 1982:

A Pastoral Operária é uma das melhores coisas que está acontecendo na Igreja do Brasil. Digo sempre que não foi a classe operária que se afastou da Igreja. A Igreja é que não soube reconhecer que a luta dos operários faz parte da luta de Jesus Cristo. Hoje a Igreja se reencontra com a classe operária como força de animação.<sup>128</sup>

Assim, encontramos subsídios que apresentam a força religiosa como fator de explicação política. Dito de outra forma, as relações entre o religioso e o político, na concepção de Dom Adriano, têm reflexo significativo nas ações desempenhadas pelas pastorais de sua diocese. No Boletim Diocesano fica patente o papel pedagógico assumido pelo bispo de Nova Iguaçu em conscientizar politicamente seus leigos. Ele ensina:

O povo deve assumir conscientemente seus direitos e deveres. Deve participar no processo social. Acho que nenhuma instituição atualmente tem mais chance de fazer este trabalho de conscientização do que a Igreja, já porque a Igreja é a instituição mais ligada com as bases. Para a Igreja trata-se de um trabalho educativo de primeira ordem. Mas sempre com a preocupação de não manipular, de não dominar, de não forçar, mas de servir, de cooperar para a autonomia e a liberdade. Claro que a conscientização leva à contestação, à pressão, à participação eficiente. Daí as áreas de atrito com os grupos do poder. Em Nova Iguaçu e em qualquer parte onde a Igreja assumiu o seu papel de educadora e formadora.<sup>129</sup>

<sup>126</sup> KRISCHKE, Paulo & MAINWARING, Scott (Orgs.). A Igreja nas bases em tempo de transição (1974-1985). Porto Alegre: L&PM: CEDEC, 1986, p.85.

<sup>127</sup> Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, nº 115, de 01 de julho de 1978.

<sup>128</sup> Pastoral Operária: 10 anos a serviço da classe operária. CPO Nacional, Duque de Caxias, 1987.

<sup>129</sup> Cf. Boletim Diocesano, nº 131, de 1º de dezembro de 1979.

### 3.1.1 Estudos desenvolvidos sobre a ação da Igreja Popular e sobre o posicionamento de Dom Adriano Hypólito

No estudo organizado por Juliana Guaraná Vieira Maia, Marcelo Ernandez Monteiro e Maria Gabriela “Sociedade em Movimento: trajetórias e participação social na Baixada Fluminense”<sup>130</sup> observa-se que a Igreja “progressista” foi uma aliada dos movimentos sociais. Ali encontramos depoimentos contundentes de líderes ligados a movimentos sociais perseguidos no auge da Ditadura Civil-Militar que tiveram o apoio do bispo de Nova Iguaçu. Nesse estudo, os autores destacam a importância do papel desempenhado por Dom Adriano Hypólito na formação de leigos engajados.

Na dissertação de Mestrado sobre “A formação do PT na Baixada Fluminense”, Jefte da Mata Pinheiro Júnior<sup>131</sup> aponta, por exemplo, o Movimento Amigos do Bairro – MAB – como um espaço amplo onde se apoiaram algumas lutas da classe trabalhadora. Este movimento é visto em seu estudo como veículo de “vontades coletivas”, onde se acredita que os trabalhos pastorais desenvolvidos pelos leigos, a partir do núcleo central da Teologia da Libertação, constituiriam um corpo doutrinário ideológico capaz de engendrar uma práxis a seus militantes, aproximando-se das funções coletivas de um partido. O MAB estaria localizado entre organizações partidárias e a Igreja. Ele aponta que os documentos por ele analisado reforçam a base militante, em Nova Iguaçu, apoiada na tríade CEB’S – MAB – PT. Jefte da Mata ainda aponta através das fontes pesquisadas ligações entre as pastorais operárias e seu engajamento na construção do “novo” sindicalismo, isto é, da CUT.

Outro estudo relevante é o de Maria Doimo que aponta para a interação entre religião e política. Doimo assinala que a Pastoral Operária se dedicou durante toda a década de 1970 na luta contra a estrutura sindical imposta pelo Ministério do trabalho e que a Igreja impulsionou a

---

<sup>130</sup> MAIA, Juliana Guaraná Vieira, MONTEIRO, Marcelo Ernandez & GABRIELA, Maria. Sociedade em Movimento: trajetórias e participação social na Baixada Fluminense, Rio de Janeiro: Imprinta Express, UERJ: Secretaria de Obras, 2007.

<sup>131</sup> Cf. PINHEIRO JÚNIOR, Jefte da Mata Pinheiro Júnior. A formação do PT na Baixada Fluminense: um estudo sobre Nova Iguaçu e Duque de Caxias, 2007. Dissertação de Mestrado orientada por Virgínia Fontes, p. 140.



emancipação dos movimentos populares “conjugada com a perspectiva de criação de um partido que fosse um mero instrumento para expressar politicamente os interesses dos movimentos”.<sup>132</sup>

Marcelo Badaró Mattos<sup>133</sup> ao analisar a construção de seu objeto de estudo ‘noção de novo sindicalismo’ revela que estudos dos anos 1970<sup>134</sup> procuraram avaliar os condicionantes da legislação sindical e do contexto autoritário sobre as organizações sindicais, bem como o contraste do efeito político da atuação “novo sindicalismo” com a politização das lutas sindicais. À luz dos trabalhos de John Humphrey, Maria Hermínia Tavares de Almeida, José Álvaro Moisés Marcelo Badaró discute as relações entre a estrutura do sindicalismo no Brasil, concluindo que embora haja diferenças de ênfase, os trabalhos “destacaram como central a situação da tensão a que a estrutura sindical corporativista estava submetida a partir das condições novas de estruturação produtiva nos setores de ponta da economia, que o ABC simbolizava de forma paradigmática”.<sup>135</sup>

O trabalho de Mattos é aqui utilizado porque afirma que a dimensão política do ‘novo sindicalismo’ se insere nas prerrogativas da Igreja ‘progressista’ num dado período histórico. As obras citadas por Mattos apontam a participação da Igreja progressista na participação da construção do ‘novo sindicalismo’, que desembocaria na criação da CUT, bem como na criação do PT. Para sustentar essas proposições, Mattos assinala que o Partido dos Trabalhadores “Organizado a partir das articulações das lideranças das primeiras greves de fins dos anos 70 com setores da intelectualidade urbana; Igreja “progressista” e “novos” movimentos sociais, o PT apresentou ao longo de seus primeiros dez anos de existência um crescimento eleitoral surpreendente”.<sup>136</sup>

É importante ratificar que a adesão da Igreja “progressista” na criação do Partido dos Trabalhadores explica-se, em parte, por este partido trazer em seu bojo uma luta comum contra

---

<sup>132</sup> DOIMO, Ana Maria. Os rumos dos movimentos sociais nos caminhos da religiosidade. In: KRISCHKE, Paulo & MAINWARING, Scott (Orgs.). A Igreja nas bases do tempo de transição (1974-1985), Porto Alegre: L&PM: CEDEC, 1986, p. 122

<sup>133</sup> MATTOS, Marcelo Badaró. Novos e Velhos Sindicalismos no Rio de Janeiro (1955-1988), Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1988.

<sup>134</sup> À luz dos trabalhos de HUMPHREY, John. “As raízes e desafios do ‘novo sindicalismo’ da indústria automobilística. CEBRAP, n.26, Cebrap, 1979; ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. “O sindicalismo no Brasil: novos problemas, velhas estruturas, publicado pela Revista Debate e Crítica, SP: Hucitec, n. 6, julho de 1975; MOISÉS, José Álvaro. “As estratégias do novo sindicalismo. In: Revista de Cultura e Política, ns. 5 e 6, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1981 & ALMEIDA, Maria Hermínia Tavares de. “O sindicalismo brasileiro entre a conservação e a mudança”. In: Sociedade e Política no Brasil pós 64, 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1984.

<sup>135</sup> MATTOS, Marcelo Badaró. Novos e Velhos Sindicalismos no Rio de Janeiro (1955-1988), Op. cit, p.60.

<sup>136</sup> Idem, p.34

a exploração dos trabalhadores e os privilégios do capital sobre o trabalho ; bem como a defesa da organização sindical pelas bases naquele momento; como Eder Sader assinala: o “‘novo sindicalismo’ forneceria uma dessas matrizes (o cristianismo das comunidades eclesiais de base ...).”<sup>137</sup>

As referências citadas por Mattos<sup>138</sup> sobre o sindicalismo brasileiro, à luz das análises dos trabalhos de Ricardo Antunes, Leôncio Martins Rodrigues e Armando Boito Jr. traçam um balanço analítico no campo sindical e retratam dentre várias tendências políticas na formação das centrais sindicais o papel da Igreja na construção do ‘novo sindicalismo’. Embora haja, por um lado, uma supervalorização no papel da instituição eclesial na perspectiva de determinados autores, como Leôncio Martins Rodrigues, tais estudos contribuem para ratificar a presença da Igreja ‘progressista’ no processo de mediação entre religião e política. Mattos escreve que o trabalho de Leôncio Martins Rodrigues aponta dentre várias questões levantadas sobre a organização do movimento sindical “as mudanças na política da Igreja Católica, que tenderia a tentar aproximar os movimentos populares a ela ligados do movimento sindical autêntico”.<sup>139</sup>

Como se discutiu anteriormente, Dom Adriano recebeu o encontro ENTOES no Centro de Formação de Líderes, em Moquetá. Esse fato revela a percepção do bispo para o enfrentamento existente no campo do trabalho no âmbito da Ditadura Civil-Militar e demonstra que a Igreja de Nova Iguaçu estava ao lado dos trabalhadores contra a estrutura sindical vigente, por isso veremos muitos leigos engajados em movimentos sociais e na construção do Partido dos Trabalhadores em Nova Iguaçu, como é o caso de Flávio Antônio Brandão de Souza, um de nossos entrevistados, que iniciou sua trajetória na Pastoral Operária e depois se filiou ao Partido dos Trabalhadores, tornando-se mais tarde um de seus dirigentes; destacam-se, também entre outros, Salvador Marcelino e Percival Tavares que também se enquadraram em quadros do PT.

---

<sup>137</sup> SADER, Eder. Quando novos personagens entram em cena. Experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980), RJ: Paz e Terra, 1998, p.150.

<sup>138</sup> Marcelo Badaró Mattos na obra *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002 estuda as obras de RODRIGUES, Leôncio Martins. “O declínio do sindicalismo corporativo”. In: GOMES, Ângela de Castro (Org.). *Trabalho e Previdência: sessenta anos em debate*, Rio de Janeiro: FGV, 1992. RODRIGUES, Leôncio Martins. “As tendências políticas na formação das centrais sindicais” In: BOITO JR., Armando (Org.). “O sindicalismo brasileiro nos anos 80”, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1990; ANTUNES, Ricardo. “Classe operária, sindicatos e partido no Brasil (um Estudo sobre consciência de classe: da Revolução de 30 à aliança nacional libertadora)”. 2. ed., São Paulo: Cortez, 1988; “A rebeldia do trabalho. O confronto no ABC paulista: as greves de 1978/80. 2. ed., Campinas: Edunicamp, 1992; e “O novo sindicalismo”: São Paulo: Brasil Urgente, 1991.

<sup>139</sup> MATTOS, Marcelo Badaró. *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*, Op. cit. 2002, p. 71

A obra “A Igreja dos Oprimidos”, coordenada por Helena Salem<sup>140</sup> retrata de forma coerente o posicionamento dos bispos progressistas e seus trabalhos pastorais voltados para os pobres e trabalhadores contra as mazelas do capitalismo e as arbitrariedades do regime militar. Traz depoimentos contundentes bem como debates sobre igreja, política e a “Esquerda”. As entrevistas selecionadas contribuem para dimensionar o trabalho pastoral dessas dioceses e seu engajamento com as questões sociais, bem como todo o processo de politização das bases efetuado nesse trabalho. Decerto, o trabalho pastoral tendo como lema “opção preferencial pelos pobres”, explica, em parte, a interdependência entre religião e política nos desdobramentos de ações dos cristãos que vão se engajando em movimentos sociais, organizações sindicais e partidos políticos. Por outro lado, as ações dos bispos progressistas como – Dom Paulo Evaristo Cardeal Arns, nomeado arcebispo metropolitano de São Paulo em 1970; Dom Cláudio Hummes, que assume a Diocese de Santo André em 1975; e Dom Adriano Hypólito, bispo de Nova Iguaçu (embora não tenha sido mencionado na pesquisa de Helena Salem) – contribuem para fortalecer politicamente as pastorais e os movimentos sociais em suas dioceses.

Na contramão das dioceses “progressistas”, temos, por exemplo, Dom Eugênio Sales, na época arcebispo do Rio de Janeiro. Devido ao seu posicionamento “conservador” foi convocado pelo papa João Paulo II para representar a hierarquia brasileira em Roma. Dom Eugênio não admitia que Igreja se posicionasse em assuntos políticos. No Rio, observa-se que as pastorais, os movimentos sociais e as organizações trabalhistas e partidárias não terão o apoio da Igreja local, e isso tem como consequência a falta de coesão desses grupos. Decerto, a falta de coesão arrefece a mobilização e a conscientização política das bases. Sebastião Bernardino de Andrade (o Tião) percebe claramente isso e nos conta que:

O bispo do Rio de Janeiro, Dom Eugênio Salles (...) tinha uma linha de direita, portanto, conservadora na igreja. Ele não era contra o pobre, contra a caridade no sentido pleno, mas temia e achava danoso quando eu dizia que a nossa leitura e ação era uma mistura de religião com política. O que era pior para ele era considerar uma política usando instrumentos marxistas na teologia. Ele fundamentou isso, e acho que foi mal fundamentado, mas ele tinha uma grande influência em Roma. (...) sai do Dom Helder para Dom Eugênio, para mim era uma violência psicológica, religiosa e política.<sup>141</sup>

O trabalho de Fabrício Roberto Costa, publicado na Revista Intratexto, ao discutir as diferentes interpretações sobre as CEBs, traz a concepção de Cecília Mariz – em seu estudo *Coping with Poverty*, cuja tradução é “Lidar com a pobreza: os pentecostais e as Comunidades Eclesiais de Base no Brasil”, publicado pela *Temple University Press*, em 1994 – cujas análises

<sup>140</sup> SALEM, Helena (Coord.). *A Igreja dos Oprimidos*, São Paulo: Ed. Brasil Debates, 1981.

<sup>141</sup> Cf. MAIA, Juliana Guaraná Vieira, MACEDO, Marcelo Ernandez & MONTEIRO, Maria Gabriela (Orgs.). op. cit., p.42 e p.43.

são corroboradas nessa pesquisa no que se referem à atuação de Dom Adriano Hypólito. Costa escreve que:

Para Mariz (1994) a mudança na visão de mundo proposta pelos liberacionistas requer comprometimento com a ética social na esfera pública. O que se propunha, então, era um trabalho de educação popular, cujo objetivo era que as pessoas assumissem uma visão de mundo que as levasse à busca da formação de uma sociedade mais justa. Assim, Mariz (1994) acredita que as CEBs procuram mudar pressupostos cognitivos da visão de mundo das camadas pobres da população, que em consequência deveriam assumir uma nova forma de definição da realidade. Nesta nova definição, embasada na nova leitura das concepções bíblicas, o plano de Deus se refere antes à comunidade, aos pobres ou à Humanidade do que à vida privada do indivíduo. Dessa forma, as CEBs destacam o papel da sociedade na transformação da trajetória histórica da humanidade e, diferentemente dos pentecostais, não ressaltam a moral pessoal nem a transformação dos indivíduos isoladamente no processo de concretização do plano de Deus, a ênfase é dada ao combate do pecado social, que consiste em estruturas injustas. A luta contra as injustiças é uma luta religiosa e a luta religiosa é social. As CEBs falam pouco do pecado individual.<sup>142</sup>

Em vários documentos Dom Adriano aparece como um educador popular, aquele que alimenta o povo de esperança e de incentivos para mudar a realidade social. No livro “O povo de Deus assume a caminhada” o bispo redige o texto de apresentação assinalando:

Meus irmão, minhas irmãs da Diocese de Nova Iguaçu: Em novembro deste ano, de 12 a 15, vamos realizar nossa Assembléia. Com dedicação, com liberdade, em função do espírito profético, que é atribuição de toda a Igreja, devemos trabalhar todos na preparação, na realização e na execução de nossa assembléia. Mas sem perdermos, em nenhum momento, a dimensão do Amor, que é o sinal mais claro e mais convincente da unidade da Igreja. Quem ama Jesus cristo, ama a Igreja como ela é, em sua encarnação histórica. A Cartilha que apresento a vocês é um instrumento válido como preparação para a Assembleia Diocesana, de novembro, e também como instrumento constante de conscientização para o <<serviço do amor>> que, segundo o Concílio, é e deve ser sempre nosso trabalho pastoral.<sup>143</sup>

Concebe-se, assim, que o objetivo do trabalho pastoral desenvolvido pela Diocese de Nova Iguaçu, de acordo com os próprios depoimentos do bispo, é promover a conscientização dos leigos, de forma que lutem pela sua própria emancipação. Dom Adriano explica no Boletim Diocesano o que seria essa conscientização:

Na diocese de Nova Iguaçu a pastoral procura em primeiro lugar conscientizar, sempre a partir do evangelho, sempre na perspectiva do reino de Deus. Mas um conscientizar que significa não domínio clerical ou nova forma de manipulação, mas consciência crítica e decisão de participar. Se olharmos, por exemplo, a política, esta nossa conscientização visa não à formação de um partido político, não à atividade revolucionária, mas a dar impulsos (os da fé em primeiro lugar) que levem as pessoas, sem violência, sem derramamento de sangue, a assumir sua responsabilidade comunitária a participar. Nossa conscientização é portanto um despertar do

<sup>142</sup> COSTA, Fabrício Roberto. Comunidades Eclesiais de Base e Teologia da Libertação: algumas reflexões sobre catolicismo liberacionista e ritual. INTRATEXTOS, Rio de Janeiro. Vol. 2, nº 1, 2010, pp.40-41.

<sup>143</sup> Diocese de Nova Iguaçu. O povo de Deus assume a caminhada. Petrópolis: Vozes./Co-edição Idac, 1983, pp.9-10.

senso crítico, é um impulso à participação e por isto mesmo à integração das massas no processo social. Não visa ao poder. Não visa a qualquer tipo de manipulação.<sup>144</sup>

Fica nítido que o trabalho pastoral, na concepção de Dom Adriano, tende a ser um trabalho social. Nesse sentido, ratifica-se a análise de Cecília Mariz<sup>145</sup> quando concebe que as CEBs lutam contra as injustiças e que a luta contra as injustiças é uma luta religiosa e a luta religiosa é social. A interdependência entre o religioso e o político, nessa relação, é muito sobreposta; torna-se uma única expressão capaz de dar direção aos leigos de forma que se conscientizem de seu papel enquanto cidadãos e que fujam de manipulações políticas.

O estudo de Percival Tavares<sup>146</sup> torna evidente a questão aqui discutida. Em sua dissertação de Mestrado, associa a gestação do Movimento de Amigos de Bairro de Nova Iguaçu – o MAB – ao desempenho relevante da Igreja. Contudo, segundo este autor, a fundamentação teórico-prática da Igreja ao se retirar da vanguarda do meio popular, após a implantação da Nova República, revelou-se frágil. Isso, de certa forma, contribuiu para o enfraquecimento do Movimento Social e para o fortalecimento do sistema dominante. Por isso, Percival afirma que a partir de 1985 ações políticas dos movimentos de base da Igreja arrefeceram significativamente. As concepções de Percival Tavares vão ao mesmo caminho de Jessie Jane,<sup>147</sup> citada anteriormente, quando esta pesquisadora percebe que com a nova centralização romana houve uma forte contração da presença da Igreja no cenário político. Dessa forma, encontramos subsídios que comprovam o arrefecimento do trabalho político-religioso realizado pelas pastorais das dioceses progressistas; e de certa forma, após a abertura política, em 1985, isso acaba por ocorrer com diversos movimentos sociais, sindicados e, até mesmo, mudança de cunho ideológico por certos partidos políticos que no âmbito da Ditadura Civil-Militar se projetavam à esquerda.

Outras referências sobre Nova Iguaçu podem ser descritas aqui. Estudos que traçam uma perspectiva do trabalho realizado por Dom Adriano e que nos servem de modelo para afirmar o que a pesquisa procura demonstrar: o trabalho pastoral medrado por Dom Adriano – no âmbito da interdependência entre o religioso e o político – desdobra-se em prática política.

---

<sup>144</sup> Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, nº 116, de 01 de agosto de 1978.

<sup>145</sup> COSTA, Fabrício. INTRATEXTOS, op. cit., pp.40-41.

<sup>146</sup> Cf. SILVA, Percival Tavares da. Origem e trajetória do Movimento Amigos de Bairro em Nova Iguaçu (MAB) — 1974 / 1992, Op. cit., p. 286.

<sup>147</sup> SOUSA, Jessie Jane Vieira de. Op. cit., p. 50-64.

O estudo de Sonia Ambrozino da Silva tem um capítulo para destacar o trabalho pastoral da Diocese de Nova Iguaçu. Nesse capítulo, intitulado “A formação Sociopolítica da Diocese de Nova Iguaçu”, Sônia afirma que a diocese só adquire relevância a partir da atuação de Dom Adriano Hypólito, um forte defensor dos Direitos Humanos. Ela escreve que:

D. Adriano participou ativamente dos processos produzidos na Baixada Fluminense naquela época, principalmente com o advento da Teologia da Libertação, a criação e intensificação das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), entre outros movimentos de resistência às situações de ditadura e marginalização das minorias e dos desfavorecidos. É bom também ressaltar que, embora muito do que acontecia na Diocese fosse fruto da concepção de pastoral que tinha D. Adriano, o Brasil contava naquele momento com uma Conferência Nacional dos Bispos (CNBB) muito participativa e que tinha à frente bispos como Dom José Maria Pires, Dom Pedro Casaldáliga, Dom Evaristo Arns, Dom Valdir Calheiros e muitos outros, que tinham uma visão do trabalho pastoral como atuação política, argumentando que se serve a Jesus Cristo na pessoa do necessitado, ou seja, do pobre.<sup>148</sup>

A obra de Sônia Ambrozino é uma referência porque nos permite traçar um perfil das dioceses que colocavam em prática o discurso do Vaticano II. Os bispos citados por Sônia são aqueles mesmos que Padre Agostinho Pretto menciona em entrevista quando aborda a ação da Ditadura Civil-Militar contra as dioceses que não seguiam uma linha conservadora. Seriam bispos que integrariam a chamada “Minorias Abraâmicas” citadas por Padre Agostinho: “É um pequeno grupo de bispos: Helder, Frágoso, Casaldáliga, Dom Luís Fernandes, Dom Paulo Evaristo (...) Dom Valdir Calheiros e alguns bispos mais.”<sup>149</sup>

Perguntei a Padre Agostinho se Dom Adriano se incluiria nesse grupo e ele respondeu que sim, bem como alguns leigos como Tristão de Athayde, alguns pastores metodistas e padres.

Padre Agostinho descrevendo esse momento assinala:

Nós vibramos com o Vaticano II, com Medellín, e fomos atingidos pelo AI-5. Nessa altura quem nos assessorava diretamente era Dom Cândido Padilha (...) esses homens se tornaram referência de leigos, jovens que foram atingidos pelo Decreto, pelo silêncio, pela força da compulsão obrigatória; padres que estavam na resistência, leigos e bispos. Dom Helder Câmara foi ótimo! Ele foi um profeta. Como profeta ele apelou pelas minorias Abraâmicas. Ele volta e vai ao tempo de Abraão, depois ao tempo do povo de Abraão que resistiu à perseguição e escravidão dos faraós no Egito.<sup>150</sup>

Observa-se que o posicionamento desses bispos “não conservadores” ou como algumas referências denominam “progressistas”<sup>151</sup> serviu de exemplo para a atuação de leigos na luta

<sup>148</sup> SILVA, Sônia Ambrozino da. Diocese de Nova Iguaçu: uma análise dos efeitos da formação sociopolítica na vida e no engajamento político de seus agentes. 118 f. Orientador: Claudia Osorio da Silva. Dissertação (Mestrado) – Universidade Federal Fluminense, Departamento de Psicologia, 2007, pp.21-22.

<sup>149</sup> Anexo 1: entrevista concedida por Padre Agostinho Pretto.

<sup>150</sup> Idem.

<sup>151</sup> O termo Progressista é entendido por teólogos, bispos e padres da Igreja Católica como um grupo que surgiu após o Concílio Vaticano II, trazendo novas orientações e interpretações do Evangelho. Todavia, conforme assinala Gladstone Chaves de Melo, no

contra a ditadura e na luta por justiça social. No Brasil, o papel da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil, a CNBB – sobretudo sobre a direção de Dom Hélder Câmara – contribuiu para fortalecer a luta contra a violência perpetrada pela ditadura. Nova Iguaçu, por exemplo, no âmbito da ditadura abrigou diversos grupos – militantes da esquerda, padres progressistas, leigos engajados em práticas políticas, médicos ligados a movimentos sociais – que, de certa forma, estiveram amparados pela diocese local que tinha a sua frente um bispo não conservador. Abner Francisco Sótenos assinala que:

Desde que a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB) posicionou-se contrariamente ao regime militar, no final dos anos 1960, os bispos e padres mais afinados com tal posicionamento (que passariam a ser identificados como — clero progressista) tornaram-se um dos alvos prediletos da repressão. À medida que se aprofundavam as disparidades econômicas, as torturas e o desrespeito aos direitos humanos, a Igreja em Nova Iguaçu convertia sua pregação teológica pautada na luta por justiça social. A pobreza passava a ser cada vez mais politizada, não digo a sua mera existência, mas a sua percepção e o entendimento de que, em última análise, era ela a causadora de grande parte do sofrimento da população que ali residia. Essa percepção contribuiu para a mobilização cada vez maior dos setores populares e do clero local. Assim como em várias regiões do país, na cidade iguaçuana as lideranças religiosas vão ficando mais sensíveis às lutas empunhadas pelo povo.<sup>152</sup>

O trabalho monográfico de Peter Sana “Liberdade dos Homens e Liberdade de Deus: D. Adriano Mandarino Hypólito e a Ordem dos Militares em Nova Iguaçu” demonstra que sob a direção do bispo franciscano Dom Adriano, visto o tradicionalismo nas relações entre a Igreja e o povo, abalou as estruturas políticas no período do regime militar.

O tema proposto se restringe em relacionar a ação do bispo na Baixada Fluminense à ideologia marxista na ação dos comunistas e com a Teologia da Libertação, assim traçando um paralelo de objetivos em comum entre as três ideologias, em que as mesmas são vistas pelo governo militar como uma ameaça ao regime autoritário. Não obstante, as elites econômicas de Nova Iguaçu também viam a possibilidade de suas regalias serem cortadas pelo novo papel da Igreja proposto pela Teologia da Libertação. No entanto, a quebra com o tradicionalismo cristão proposto por D. Adriano Hypólito na Baixada Fluminense, onde, no período do regime militar instaurado em 1964, provocou uma onda de incidentes contra a subversão do bispo, inclusive a insatisfação do Vaticano com sua ideologia, serviu para reforçar as divergências entre os três poderes (Igreja, Estado e elite econômica), que resultou na aproximação da Igreja iguaçuana à classe mais pobre e obtenção de seu apoio, além do distanciamento dos padrões que particularizavam o acesso do povo nos assuntos da Igreja. Com esse caminhar do bispado de D. Adriano Hypólito, notaremos que foi essencial para o sucesso do bispo na direção da Igreja de Nova Iguaçu o trabalho feito pelas Comunidades Eclesiais de Base, onde pôde introduzir

---

prefácio do livro Igreja e Anti-Igreja: Teologia da Libertação, de Paulo Rodrigues “É inegável que ao progressistas são muito mais perigosos (...) porque estão em consonância com o mundo, dançam ao ritmo e ao rito da moda, e têm por si a grande imprensa, escritas e falada. Vendem mercadorias apetitosas, e são procurados pelos fornicadores, adúlteros, ladrões, psicanalisados, mentirosos, libertários, esquerdetos e outros idólatras” RODRIGUES, Paulo. Igreja e Anti-Igreja: Teologia da Libertação, São Paulo: T. A. Queiroz, 1985, p.XV. Observa-se, destarte, que o termo Progressista é empregado por membros da Igreja Católica que contestam a linha teologal de religiosos, padres, bispos e leigos que defendem uma teologia libertadora.

<sup>152</sup> SÓTENOS, Abner Francisco. A igreja vigiada: a visão da comunidade de informações sobre a atuação político religiosa do bispo d. Adriano Hipólito. In: Anais da VI Semana de História Política - III Semana Nacional de História: Política e Cultura & Política e Sociedade Rio de Janeiro: UERJ, 2011, p. 8

discussões em torno da política, assim contribuindo para o despertar da autoconsciência dos que estão à margem da sociedade.<sup>153</sup>

Nota-se que Peter Sana demonstra que a linha de ação pastoral de Dom Adriano contribuiu para a projeção de um trabalho de base em Nova Iguaçu alicerçado à Teologia da Libertação. Todavia, uma reticência deve ser feita aqui: interpretar o posicionamento político do bispo como atos subversivos e taxá-lo de marxista foram preconceções difundidas por aqueles que eram contra esse trabalho pastoral: a ala conservadora da Igreja, militares reacionários e a elite local. Até hoje há sites veiculados na rede como, por exemplo, o *advhaereses.blogspot.com.br* que taxam Dom Adriano de marxista, afirmando que:

Nova Iguaçu é um dos redutos dos bandidos da Teologia da Libertação. Um dos principais difusores do evangelho comunista de Karl Marx foi D. Adriano Hypólito, ex-bispo de Nova Iguaçu, falecido nos anos 90, e cultuado como "profeta" por padres e fiéis.<sup>154</sup>

Em resposta a essas críticas sofridas, Dom Adriano responde através da “A Folha”:

Duas referências predominam em todos os números de A Folha: a referência a Jesus Cristo, único salvador e mediador da humanidade, e a referência ao Povo de Deus. Daí se pode entender e interpretar os artigos, os comentários, as críticas, as provocações, as experiências contidas nos artigos. Sem estas referências – quero dizer, sem verificar estas referências – muitas pessoas, aqui e acolá, condenavam as opiniões de A Folha. Não viam as referências, constantemente feitas. E por isso interpretavam, como expressão de ideologias de esquerda ou então como desvios da sã doutrina, um jornal diocesano que, por amor a Jesus Cristo e ao seu Povo bem-amado, exercia sua missão profética de denunciar as profanações da face de Cristo na face dos irmãos<sup>155</sup>

Fica nítido que seus argumentos incomodavam muitas pessoas, sobretudo as autoridades no âmbito do Regime Militar e representantes do Clero conservador brasileiro. O posicionamento do bispo em prol dos oprimidos e dos pobres, principalmente da Baixada Fluminense, contribuiu significativamente para a politização das pastorais sociais. Em contrapartida, ondas de retaliações se perpetuaram em seu bispado como já relatamos no capítulo 1: o seu sequestro em 1976 e a explosão do seu fusca na frente da sede da CNBB e outros episódios, bem como o assassinato da irmã Filomena, em junho de 1990. Dom Adriano, assim, relata:

---

<sup>153</sup> SANA, Peter . Liberdade dos Homens e Liberdade de Deus: D. Adriano Mandarino Hypólito e a Ordem dos Militares em Nova Iguaçu. Faculdades de Educação e Letras – FAEL. Graduação em História - Nova Iguaçu – RJ, Julho de 2009.

<sup>154</sup> Cf. o site: <http://advhaereses.blogspot.com.br/2010/03/brasao-episcopal-de-dom-adriano.html>

<sup>155</sup> Cf. “A FOLHA”, nº 1.143, Ano 20, de 14 de novembro de 1993.



A mim pessoalmente o Coronel Morais da Vila Militar, me disse que certos artigos de A Folha que eram transcritos por um “jornal comunista” de Nova Iguaçu, faziam A Folha também suspeita. A lógica dos poderosos. Quando eu retruquei: O senhor me mostre os “artigos comunistas” de nosso jornal e eu o fecharei imediatamente. O que se escreve na Folha é somente baseado na mensagem de Jesus cristo e na doutrina social da Igreja. Poucos dias depois aconteceu o meu sequestro (22-09-76).<sup>156</sup>

Embora membros da Diocese de Nova Iguaçu sofressem críticas e ameaças no âmbito do regime militar, Dom Adriano não se intimidava, porque acreditava estar no ‘caminho certo’. Os trabalhos acadêmicos aqui mencionados sobre Dom Adriano Hypólito e seu trabalho pastoral tornam patentes que essa concepção contribuirá para o recrudescimento de um trabalho pastoral que terá como lema a “opção preferencial pelos pobres”, contribuindo para a formação de leigos engajados, despertando-os conscientemente para modificar sua própria realidade de vida. Não obstante, as supostas indagações de que sua concepção teológica estivesse pautada na ideologia marxista não se confirmam quando analisamos o seu posicionamento através das entrevistas concedidas aos veículos de comunicação, nos relatos em periódicos como o “Boletim Diocesano” e a “A Folha”. A interdependência político-religiosa que ali se diagnostica tem como pressupostos a missão profética que encontra no “povo sofrido” a chave para compreender o mistério salvífico libertador pronunciado no Evangelho.

Em “A Folha” Dom Adriano expressa essa questão tomando como exemplo Dom Helder Câmara:

Penso, por exemplo, em D. Hélder Câmara que já desde alguns anos é boicotado por ordem superior nos meios de comunicação social. Por quê? Por ser comunista? Nada mais idiota do que esta acusação contra alguém que, nem de longe nem de perto, aceita a ideologia marxista. O que acontece é que D. Hélder, com sua voz profética de Igreja, incomoda e fere os que vêem na Igreja apenas um elemento de estabilidade social e portanto de apoio ao estabelecimento, os que não aceitam que a Igreja exista, como Jesus Cristo, para fermentação do mundo. E como D. Hélder há outros bispos e padres e leigos engajados que sofrem as consequências de sua fidelidade a Jesus Cristo. É claro que uma Igreja festiva, uma Igreja folclórica, uma Igreja mera peça social, etc., nunca entraria em conflito com os radicais de esquerda ou direita. É claro também que muita gente fora e mesmo dentro da Igreja só aceita uma Igreja espiritual, como dizem, inteiramente dedicada à salvação das almas imortais e à oração. Esta será a Igreja do Jesus Cristo que está nos evangelhos?<sup>157</sup>

Nesse comentário, Dom Adriano combate as acusações de que o trabalho pastoral voltado para a conscientização dos leigos – utiliza como exemplo Dom Helder, todavia ele próprio se insere nessa perspectiva, como Dom Pedro Casaldáliga e outros bispos e padres – tenha algum cunho ideológico seja de direita ou de esquerda, sobretudo a linha marxista. Ao mesmo tempo, ele defende a postura de uma Igreja engajada e associa esse trabalho ao Evangelho. Dito de outra forma, ele busca uma Igreja que responda os problemas sociais de seu

<sup>156</sup> Cf. “A FOLHA”, n° 1.144, Ano 20, de 21 de novembro de 1993.

<sup>157</sup> Cf. “A Folha”, Ano 4, n.º 241, de 26 de dezembro de 1976.

tempo, como assinala Michael Löwy que vê essa linha de ação “uma profunda mudança de curso espiritual, uma autêntica conversão moral e política à causa dos pobres.”<sup>158</sup>

Cláudia Regina de Paula<sup>159</sup> afirma que:

Em Nova Iguaçu destaca-se a trajetória de Dom Adriano Mandarino Hypólito, Bispo da cidade entre 1966 e 1995, dedicado as causas sociais e à luta contra a ditadura. Pertencente à ala mais progressista da Igreja Católica Dom Adriano entrevista na mobilização popular das Comunidades Eclesiais de Base, Pastorais e Associações de Moradores (reunidas em Federações como o MAB8 – Movimento de Amigos de Bairro em Nova Iguaçu), o fortalecimento do movimento social organizado. De fato, esse movimento operou transformações nas comunidades mais pobres e significou instrumento de ação e formação política. (...) Dom Adriano promovia um trabalho pastoral que buscasse soluções aos diversos problemas enfrentados pelo povo da Baixada Fluminense (...). O trabalho social e pedagógico desenvolvido pelas Pastorais prosseguiu e a Diocese ainda investiu na construção do Centro de Formação de Líderes – CENFOR.

Fica evidente que a linha de ação pastoral desenvolvida por Dom Adriano, iniciada desde quando assumiu a diocese de Nova Iguaçu em 1966, enuncia respostas aos problemas sociais da Baixada Fluminense: região carente socialmente, mas também marcada pela violência, onde atuava o esquadrão da morte. Sob sua orientação, foi criado o Movimento de Integração Comunitária (MIC), em 1968, como primeira resposta possível aos problemas sociais da Baixada Fluminense e introduzido o sistema de eleições para o preenchimento de cargos diocesanos. A criação da Comissão de Justiça e Paz, que mais tarde se tornará o Centro de Direitos Humanos de Nova Iguaçu, é uma resposta à violência que vigora na região.

Conclui-se, assim, que Dom Adriano Hypólito, no bojo da interdependência entre fé e política, é visto como um humanista, um apóstolo dos direitos humanos, uma força junto ao povo iguaçuano e símbolo da resistência de Nova Iguaçu, sobretudo, no âmbito da Ditadura Civil-Militar. Em 1993, Dom Adriano recebe a *Medalha Chico Mendes*, uma condecoração criada pela ONG brasileira “Grupo Tortura Nunca Mais” para homenagear pessoas e/ ou grupos que lutaram pelos Direitos Humanos e por uma sociedade mais justa. Quando do seu falecimento, o Jornal “O Globo”<sup>160</sup> publicou uma nota onde reiterava a mensagem do bispo de Nova Iguaçu: “Se alguém passa fome, não posso simplesmente dizer: vá à missa. Tenho que olhar a fome dele e agir”. Decerto, o posicionamento político-religioso do terceiro bispo de Nova Iguaçu contribui para redimensionar o papel de atuação de dioceses não conservadoras que no âmbito da Ditadura Civil-Militar atuavam como “foco de resistência” e, ao mesmo

<sup>158</sup> LÖWY, Michael. Op. cit., p.98

<sup>159</sup> PAULA, Cláudia Regina de. Política, Educação e Afro-brasilidade: o movimento negro em Nova Iguaçu. IN: AGUIAR, Marcia Angela da S. (org.) [ et all] Educação e diversidade: estudos e pesquisas. Recife: Gráfica J. Luiz Vasconcelos Ed., 2009, pp. 185-186.

<sup>160</sup> Jornal “O Globo”, de 11/08/1996, obituário.

tempo, distinguir a Igreja Católica como uma instituição com hierarquias e posicionamentos distintos.

#### **4 INFLUÊNCIA DO TRABALHO PASTORAL DESENVOLVIDO POR DOM ADRIANO HYPÓLITO NA FORMAÇÃO DOS LEIGOS: CONSTRUÇÃO DE UM LEGADO**

Este capítulo pretende discutir como a linha pastoral desenvolvida por Dom Adriano Hypólito contribuirá para a formação e conscientização dos leigos em Nova Iguaçu e de que forma esses ensinamentos contribuirão para que esses leigos engajem-se em movimentos sociais, sindicatos e partidos políticos.

Em sua tese de doutoramento, “A Evangelização no Brasil, dimensões teológicas e pastorais”, Antônio Alves de Melo<sup>161</sup> propõe-se analisar a evangelização no Brasil, tendo como baliza a fundação da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil - CNBB - em 1952; o Plano de Emergência de 1962 e as Diretrizes Gerais de Ação Evangelizadora da Igreja do Brasil de 1995 a 1998. Antônio argumenta que esses documentos, tomados como baliza, representam momentos decisivos na prática de evangelização, sendo uma tentativa de apresentar respostas pastorais adequadas para as questões sociais e políticas no país. Para este autor, pode-se dizer que tais documentos ratificam as intervenções da Igreja no Brasil e representam sua integração paulatina no social e na política em sua ação pastoral. Assinala também a importância dos eventos internacionais tocados pela Igreja como o Concílio Vaticano II e as três conferências realizadas pelo Conselho Episcopal Latino-Americano – Medellín, Puebla e Santo Domingo – o Sínodo de 1974 e as viagens de João Paulo II ao Brasil e à América Latina. Nesse trabalho, o conceito chave trabalhado é a evangelização – o ser e o agir da Igreja – interpretada como o conjunto de atividades pastorais desenvolvidas pela Igreja. Guiado por esse conceito, Antônio Alves estuda a evangelização da Igreja no Brasil de 1952 a 1995, levando em consideração os fatos históricos ocorridos nesse período no país. Para tal empreitada, o autor utiliza-se da reflexão teológica e eclesial à luz de vários especialistas da área como o Padre João Batista Libânio e o Frei Romeu Dale.

Antônio Alves de Melo cita, assim, a obra de religiosos e teólogos da Igreja Católica. São autores que fazem uma reflexão do trabalho pastoral de dentro da Igreja. Por isso, é significativo sublinhar esse aspecto, pois se detecta que esses autores possuem uma visão

---

<sup>161</sup> Cf. MELO, Antônio Alves de. *A Evangelização no Brasil Dimensões teológicas e desafios pastorais: o debate teológico e eclesial (1952-1995)*. Roma, Itália: Gregorian University Press, 1996.

teológica pautada na Teologia da Libertação<sup>162</sup> e que decerto modificou a fisionomia da Igreja e sua forma de evangelização.

---

<sup>162</sup> Os autores citados por Antônio Alves de Melo são religiosos como:

Padre João Batista Libanio, mineiro, nascido na cidade de [Belo Horizonte](#) no ano de 1932. É um [padre jesuíta](#), [escritor](#) e [teólogo brasileiro](#). Ensina na Faculdade Jesuíta de Filosofia e Teologia (ISI – [FAJE](#)) em [Belo Horizonte](#), e é [vigário](#) da [paróquia](#) Nossa Senhora de Lourdes, em [Vespasiano](#), na Grande Belo Horizonte. Foi Diretor de Estudos do [Pontifício Colégio Pio Brasileiro](#) em Roma durante os anos do [Concílio Vaticano II](#). Retornou ao Brasil em 1968, onde por mais de trinta anos dedica-se ao [magistério](#) e pesquisa teológica, na linha da [Teologia da Libertação](#).

Frei Romeu nasceu em 1911 Vila Isabel, começou a vida como estudante em escola técnica de agricultura (Viçosa), depois passou à Faculdade de Direito. Na vida universitária sofreu influência dos expoentes do clero e laicato católicos do Rio de Janeiro como o Cardeais Arcoverde e Leme, Carlos de Laet, Leonel Franca e a PUC-RJ, Jackson de Figueiredo, Gustavo Corção, Sobral Pinto, Alceu Amoroso Lima etc. Frei Romeu estudou Teologia em Saint-Maximin e no Instituto Católico de Toulouse. Concluiu o doutorado na Universidade Santo Tomás de Aquino (Angelicum), em Roma. Ao regressar para o Brasil, radicou-se no Rio de Janeiro, dedicando-se por muitos anos ao Movimento Economia e Humanismo do Pe. Lebrecht e à Ação Católica, especialmente a JUC (Juventude Universitária Católica). Atuou como professor da Escola de Sociologia e Política. Foi sub-secretário da CNBB, estreitamente ligado às lideranças de Dom Helder Câmara e Dom Aloísio Lorscheider. Faleceu, no ano de 2007, na cidade de Belo Horizonte.

Leonardo Boff é um dos maiores expoentes da Teologia da Libertação. Foi perseguido pelo Vaticano até renunciar às suas atividades de frade franciscano, em 1992. É autor de inúmeras obras nas áreas de Teologia, Espiritualidade, Filosofia, e Antropologia. Professor de Ética, Filosofia da Religião e Ecologia na Universidade do Estado do Rio de Janeiro, foi professor-visitante na Universidade de Lisboa (Portugal), Salamanca (Espanha), e Harvard (EUA), entre outras.

Vitor Galdino Feller é padre diocesano em Florianópolis, doutor em Teologia, professor de Teologia e Coordenador de Pastoral da Arquidiocese de Florianópolis. Autor de vários livros sobre a revelação e a fé cristã.

Frei Boaventura Kloppenburg (1919-2009) é considerado um dos maiores representantes do pensamento católico no Brasil. Foi ordenado sacerdote na cidade de [Bagé](#), no Rio Grande do Sul, aos [21 de dezembro](#) de [1946](#). Fez especialização em Teologia Dogmática no Instituto *Antonianum*, em [Roma](#), no ano de 1947 a [1950](#), depois fez o doutorado no mesmo instituto dos anos 1950 e 1960.

Frei Boaventura Kloppenburg (1919-2009) é considerado um dos maiores representantes do pensamento católico no Brasil. Foi ordenado sacerdote na cidade de [Bagé](#), no Rio Grande do Sul, no dia [21 de dezembro](#) de [1946](#). Fez especialização em Teologia Dogmática no Instituto *Antonianum*, em [Roma](#), no ano de 1947 a [1950](#), depois fez o doutorado no mesmo instituto dos anos 1950 e 1960.

Padre Alberto Antoniazzi nasceu em Milão em 1937, sendo ordenado sacerdote na arquidiocese de Belo Horizonte em 1965. Professor de Filosofia na Pontifícia Universidade Católica de Minas Gerais (PUC, Minas), e, mais tarde, vice-reitor da mesma, foi formador de presbíteros e estudioso dos fenômenos religiosos. Assumiu cargos na CNBB, aos quais se dedicou até os últimos meses da sua vida, antes de falecer no dia 25 de dezembro de 2004.

José Comblin foi um sacerdote e missionário belga, teólogo da Teologia da Libertação. Vivia no Brasil, no estado da Bahia, tendo falecido no dia 27 de março de 2011. Comblin atuava junto à Comunidades Eclesiais de Base.

O segundo capítulo desse livro merece atenção porque discute a perspectiva teológica de evangelização em suas três dimensões: cristológico-trinitária; eclesiológico-sacramental e antropológico-ética. Decerto, a análise desse capítulo nos interessa por nos ajudar a identificar as bases da linha de ação pastoral desenvolvida pela Diocese de Nova Iguaçu sob o legado de Dom Adriano Hypólito. Na concepção de Antônio Alves de Melo, a dimensão cristológico-trinitária parte da linha desenvolvida pela Teologia da Libertação, onde se acentua a relação de Jesus, sua pregação, sua prática e o Reino de Deus. Nessa linha, Antônio faz referências aos livros de Leonardo Boff e Padre Vitor Galdino Feller e outros autores. Na dimensão eclesiológico-sacramental o autor trabalha com a concepção de que a Igreja caminha no influxo do Vaticano II, onde recrudescer o conceito de Povo de Deus. Antônio Alves de Melo faz uma reticência, assinalando que faltou a essa dimensão ligar os conceitos teológicos a outro fundamental, o de mistério-sacramento e percebe certo enfraquecimento teológico de Igreja, nesse sentido, com risco do predomínio de uma visão mais histórica e sociológica. Para a elaboração dessa análise, Antônio Alves de Melo aborda autores como Padre João Batista Libânio, Frei Boaventura Kloppenburg, Padre Alberto Antoniazzi, Leonardo Boff e outros. Na dimensão antropológico-ética o autor trabalha com dois aspectos: o primeiro é a condição humana no homem brasileiro, onde surgem indagações: o que é o Brasil e a condição do Povo brasileiro e seu mestiçamento étnico; o segundo aspecto é a concepção de homem baseada na revelação divina, onde se concebe que, dentro da antropologia cristã, Jesus Cristo aparece como seu protótipo e se constitui pela eleição, criação, pecado e redenção. O autor trabalha com as concepções de duas filosofias de inspiração antropológicas cristãs: o sacerdote e missionário José Comblin e o Padre Alfonso García Rubio.

A descrição, sobretudo do capítulo segundo torna-se importante, porque se detecta que as três dimensões aparecem e atuam juntas na concepção teológica de Dom Adriano Hypólito e impulsionam o seu trabalho pastoral. Essas dimensões certamente recrudesceram na Igreja Católica do Brasil em decorrência da influência do Concílio Vaticano II, das Conferências Episcopais e do papel da CNBB, sobretudo no âmbito da Ditadura Civil-Militar no Brasil. Nesse período, observa-se o crescimento das Comunidades Eclesiais de Base e da expressiva atuação das pastorais sociais da Igreja.

A linha de ação pastoral da Igreja de Nova Iguaçu nos permite identificar as dimensões apontadas acima nos discursos de Dom Adriano. Em alguns pronunciamentos, por exemplo, ele condena a postura da Igreja Católica Romana no passado assinalando:

Reconheço que a Igreja, em outros tempos, caiu neste erro, por ter diante dos olhos a visão paradisíaca da Cidade de Deus que se realiza já no mundo e que por isso mesmo implica numa identificação de Igreja com Estado e de Estado com Igreja. Não deveria acontecer, nem mesmo em sonho, uma coisa parecida com o Sacro Império Romano Germânico. Não podemos mais imaginar como realidade de Igreja uma figura imperial, dominadora, avassaladora como foi Inocêncio III, o papa mais poderoso da História. (...). Sempre que a Igreja se identifica com um sistema econômico, com um regime político, com uma forma de Governo, que sucede é o empobrecimento de sua dinâmica externa, é a acomodação, é a procura de vantagens e de privilégios, é o amordaçamento de seu profetismo.<sup>163</sup>

Observa-se que o posicionamento do bispo sofre desdobramentos. Primeiramente é que o ato de desvencilhar-se da elite local encontrará por parte do Clero conservador e da ala radical da ditadura resistência, por isso, a diocese sofrerá retaliações; o segundo, é que esta mesma postura do bispo contribuirá para a mobilização de movimentos sociais na Baixada Fluminense, tornando-se uma referência. Admite-se, assim, neste trabalho, que o posicionamento crítico do bispo contribuirá para a disseminação de valores que vão combater diretamente o Regime Militar e ele, como autoridade máxima da Igreja de Nova Iguaçu, contribuirá para dar ânimo àqueles que lutavam contra a repressão, contra a miséria social, contra o aparato militar instalado na Baixada Fluminense.

O historiador francês René Rémond<sup>164</sup> ao interpretar o fenômeno do universo político entende que as ideias subjacentes à tomada de consciência dos grupos sociais nunca são mais que a expressão dos interesses em conflitos e os atos políticos apenas revelam relações de forças definidas. Analisando o contexto de Nova Iguaçu, percebe-se que os pronunciamentos de Dom Adriano atuam como força política, influenciando e redimensionando a realidade social, sobretudo da Baixada Fluminense, direcionando os movimentos de base, servindo de apoio – estrutura – contra as arbitrariedades perpetradas pela ditadura. Nesse sentido, a linha de ação pastoral pode ser vista como fator de explicação política, redimensionando o liame Fé e Política; e o posicionamento do bispo, no cerne dessa interdependência, funciona como uma base devido ao cargo por ele exercido na Igreja. Os ataques sofridos pela Diocese de Nova Iguaçu mostram as relações de força em jogo, sendo, portanto, a prova da reação militar contra o trabalho pastoral defendido pela diocese. Decerto, os interesses da sociedade civil que estão em jogo no contexto da História do Brasil nesse momento é a luta contra a Ditadura Civil-

<sup>163</sup> Cf. Revista de Cultura Vozes. Ano 75, janeiro-fevereiro de 1981, n.º 1, p. 56.

<sup>164</sup> Cf. RÉMOND, René (Org.). Por uma História Política. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ/FGV, 1996.

Militar, a luta pela redemocratização do país e o combate ao abuso de poder. Nesse contexto, o posicionamento de Dom Adriano é interpretado pela ala radical da ditadura e da elite local e, até mesmo pelos católicos que condenam sua postura, como subversivo que deve ser combatido veementemente. Dom Adriano faz pronunciamentos sobre essa questão:

Acho lamentável que cristãos e católicos, que assim se apresentam declaradamente e que exercem cargo de destaque no atual sistema político, condenem o nosso esforço pastoral como oposição, como atividade subversiva, como fruto de ideologia marxista. Tais interpretações, totalmente deformadoras da realidade, podemos levá-las à conta de uma psicose social que se apoderou das elites do poder, talvez como fruto de uma incompreensão para o mais profundo do mistério da Igreja, talvez como permanência inconsciente do conceito de uma Igreja contestadora do Governo, talvez mesmo como mecanismo de defesa. Uma Igreja-Povo de Deus, que não é somente clero e hierarquia, deveria ter como sinal do Evangelho, como profetas, também como os leigos que ocupam lugar de destaque nos diversos segmentos sociais, por exemplo, na política, na economia, na cultura, nas forças armadas.<sup>165</sup>

A figura de Dom Adriano Hypólito, ainda hoje na História da Baixada Fluminense, é vista como uma força que estreitou a relação entre Fé e Política e que seus interesses estiveram sempre contra o elitismo, defendendo os menos favorecidos: o povo. Seu trabalho pastoral esteve sempre voltado para a conscientização e formação do povo, como ele próprio assinala em entrevista:

As elites não têm capacidade de mudar profundamente, já que qualquer mudança profunda questiona vantagens, privilégios, direitos etc. tudo isto que faz a essência do elitismo. Pelo nosso trabalho de conscientização, que é pacífico, que é leal, que é desinteressado, podemos apressar este processo, a meu ver, absolutamente necessário, de integrar o Povo no processo social. A conscientização visa a levar o Povo à participação responsável. Veja como isto funciona com a democracia, como regime político e como condição para um sistema econômico mais justo.<sup>166</sup>

O método utilizado por John G. A. Pocock<sup>167</sup> em “Linguagens do Ideário Político” é relevante porque em seus estudos diagnostica-se que o pensamento enunciado tem uma história, e esta se constrói por meio da interação entre o ato da fala e o da linguagem. Pocock propõe, decerto, construir uma história do discurso político. Seu método consiste em analisar a “linguagem” não como texto, mas como “contexto”, pois é no contexto da linguagem que as ideias estão expressas. Pocock analisa os contextos das linguagens em que as enunciações dos atos foram emitidas e os desdobramentos desses atos da linguagem para aqueles que usam e que são expostos àquela linguagem, bem como seu impacto na realidade social. Esse método é relevante porque através dele se pode:

<sup>165</sup> Cf. Revista de Cultura Vozes. Ano 75, janeiro-fevereiro de 1981, n.º 1, p. 56.

<sup>166</sup> Idem, p. 55.

<sup>167</sup> POCOCK, J. G. A. Linguagens do Ideário político. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2003.



a) avaliar os desdobramentos dos atos dos discursos de Dom Adriano na ação dos leigos engajados da Diocese de Nova Iguaçu a fim mensurar as ações concretas das pastorais sociais – em consonância com movimentos de bairro, sindicatos e a militância política – na luta por reivindicações sociais, políticas e econômicas na Baixada Fluminense.

b) compreender por que o discurso envolvendo a questão da “libertação” no âmbito da Teologia da Libertação sofreu rechaço pela Sagrada Congregação para a Doutrina da Fé, em decorrência do seu discurso. Tal ação promovida pelo Vaticano acaba contribuindo para o arrefecimento dos trabalhos desenvolvidos pelas pastorais sociais da Igreja e percebido por alguns leigos e religiosos envolvidos nesses trabalhos, como assinala Percival Tavares em entrevista:

A partir de 1994 quando Dom Adriano se torna bispo emérito, mas, sobretudo, a partir de seu falecimento em agosto de 1996, a Diocese de Nova Iguaçu, diferentemente do contexto anterior, passa a ter um episcopado menos envolvido. Sobretudo com Dom Werner Siebenbrock, seu sucessor, que era contra a linha de uma Igreja engajada; agora nós temos Dom Luciano Bergamini que não se define ou fica muito em cima do muro. Mas isso faz parte de uma conjuntura no mundo neoliberal, de uma Igreja que retrocedeu; uma globalização com embate forte que vem com as seitas fundamentalistas para o Brasil e, simultaneamente com a Renovação Carismática que se consolida, algo tentado na década de 1970 mas que só então encontra repercussão social. Quem pesquisa isso sabe que vieram recursos externos, dos Estados Unidos e da Holanda, por exemplo, para minar o que seria a Teologia da Libertação.<sup>168</sup>

#### 4.1 Dom Adriano e a “luta em prol do Povo sofrido da Baixada Fluminense”

Através do pronunciamento de Dom Adriano Hypólito nos documentos pastorais como o “Boletim Diocesano”, publicado no primeiro número em 1969; “A Folha”, jornal litúrgico fundado no ano de 1974, e em algumas entrevistas concedidas para jornais e revistas é possível detectar um discurso que procura conscientizar o povo a participar do processo sócio-político, advertindo-o da importância de sua atuação política. Em entrevista ao Jornal “O estado de São Paulo”, em 30 de novembro de 1978, ele assinala que:

Porque, mesmo que não se admita que a falta de líderes cause o problema social da Baixada Fluminense, é certo que o agrava e o perpetua. Falta de líderes, ou também atuação de falsos líderes, mais preocupados com seus interesses particulares do que com os interesses da comunidade. A causa, melhor: As causas de nossos problemas são em parte históricas, vêm de longe; em parte são políticas. Como resolver os nossos problemas? Creio que a solução estaria na conscientização do povo, para assumir a sua responsabilidade, para participar

<sup>168</sup> Anexo 5: entrevista concedida por Percival Tavares.

conscientemente do processo social. Enquanto o povo, aqui na Baixada e nas diversas regiões de nosso país, for marginalizado, nunca resolveremos esses problemas. Tudo o que se faz é paliativo. Um povo conscientizado terá mais cedo ou mais tarde os seus líderes capacitados. Aqui vejo eu em um papel reservado à Igreja, com ‘mãe e mestra’ nesse esforço de conscientização. Sem segundas intenções, sem vontade de poder, sem apego a privilégios e vantagens, os cristãos engajados deveriam considerar com o aspecto mais positivo e mais fecundo de seu engajamento, precisamente conscientização do povo. Mas esta conscientização leva necessariamente ao espírito crítico, à crítica, à contestação. Compreendemos assim os riscos que corremos, nós pastores da Igreja, nós cristãos engajados, quando tentamos conscientizar o povo. Grupos do poder consideram-nos subversivos, quando de fato queremos ser num mundo desesperado um sinal daquela esperança fundamental que Cristo trouxe.<sup>169</sup>

Fica claro que Dom Adriano compreende que somente através da conscientização política é que o povo pode compreender as razões históricas da desigualdade e desmantelamentos que ocorrem na região onde vive. Por isso, detecta-se que o bispo ao promover esse trabalho pedagógico na formação de líderes desencadeia um processo de reflexão crítica que contribui para fermentar uma linha de ação voltada para transformar a realidade do povo de Nova Iguaçu, a fim de promover mudanças no contexto social. Todavia, fica nítido também que o bispo entende que a Igreja deve posicionar-se ao lado dos menos favorecidos. Em uma de suas homilias, ele registra:

Quando queremos transmitir a todos os habitantes da Baixada, ao menos àqueles que têm contato com a Igreja, que somos sujeitos da História e não objetos da História; que somos sujeitos da Cultura e não objetos da Cultura – não, não somos objetos, somos pessoas que querem assumir a sua responsabilidade: agimos assim porque temos compaixão desse Povo (...) Quando assumimos a causa das milhares de pessoas que são despejadas dos conjuntos habitacionais, por não serem capazes de pagar (...) quando assumimos a causa dos posseiros em Japeri, em Engenheiro Pedreira e em outras áreas de nossa diocese, não estamos procurando prestígio político: estamos sim solidários com os irmãos que não tem voz nem vez, estamos com Jesus cristo: nós temos compaixão desse Povo.<sup>170</sup>

Ao mostrar que o Homem é sujeito da História Dom Adriano revela sua crença na libertação do povo por meio de sua conscientização política, por isso defende um serviço pastoral que responda aos anseios do povo marginalizado da Baixada Fluminense.

Toda a pastoral da diocese deveria ser essencialmente missionária, isto é: voltada para as grandes multidões que vivem marginalizadas do mistério da salvação, de Cristo e da Igreja. (...) Uma área tão difícil e problemática, como é a Baixada Fluminense, pode e deve ser entendida como campo de ação missionária.<sup>171</sup>

Percival Tavares, em entrevista, descreve a linha de ação de Dom Adriano:

A ação de Dom Adriano estava voltada à organização dos trabalhadores, mais no sentido de apoiar os trabalhadores para se organizarem. Conheci o trabalho riquíssimo que ele teve nesta

<sup>169</sup> Cf. Jornal “O Estado de São Paulo”, 30 de novembro de 1978.

<sup>170</sup> Cf. Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, n° 134, de 1° de março de 1980.

<sup>171</sup> “A FOLHA”, Ano 4, n° 232, de 24 de outubro de 1976.

linha. Ele tomou pelas mãos as empregadas domésticas. É uma história riquíssima a do sindicato das domésticas. Só isso dá uma bela dissertação. O papel de Dom Adriano com as empregadas domésticas: ele tinha um carinho muito especial por elas; ele trabalhava nessa linha de apoio. (...). Mas voltando a Dom Adriano, ele foi esse homem de apoiar e que continua referência até sua morte. Mas a partir do início dos anos 1980 há uma mudança muito forte no perfil da diocese. Com a abertura política do regime militar de 1964, muitos intelectuais que estavam politicamente abrigados na Baixada Fluminense e contavam com o apoio da Igreja foram retornando aos seus espaços de origem, voltando ao Rio de Janeiro onde não havia tanta proteção. (...). A riqueza do tempo de Dom Adriano estava em que ele puxava a diocese e as pessoas iam atrás, e aqueles que eram contra tinham vergonha, ou mesmo faltava ousadia, de jogar uma pedra no caminho para atrapalhar.<sup>172</sup>

Compreende-se, assim, que Dom Adriano Hypólito, a partir de uma linha pastoral voltada para a defesa dos direitos do povo iguaçuano e da discussão dos problemas sociais da Baixada Fluminense propõe uma reflexão objetiva da realidade. Abordava questões como educação, saúde, trabalho. Por isso, seu bispado ficou identificado como uma Igreja engajada. Em “A Folha” ele escreve:

Estou que um prefeito que, resistindo a todas as pressões, enfrentando todas as críticas, considerasse a educação como primeira e mais importante tarefa, estaria construindo de fato o futuro de sua comunidade. Seria necessário, antes de tudo, libertar-se das injustiças e pressões políticas dos seus próprios companheiros de partido. Infelizmente está muito espalhada a convicção (tremenda deformação de resto) de que, depois de eleitos, os prefeitos e vereadores, como aliás os deputados e senadores, irão recompensar os seus cabos eleitorais e os seus eleitores. Assim amarrados, os políticos são incapazes de promover o bem comum. (...) Volto ao problema fundamental da educação. O que está aí é escandaloso. Faltam escolas. Faltam vagas. As professoras são mal remuneradas. (...) Gostaria de lembrar que outro problema muito conexo com a educação seria o problema da saúde, ao qual pertencem não apenas postos médicos, ambulatórios, hospitais, etc., mas também esgotos, água encanada, limpeza pública, lavanderias populares, etc.<sup>173</sup>

Observa-se no discurso do bispo uma fala que denuncia os graves problemas sociais da Baixada. Essa concepção da realidade socioeconômica, política e cultural de Nova Iguaçu evidencia uma questão relevante: mostra que a diocese interfere na realidade concreta através da denúncia, do trabalho das Comissões Pastorais e da formação dos leigos. Dessa forma, visualiza-se ações concretas na linha pastoral da Diocese de Nova Iguaçu:

- a) A formação de líderes e leigos engajados.
- b) Formação de pastorais sociais (Pastoral da Terra, Pastoral Operária, etc.), o Movimento Integração Comunidade – MIC, a Comissão de Justiça e Paz, a criação do Centro de Formação de Líderes etc.
- c) A interdependência da fé e política no engajamento dos leigos em Associações de Moradores como o Movimento Amigos do Bairro - MAB, em Sindicatos, como o Sindicato das Domésticas, e em Partidos Políticos, sobretudo o PT.

<sup>172</sup> Anexo 5: entrevista concedida por Percival Tavares.

<sup>173</sup> “A Folha”, Ano 4, n° 236, de 24 de outubro de 1976.

#### 4.1.1 A formação das pastorais sociais: trabalho pastoral – Igreja-Povo, dimensões e orientações

Dom Adriano deixa claro o seu apoio na formação de leigos na Baixada. Com base nas plataformas do Concílio Vaticano II – onde defende Paulo VI, adjetivando-o como um “construtor de ponte” entre os homens da Igreja e do mundo – pois nitidamente Dom Adriano enxerga-o como o Papa que abriu as portas para a Igreja refletir mais abertamente as questões sociais. Ele assinala que Paulo VI foi:

Um papa, que num período de manipulação, soube firmar doutrinas incômodas da Igreja, na defesa da família, na defesa dos pobres e marginalizados, na busca incessante da paz, não era um hesitante nem um fraco nem um medíocre. Paulo VI sabia pensar e agir com grandeza de pontífice, com firmeza de irmãos mais velho que deve confirmar a fé dos seus irmãos.<sup>174</sup>

A designação irmãos subentende-se, aqui, não apenas o “povo”, mas também a clareza de que a Igreja deveria estar aberta a todos os homens, independentemente de sua posição social. Ela deveria ser a primeira a cumprir o mistério salvífico escrito no Evangelho. Por isso, para Dom Adriano, o Concílio Vaticano II teve a função de fazer a Igreja perceber que o pecado social existe e deve ser combatido. Como? A resposta do bispo, em entrevista para a Tribuna da Imprensa (Rio) e o Jornal (Portugal), encontra-se na concepção de um trabalho pastoral:

Visando à conscientização do Povo, para que o Povo se mostre solidário, assumam a sua responsabilidade e participe no processo social. É compreensível que certos grupos de poder político, do poder econômico e do poder militar se oponham a esta participação do Povo e por isso mesmo à pastoral da diocese. Por que se opõem? Por que atacam? Por que difamam? Por que tentam intimidar? A resposta só pode ser esta: porque não querem abrir mão de seus privilégios e do seu poder. A única possibilidade de mudança pacífica nas estruturas sociais do Brasil e da América Latina está na participação das grandes massas marginalizadas até agora. Quando o Povo puder assumir a sua parte, veremos como muitos problemas se resolvem facilmente. Sempre de novo faço um apelo aos políticos, aos empresários, a todas as pessoas de responsabilidade: identifiquem-se com o Povo, assumam a causa do Povo (...). É bom observar que os grupos que se opõem ao trabalho conscientizador da Igreja não mostram nenhum interesse pelo Povo. Defendem seus privilégios.<sup>175</sup>

Fica evidente que, para Dom Adriano, a ruptura das mazelas e dos interesses políticos e privilégios dos grupos dominantes dar-se-ia se houvesse uma “reformulação global da política,

<sup>174</sup> Cf. Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, n° 117, de 1° de setembro de 1978.

<sup>175</sup> Cf. Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, n° 158/159, de março e abril de 1982.

da economia, de outros aspectos da vida nacional, a partir de uma consideração das grandes massas marginalizadas”<sup>176</sup>, daí a importância da difusão de um trabalho pastoral de conscientização e formação do Povo.

Sendo assim, ratifica-se que Nova Iguaçu foi uma diocese que colocou em prática o apelo do Vaticano II e o bispo diocesano contribuiu para que esse desdobramento episcopal se difundisse em Nova Iguaçu por meio das pastorais sociais e das Comunidades Eclesiais de Base. Ainda em entrevista à Tribuna da Imprensa sobre os resultados da Teologia da Libertação e da opção pelos pobres em sua diocese, ele responde:

(...) tenho a impressão de que a diocese de Nova Iguaçu tem crescido muito, a partir de nosso esforço pastoral. Posso dizer que a grande maioria dos padres e dos religiosos, muitíssimos agentes de pastoral, muitos organismos, instituições e movimentos aceitaram e assumiram a linha pastoral que foi proposta pelo Vaticano II e, aplicada à América Latina pelas Conferências de Medellín e de Puebla. O Povo compreendeu depressa o sentido do nosso trabalho pastoral e nos dá um apoio notável. Multiplicam-se as comunidades eclesiais de base. Aumentou o número dos agentes de pastoral. Sente-se uma renovação entusiasmada das antigas associações religiosas. Vão surgindo sempre novos movimentos de atuação pastoral.<sup>177</sup>

A resposta de Dom Adriano Hypólito aponta para duas questões importantes que podem, aqui, ser discutidas, porque os desdobramentos desses pressupostos têm relação direta com a formação dos leigos engajados. Em primeiro lugar aponta para a gênese da Teologia da Libertação, que tem por base o legado inscrito pelo Vaticano II e pelas Conferências Episcopais Latino-americanas; e, em segundo, para a dimensão dessa teologia no trabalho pastoral realizado em sua diocese.

Embora Dom Adriano reconheça que a Teologia da Libertação ainda, por um lado, fosse incipiente e não respondesse a todas as questões que envolvem a dimensão humana; por outro, seria prematura a sua condenação. Ainda em entrevista para a Tribuna da Imprensa ele assinala:

É claro que a Teologia da Libertação tem uma contribuição válida para o bom desempenho da Pastoral. Mais a fé é muito mais ampla. Não podemos imaginar que a Pastoral da Igreja identifique na América Latina e no Brasil se identifique necessariamente com a Teologia da Libertação. Também é claro que a Teologia da Libertação está em crescimento e evolução, procurando o seu caminho. Nenhuma escola, corrente ou doutrina teológica nasceu pronta. Por isso mesmo não é justificado condenar a Teologia da Libertação globalmente, como às vezes aconteceu. Os teólogos também têm o direito de arriscar-se. Penso aqui por ex. na doutrina católica da Imaculada Conceição ou da Infalibilidade Pontifícia que tiveram de esperar séculos até que a luta renhida entre defensores e opositores chegasse ao seu termo pela definição do Magistério.<sup>178</sup>

---

<sup>176</sup> Idem.

<sup>177</sup> Idem.

<sup>178</sup> Cf. Boletim Diocesano. Diocese de Nova Iguaçu, n.º 161, de 1º de junho de 1962.

Faço um parêntese aqui para retratar uma discussão teórica referente às mudanças ocorridas no interior da Igreja Católica no século XX para demonstrar que pesquisas recentes contestam que tais mudanças ocorridas no interior da Igreja, sobretudo no Brasil, tenham se dado para preservar interesses institucionais.

Em sua dissertação de mestrado, Bruno Marques levanta algumas questões importantes, abordando que tais mudanças à luz da perspectiva institucional reduzem o que de fato ocorreu na prática, e ainda ignora que outras visões dentro da instituição católica possam não contemplar essa perspectiva. Bruno Marques utiliza-se de dois pressupostos teóricos que seguem direções opostas e que são contestadas por ele. A primeira é o trabalho de Thomas Bruneau com base na obra “O capitalismo em época de transição, publicada pela Loyola, em 1977”, que interpreta que a mudança eclesial deveu-se ao crescimento de diversas correntes religiosas (protestantismo – seitas – ou políticas – movimentos de esquerda). Nessa perspectiva, a mudança dar-se-ia em decorrência da perda de fieis e crise de finanças, levando a elite eclesial encontrar nas classes populares a saída para maximizar objetivos instrumentais e fortalecer-se institucionalmente. Outra referência teórica citada por Bruno Marques são referências de sociólogos ligados à esquerda cristã, que apontam que as mudanças ocorridas no interior da Igreja devem-se à força das massas que tomaram posse da Igreja convertendo-a e a fez agir por sua conta. Ideia que Bruno Marques rejeita, uma vez que esta subestima a autonomia relativa do campo religioso-eclesiástico, não considerando determinações sociais e culturais à Igreja Católica.

Bruno Marques, com base nas análises de Leonardo Boff em “Igreja: Carisma e poder: ensaios de eclesiologia militante”, publicado pela editora Vozes, em 1994, defende que a religião pode por si só ser uma força poderosa na determinação da orientação política e que a mudança política não modifica necessariamente a maneira pela qual as instituições ou movimentos veem a si próprios.

Este panorama teórico fora suscitado porque se sustenta à medida que análises sobre divergências no interior da Igreja apontam-na como um conjunto de hierarquias distintas e que as Conferências Episcopais ocorridas na América Latina vão redimensionar a visão da Igreja Católica no Brasil, levando-a realizar um trabalho missionário – que vai encontrar opositores – de transformação de consciências e mobilização de forças políticas.

Os discursos proferidos por Dom Adriano vão de encontro a essas proposições, primeiramente porque ele defende que o trabalho missionário realizado pela Igreja deve atender as necessidades, condições e situações particulares dos diversos povos. Acentua que “a Igreja do Brasil está fazendo esse trabalho pela sua opção pelos pobres e pequenos, pela sua identificação com as grandes causas do Povo (...). A Igreja, para realizar sua missão, tem de encarnar-se no tempo e no espaço.”<sup>179</sup>; em segundo, porque ele colocou em prática esses fundamentos na conscientização de leigos engajados através do trabalho pastoral, todavia, acreditava que por meio dessa ação cabia ao leigo autonomizar-se na busca pela dignidade humana e justiça social.

O bispo Dom Adriano Hypólito defendia que a Igreja tinha que ser uma Igreja do/para o povo. O que isso significa em sua concepção? Uma Igreja que se faz Povo. Essa visão tem como justificativa, decerto, o seu ideal franciscano: “Quando considero minha atuação aqui na Baixada Fluminense como bispo franciscano, de fato não sei dizer se sou um bispo franciscano ou um franciscano que é bispo. Aquilo que os muitos anos de vida franciscana me têm dado, entendo-o para o serviço dos irmãos.”<sup>180</sup> Assim, compreende-se que, em sua visão, uma Igreja que se faz Povo é aquela que “não é um fim em si mesma, é um instrumento de construção do Reino de Deus, é uma instituição salvífica”.<sup>181</sup>

Fica claro, o compromisso social inscrito no discurso de Dom Adriano e a linha de ação pastoral da diocese voltada para a conscientização do povo é perceptível à medida que analisamos profundamente os seus pronunciamentos.

O Povo é a nossa esperança de dias melhores. Está aqui a razão por que nosso trabalho pastoral tem por meta a conscientização do Povo a partir da Fé, a partir da dignidade do homem que foi criado à imagem e semelhança de Deus que tem no irmão mais velho Jesus Cristo a garantia de um mundo mais justo e mais humano. (...) Está aí por que o esforço pastoral da Igreja fomenta os movimentos populares, dá preferência aos pobres, assume a causa do Povo, as bases para tomarem, a partir da Fé, uma atitude crítica perante os fatos e as estruturas, perante as pessoas e as instituições; para se unirem numa solidariedade cristã de recursos pacíficos e de objetivos válidos para assumirem sua parte de responsabilidade na construção da Paz; para enfim participarem solidariamente no processo social, em todos os seus aspectos.<sup>182</sup>

Dom Adriano reconhece o crescimento do trabalho pastoral realizado em sua diocese. Em entrevista concedida à Revista Família Cristã, das Congregações Paulinas, onde faz um

---

<sup>179</sup> Idem

<sup>180</sup> Entrevista à Revista de Cultura Vozes, Ano 75, janeiro-fevereiro, nº 1, 1981, p.71.

<sup>181</sup> Idem, p. 70.

<sup>182</sup> Idem.

balanço desse trabalho e respondendo sobre os movimentos que mais se destacaram na diocese de Nova Iguaçu ele responde:

Toda a diocese tem sido um grande movimento, pelo menos no que toca aos grupos de Igreja, aos grupos engajados com o Evangelho e comprometidos com o Povo de Deus. Mas posso ressaltar alguns mais dinâmicos dentro do dinamismo, maior da Pastoral: o Centro de Pastoral Catequética, durante muitos anos um fator notável de formação e atuação pastoral; os Clubes das Mães, atuantes há quinze anos; a Cáritas Diocesana, em seu período de renovação conscientizadora; a Comissão Diocesana de Justiça e Paz, com atuação destacada na defesa dos Direitos Humanos; a Pastoral Operária, a Pastoral da Terra, em seus respectivos campos de trabalho. Há uma Comissão Diocesana de Pastoral da Juventude que promete. Verificamos também um trabalho de conscientização política em várias comunidades de base, com a preocupação constante de não comprometer as comunidades qualquer partido político, com qualquer candidato, portanto de não se identificarem com partidos ou candidatos. De alto valor foi também o Movimento Amigos do Bairro (MAB) que, nos anos da repressão, nasceu e cresceu à sombra e no espaço da Igreja, sem ser no entanto um trabalho pastoral no sentido estrito. O que foi feito nos leva a cantar com gratidão as maravilhas do Senhor. Mas quanto falta, para podermos merecer o nome da Igreja de Jesus Cristo, em sentido pleno.<sup>183</sup>

Conclui-se que o bispo tinha consciência do empenho e dos frutos auferidos pelo trabalho pastoral desenvolvido em Nova Iguaçu. Na sua fala, descrita acima, registra-se que o lema desse trabalho é o povo. Ele identifica a Igreja de Jesus Cristo ao povo. Sendo assim, isola o seu magistério da elite iguaçuana (detentora dos poderes: econômico, político, cultural e militar), e desenvolve um projeto voltado para a emergência da conscientização do povo, pois, em sua concepção, só é possível enxergar uma “Igreja encarnada” quando esta se encontra a serviço do “povo”. Esse trabalho de conscientização, à luz do Evangelho, tem como função a libertação da pessoa humana. Nisso consistia seu projeto de evangelização para a Baixada Fluminense.

Dessa forma, enxerga-se o tipo de liderança exercida por Dom Adriano Hypólito. Em várias entrevistas realizadas, no trabalho de campo, o papel desempenhado pelo bispo é acentuado. Em entrevistas realizadas por outros pesquisadores nota-se que os entrevistados, inseridos em movimentos sociais, partidos políticos também põem em relevo a atuação do Terceiro Bispo de Nova Iguaçu. Em algumas teses sobre Nova Iguaçu, sobretudo no âmbito da Ditadura Civil-Militar, torna-se inviável retratar o período sem que a figura de Dom Adriano não esteja inserida. Com base nesses documentos, diagnostica-se que o discurso de Dom Adriano atrelado ao Concílio Vaticano II produz uma linha de ação orientada a valores, onde a luta por justiça social e a preferência pelos pobres aparecem como uma ética de conduta que se exprime nos desígnios suscitados por Jesus Cristo – dessa forma aparece a ideia de Igreja-Encarnada ser uma Igreja-Povo. Nesse sentido, a Igreja torna-se povo, à mediada que ela coloca em prática esses princípios.

<sup>183</sup> Cf. Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, nº 202/203 de novembro/dezembro de 1985.



Os valores e princípios defendidos por Dom Adriano com base na concepção teológica Igreja-Povo contribuem para que sua voz ecoe e sua autoridade como chefe religioso em Nova Iguaçu se legitime. Este passa a ser visto por alguns leigos como um “santo moderno”, termo que aparece nas entrevistas concedidas e que fora trabalhado no primeiro capítulo. Diagnostica-se, destarte, que o bispo aparece como uma autoridade carismática, que atua dentro do mundo, como aponta Maurício Tragtenberg na apresentação de vários textos selecionados de Max Weber, assinalando que para esse pensador:

A autoridade pode ser distinguida segundo três tipos básicos: a racional-legal, a tradicional e a carismática. Esses três tipos de autoridade correspondem a três tipos de legitimidade: a racional, a puramente afetiva e a utilitarista. A dominação carismática é um tipo de apelo que se opõe às bases de legitimidade da ordem estabelecida e institucionalizada. O líder carismático, em certo sentido, é sempre revolucionário, na medida em que se coloca em oposição consciente a algum aspecto estabelecido da sociedade em que atua. Para que se estabeleça uma autoridade desse tipo, é necessário que o apelo do líder seja considerado legítimo por seus seguidores, os quais estabelecem com ele uma lealdade de tipo pessoa. Fenômeno excepcional, a dominação carismática não pode estabilizar-se sem sofrer profundas mudanças estruturais, tornando-se, de acordo com os padrões de sucessão que adotar e com a evolução do corpo administrativo ou racional-legal ou tradicional, em algumas das configurações básicas.<sup>184</sup>

Observa-se que o bispo de Nova Iguaçu ao rechaçar o posicionamento de uma Igreja que compactue com o poder temporal, independentemente de qualquer ideologia, abnegando sua vocação aos menos favorecidos conforme os preceitos do Evangelho, fere os princípios dos ensinamentos pregados por Cristo, e, portanto, perde sua razão de ser um sinal para o Mundo. Nesse sentido, enxerga-se que surge no âmbito desse fenômeno uma tensão na medida em que o trabalho pastoral da Diocese de Nova Iguaçu, que assume os ensinamentos prescritos no Vaticano II, suscita uma ética de fraternidade que vai em direção específica ao povo sofrido da Baixada Fluminense. Percebe-se que a tensão aqui aparece quando os preceitos do trabalho pastoral voltado para o povo eticamente se racionaliza e exige uma explicação lógico-causal do *Deo placere non potest* (não é possível agradar a Deus) sem a fraternidade. Como salienta Weber:

A religião da fraternidade sempre se chocou com as ordens e valores deste mundo, e quanto mais coerentemente suas exigências foram levadas à prática, tanto mais agudo foi o choque. (...) A tensão entre a religião fraternal e o mundo foi mais evidente na esfera econômica. (...) Uma economia racional é uma organização funcional orientada para os preços monetários que se originam nas lutas de interesses dos homens de mercado. O cálculo não é possível sem a estimativa em preços em dinheiro e, daí, sem lutas no mercado. (...) as religiões da salvação tiveram uma tendência a despersonalizar e objetivar o amor, no sentido singular do acosmismo. Não obstante, essas mesmas religiões observaram, com profunda desconfiança, o

<sup>184</sup> WEBER, Max. Série Economistas: textos selecionados. Rejeições religiosas do mundo e suas direções. Traduções de Maurício Tragtenberg, Waltensir Dutra, Calógeras A. Pajuaba, M. Irene de Q.F. Szmrecsányi, Tamás J. M. K. Szmrecsányi. São Paulo: Editora Nova Cultural, Apresentação, p.13.

desdobramento das forças econômicas que, num sentido diferente, também foram impessoais, e por isso se opuseram especificamente à fraternidade.<sup>185</sup>

Detecta-se assim que no trabalho pastoral da Diocese de Nova Iguaçu encontra-se uma ação social motivada por valores onde os fins só têm sentido se os meios utilizados forem orientados para o bem comum do povo iguaçuano. Dito isto, os subitens a seguir procuram demonstrar que os desdobramentos da autoridade desempenhada pelo bispo diocesano contribuirão para o recrudescimento de ações direcionadas para legitimar o trabalho pastoral que tem como interdependência Fé-Política configurada em uma Igreja que se faz povo e que se projeta no Verbo-Encarnado, por isso, o povo é visto não como objeto da história, mas sim como sujeito que deve construir e modificar a sua própria realidade por meio da ação concreta. Essa ação na concepção do bispo só é possível mediante a um trabalho de conscientização–formação–politização dos leigos engajados.

#### 4.1.2 A linha de ação concreta das pastorais sociais e dos movimentos populares no interior da Diocese de Nova Iguaçu

Dom Adriano em diversos momentos fez pronunciamentos sobre a situação dos trabalhadores da Baixada Fluminense. Percebia que a maioria da população que residia ali viera das regiões periféricas do Brasil. Por isso, constantemente assinalava:

Temos assim de abrir os olhos para a realidade de nossa Baixada. Embora faltem estatísticas rigorosas, podemos aceitar como verdadeiro que a população da Baixada Fluminense e de nossa diocese cresce de 10 a 12% anualmente. Sobretudo por imigração. Milhares de pessoas, geralmente pessoas jovens e válidas, deixam a miséria, a rotina, a desesperança da agricultura – Nordeste, Minas, Espírito Santo, Norte do Estado do Rio – para tentarem nesta região metropolitana que, por vários motivos e apesar de todos os defeitos, ainda continua sendo privilegiada no contexto social.<sup>186</sup>

Decerto, o bispo conhecia a realidade de sua diocese. Em seus pronunciamentos, percebe-se o afeto que ele tinha pela população de Nova Iguaçu, formada em grande maioria por imigrantes, que, abandonando a vida dura nos sertões, buscava melhores condições de vida

<sup>185</sup> Idem. Rejeições Religiosas do Mundo e suas Direções. Parte 3 Direções da Renúncia ao Mundo e parte 4. Esfera Econômica. pp. 162-163.

<sup>186</sup> Cf. Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, n° 115, de 1º de julho de 1978.

nas áreas urbanas e industrializadas. Por isso, no ano de 1978, ele escreve no Boletim Diocesano uma carta sobre a Pastoral Operária. Nesse documento ele expõe a importância de privilegiar essa pastoral ratificando:

A opção pela pastoral operária, como uma das prioridades de nossa diocese, tem sentido. Não é veleidade. Não é *hobby* de uns poucos. Tem sentido, porque responde ao desafio concreto da Baixada Fluminense. Tem sentido a partir do mistério de Cristo e do mistério da Igreja. O bispo diocesano está profundamente convencido desta situação e por isto mesmo de nossa responsabilidade pastoral. Todos nós que, conscientemente, fraternalmente, nos deixamos envolver pelo plano de amor de Deus para melhor servirmos os irmãos, todos nós que somos e, com a graça de Deus merecemos ser agentes de pastoral numa área excepcional como é a Baixada Fluminense, devemos refletir mais seriamente sobre o assunto da pastoral operária, devemos engajar-nos com mais decisão. Esta pastoral corresponde à situação social da região metropolitana do Rio de Janeiro. Temos feito muito esforço para motivarmos os nossos agentes de pastoral, para nos conscientizarmos, para nos engajarmos.<sup>187</sup>

Pode-se dizer que nesta carta Dom Adriano inaugura, de forma concreta, a Pastoral Operária na Diocese de Nova Iguaçu. Nota-se que a razão desse trabalho pastoral encontra subsídios na própria realidade vivida pelos trabalhadores iguaçuanos. Nesse sentido, o trabalho pastoral se converge em prática sócio-política uma vez que sua criação tinha como objetivo despertar a consciência crítica da massa trabalhadora, sobretudo os leigos engajados, como ele assinalava: “A pastoral toma sua matéria-prima da situação concreta em que vivemos. (...) Os condicionamentos das pessoas e das comunidades, aqui e agora, condicionam os aspectos práticos da pastoral”.<sup>188</sup> Em entrevista para o Jornal Tribuna da Imprensa ele diz que “Os problemas sociais condicionam a Pastoral”.<sup>189</sup>

Dessa forma, observam-se dois direcionamentos na linha de ação da Diocese de Nova Iguaçu. Primeiramente, fica evidente que o trabalho pastoral parte da problemática vivida pelos seus habitantes e procura saná-la através da conscientização dos leigos. Em segundo, pressupõe que esse trabalho pastoral distingue-se daqueles realizados pelas dioceses que não seguem a linha proposta pelo Concílio Vaticano II. Sublinha-se, mais uma vez, que foi o papa João XXIII quem nomeou Dom Adriano bispo auxiliar de Salvador e, em 06 de novembro de 1966, o papa Paulo VI o nomeia bispo diocesano de Nova Iguaçu. Ratifica-se também que foi no pontificado desses dois papas que ocorreu o Concílio Vaticano II. Indaga-se: será que Dom Adriano seria nomeado bispo diocesano pelo papa João Paulo II conhecendo o seu posicionamento e reflexões sobre Fé e Política?

---

<sup>187</sup> Idem.

<sup>188</sup> Idem.

<sup>189</sup> Cf. Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, n° 131 de 1° de dezembro de 1979.

Detecta-se, assim, que há mudanças de enfoque nos conceitos desenvolvidos nos documentos da Igreja desde a *Rerum Novarum*, que, de acordo com o Secretariado Nacional de Pastoral Operária, representou um “audacioso programa de política, em pontos como intervenção do Estado em defesa dos trabalhadores e na estruturação das leis sociais, proteção e aquisição da propriedade, greve, repouso dominical, limitação do tempo de trabalho, salário, poupança e repouso remunerado.”<sup>190</sup> Os documentos pontifícios inscritos nos papados de João XXIII – *Mater e Magistra* e *Pace in Terris* – de Paulo VI – *Populorum Progressio* – e de João Paulo II – *Laborem Exercens* e *Sollicitudo Rei Socialis* elucidam as concepções de trabalho, capital e propriedade privada. Nesses documentos verifica-se o quanto a *Rerum Novarum* influenciou o posicionamento da Igreja e sua visão de mundo, à luz do Evangelho, para as questões sociais.

O Papa João Paulo II – Karol Józef Wojtyła – assume o pontifício em outubro de 1978 e, subsequentemente, em 1979, ocorre a Conferência Episcopal em Puebla, que redimensiona a questão da pobreza na América Latina. Detecta-se que o pontifício de João Paulo II é marcado pela centralização romana com forte contração da presença da Igreja no cenário político. Pesquisas recentes acentuam evidências nas relações estreitas entre o Vaticano e os Estados Unidos no combate ao Comunismo. Através de diálogos mantidos entre o papa João Paulo II e assessores do presidente norte-americano Ronald Reagan, os autores do livro “Sua Santidade: João Paulo II e a história oculta de nosso tempo”, Carl Bernstein e Marco Politi, relatam essa relação, acentuando que “a visão básica que eles tinham do cânone marxista-leninista era teológico: o comunismo era espiritualmente mau”.<sup>191</sup>

Não obstante, um dos pensamentos mais contundentes de João Paulo II contra a infiltração marxista no interior da Igreja está registrado na *Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”*, onde ele assinala:

A presente instrução tem uma finalidade mais precisa e mais limitada: quer chamar a atenção dos pastores, dos teólogos e de todos os fiéis para os desvios e perigos de desvios, prejudiciais à fé e à vida cristã, inerente a certas formas da teologia da libertação que usam, de maneira insuficientemente crítica, conceitos assumidos de diversas correntes do pensamento marxista.<sup>192</sup>

Observa-se, então, que nesse documento pontifício João Paulo II critica a postura de teólogos, padres, bispos que ao buscarem uma explicação para a miséria e a pobreza dos

<sup>190</sup> Secretariado Nacional de Pastoral Operária. A Igreja e os Trabalhadores, São Paulo: Edições Loyola, p. 24-25.

<sup>191</sup> BERNSTEIN, Carl & POLITI, Marco Politi. Sua Santidade: João Paulo II e a história oculta de nosso tempo, 6ª edição, Rio de Janeiro: Objetiva, 1996, p.266.

<sup>192</sup> João Paulo II. Instrução sobre alguns aspectos da “Teologia da Libertação”, São Paulo: Paulinas, 1984, p.6.

milhões de habitantes da América Latina utilizam a ideologia marxista.<sup>193</sup> Pode-se dizer que se inicia a partir daí uma advertência aos teólogos da libertação bem como um processo de restauração conservadora no âmbito da Igreja Católica no Brasil como assinala Della Cava que:

Pelo menos por uma década esteve em curso uma “restauração conservadora” no interior da Igreja brasileira (certamente no Clero e sua hierarquia...) (...) esta facção nunca repudiou a “democracia”; ela está pelo menos perfeitamente à vontade com o retorno da política civil elitista com Tancredo Neves; e é decididamente não socialista, ao contrário do que ocorre com muitas CEBs (...) ela advoga a religião de antigamente: pompa e procissões, romarias, novenas, devoções aos santos; numa palavra, a matéria de onde a religiosidade popular, a fé do povo, tira sua força, como ficou claro na visita do papa ao Brasil”.<sup>194</sup>

Em entrevista, Padre Agostinho Pretto, que fora Vigário Geral no bispado de Dom Adriano Hypólito, faz uma análise do processo conservador que instaurou dentro da Igreja Romana, cujos desdobramentos atingiram a Teologia da Libertação. Padre Agostinho esmiúça bem o processo de despolitização perpetrado no pontificado de João Paulo II.

João XXIII decreta o Vaticano II e Paulo VI completa-o. João Paulo I morre aos 33 dias de pontificado. Em 1978 João Paulo II e este surge. É um papa polonês, que viveu a ditadura na Polônia, que viveu as prisões da Polônia. Que acompanhou os cardeais presos na Polônia; que traz todas essas marcas para dentro da Igreja Católica e esta perde sua liberdade de ação. É um Teatrólogo. Um homem que fala todas as línguas; viajou o mundo; apresentou o rosto da Igreja no mundo e forçou a Igreja dentro viver sua roupa velha. Ele fez o trabalho do rosto externo e, ao mesmo tempo, ele ordenou: voltem para as Igrejas! Caçou os teólogos. Muitos teólogos. Caçou Leonardo Boff, etc., etc., etc. Empobreceu a Igreja dentro. Nessa transição quando eu falo do momento dentro, no mundo mais cem mil padres deixam o ministério. Aqui no Brasil, mais de 4 a 5 mil. Suprime a Teologia da Libertação. Suprime as Comunidades Eclesiais de Base. E coloca a Igreja interna no silêncio.<sup>195</sup>

Pode-se, a partir dessas exposições, afirmar que o posicionamento da Diocese de Nova Iguaçu manteve-se fiel aos princípios do Vaticano II, como assinala Dom Adriano em entrevista para o Jornal do Brasil – Rio que “A preocupação com o social, com o político, com o humano, é um dever da Igreja e de cada cristão, a partir de sua Fé, a partir da dimensão do Reino de Deus que começa já neste mundo de coisas passageiras.”<sup>196</sup> Nessa mesma entrevista,

<sup>193</sup> Na Encíclica *Laborem Exercens* João Paulo II torna patente que o princípio teológico tomista é aquele que deve nortear o sentido cristão do trabalho, condenando a ideologia marxista no que tange sua filosofia e práxis. A Igreja interpreta que o caráter subjetivo do trabalho é considerado como atividade da pessoa humana e o valor fundamental deste trabalho não consiste, primeiramente, em criar produtos, mas está em que o produto reside da atividade de uma pessoa humana. (Cf. Documentos da CNBB. n. 40 Igreja: comunhão e missão na evangelização dos povos, no mundo do trabalho, da política e da cultura. São Paulo: Paulinas, 13 a 22 de abril de 1988.) Contudo, Marx assinala que a própria relação social da produção inviabiliza esse conceito subjetivo do trabalho quando ratifica que o trabalho e seus excedentes são apropriados pelos detentores dos meios de produção (o patrão), transformando em mercadoria, até mesmo, a força produtiva (os operários). Marx ratifica que “a teoria dos comunistas pode ser resumida em uma sentença: abolição da propriedade privada”. (Cf. MARX, Karl ; ENGELS, Friedrich. O manifesto Comunista, 4ª edição revisada, Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998. p.31).

<sup>194</sup> DELLA CAVA, Ralph. A Igreja e a Abertura, 1974-1985. IN: KRISCHKE, Paulo & MAINWARING, Scott (Orgs.). A Igreja nas Bases em Tempo de Transição (1974-1985). Porto Alegre: L&PM: CEDEC, 1986, p.35.

<sup>195</sup> Anexo 1: entrevista concedida por Padre Agostinho Pretto.

<sup>196</sup> Cf. Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, n° 218/219 de março/abril de 1987.

Dom Adriano critica a linha pastoral da Igreja que opera apenas à luz da Fé não se imiscuindo no plano político. Assim ele diz:

Uma Igreja meramente espiritual, uma catequese meramente espiritual são a negação do mistério de Deus encarnado, em Jesus Cristo que (na belíssima palavra que Paulo nos conserva) não se apeçou ciosamente à sua divindade “mas esvaziou-se a si mesmo e assumiu a condição de servo, tomando a semelhança humana. E achado em figura de homem, humilhou-se e foi obediente até a morte e morte de cruz” (Fl2, 6-8)<sup>197</sup>

Dom Adriano ainda escreve:

Pela abundância de problemas de uma região problemática e pela circunstância de nossa diocese ser efetivamente uma diocese conciliar, marcada pelo Vaticano II, temos o dever de parar um pouco para agradecer ao Pai tantas maravilhas acontecidas (...) considero graça de Deus ser chamado para o serviço de bispo numa diocese quando fui nomeado (estava antes na Bahia, Salvador, como bispo auxiliar), era apresentada como a diocese “mais difícil” do Brasil. A problemática é complexa, sem dúvida nenhuma, como em todas as dioceses da periferia, nas áreas metropolitanas. (...). quero crer que a problemática levaria qualquer bispo e qualquer padre, qualquer agente de Pastoral à realidade do Povo. Este identificar-se com o Povo cresceu sempre mais Graças a dois fatores de alta importância. O primeiro: o Concílio Vaticano II. Tive a felicidade de participar do Concílio, em três períodos (1962, 1963 e 1965). Como minha vida anterior tinha sido quase exclusivamente vida de padre-professor e educador de seminaristas, devo confessar que minhas experiências pastorais foram, desde o princípio de meu ministério de bispo da Baixada Fluminense, marcadas pelo espírito do Concílio. Sobretudo porque nossas comunidades também estavam começando a sua caminhada eclesial, sem o peso de tradições carregadas através de gerações. Vindo imediatamente após o encerramento do Vaticano II e encontrando os bons fundamentos lançados por meus dois antecessores e seus excelentes colaboradores, era para mim claro o rumo pastoral de nossa diocese. Mas há um segundo fator que, na minha opinião, foi de alta importância também: a Revolução de 64. Olhando-a na sua evolução e caminho de 21 anos – quase dentro portanto dos 25 anos da diocese –, devemos confessar que trouxe uma contribuição válida, sem ser propriamente querida para a igreja do Brasil: levou a Igreja do Brasil a assumir com destemor e clareza sua missão profética. A Igreja que em 64 se deixou envolver pelo anticomunismo das elites dominantes – ela mesma integrada no sistema elitista, com as exceções de sempre –, essa Igreja descobriu-se na sua essência mais profunda como Povo de Deus. E fez uma alegre e dolorosa caminhada de distanciamento em relação aos esquemas de poder político, cultural, econômico e militar.<sup>198</sup>

Nesse discurso, fica evidente que o bispo se esforça para dar prosseguimento em sua diocese a um serviço pastoral “em que a tônica procura ser sempre a participação do Povo.”<sup>199</sup>

Ele assinala:

Parto do Vaticano II que deu aos leigos, em níveis pastorais, o mesmo tríplice “múnus” que, noutros tempos (e infelizmente em alguns círculos ainda hoje, apesar do Concílio), eram atribuídos somente ao clero: o múnus profético, o múnus régio e o múnus sacerdotal. Temos também de partir da legislação atual de nossa Igreja. Aí está o novo Direito Canônico, legislando com muita clareza sobre a participação dos leigos na ida da igreja. Procuramos ir por essa pista e, interpretando os sagrados cânones pelo espírito da lei e pelo espírito do Vaticano II e também pelo espírito do nosso tempo que exige participação co-responsável, procuramos aproveitar as eventuais brechas ou omissões da Lei Maior: São muitas. Uma interpretação mais larga e generosa leva a uma participação mais atuante dos leigos, de tal modo que a Igreja que é

<sup>197</sup> Idem.

<sup>198</sup> Cf. Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, n° 202/203 de novembro/dezembro de 1985.

<sup>199</sup> Idem.

o bispo e o padre mas é também o Povo de Deus ou os leigos aparece mais integrada na sua missão de anunciar o Salvador e a salvação. Muito diferentemente do que previam, durante o Concílio, depois do Concílio e ainda hoje, os grupos “clericais” (padres e leigos), a participação dos leigos na Pastoral, nas comunidades eclesiais de base, longe de eliminar ou querer eliminar o padre, tem consciência clara do papel do padre na vida da Igreja e da comunidade.<sup>200</sup>

Em entrevista, perguntei à Rosana Xavier sobre o trabalho de conscientização desenvolvido pela diocese – uma vez que muitos leigos iniciaram e tiveram uma conscientização política nas bases da Igreja e muitos desses leigos se encontram hoje no MAB, nos Sindicatos das Domésticas, na associação de moradores – e pedi que ela me falasse um pouco da importância desse trabalho, dessa conscientização nas bases da Igreja realizado por Dom Adriano para que esses leigos tivessem uma postura consciente em relação às questões políticas e sociais. Em resposta ela disse que não fora apenas um trabalho de conscientização política desenvolvido pelo bispo, mas de:

Vida até de cidadão. Eu acho que eu não seria o ser humano que sou hoje e ter a consciência que tenho hoje se não fosse isso tudo que vivi. A gente se formou a partir desses grupos. Muitos leigos, nessa época, perceberam que após o Concílio Vaticano II a Igreja se abriu, e que é importante rezar; a missa é algo muito importante na vida do cristão. Mas vai além do que isso. Jesus Cristo foi um dos maiores políticos. Jesus Cristo saía para rezar, mas era um homem que andava no meio do povo, no meio dos excluídos. Esses movimentos da época nos ajudaram a ter esse olhar. Acho que você pegou o desenho dentro da Igreja que a gente trabalhou no Conselho Pastoral da Diocese, na década de 1980, de que a Igreja estava no alto e foi puxada para baixo, porque a gente não pode ficar olhando para o alto. Para construirmos um reino aqui na Terra, a gente tem que trabalhar e não é só dentro da Igreja que a gente vai trabalhar, mas também no meio do povo. Jesus não esperava o povo ir junto dele, mas ele ia ao encontro do povo. As pessoas começaram a ter essa consciência. E hoje é tão forte que a gente percebe. Tem alguém que fala, mas eu não me lembro de quem, acho que é uma fala daquele bispo do rio São Francisco: sonho que se sonha só é um sonho só, mas o sonho que se sonha junto pode se tornar real. Porque a gente sabia que a gente precisava se organizar para poder conquistar o que a gente queria. Hoje, a gente vê pessoas daquela época envolvidas ainda nos movimentos políticos partidários, no MAB, no Sindicato das Domésticas. Para minha experiência, para minha formação enquanto pessoa, enquanto ser humano, esses momentos foram importantes.<sup>201</sup>

Nota-se que na fala de Rosana Xavier aparecem as expressões “Concílio Vaticano II” e “Povo”, identificando o posicionamento teológico do bispo de Nova Iguaçu. Por outro lado, ajuda-nos a entender, nesse capítulo, como o trabalho pastoral desenvolvido pela Diocese de Nova Iguaçu tinha uma atuação política prática. Os ensinamentos adquiridos pelos leigos no âmbito das pastorais sociais da diocese contribuíram para que estes, conscientes de seu papel social enquanto cristãos e cidadãos, passassem a militar em diversas atividades integradas a movimentos sociais, participando de campanhas políticas, mobilização pelas melhorias dos bairros em Nova Iguaçu, atuando na defesa dos trabalhadores junto aos sindicatos e partidos políticos.

<sup>200</sup> Cf. Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, nº 204/205 de janeiro/fevereiro de 1985.

<sup>201</sup> Anexo 4: entrevista concedida por Rosana Xavier.

Começamos essa análise pela Pastoral Operária: Salvador Marcelino, em entrevista, nos conta um pouco de sua participação já como leigo engajado e militante, afirmando que atuou:

Na mobilização muito forte que fez até surgir o MAB, por exemplo, eu me engajei na luta para construção do conjunto habitacional. Aqui na Paróquia temos três conjuntos habitacionais: o do Jardim Esplanada, o do João Manuel Gonçalves, que faz divisa com a comunidade e que foi a grande causa de fazer nascer o MAB e o conjunto do Monte Líbano, quando da minha inserção na Pastoral Operária. .<sup>202</sup>

Em entrevista perguntei a Salvador Marcelino se de alguma forma seu engajamento na Pastoral Operária, contribuiu para uma conscientização política mais abrangente, levando-o, até mesmo, filiar-se no Partido dos Trabalhadores. Ele respondeu-me:

Ah, sim! Contribuí porque a gente já tinha a convicção de classe. Então, a Pastoral Operária dá muito isso. Resgata a importância do trabalho. As pessoas não têm consciência, nem o próprio trabalhador mais consciente, tem exceções, mas, a maioria absoluta... Quando você vê a parede dessa casa. Quantas toneladas tem essa casa? Isso tudo foi energia humana que fez tudo isso. O trabalhador não tem consciência disso. Isso é que é um desafio. A minha vida é que está aí. Essa energia que saiu de seu braço não volta. .<sup>203</sup>

A fala de Salvador mostra como esse trabalho de conscientização desenvolvido nas bases da Igreja contribuiu para a formação dos leigos, conscientizando-os de seu dever como cristão, cidadão e, sobretudo, trabalhador. A Pastoral Operária, por meio de cartilhas ilustradas e apostilas retrata a relação entre capital e trabalho de forma que o leigo consiga compreender essas questões, de maneira simples e clara, e engajar-se, tomando postura diante da realidade e desafios oriundos do mundo do trabalho.

Percival Tavares em entrevista relata a importância da produção desse material, as cartilhas, de forma simples e didática para facilitar a leitura do povo mais humilde e facilitar o contato com população da região:

A folha em quadrinho era de quatro páginas. De que forma a gente fazia isso? Era uma forma bem primitiva. Desenhos que você nem se via o rosto das pessoas. Mas o que acontecia? O texto voltava da reunião e as pessoas viam o texto. O texto era de duas páginas frente e verso, formato A4. Fizemos algumas histórias em quadrinhos. Nunca teve mais de quatro páginas. E esse pessoal que a Pastoral Operária convocava se informava e formava no debate sobre o assunto e no processo de elaborar e reelaborar a história em quadrinhos. (...) Em forma de diálogo, colocávamos duas pessoas conversando sobre o desemprego. Depois de fazer de 2 a 5 mil cópias, havia uma tarefa comum a todos os participantes: saímos dois a dois a andar pelas ruas do bairro com a pessoa referência da rua "X", que tinha a tarefa de bater à porta do seu vizinho e abria o contato para o grupo. Duas pessoas ficavam ali conversando com vizinho, enquanto ela seguia em frente para outra casa com outros dois do grupo. As pessoas paravam seus afazeres naquela hora e não nos deixavam avançar na rua. E ficávamos 10, 15 minutos, meia hora, discutindo política. Havia dias em que não conseguíamos a atingir muitas pessoas, pois passávamos uma manhã toda numa única rua. Pegávamos emprestado ao sindicato dos

<sup>202</sup> Anexo 3: entrevista concedida pelo senhor Salvador Marcelino.

<sup>203</sup> Idem.



comerciários seu carrinho de som para a atividade; era um carinho de mão com som à bateria, com o qual a gente saía fazendo barulho. Esse trabalho foi muito educativo.<sup>204</sup>

A Pastoral Operária nasce basicamente dos antigos militantes da Juventude Operária Católica – JOC e, depois dessa fase juvenil, muitos militantes integram a Ação Católica Operária – ACO. Waldemar Rossi resgatando a história da Pastoral Operária ressalta que:

Esses movimentos tiveram muita importância na história do mundo. Pra que vocês percebam, o Concílio Vaticano II aconteceu por causa também dos desafios da Ação Católica, em nível mundial, apresentava pra a vivência do Evangelho, da Boa Nova proposta por Jesus, a prática do Evangelho na vida, no engajamento nas lutas sociais. Foi por isso que João XXIII convocou o Vaticano II: para que a Igreja refletisse o seu papel no mundo daquela época. Graças a ele nós recebemos um impulso muito grande, porque esse grande Concílio levou a Igreja a refletir concretamente sobre a realidade do mundo do trabalho, não só, mas o mundo do trabalho esteve muito presente, no centro dos estudos.<sup>205</sup>

Padre Agostinho, um dos fundadores da Pastoral Operária Nacional, relata, em entrevista, as mudanças realizadas na relação Igreja-Pastoral-Trabalho mediante aos atos violentos perpetrados pela Ditadura Civil-Militar no Brasil que passou a perseguir até mesmo os religiosos engajados em pastorais sociais:

Por volta dos anos 1970, 69 em diante. Bom! Não importa o ano! A gente organizou seminários de estudos. Eu, nessa altura (...) já tinha sido preso. Com tudo o que eu sabia, com a prisão, cela, com as masmorras, com as torturas, com as mortes que eu acompanhei, foi o tempo que eu chamo de durante, foi o tempo que para mim me deu a graça de poder amadurecer. Liberto da prisão, com um mínimo de proteção, porque eu já tinha sido preso, já tinha advogado de defesa, eu de forma semi-clandestina tive a condição de ir organizando seminários. Os seminários nada mais eram do que momentos para analisar a realidade. E a realidade era, verdadeiramente, uma realidade caótica. Viver sem liberdade. Se você quiser imaginar uma desgraça para o povo é um povo escravizado. Através dos seminários, legalmente organizados, e aparentemente inofensivos, andei o Brasil. Nesse andar o Brasil, ajudei a reascender de alguma forma a esperança. E o pessoal que participava dos seminários, eu os via realmente renascendo onde era possível abrir os olhos. Nesse tempo de seminários realizados, surgiu esse grupo que Dom Helder chamou de Minorias Abraâmicas, grupo composto por Dom Valdir Calheiros, Dom Luís Fernando e Dom José Maria Pires. (...). Nesse momento mais concretamente eram esses três. Esses vieram falar comigo: “nós temos que partir para algo novo, pois não há condições de refazer a Ação Católica”. As siglas estavam queimadíssimas. “Vamos pensar em criar algo vinculado à Igreja, mas que não seja movimento”. A Ação Católica estava vinculada à Igreja, mas desenvolvia ações como movimentos. “Vamos criar algo que não seja movimento, mas é pastoral. A pastoral é um vínculo, garante um vínculo estratégico com a Igreja”. E se foi criando a ideia de algo novo a ser feito. Tudo muito na escuridão, muito na sombra, do que poderia ser. Nesse respiro novo, organizei um encontro nacional de trabalhadores. Esse encontro, caminhando um pouco mais, aconteceu em 1975. Para você ver: 1968, 69, 70, 71, 72, 73, 74 e 75. Todos foram os anos durante. (...). A gente andou o Brasil. Um grupo andou em São Paulo, outro andou no Norte e outro no Sul. Esses grupos foram andando, articulado, organizando... Trabalho de um ano para localizar onde estavam os que se esconderam. E também um ano de: “vamos bater à porta de tudo o que é bispo”. Isso foi durante. E desse trabalho todo, em 75 realizamos um encontro em Taboão da Serra, SP. Umass 150 pessoas vindas de todos os cantos do Brasil. Todos trabalhadores.<sup>206</sup>

<sup>204</sup> Anexo 5: entrevista concedida por Percival Tavares.

<sup>205</sup> ROSSI, Waldemar. Resgate da História d Pastoral Operária (PO). Pastoral Operária Nacional, abril de 2005, p.2.

<sup>206</sup> Anexo 1: entrevista concedida pelo Padre Agostinho Pretto.

Perguntei ao Padre Agostinho se esse encontro fora o Encontro Nacional dos Trabalhadores. Ele respondeu que sim e, justamente, no momento em que o encontro acontecia, Vladimir Herzog era assassinado. Ele disse que Dom Evaristo Arns presidiu a abertura do evento dizendo-lhes:

Quem nos deu cobertura para realizar esse encontro foi Dom Paulo Evaristo Arns. Dom Evaristo abriu o encontro dizendo: “olha, vocês têm coragem!” E completou: “Eu vim apoiar vocês, porque vocês têm coragem. A situação está muito difícil. Muito grave. Agora, uma coisa eu digo a vocês. Enquanto vocês estiverem aqui ninguém vai meter a mão em vocês”.<sup>207</sup>

Por meio desse encontro, de acordo com Padre Agostinho, surgiu a ideia de se criar no Rio uma Sede de Coordenação, sendo negada por Dom Eugênio Sales. Vários bispos estavam envolvidos nesse empreendimento como o Cardeal da Bahia, Dom Avelar, que era um dos que os apoiavam na Bahia quando da divulgação desse trabalho. Padre Agostinho revela que o fato de ter sido negado a criação de uma Sede de Coordenação Pastoral no Rio, buscou uma oportunidade em Nova Iguaçu, uma vez que já havia estado ali no ano de 1974. Com o apoio de Dom Adriano Hypólito, as portas da diocese foram abertas. Ele assinala que a partir desse momento:

Já apareciam luzes. Vamos criar uma pastoral ligada aos bispos e, em 1975, nasce a Comissão Pastoral da Terra. Mas há uma gestação. Ela não nasce de repente. Em 1972 foi o grupo da Bahia desenvolvendo trabalho de pesquisa. Em 1974 foi o ano da síntese e em 1975 começou a dar corpo ao trabalho. Em 1976, nasce, aqui em Nova Iguaçu, a Comissão Pastoral da Operária. (...) Para chegar a isso tivemos trabalhos sérios em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, na Rua Benjamin Constant quando criamos o CEDAC (Centro de Ação Comunitária), que completou agora 30 anos (...). Vamos chamar a isso tudo de Comissão Pastoral Operária. Uma comissão. Eu fui o primeiro presidente, a primeira diretoria, fiz a primeira ata, dei o primeiro encaminhamento, fui o primeiro responsável, o primeiro articulador. Daí vieram o Salvador, o Dico. (...). Quando nasceu a Pastoral Operária, eles perceberam que em Nova Iguaçu estava o foco da grande resistência (...). Criado o nome, oficializado o nome, as coisas surgem como pipoca. Pipocou a Pastoral Operária em todo o canto do Brasil, primeiro no Rio, posteriormente em São Paulo, e assim surge a Pastoral Operária no Brasil.<sup>208</sup>

A interdependência entre religião e política torna-se visível, sobretudo na luta e no engajamento da Pastoral Operária pela reforma dos sindicatos, pois esta pastoral enxergava que estes possuíam uma linha decisória vertical, porém, estava excluindo os trabalhadores das decisões importantes na relação capital-trabalho. A culminância mais evidente dessa assertiva encontra fundamentos quando ocorre em Nova Iguaçu, no ano de 1978, como mencionamos anteriormente, o Encontro dos Trabalhadores em Oposição à Estrutura Sindical. Esse evento foi sediado no Centro de Formação da Diocese de Nova Iguaçu. Não obstante, o fato mais

---

<sup>207</sup> Idem.

<sup>208</sup> Idem..

relevante foi que o Bispo Dom Adriano concedeu o espaço da Igreja para abrigar o evento e ainda abriu a seção discursando em favor dos trabalhadores. Nesse mesmo ano, Dom Adriano escolhe a Pastoral Operária como prioridade do seu trabalho pastoral.

Padre Agostinho comenta em entrevista:

Aconteceu o ENTOES. O ENTOES não caiu do céu. Ele é fruto de um trabalho nacional (...). São sujeitos vindos de todos os cantos que ficaram sediados aqui. (...). A Igreja estava aí. A Igreja era a porta de entrada. Se você quiser, ela era a anfitriã que recebia sem cobrar. Não alugava, mas abria as portas. Esse foi o grande gesto profético de Dom Adriano.<sup>209</sup>

Ainda em entrevista, Padre Agostinho relata a importância do evento ENTOES e diz que este evento foi gestado no processo da luta sindical e fala da importância da Diocese de Nova Iguaçu em ter aberto suas portas. Esse relato mostra o apoio que Dom Adriano concedeu no momento. Padre Agostinho lembra que o bispo não interferia diretamente no processo, mas se fazia presente ao abrir as portas de sua diocese.

Salvador Marcelino também nos conta que Dom Adriano participava muito pouco dos encontros da Pastoral Operária, todavia, disse ele:

Dom Adriano era uma figura! Poucas vezes ele foi à reunião da Pastoral Operária. Ele era muito mais ligado aos Direitos Humanos, naquele tempo Justiça e Paz. Ele dizia: opção preferencial pelos pobres! Como os pobres gostavam dele. Algo impressionante! Todos os encontros da Pastoral Operária eu levava convite para ele, mas ele participou poucas vezes, pouquíssimas vezes. Ele dizia que estávamos muito bem representados. “Vocês estão autorizados em falar em nome da Diocese de Nova Iguaçu”.<sup>210</sup>

Na interdependência entre religião e política encontramos relações estreitas entre as ações da Pastoral Operária com a associação de moradores (MAB) e com a política (PT). Em vários momentos a Pastoral Operária aborda diretamente questões relacionadas ao contexto sócio-político. As cartilhas elaboradas pelos seus membros representantes enunciam a proposta do VER-JULGAR-AGIR. Os informes procuram discutir os verdadeiros problemas que afligem a população da Baixada. Nesse sentido, observa-se a atuação direta de membros da Pastoral Operária na luta pelas garantias sociais no trabalho, em mutirões, em manifestações contra a Câmara de Vereadores, na luta pela Constituinte, em 1985, e pela redemocratização do país.

Rosana Xavier, em entrevista, exprime:

---

<sup>209</sup> Idem.

<sup>210</sup> Anexo 3: entrevista concedida pelo senhor Salvador Marcelino.

Tudo o que a gente viveu nas décadas de 1970 e 1980, com a presença de Dom Adriano, eram coisas vivenciadas a partir da organização do povo. Então, a gente vive um momento diferente, mas a gente percebe na diocese hoje alguma coisa daquilo que construímos atrás.<sup>211</sup>

Nota-se que os leigos engajados reconhecem e percebem-se integrados nesse processo de conscientização. Rosana conta-nos a importância da atuação desses leigos e mostra-nos, ainda nos dias de hoje, onde alguns deles atuam. Ressalta-se que estes iniciaram a sua trajetória nas pastorais sociais da Igreja de Nova Iguaçu e hoje atuam em movimentos sociais, na política, em sindicatos, em associações de moradores etc.

Temos duas mulheres hoje nos Sindicatos das Domésticas, que participaram da sua fundação, e ainda estão lá, o sindicato continua ainda que não tão forte como naquela época, um pouco fragilizado; temos pessoas que hoje são políticas que são vereadores, deputados, como Arthur Messias, que hoje é Prefeito de Mesquita, que iniciou suas bases na Pastoral da Juventude; temos o próprio Alessandro Molon que também vem da Pastoral da Juventude e hoje está na área de Direitos Humanos e é deputado; temos o Adriano que trabalha conosco. Ele foi da Pastoral Operária, a gente fez um trabalho muito bom aqui no nosso bairro tanto em Moquetá quanto no Aeroclube, de sentar com a Associação de Moradores para a questão de saneamento que na época não tinha; era muito barro; conseguimos muitas conquistas para o nosso bairro; ele desenvolveu um trabalho na Prefeitura desenvolvendo um trabalho contra a violência à crianças e adolescentes e hoje desenvolve um trabalho em bairros e favelas com as escolas; temos vários exemplos; e eu e o Flavio estamos aqui, trabalhando nas bases para reunir o povo e trazer de volta aquelas discursões que fazíamos no passado.<sup>212</sup>

Quando Salvador Marcelino relata, em entrevista, que Dom Adriano dizia que os leigos engajados estavam autorizados a falar em nome da Diocese de Nova Iguaçu isto prova a confiança do bispo na atuação dos leigos a partir do trabalho pastoral desenvolvido. Por isso, observa-se no discurso do bispo a ênfase dada à formação e à politização dos leigos. Por quê? No discurso sobre CEBs e Política é possível compreender os argumentos do bispo e os motivos pelos quais ele valorizava a participação dos leigos e o papel da Igreja nesse processo. Assim ele escreve:

Na CEB a formação política é importante e necessária. É através da Política que se promove, de maneira sistemática e geral, a cidadania de cada cidadão com os deveres e direitos que caracterizam a Democracia (...) A Igreja-CEB tem, assim, de incorporar ao seu programa a conscientização política de seus membros. Abrir os olhos de quem é cego para os valores de cada pessoa – criatura irrepitível de Deus –, para os valores da comunidade como tal, para o valor do progresso e do desenvolvimento, para as escandalosas diferenças sociais que violentam a pessoa e o plano de amor do Pai, para o direito e dever de participação numa sociedade democrática, para as mazelas políticas de nossos políticos, para a esquizofrenia social que racha a vida do Povo brasileiro de cima abaixo: tudo isto e muito mais pertence à missão de uma Igreja-CEB (...) Sem a conscientização política no sentido mais amplo possível, não existe comunhão fraterna, não existe Igreja, não existe Comunidade Eclesial de Base. Cabe assim à Igreja-CEB um papel relevante na formação de seus membros para a Democracia, contra todo tipo de ditadura, mas também contra as diversas formas de oligarquia e aristocracia. E Democracia exige participação e corresponsabilidade da parte do Povo.<sup>213</sup>

<sup>211</sup> Anexo 4: entrevista concedida por Rosana Xavier.

<sup>212</sup> Idem.

<sup>213</sup> Cf. Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, n° 252/253/254 de janeiro, fevereiro e março de 1990.

João Marcus de F. de Assis<sup>214</sup> em sua pesquisa de doutoramento enfoca a contribuição do bispo para com a formação das CEB's desde sua coordenação na primeira Assembleia Diocesana, onde por votação estas teriam prioridade na diocese. De acordo com Assis, conscientização e mobilização das bases foram a válvula propulsora dos diversos trabalhos pastorais da diocese. No bojo desse trabalho, fé e vida, reflexão e ação caminharam lado a lado, tendo como lema o resgate da dignidade humana para toda uma população abandonada politicamente, porém lutadora e confiante ao extremo.

Decerto, o compromisso pastoral de Dom Adriano em apoiar a formação política dos leigos de sua diocese promoveu rachaduras no diálogo entre a elite local, o Clero Conservador para com a Diocese de Nova Iguaçu. No dia 26 de abril do presente ano (2012), o SESC de Nova Iguaçu, com o apoio do Arquivo Diocesano, apresentou na mostra de cinema “Fala Sério” o documentário “Dom Adriano e os Anos de Chumbo”. Após a exibição do filme, o professor Antônio Lacerda abriu um debate para comentar o documentário, falar sobre a História de Nova Iguaçu e o papel da diocese sob o legado de Dom Adriano Hypólito. Lacerda contou-nos que no início do bispado de Dom Adriano a elite iguaçuana esteve ao seu lado, todavia quando percebeu que seu discurso privilegiava os interesses do povo esta foi afastando-se do bispo. De acordo com o professor Percival Tavares, interesse pelos menos favorecidos redimensiona o papel da Igreja de Nova Iguaçu que:

Passa pelas mudanças que vão transformá-la em baluarte dos movimentos populares. A Diocese de Nova Iguaçu, criada em 1960, de perfil conservador, com a chegada de D. Adriano Hypólito, em 1966, sofre mudanças que levam-na a uma estreita identificação com as classes populares. Ao definir as Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) como uma de suas prioridades, em sua primeira Assembléia diocesana de 1968 (...) a Igreja de Nova Iguaçu acaba exercendo um papel subsidiário importantíssimo frente à carência de movimentos sociais, à falta de espaço e à repressão.<sup>215</sup>

No trabalho “Dos barões ao extermínio: uma história da violência da Baixada Fluminense”, José Cláudio Souza Alves menciona que já em 1966 a Diocese de Nova Iguaçu já aparece como o símbolo da interferência militar bem como o papel político de Dom Adriano que denunciava a criminalização da pobreza na Baixada Fluminense. Alves salienta que “o bispo de Nova Iguaçu, D. Adriano Hypólito, declarava que, salvo exceções, a imagem dos políticos da região era marcada pela mediocridade, incapacidade, puxa-saquismo e

---

<sup>214</sup> Cf. ASSIS, João Marcus F. Op. cit.

<sup>215</sup> TAVARES, Percival, op. cit., pp. 29-30.

primarismo”.<sup>216</sup> Observa que por meio das atitudes do bispo, “a Diocese de Nova Iguaçu consolidava o seu modelo pastoral com forte envolvimento nas questões sociais”.<sup>217</sup> Em decorrência desse trabalho pastoral e do apoio do bispo aos movimentos sociais mudanças ocorreram na região, prova disso é que, como salienta Alves, “em outubro de 1978, moradores de 34 associações de bairros entregavam ao representante do prefeito os memoriais com os vários problemas dos bairros”.<sup>218</sup> Alves destaca ainda que:

Os anos 80 conhecerão o surgimento de um poderoso movimento social que, além da rede de comunidades católicas, terá nas federações de associações de bairros suas faces institucionais mais visíveis. O Movimento Amigos de Bairros (MAB), de Nova Iguaçu; o Movimento de União de Bairros (MUB), de Duque de Caxias, e a Associação de Bairros e Moradores (ABM), de São João de Meriti, passariam a articular um conjunto crescente de associações de bairros em torno de demandas sociais voltadas, sobretudo, para a obtenção dos equipamentos públicos urbanos.<sup>219</sup>

O papel de Dom Adriano Hypólito foi muito importante, como salienta José Claudio Souza Alves, que detecta mudanças nas práticas políticas da região após a sua substituição pelo bispo Dom Werner Seibenbrock. Diagnóstico, esse, comungado por vários estudiosos como Percival Tavares<sup>220</sup> e Scott Mainwaring<sup>221</sup>, que reconhecem a importância da linha de ação pastoral desenvolvida por Dom Adriano. Nesse sentido, observa-se o dinamismo sócio-político efetuado pela Diocese de Nova Iguaçu junto aos movimentos sociais como, por exemplo, o Movimento Amigos do Bairro – MAB, o Clube de Mães e o Sindicato das Domésticas.

Outra pastoral social que teve grande importância nas atividades da Igreja local foi a Pastoral da Terra, sobretudo a partir de 1979. Essa pastoral também recebeu bastante apoio do bispo diocesano. Quatro pontos podem ser destacados quando se analisa o papel do bispo em relação a questão agrária na região:

a) primeiramente, as críticas realizadas pelo bispo abertamente nos veículos de comunicação da diocese e em entrevistas denunciando o descaso das autoridades governamentais para com a causa da Reforma Agrária contribuíram para sua difamação, pois

<sup>216</sup> ALVES, José Cláudio Souza. op. cit., p. 101.

<sup>217</sup> Idem, pp.109-110.

<sup>218</sup> Idem, p. 106

<sup>219</sup> Idem, p. 109

<sup>220</sup>TAVARES, Percival, op. cit.

<sup>221</sup> MAINWARING, Scott. A Igreja Católica e o Movimento Popular: Nova Iguaçu (1974-85). IN: KRISCHKE, Paulo & MAINWARING, Scott (Orgs.). A Igreja nas Bases em Tempo de Transição (1974-1985). Op. cit.

inúmeras vezes foi taxado de bispo comunista e subversivo por defender os interesses dos menos favorecidos. Ele responde em entrevista para o *Jornal do Brasil /Rio*, que:

A nossa diocese nunca incentivou ocupações nem organizou invasões. Mas diante dos fatos consumados e diante dos apelos de irmãos sofridos, procurou tomar uma posição cristã e humana: mediar para encontrar a solução mais adequada, sem violência, sem derramamento de sangue. Posso dizer que durante o regime militar nosso trabalho foi frustrado pela prepotência e pela noção absoluta da propriedade. Nos conflitos a regra, durante o Governo militar, era a Polícia evacuar, violentamente, os humildes e pobres, dando sempre razão aos fortes, aos poderosos, aos donos do poder. O trabalho de conciliação, de justiça e de caridade tentado pela Igreja era tachado de subversivo, de marxista, de comunista (...). As elites estão ainda dominadas pelo feudalismo medieval: não abrem mão de suas terras, mesmo abandonadas; não aceitam a libertação do pequeno agricultor que, durante séculos, esteve sujeito totalmente sujeito, ao fazendeiro dominador e absoluto. Não vamos desconhecer os bons fazendeiros que eram como pais para os seus moradores, que aceitavam, sem problema algum, o regime de “meia” ou de “quarta”. Mas esse sistema antiquado, que foi bom noutros tempos, não pode ser mantido nos dias de hoje. Faço votos para que o Governo, contra toda a esperança, fique firme no seu propósito de executar uma reforma agrária justa e adequada ao bem do Povo.<sup>222</sup>

b) o segundo aspecto está na experiência de vida do bispo, quando procurou viver e realizar o que anunciava e defendia. De acordo com o depoimento da ministra da eucaristia, Sra. Nailza, Dom Adriano:

Era um homem de muita coragem. Eu admirava sua coragem! Os lugares aonde ele ia eram muito perigosos. E mesmo onde ele morava era perigoso. Ele morava numa baixada. Num dia quando fui ao colégio das irmãs ele me mostrou onde ele morava. Era numa baixada, porque o colégio das irmãs era no alto. Era numa baixada, longe. Lugar perigoso! Mas eu sempre lhe perguntava se ele não tinha medo de morar lá e ele sempre respondia que quem tem medo não tem Deus.<sup>223</sup>

c) Outro aspecto relevante é o seu comprometimento na causa da Reforma Agrária, concedendo propriedades pertencentes à Igreja de Nova Iguaçu para ocupação de posseiros:

A Diocese de Nova Iguaçu possui quatro alqueires de terra cultivados. Outra área de setenta mil metros quadrados já foi ocupada com consentimentos do bispo diocesano. Existem as chamadas “terras da Santa”, terras que foram doadas, no século passado, à irmandade de Nossa Senhora do Rosário, da Vila de Cava e, por deliberação legal da Assembléia que dissolveu a irmandade, passaram para a Diocese de Nova Iguaçu. Não se sabe exatamente o tamanho. Alguns falam de oitenta, outros de quatrocentos alqueires. Poi bem: são áreas ocupadas há muito. Com interferência do INCRA esperamos encontrar a solução mais justa, para dar as terras aos pequenos posseiros. Nunca passou pela cabeça do bispo expulsar os ocupantes. Não sei se as dioceses do Brasil têm muitas terras. Se as tiverem, deverão comprometer-se também com o espírito da Reforma Agrária.<sup>224</sup>

d) o quarto aspecto, que pode ser destacado, consiste no apoio fornecido à Pastoral da Terra por meio dos religiosos e leigos engajados, acionando a Comissão de Justiça

<sup>222</sup> Cf. Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, nº 212/213 de setembro/outubro de 1986.

<sup>223</sup> Anexo 6: entrevista concedida pela ministra da eucaristia, senhora Nailza Rodrigues dos Santos.

<sup>224</sup> Cf. Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, nº 212/213 de setembro/outubro de 1986.

e Paz para mediar os conflitos existentes no que tangem o acesso a terra. Refletindo sobre as ocupações de terras na região, Dom Adriano registra:

O Povo humilde que ocupa áreas abandonadas, quer trabalhar. Quer pelo trabalho sobreviver dignamente. Quer pelo amanho de terras abandonadas fomentar a produção de gêneros alimentícios para si e par aos outros. Quer pelo casamento da semente com a terra contribuir para o progresso do Brasil. Contra estes irmãos nossos, homens e mulheres que ocupam terras abandonadas sem pesar nada ao Estado, justamente porque não querem pesar sobre a sociedade, cai, esmagador, o peso da propriedade privada mal entendida, acionada pela Justiça antiquada, pela Polícia acionada pela Justiça dos homens, e pelos jagunços alugados ou forçados pelos grandes proprietários.<sup>225</sup>

Vê-se que o bispo defende o homem simples, aquele que ocupa a terra, designado pelas forças locais como “invasor”, mas para ele, que conhece o histórico de vida do povo e as mazelas socioeconômicas da região, é apenas um “povo sofredor” que almeja melhores oportunidades. Ele assinala:

Em nossa região muitíssimos operários vieram das zonas agrícolas do país: do norte Fluminense, do Espírito Santo, de Minas Gerais e sobretudo do Nordeste. Vieram tentar a sorte. Vieram atraídas pelas condições mais humanas de vida, que nunca encontraram no atraso feudal das regiões agrícolas. Como se trata geralmente de operários sem qualificação profissional, a maioria acaba na construção civil. Acontece a recessão, ao saber das medidas improvisadas do Governo que nunca sabe muito bem que quer: esses operários são jogados na rua da amargura. Moram nos bairros da periferia, no Grande Rio. E aqui vêm com olhos gulosos as muitas terras abandonadas, antigas fazendas de café ou laranjas, hoje entregues ao mato ou a algumas cabeças de gado. Terras que, sem cultura, causam enorme prejuízo à economia nacional. Que surpresa ver como olhos gulosos de terra boa e como o coração oprimido pela miséria crescente se ascendem de desejos: ocupar a terra abandonada, seja de quem for, e pelo trabalho produtivo levar a fartura aonde só existia carência?<sup>226</sup>

O ponto crítico que se visualiza no contexto da ação da Pastoral da Terra em Nova Iguaçu deu-se quando no processo de luta pela posse da terra ocorreram assassinatos de religiosos envolvidos com a causa agrária<sup>227</sup>, semelhante ao assassinato ocorrido com o padre Josimo Moraes Tavares, em Imperatriz, no dia 15 de abril de 1986, morto por ordem de latifundiários. Em Nova Iguaçu, a violência atingiu a irmã Filomena López Filha, da Congregação Franciscana, assassinada aos 44 anos de idade, em junho de 1990. O Jornal do Brasil publicou na manhã do dia 9 de junho o episódio, noticiando a seguinte manchete: “Freira é assassinada com um tiro na Baixada”, relatando:

<sup>225</sup> Cf. Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, nº 230/231 de março/abril de 1988.

<sup>226</sup> Idem.

<sup>227</sup> Na dissertação de Mestrado – “O Grito pela Terra: religiosos católicos e subalternos rurais na Amazônia Legal Brasileira, na década de 1970 – Maria Margarida Crespo Cardoso descreve a trajetória da mobilização dos camponeses e sua luta pela terra, perpassando pelas interpretações de desenvolvimento econômico no país pelo governo e outros setores sociais. Conta-nos, à luz de referências como, por exemplo, José de Souza Martins em “O poder do Atraso” e Thomas Skidmore em “De Getúlio Vargas a Castelo Branco (1930 – 1964), o posicionamento da Igreja Católica no Brasil em relação à formação das Ligas Camponesas e sua luta pela reforma agrária no país, enfocando os fatores que levaram o Clero brasileiro a apoiar a ditadura, iniciada em 31 de março de 1964, e seu descontentamento, posteriormente, levando uma fração do Clero, dito a ala progressista da Igreja, a apoiar a Teologia da Libertação. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação da UFF, em 2006, sob a orientação do professor Dr. Fernando Antonio Faria.



O corpo foi encontrado hoje de manhã e a política afastou a hipótese, pois nada foi roubado. Ligada a movimento de posseiros e favelados da Baixada, Irmã Filomena já tinha recebido ameaças de morte, como contou a Irmã superiora Irene Boritza. O caseiro da Igreja de Santa Rita do Cruzeiro do Sul, José Pereira da Silva, disse lhe ter aconselhado a não andar sozinha. “Não tenho medo. Tenho fê na Eucaristia”, respondeu-lhe a freira. (...) Irmã Filomena havia recebido de Dom Adriano Hypólito, bispo de Nova Iguaçu, a missão de coordenar a distribuição de lotes e a construção de casas nas favelas da Viga e da Posse, à margem do rio Bota. Para facilitar seu trabalho, a diocese comprou a Saveiro, placa QF 2883, que a freira utilizava para comprar material de construção. O Coordenador da Comissão de Justiça e Paz de Nova Iguaçu Frei Luís Tomaz, disse que o terreno onde foram erguidas as favelas tinha sido invadido por desabrigados, que perderam suas casas em enchentes. Os favelados iam ser despejados e a diocese comprou o terreno, designando Irmã Filomena para coordenar a distribuição dos lotes. As casas estavam sendo construídas em mutirão, com a orientação do engenheiro Antônio Zychdl e a ajuda financeira da diocese e de moradores e comerciantes. Na favela da Viga foram construídas 158 casas, uma creche, um salão paroquial e a Igreja de São Francisco de Assis. Há cerca de um ano a freira começou o trabalho na Favela da Posse. (...) às 17h40 de quinta-feira, a freira foi vista em seu carro, a caminho do Instituto de Educação Santo Antônio, em Nova Iguaçu, no qual morava e era diretora das turmas de 5ª e 8ª série. Ela deveria assistir à missa das 18h, e por volta das 21h, os padres Tereso Rinaldi e Agostinho Pretto começaram a procura-la. De manhã, foram informados do crime.<sup>228</sup>

Fato que merece destaque é que dois anos antes do assassinato da Irmã Filomena, Dom Adriano fizera campanha e convidara os leigos e religiosos a participarem do “Ato Público de Protesto Contra a Violência”, celebrado na Câmara Municipal do Rio de Janeiro por sua Comissão de Direitos Humanos e outras entidades, em 26 de maio de 1988 onde escreve no Boletim Diocesano:

Trabalhando e vivendo como bispo católico na Baixada Fluminense, há vinte e um anos, tenho a dolorosa experiência de viver numa das áreas mais provadas por toda sorte de violência. Quero apresentar minha solidariedade a este Ato Público contra a violência, assim como estou solidário, como cristão e como homem do Povo, contra todas as violações dos Direitos Humanos que acontecem no Brasil de nossos dias. (...). Minha confiança é que este Ato Público de protesto contra a violência, violência de todos os tipos, principalmente contra a violência histórica e tradicional que esmaga o Povo simples e humilde, aquilo que chamamos carinhosamente de Povão, acorde e abale as consciências das elites e dos responsáveis em todas as classes da sociedade.<sup>229</sup>

Após a divulgação desse ato de protesto, em maio de 1988, o bispo convoca o Fórum da Violência na Baixada Fluminense, elaborando propostas de trabalho a fim de mobilizar as pastorais de sua diocese, trazendo à luz a questão da violência. Nos meses de agosto e setembro desse mesmo ano ele discute a real fonte da violência, assinalando:

Lemos nos jornais, ouvimos pelo rádio ou vemos pela televisão como a Polícia Militar e pela Polícia Civil enfrentou os marginais de algumas favelas do Rio, conseguindo prender e/ou matar alguns dos chefes da rede de contrabandistas de drogas. A repressão policial, desenrolada nas favelas, terá resultado duradouro? A pergunta é justificada, porque um mal social não se extingue de um dia para o outro, mas precisa de um combate intenso, duradouro e continuado. (...) Sabemos que o combate à violência é um dos mais urgentes desafios de nossa Baixada. Das reportagens de jornais parece que as autoridades públicas sabem onde estão os marginais. Parecem que as autoridades públicas sabem que lavra a corrupção nas duas polícias, que a Zona Sul estão os principais consumidores de drogas. Certo, as favelas não têm poder aquisitivo para comprar cocaína e outros produtos semelhantes. Se a favela assume a importação e distribuição de drogas é porque nas favelas abandonadas não funcionam as estruturas sociais; é porque nas favelas abandonadas os consumidores podem adquirir, sem perturbação, as drogas necessárias

<sup>228</sup> Jornal do Brasil, de 09 de junho de 1990, p. 35.

<sup>229</sup> Cf. Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, n° 234, de 1º de julho de 1988.

para o seu vício. (...) Para um desafio tão complexo não há onda de repressão que dê jeito nem resposta suficiente. Um plano de construção da Paz em nossa Baixada deveria estender-se por muitos anos, ou mesmo por muitos decênios. (...) A Igreja pode e quer dar uma contribuição válida para a solução do problema da violência em nossa Baixada. Esta contribuição diz respeito em primeiro lugar à conscientização do Povo para a problemática das drogas e da violência, para as ligações profundas que há entre os marginais e de todos os tipos e de todos os níveis sociais. Nenhuma instituição tem como a Igreja o contato direto com os problemas do Povo. Só a Igreja pode animar nos corações desesperados um sentimento de esperança responsável e dinâmica. (...) A campanha contra a Violência que nossa diocese lançou no dia 17 procura conscientizar, esclarecer, denunciar, animar, para que um dia – esperamos que não venha tarde demais – tenhamos Paz em nossa Baixada.<sup>230</sup>

Todavia, a semente da paz lançada por Dom Adriano não atingiu todos os corações. Irmã Filomena fora assassinada em junho de 1990. O Jornal do Brasil reiterou, além da notícia de sua morte, que:

Na Baixada Fluminense existe centenas de Comunidades Eclesiais de Base (CEB's). Associações de moradores, que constituem uma força política na região, nasceram de reuniões nos fundos das igrejas, nas quais se discutiam problemas do cotidiano de cada um: a falta de assistência médica, água encanada, esgoto e asfalto nas ruas e a violência. É claro, acabava-se falando também de política. Por isso, na década de 70 esses grupos eram considerados subversivos e vigiados por órgãos de segurança. Na Baixada, existem quase dois milhões de eleitores e não faltam políticos interessados em manipular as Comunidades Eclesiais de Base. Mas a Baixada também tem também uma Igreja atuante representada pelos bispos Mauro Morelli, de Duque de Caxias e Adriano Hipólito, de Nova Iguaçu, incansável na defesa dos direitos humanos da população. Lá existe também o MAB (Movimento das Associações de Bairros), que trabalha junto com as CEB's. É difícil pensar hoje em organização social ou movimento popular na Baixada sem lembrar da Igreja. Padres, freiras e líderes comunitários atuam juntos em variadas áreas: na distribuição de terras, na reivindicação de postos de saúde e escolas e na denúncia de atos de violência e da falta de policiamento.<sup>231</sup>

As denúncias afirmadas por esse jornal comprovam a atuação do seguimento Diocese-CEB's-MAB, que tinha como porta-voz a Comissão de Justiça e Paz da Diocese de Nova Iguaçu. Assim, no dia 12 de fevereiro de 1978, foi criado por Dom Adriano a Comissão Diocesana de Justiça e Paz, como órgão de assessoria e enfrentamento dos problemas relacionados aos Direitos Humanos na Baixada Fluminense.

Em sua dissertação de mestrado, Sonia Ambrozino da Silva, já citada anteriormente, destaca no capítulo terceiro “A Formação Sóciopolítica da Diocese de Nova Iguaçu” o contexto em que nasceu o Centro de Direitos Humanos em Nova Iguaçu. Ela assinala que:

A formação sociopolítica da Diocese só ganha relevância a partir da atuação de D. Adriano Hipólito (...). Nos anos de ditadura, ele foi um forte defensor dos direitos humanos. Naquela época, através da Comissão de Justiça e Paz, lutava para defender os direitos, principalmente daqueles mais pobres e denunciar o Esquadrão da Morte com seu “mão branca”, que era o nome que se dava a todos aqueles que matavam os chamados perigosos. Mais tarde, em 06 de outubro de 1993, a Diocese criou o Centro Diocesano de Direitos Humanos. Esta Comissão trabalhou muito na defesa dos direitos dos mais pobres, em relação a conflitos de terra, problemas relacionados à habitação etc. Para dar continuidade a este mesmo trabalho, foi criado, então, o Centro de Direitos Humanos, que a partir daí absorveu e continuou o magnífico trabalho da Comissão de Justiça e Paz. D. Adriano participou ativamente dos processos produzidos na Baixada Fluminense naquela época, principalmente com o advento da Teologia da Libertação, a

<sup>230</sup> Cf. Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, nº 235/236 de agosto e setembro de 1988.

<sup>231</sup> Jornal do Brasil, de 09 de junho de 1990, p.35.

criação e intensificação das CEBs (Comunidades Eclesiais de Base), entre outros movimentos de resistência às situações de ditadura e marginalização das minorias e dos desfavorecidos. É bom também ressaltar que, embora muito do que acontecia na Diocese fosse fruto da concepção de pastoral que tinha D. Adriano, o Brasil contava naquele momento com uma Conferência Nacional dos Bispos (CNBB) muito participativa e que tinha à frente bispos como Dom José Maria Pires, Dom Pedro Casaldáliga, Dom Evaristo Arns, Dom Valdir Calheiros e muitos outros, que tinham uma visão do trabalho pastoral como atuação política, argumentando que se serve a Jesus Cristo na pessoa do necessitado, ou seja, do pobre.<sup>232</sup>

A Comissão Diocesana de Justiça e Paz teve papel relevante na luta pela defesa dos direitos humanos, sobretudo no período em que Dom Adriano esteve à frente da Diocese de Nova Iguaçu. Retaliações foram perpetradas contra a diocese, contra o bispo, religiosos e leigos engajados. Mas o trabalho pastoral de conscientização popular manteve-se firme.

O Seminário Paulo VI, inaugurado em 3 de maio de 1986 por Dom Adriano Hypólito, é mais um dos elementos utilizados para a formação. Dom Adriano sobre a função do Seminário Paulo VI escreve:

Para a formação temos um elemento novo: o Seminário Diocesano Paulo VI, com seu leque de ofertas, que serão sempre mais numerosas. Funcionam já três anos de Filosofia e 1 ano de Teologia – para candidatos ao sacerdócio, mas cursos abertos também a leigos de formação. Há também cursos (extensão da Universidade de Santa Úrsula) de aprofundamento e intensificação, para leigos. Há planos de vários cursos: para os preparadores dos sacramentos, nas paróquias; para lideranças comunitárias; para catequistas e professores de religião. Haverá também cursos eventuais sobre matérias de atualidade, como por ex. sindicalismo, direitos trabalhistas, constituinte etc. etc. Repito: é muito o que se faz, precisamos no entanto fazer muito mais. – Quanto aos princípios ou “linhas pastorais” que norteiam nosso trabalho pastoral e marcam a fisionomia de nossa diocese, tenho tentado por todos os meios colocar nossa diocese e nossa pastoral em “estado de Igreja”, em “dinâmica de Igreja”:

- que pela pregação, pela pastoral, pela vida, pelas estruturas e infra-estruturas, anuncia Jesus Cristo como Salvador e Salvação;
- que está marcada em sua natureza, em sua ação pastoral, em sua vida íntima pelo ministério da Páscoa que é tanto Cruz como Ressurreição;
- que serve e é um serviço;
- que faz opção fundamental e radical pelos pobres.<sup>233</sup>

Visualiza-se que a intensão do bispo é utilizar esse espaço não apenas para a formação de religiosos e futuros sacerdotes, mas também para formar os leigos (agentes de pastorais) de sua diocese. A concepção de Igreja inscrita por Dom Adriano é uma Igreja que deve ser ativa e engajada. “Igreja que é germe e começo do Reino de Deus” –, entendo e coloco uma participação bem maior e mais decisiva do Povo de Deus no chamado “governo” da Igreja, um “governo” que não tem muita analogia com os governos das nações, mas com a maneira de Jesus portar-se na sua vida terrena”.<sup>234</sup> A preocupação com a execução de um trabalho pastoral tendo as prioridades definidas em assembleias diocesanas, após longo trabalho preparatório em

<sup>232</sup> SILVA, Sônia Ambrozino, op. cit., pp. 21-22.

<sup>233</sup> Cf. Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, n° 204/205, de janeiro/fevereiro de 1986.

<sup>234</sup> Idem.

nível de comunidades, de paróquias e de regiões pastorais a diocese no triênio de 1983-1986 assume as seguintes prioridades: formação (dos agentes de pastoral), ação social e pastoral da juventude.<sup>235</sup>

Figura 26 - Seminário Paulo VI



Foto extraída de: <http://cnbbleste1.org.br/2011/05/seminario-da-diocese-de-nova-iguacu-celebra-jubeileu-de-prata>.

Outro mecanismo utilizado pelo bispo para conhecer a realidade de sua diocese, bem como refletir a missão e os desafios da Igreja na Baixada Fluminense foi a promoção de Sínodos.<sup>236</sup> O primeiro Sínodo diocesano aconteceu em 18 de janeiro de 1987, cujo lema foi “A Baixada busca o Deus libertador”. A convocação desse Sínodo teve por objetivo a formação dos formadores, pois desde 1967, quando ocorreu o Primeiro Encontro de Planejamento Pastoral, a formação foi encarada como uma das prioridades pastorais. Dom Adriano escreve que os motivos dessa prioridade objetiva é criar instrumentos de formação eficiente e prática, de acordo com a situação concreta de nossa diocese e do nosso Povo. A falta de formação adequada reflete-se em todos os setores da Pastoral.

Por exemplo, na composição das diversas Comissões Pastorais: catequese, círculos bíblicos, juventude, liturgia, pastoral operária, pastoral da terra, pastoral de missões, vocações e ministérios, etc. Há em todos os agentes de Pastoral uma tocante boa vontade, um tocante idealismo, uma tocante generosidade. Mas a formação falta na maioria dos casos. (...) Já podemos descobrir intuitivamente que um dos resultados concretos do Sínodo será a criação de um instituto de formação catequética e pastoral, no qual os agentes de Pastoral possam receber

<sup>235</sup> Idem.

<sup>236</sup> O Código de Direito Canônico no seu cânon 460 descreve o Sínodo Diocesano como um conjunto particular de padres selecionados e fiéis da Igreja, que estão no bem de toda a comunidade diocesana, auxilia o bispo diocesano. Cf. C.I.C. Cân. 460 p. 218 “cœtus delectorum sacerdotum christifidelium Ecclesiæ particularis, qui in bonum totius comunitatis diocesanae Episcopo diocesano adiutricem operam præstant”.

uma preparação intensa para o seu ministério, preparação concentrada nas linhas pastorais que nossa diocese adotou.<sup>237</sup>

Nesse mesmo Sínodo Dom Adriano adverte religiosos, padres, leigos e a si mesmo da importância de uma flexão pastoral focada na realidade social do Povo da Baixada Fluminense e nas suas necessidades. Assim ele assinala:

Quando assumimos a causa de irmãos nossos que, para sobreviver, ocupam terras abandonadas, não estamos, não deveríamos estar a serviço de qualquer tipo de ideologia – nem marxismo, nem populismo, nem filantropismo etc.; estamos tentando, dentro de nossas limitações, imitar a Jesus Cristo na sua participação com o sofrimento do Povo e na sua criatividade miraculosa. O pão que Jesus Cristo multiplica é bem o símbolo de todo o nosso esforço criativo, para servir os irmãos pequenos, com os quais Jesus se identificou e sempre se identifica (...). Devemos pôr-nos em “estado de Sínodo”. Devemos embeber-nos do Sínodo. E do Sínodo tiraremos incentivos para um aprofundamento da Fé em seus aspectos mais profundos, por exemplo, como inserção maior na “comunhão” fraterna. Quando nos interessamos pelos irmãos que, premidos pela fome, ocupam terras abandonadas, o que nos impele não é qualquer tipo de ideologia nem qualquer vontade de poder e prestígio, mas somente o amor de Cristo que se realiza no amor dos irmãos frágeis, pequenos e sofridos. O Sínodo quer abrir-nos os olhos para certos aspectos lamentavelmente esquecidos, como é precisamente a dimensão comunitária, social, eclesial. Nossa Fé é uma Fé transbordante, comunicativa, orientada para a libertação do irmão.<sup>238</sup>

Nessa passagem, faz-se necessário ressaltar duas questões: Primeiramente, fica evidente que conceber o trabalho pastoral da Diocese de Nova Iguaçu como inspiração de ideologias seja marxista, comunista etc. é um equívoco, como procuramos explicar em seção anterior. Em segundo, que o conceito de “libertação” deve ser entendido à luz da fé, no âmbito do mistério salvífico do Evangelho, como ele mesmo assinala em entrevista concedida para a Revista Manchete: “libertação de que fala o documento de Medellín e de que falamos nós só pode ser entendida com justiça quando consideramos à luz da fé”.<sup>239</sup>

Sônia Ambrozino destaca a importância do Sínodo realizado pela Diocese de Nova Iguaçu no ano de 1992, onde foram lançadas as bases para fomentar a formação de lideranças. Segundo Sônia Ambrozino<sup>240</sup>:

As bases dessa proposta foram levantadas, a partir da formulação do Documento Final do Sínodo Diocesano, em 16 de abril de 1992. Neste documento, ressaltava-se a situação da realidade do povo da Baixada Fluminense nos seguintes aspectos:

- De marginalização crescente;
- De empobrecimento;
- De desvalorização da qualidade de vida e
- De destruição dos valores humanos, ficando-lhe como “tábua de salvação”: corrupção, marginalidade, sonhos, misticismo e fuga para as seitas.

<sup>237</sup> Cf. Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, n° 230/231, de março/abril de 1988.

<sup>238</sup> Idem.

<sup>239</sup> Cf. Entrevista de D. Adriano para a Revista Manchete (19/03/1978) - Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, n° 116, de agosto de 1978.

<sup>240</sup> SILVA, Sônia Ambrozino. Op. cit., p. 27.

O resultado desse empreendimento resultou, de acordo com Sônia Ambrozino, no Curso de Formação Social iniciado no ano de 1994, em parceria entre a diocese junto à entidade católica alemã que mantinha projetos na Diocese de Nova Iguaçu, a Misereor. Não obstante, seminários foram realizados para discutir as diretrizes do Curso de Formação. Sônia Ambrozino assinala<sup>241</sup>:

O Seminário de Montagem do Curso de Formação Social, propriamente dito, ocorreu nos dias 9 e 10 de fevereiro de 1996 no Cenfor (Centro de Formação de Líderes), a fim de possibilitar um estudo sobre os objetivos e os meios da formação social. Participaram do seminário os padres Pe. Matteo Vivalda (Coordenador do projeto), Pe. Agostinho Pretto, Pe. Costanzo Bruno, Pe. Rogério; os assessores Luís Parreiras e Irony (Cedac); os coordenadores de centros (locais dos cursos), Cássia Valéria e Antônio Sérgio e a secretária do projeto, Irene Vogas Latini. Como se tratava do primeiro projeto, havia uma imperiosa necessidade de construir toda uma pedagogia que conduzisse o programa de formação, pensado enquanto proposta pastoral e social numa Diocese concreta. Daí a sua importância enquanto referencial em relação às concepções de Igreja e os problemas que devem ser enfrentados, às expectativas quanto aos modelos de atuação dos leigos, enfim, todo o universo que envolve a formação de lideranças e as suas conseqüências na vida pastoral e sociopolítica. Utilizando a metodologia do Planejamento Estratégico, Parreiras e Irony coordenaram o seminário, pensado em dois momentos: A) A Diocese que queremos daqui a dez anos (características gerais, situação religiosa da população, atividades pastorais da Igreja, estrutura jurídica, administrativa e organizacional da Diocese; situação sócio-econômica e cultural da população; situação política dos municípios); e B) Problemas a serem enfrentados (de ordem geral; no campo religioso, no campo social); e C) O que os leigos devem fazer para ajudar a superar esses problemas.

Quando se analisa os grupos envolvidos nesse projeto, observa-se a convergência entre os diversos setores pastorais e os movimentos populares articulados à diocese. As discussões no âmbito dessa formação vão desde questões de âmbito geral (papel dos agentes diante das perspectivas pessimistas da Baixada); de cunho religioso, social e político. Dessa forma, o processo de formação, visando melhor aprimoramento dos agentes de pastoral, pode ser visto como um elemento singular no trabalho pastoral da Diocese de Nova Iguaçu sob o legado de Dom Adriano Hypólito. Em curtas palavras, o bispo traduz um dos aspectos do projeto pastoral de evangelização da diocese, que nesta pesquisa é interpretado como um processo religioso-político: “Nosso esforço pastoral, nossa evangelização encaminha também o cristão para a sua responsabilidade política e social. Sempre a partir de Jesus Cristo.”<sup>242</sup>

Desde a primeira publicação do Boletim Diocesano no ano de 1969, e da “A Folha”, em 1974, quando passa a ser editada pela Editora Vozes, e da construção do Centro de Formação de Líderes – CENFOR, inaugurado em 1973, fica evidente a proposta evangelizadora e do

---

<sup>241</sup> Idem, p. 86-88.

<sup>242</sup> Cf. Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, nº 104/105, de agosto e setembro de 1977.

trabalho social e pedagógico no âmbito da diocese, que “propõe uma pastoral diocesana que dê respostas aos problemas da BF”.<sup>243</sup>

Dessa forma, conclui-se que os Sínodos, as Semanas Teológicas, os Encontros Diocesanos de Planejamento, os Encontros Diocesanos de Pastorais, as Assembleias Pastorais, os próprios periódicos (A Folha, o Boletim Diocesano) etc., que bem podem ser enumerados temporalmente com suas consequências na vida pastoral da diocese, são mecanismos utilizados pelo bispo e que ratificam a linha de ação pastoral da diocese; sendo identificados, aqui, como um liame para firmar a interdependência entre Fé e Política, servindo-se de instrumento para capacitar os agentes de pastorais, religiosos e padres para uma atuação transformadora da realidade da diocese. Dom Adriano quando perguntado que instrumentos de conscientização a diocese possuía ele respondeu:

Nossos encontros, nossas assembleias pastorais, nossas reuniões, nossos grupos bíblicos, nossas comunidades de base, enquanto querem ser a concretização das linhas pastorais oficiais da diocese, estão a serviço a serviço da conscientização no sentido anteriormente delineado. Temos também a serviço dos grupos, das comunidades, das paróquias os órgãos oficiais da diocese: A Folha (liturgia encarnada na vida), o Boletim Diocesano e o Informativo.<sup>244</sup>

Outros instrumentos que abarcam esse empreendimento pastoral é a atuação da Cáritas Diocesana, a criação do Movimento de Integração Comunitária – MIC – em 1968, o Clube de Mães, nesse mesmo período e a ampliação política do Movimento de Bairro, a partir de 1974.

De acordo com Percival Tavares até mais ou menos o ano de 1969 a Cáritas Diocesana desempenhava um papel mais ligado ao assistencialismo, com distribuição de alimentos vindo do exterior (da América do Norte). Em entrevista concedida a Percival Tavares, em 27 de março de 1992, Matheo Vivalda, padre que foi diretor da Cáritas Diocesana de Nova Iguaçu por ocasião do surgimento do MAB, a chegada de Dom Adriano contribuiu na promoção de mudanças no interior dessa instituição. Assim, Percival Tavares assinala que:

Daí a decisão diocesana de abandonar esse programa de assistência e de criar uma entidade com finalidades mais promocionais surgindo, assim, o Movimento de Integração Comunitária (MIC) em 1968. Com o MIC e o Clube de Mães, que surge no mesmo período, começa um trabalho no campo social, com preocupações maiores na linha da promoção da mulher, promoção das comunidades. Entre 1964 e 1974, a única tentativa de organizar a população numa base permanente é a o MIC, que visa organizar os católicos em vista da obtenção de melhores serviços urbanos.<sup>245</sup>

<sup>243</sup> Diocese de Nova Iguaçu: o povo de Deus assume a caminhada. Petrópolis: Vozes/IDAC. 1983, p. 59.

<sup>244</sup> Cf. Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, nº 104/105, de agosto e setembro de 1977.

<sup>245</sup> Cf. TAVAES, Percival op. cit., p. 31.

A *Cáritas Diocesana de Nova Iguaçu* é uma sociedade civil, filantrópica, inserida na pastoral da diocese para exercer atividades de assistência social, educacional e de saúde, que procura assistir o menor, a juventude, a família e a comunidade. De acordo com Percival Tavares, a *Cáritas*, no início de 1975, por indicação do Padre Ugo Vasconcelos Paiva, que atuava então na Coordenação da Pastoral da Diocese de Nova Iguaçu, hoje ex-padre, contrata dois médicos para desenvolver o Programa de Higiene Materno-Infantil no Centro Social de Cabuçu e para buscar também a integração das experiências existentes.<sup>246</sup> À luz da dissertação de mestrado de Percival Tavares, “Origem e Trajetória do Movimento Amigos de Bairro em Nova Iguaçu (MAB)”, que analisa significativamente a trajetória desse movimento popular, suas articulações e interdependência com a Igreja, detecta-se a sensibilidade da diocese de Nova Iguaçu em perceber que o assistencialismo no âmbito da *Cáritas Diocesana* não resolveria as necessidades básicas da população da Baixada Fluminense. Decerto, isso contribuiu para o recrudescimento da organização do movimento popular na região. Na concepção de Carlos Roberto de Andrade Trigo – diretor do MAB gestão 88-89 (pós V Congresso), que se afastou antes do término do mandato – em entrevista concedida a Percival Tavares no dia 27 de setembro de 1991, foi a “necessidade do povo organizar-se pra suprir a falta que estavam fazendo os partidos políticos, que estavam amordaçados e a necessidade do povo se organizar para retomar a democracia no País” que motivou, por exemplo, o surgimento do MAB.<sup>247</sup>

Da visão de Ugo Vasconcelos Paiva – um dos mentores do MAB, na entrevista concedida a Percival Tavares, em 17 de dezembro de 1991, sobre a relação Igreja e Movimento Popular – extrai-se:

A Igreja abriu espaço para que esses fundadores do MAB trabalhassem na Baixada, não só legitimando a presença deles que estava condenada pelo Governo da época, que perseguia, não permitia. A Igreja, vamos dizer assim, deu um estatuto social, legitimou a presença deles: eram agentes que trabalhavam ali na *Cáritas*. E com isso podiam se apresentar à população. (...) A questão do MAB aparecia mais em reuniões do grupo pastoral que assessorava D. Adriano (...). Havia ali um consenso de que deveria surgir uma organização popular de Amigos do Bairro que deveria ser autônoma e que os católicos, os membros das CEBs deveriam encontrar aí um campo, um instrumento para a sua luta; como morador, lutar.<sup>248</sup>

---

<sup>246</sup> Idem, p. 34.

<sup>247</sup> Idem. P. 33..

<sup>248</sup> Cf. Tavares, Percival, p. 34.



Sendo assim, compreende-se que o papel desempenhado por esses dois médicos na formação do MAB, bem como as suas atuações em desenvolver um trabalho social é significativo. De acordo com Matheo Vivalda, em entrevista concedida a Percival Tavares, em 27 de março de 1922, os médicos Antônio Ivo de Carvalho e Anna Leonor de Carvalho não encontrando espaço no Rio de Janeiro para desenvolver esse projeto, abrigam-se em Nova Iguaçu.<sup>249</sup> A escolha por Nova Iguaçu deve-se a abertura concedida por Dom Adriano e o apoio da Cáritas Diocesana.<sup>250</sup> Assim, eles desenvolvem o Programa de Higiene Materno-Infantil. Os desdobramentos dessas ações possibilitam a formação do MAB.

O Movimento Amigos de Bairro de Nova Iguaçu, na literatura sobre Movimento Popular, aparece como expoente na luta e reivindicações sociais e políticas; um dos maiores movimentos no país em oposição à Ditadura Civil-Militar no Brasil. O bispo diocesano possibilitava a articulação entre as pastorais da diocese e o movimento popular; detecta-se, assim, que o MAB recebia apoio financeiro e utilizava-se da infra-estrutura colocada à disposição ao Movimento pela Igreja. O Jornal do Brasil de 31 de janeiro de 1980 publicou reportagem com a seguinte manchete: “Nova Iguaçu prepara protestos”. A matéria deixa claro que membros do movimento utilizavam-se das bases da Igreja para realizar suas atividades:

O Movimento de Amigos de Bairro (MAB) de Nova Iguaçu prepara às 19 h de hoje reunião, no Centro de Formação de Líderes, para os acertos finais da manifestação que será feita no sábado “contra as desigualdades de tratamento do prefeito aos bairros” durante a inauguração do novo prédio da Prefeitura, a que estarão presentes Ministros, senadores e deputados. O prefeito de Nova Iguaçu, Rui Queirós, sob a alegação de possíveis choques entre seus correligionários e membros do MAB pediu reforço de policiamento à PM.<sup>251</sup>

Como conclusão, procura-se, através da entrevista de Rosana Xavier, demonstrar o quanto a mediação entre as pastorais sociais da Diocese de Nova Iguaçu e dos movimentos populares contribuiu para a mobilização da sociedade iguaçuana contra as arbitrariedades do governo local e das mazelas do Estado na luta por melhorias sociais, nos ganhos obtidos por meio dessa ação social que emerge dentro dos muros da Igreja.

No início era só a Pastoral Operária, depois nos juntamos com a Associação de Moradores do Bairro. Tinha uma associação de moradores a qual meu pai fazia parte. As ruas centrais foram asfaltadas; houve um projeto do Prefeito para o bairro tanto para Moquetá quanto para o

---

<sup>249</sup> Idem

<sup>250</sup> A Cáritas, já por volta do ano de 1981 realizou, por exemplo, um Curso de Igreja com a participação de 1500 agentes pastorais de comunidades, onde a questão social aparece como uma forma de catalisar a ação dos agentes de pastorais.

<sup>251</sup> Jornal do Brasil de 31 de janeiro de 1980, p. 18.

Aeroclube. (...).Conseguimos fazer obras de saneamento e conseguimos envolver a associação. O que a gente fez? Remarcávamos as ruas; o morador da Rua Tupi fiscalizava as obras em sua rua, por exemplo; porque tinha que fazer toda a parte de saneamento antes de asfaltá-la. A manilha tinha que ser essa. As pessoas embargavam até obra. Houve participação da população em termos de fiscalização. (...).A Pastoral Operária não promovia greves, ela entrava como parceira. Não é Flávio? Às vezes, em algumas caminhadas que eram feitas, a própria a Pastoral denunciava dizendo que estava com o sindicato tal. A própria passeata do comércio que teve na década de 1990, a da semana inglesa, a Pastoral Operária esteve como parceira. (...). Ela (Pastoral Operária) trabalhava muito mais com a educação da população, de conscientização, envolvendo as pessoas do bairro. Foi muito importante, porque na época nós tínhamos um Prefeito em Nova Iguaçu chamado, Altamir Gomes. Ele era muito populista e que no fundo era um “enrolão”. Conseguimos fazer com que ele viesse aqui no bairro e junto com a comunidade, por meio do trabalho de educação popular, firmou um compromisso de fazer o saneamento básico do bairro. Foi uma vitória muito bonita! (...). Esse posto de saúde que temos aqui foi uma conquista da época de Dom Adriano e que depois deixou de funcionar e a PO fez pressão para ele voltar a funcionar. O Altamir (Prefeito) sentou muitas vezes junto com a Pastoral Operária e à associação de moradores. A associação de moradores se reunia na Igreja Nossa Senhora das Graças; lembro-me que numa das reuniões não conseguimos mais fazer lá porque não tinha mais lugar; era muita gente participando. Era muita gente. (...).Lembro-me que na eleição de 1994, não me lembro do ano, mas foi na década de 1990. Nós elaboramos uma cartilha em quadrinhos e distribuimos a cartilha como consciência do voto. Era uma folha A4 dobrada; fizemos um caderninho em forma de quadrinho.<sup>252</sup>

Registra-se, assim, que a interdependência entre religião e política no âmbito do trabalho pastoral desenvolvido pela Diocese de Nova Iguaçu contribuiu para a formação de lideranças que, mesmo sob as arbitrariedades impostas pela Ditadura Civil-Militar e do governo local, seguirão sua luta em prol dos direitos humanos e da liberdade democrática.

---

<sup>252</sup> Anexo 4: entrevista concedida por Rosana Xavier.

## 5 CONCLUSÃO

Esta dissertação procura descrever o papel desempenhado pelo Terceiro Bispo Diocesano de Nova Iguaçu, Dom Adriano Mandarino Hypólito, nomeado para o cargo eclesiástico, em 1966, pelo então Papa Paulo VI. Desde sua chegada a Nova Iguaçu, Dom Adriano propõe um trabalho pastoral que respondesse aos anseios do “Povo sofrido da Baixada Fluminense”.

No presente trabalho, detecta-se que a Teologia da Libertação influenciou os movimentos de base e as pastorais sociais da Igreja Católica brasileira e a manifestação concreta dessas práticas religiosas contribuíram para que os leigos engajados, padres e bispos passassem a interferir nas questões sociopolíticas e a reivindicar por justiça social. Com base nessas proposições, procura-se demonstrar que o trabalho das pastorais sociais da Diocese de Nova Iguaçu atuará como força política, tornando possível perceber que os leigos envolvidos nesses trabalhos pastorais adquirem formação e consciência política. Dessa forma, observa-se que, nesse processo, o laicato ingressa em partidos políticos, filia-se em sindicatos e engaja-se em movimentos sociais de bairro.

É a partir da análise dessa interdependência entre o religioso e o político, da força religiosa como fator de explicação política que se pode mensurar o trabalho pastoral ali engendrado, tendo como prioridade a “opção preferencial para os pobres”, bem como detectar as ambiguidades e os paradoxos que recrudesceram no bojo da hierarquia eclesial mediante a prática dessa linha de ação.

Decerto, essas práticas pastorais demonstram que o engajamento dos leigos ocorre mediante à sua conscientização e que o início desse processo de conscientização, em inúmeros casos, inicia-se nas bases da Igreja. Dessa forma, o trabalho pastoral desenvolvido pela Diocese de Nova Iguaçu nos permite identificar a concepção teológica do Bispo Dom Adriano e o modelo de evangelização por ele colocado em prática. Isso contribuiu para que essa diocese passasse a ser vista como “lugar de resistência”, abrigando diversos grupos: leigos engajados, militantes da esquerda, padres não conservadores como Agostinho Pretto etc., que, no âmbito da Ditadura Civil-Militar no Brasil, partilhavam da mesma história: a luta pela liberdade e

emancipação humana. Em contrapartida, retaliações foram perpetradas à medida que essa linha pastoral recrudescia e tornava uma ameaça aos detentores do poder local e ao governo militar.

Em suma, a pesquisa procura acentuar que a prática pastoral engendrada pela Diocese de Nova Iguaçu acaba desdobrando-se em prática política. Dito de outra forma, no âmbito do trabalho pastoral da Diocese de Nova Iguaçu detecta-se a interdependência entre religião e política, que contribuirá para ampliar o campo de possibilidades de ação para promover mudanças em favor do povo. Para que isso se tornasse possível, o bispo de Nova Iguaçu arregimentou esforços criando Centros de Formação, Seminários, promoveu Assembleias Diocesanas e Sínodos, abriu as portas da diocese para encontros como o ENTOES, foi porta-voz dos Sindicatos das Domésticas, atuou firmemente na luta pelos direitos humanos, criando a Comissão Diocesana de Justiça e Paz, promoveu mudanças na atuação da Cáritas Diocesana. A lista de ação direcionada por Dom Adriano é ingente; decerto, sem esse trabalho pastoral dificilmente a diocese conseguiria projetar-se e auferir conquistas, sobretudo, numa conjuntura crítica marcada pela Ditadura Civil-Militar.

À luz das entrevistas realizadas e dos discursos produzidos pelo Bispo Dom Adriano Hypólito em “A Folha” e no “Boletim Diocesano” fora possível extrair não apenas a concepção teológica e o seu posicionamento crítico acerca das mazelas impostas pelo sistema político-econômico existente então; mas também comprovar a luta do bispo pela emancipação do homem iguaçuano através de ações concretas, enfrentando os desafios impostos pelo governo militar que gerou conflitos diluídos em ameaças, sequestros, explosão de bombas, perseguição e intimidação ao bispo, à diocese, assassinato de religiosos e ao seu trabalho pastoral.

Várias referências teóricas aqui utilizadas registram que o trabalho de Evangelização imposto por Dom Adriano fora a causa das atrocidades e violências praticadas contra a diocese. O adjetivo que lhe fora dado – “comunista” – reflete as ambiguidades e a má interpretação daqueles (dentro e fora da Igreja) que reconhecem na figura do bispo uma ameaça. Não obstante, isso prova que o trabalho pastoral posto em prática abalava as estruturas políticas à medida que procurava despertar a consciência crítica do povo.

Nesse sentido, a pesquisa procura descrever o cerne da concepção teológica do bispo, resgatando sua origem de vida e o trabalho voltado em prol do “povo marginalizado” de Nova Iguaçu a fim de entender os liames entre fé e política em seu trabalho pastoral. Como subsídios

para essa análise referenciais teóricos que abordam o tema Religião e Política foram utilizados, bem como estudos direcionados diretamente sobre Nova Iguaçu no bispado de Dom Adriano. Por meio de entrevistas de leigos engajados e padres; entrevistas concedidas pelo bispo em jornais de circulação no país como a Tribuna da Imprensa-Rio, Revista Manchete, Jornal do Brasil, Jornal “O Globo”, Jornal Correio da Semana e outros; e pelo discurso de Dom Adriano extraído de semanários litúrgicos produzidos pela própria diocese foi-se possível obter elementos relevantes que corroboram para aquilo que a pesquisa defende: a interdependência entre fé e política no âmbito do trabalho pastoral promovido pela Diocese de Nova Iguaçu pode ser visto como fator de explicação sócio-política.

Sendo assim, observa-se, no primeiro capítulo, que a criação da Diocese de Nova Iguaçu está em consonância com a História da Baixada Fluminense, com as suas necessidades materiais e espirituais; e que a chegada de Dom Adriano contribuiu para tornar patente esse problema, revelando, de acordo com a fala do bispo, que a Igreja não deve apenas preocupar-se com o lado espiritual, mas sim condenar o “pecado social” praticado, sobretudo, pelos “poderosos” detentores do poder e que devido à esse “pecado social” o povo encontrava-se numa condição de extrema miséria.

O resgate da memória do legado de Dom Adriano é importante porque revela o que foi construído pela Diocese de Nova Iguaçu: a base de um trabalho pastoral, alicerçado ao Concílio Vaticano II, que rompe com a fronteira entre o religioso e o político, dando respostas às “querelas do povo” contra as mazelas do sistema econômico político e da violência perpetrada pela Ditadura Civil-Militar. Dessa forma, o segundo capítulo procura mostrar que o memorial construído em homenagem ao bispo representa um lugar-memória – como sustenta o Padre Marcus Barbosa, responsável atualmente pela Catedral de Santo Antônio de Jacutinga . Sendo assim, detecta-se que esse espaço contribui não apenas para lembrar o seu trabalho pastoral, mas carrega em si um “discurso de poder” que registra a luta do bispo, da diocese e do povo iguaçuano contra a violência de uma região marcada pela desigualdade social e pelo elitismo.

À luz dos discursos produzidos pelo bispo fora possível compreender sua concepção teológica. Isso aparece em destaque no terceiro capítulo, onde se procura extrair todos os seus preceitos para encontrar os fundamentos de todo um trabalho-base pautado na luta pelos direitos e integridade humanos. Os desdobramentos desses preceitos podem ser vistos no quarto capítulo quando se elucidam as ações concretas para a realização de um trabalho pastoral em

prol do povo sofrido da Baixada Fluminense, que se tornou a base de um legado histórico na imagem de Dom Adriano Mandarino Hypólito.

Através dos pronunciamentos do bispo fica registrado que ao assumir a Diocese de Nova Iguaçu tinha conhecimento da realidade alarmante do local em que atuaria. Ele diz: “considero graça de Deus ser chamado para o serviço de bispo numa diocese que, quando fui nomeado (estava antes na Bahia, Salvador, como bispo auxiliar), era apresentada como a diocese “mais difícil” do Brasil.”<sup>253</sup> Porém, o bispo não se abateu com a missão que lhe fora incumbida. Compreendia que seu papel enquanto responsável pela diocese deveria “contribuir para integrar o Povo, como Povo, o Povão, no processo social, deveria ser a forma urgente de atuação pastoral.”<sup>254</sup>

Nesse sentido, fica claro que na concepção do bispo a Igreja só pode se tornar uma “Igreja-Povo” se colocar em prática os ensinamentos do Evangelho a serviço do povo. Daí a integração do povo no processo social ser um emblema no seu trabalho pastoral. Ele ainda acreditava que “é através da Política que se promove, de maneira sistemática e geral, a cidadania.”<sup>255</sup>. Assim, para Dom Adriano, a consolidação, a afirmação da cidadania e o alargamento da participação do povo na esfera sócio-política dar-se-iam mediante o processo de conscientização e formação do povo. Por isso, as instituições e os movimentos sociais da Igreja que atuavam em Nova Iguaçu, antes de sua chegada, e que tinham um trabalho voltado mais para o assistencialismo foram se remodelando e interferindo na realidade social por meio de um trabalho de “conscientização do povo”, modificando os valores e costumes políticos antes existentes na região da Baixada Fluminense. Daí o bispo ver nas CEBs um trabalho de conscientização política importante para a promoção e resgate da dignidade humana. Como ele mesmo assinalava:

Abrir os olhos de quem é cego para os valores de cada pessoa – criatura irrepetível de Deus –, para os valores da comunidade como tal, para o valor do progresso e do desenvolvimento, para

---

<sup>253</sup> Cf. Boletim Diocesano, n.º 202/203, de novembro/dezembro de 1985.

<sup>254</sup> Idem.

<sup>255</sup> Cf. Boletim Diocesano n. 252/253/254, de janeiro, fevereiro, março de 1990.

as escandalosas diferenças sociais que violentam a pessoa e o plano de amor do Pai, para o direito e dever de participação numa sociedade democrática.<sup>256</sup>

Em suma, essa é a concepção de evangelização defendida por Dom Adriano Hypólito para que a Igreja se torne uma “Igreja-Povo”. Obviamente a conscientização pastoral para o bispo ia além da conscientização política; todavia ele acreditava que dificilmente haveria conscientização cristã sem um esforço de conscientização política. Nesse sentido, a unidade entre fé e política seria um caminho para promover o recrudescimento de uma vida comunitária e social, despertando no Homem sua responsabilidade política e social.

---

<sup>256</sup> Idem.

## REFERÊNCIAS

ALVES, José Cláudio Souza. *Dos barões ao extermínio: uma história da violência na Baixada Fluminense*, APPH, CLIO, 2003.

ASSIS, João Marcus F. *Negociações para o convívio no catolicismo na Diocese de Nova Iguaçu*. Tese (Doutorado em Ciências Sociais) - Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2008.

ASSIS, João Marcus Figueiredo ; ASSIS, Maria Evonilde C. F. Militância e Subjetividade: as influências da atuação religiosa e sócio-política de Dom Adriano Hypólito. In: SIMPÓSIO DA ABHR, 12., 2011, Juiz de Fora (MG). *Religião e política: o saber religioso da política e o saber político do religioso*. Juiz de Fora(MG): SBHR, 2011.

BERNSTEIN, Carl ; POLITI, Marco Politi. *Sua santidade: João Paulo II e a história oculta de nosso tempo*. 6.ed. Rio de Janeiro: Objetiva, 1996.

BETTO, Frei. *Puebla para o povo*.2.ed. Petrópolis: Vozes, 1979.

BIRMAN, Patrícia. Modos periféricos de crença. In: SANCHIS, Pierre (Org.). *Catolicismo: unidade religiosa e pluralismo cultural*. Grupo de Estudo do catolicismo do ISER. São Paulo: Loyola, 1992.

BODIN, Luigi. *O marxismo e a teologia da libertação*. Rio de Janeiro: Dois Pontos, 1987.

BOFF, C. ; BOFF, L. *Como fazer teologia da libertação*. Petrópolis: Vozes, 2001.

CARDOSO, Maria Margarida Crespo. *O grito pela terra: religiosos católicos e subalternos rurais na Amazônia Legal Brasileira, na década de 1970*. Dissertação apresentada no Programa de Pós-Graduação da UFF, em 2006.

COSTA, Fabrício Roberto. Comunidades Eclesiais de Base e Teologia da Libertação: algumas reflexões sobre catolicismo liberacionista e ritual. *INTRATEXTOS*, Rio de Janeiro, v.2, n.1, 2010.

DELLA CAVA, Ralph. A Igreja e a Abertura, 1974-1985. In: KRISCHKE, Paulo; MAINWARING, Scott (Org.). *A igreja nas bases em tempo de transição (1974-1985)*. Porto Alegre: CEDEC, 1986.

DIOCESE DE NOVA IGUAÇU. *O povo de Deus assume a caminhada*. Petrópolis: Vozes./Co-edição IDAC, 1983.



DOIMO, Ana Maria. Os rumos dos movimentos sociais nos caminhos da religiosidade. In: KRISCHKE, Paulo ; MAINWARING, Scott (Org.). *A Igreja nas bases do tempo de transição (1974-1985)*. Porto Alegre: CEDEC, 1986.

GUEDES, Jordânia Rocha de Queiroz. *Cenário do processo de escolarização da Guanabara: a história de Iguassú (1833-1858)*. Dissertação apresentada ao Programa de Pós-graduação em Educação da Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, em 2012.

KRISCHKE, Paulo ; MAINWARING, Scott (Org.). *A Igreja nas bases em tempo de transição (1974-1985)*. Porto Alegre: CEDEC, 1986.

LÖWY, Michael. *Marxismo e teologia da libertação*. São Paulo: Cortez, 1991.

MAINWARING, Scott. *A igreja católica e a política no Brasil: (1916-1985)*. São Paulo: Brasiliense, 1989.

MAINWARING, Scott. A igreja católica e o movimento popular: Nova Iguaçu (1974-85). In: KRISCHKE, Paulo; MAINWARING, Scott (Org.). *A Igreja nas bases em tempo de transição (1974-1985)*. Porto Alegre: CEDEC, 1986.

MAIA, Juliana Guaraná Vieira, MONTEIRO, Marcelo Ernandez ; GABRIELA, Maria. *Sociedade em movimento: trajetórias e participação social na Baixada Fluminense*, Rio de Janeiro: Imprinta Express; UERJ: Secretaria de Obras, 2007.

MATTOS, Marcelo Badaró. *Novos e velhos sindicalismos no Rio de Janeiro (1955-1988)*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 1988.

\_\_\_\_\_. *Trabalhadores e sindicatos no Brasil*. Rio de Janeiro: Vício de Leitura, 2002.

MAUSS, Marcel. A expressão obrigatória dos sentimentos: funerais orais funerários australianos. In: \_\_\_\_\_. *Ensaios de sociologia*. São Paulo: Perspectiva, 2005. p.334.

MELO, Antônio Alves de. *A evangelização no Brasil dimensões teológicas e desafios pastorais: o debate teológico e eclesial (1952-1995)*. Roma: Gregorian University Press, 1996.

NASCIMENTO. Rafael Cerqueira do. *Imagens da libertação: a atuação política da Igreja Católica de Nova Iguaçu por meio do Jornal A Folha (1974-1981)*. Programa de Pós-Graduação em História – Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, 2007.

NORRÁ, Pierre. Entre Memória e História: a problemática dos lugares. In: *Projeto-História*. São Paulo: PUC, 1993.

OLIVEIRA, Antônio da Conceição. *Dom Adriano Hypólito: uma história de perseverança e coragem*, s/data, p. 114. Escritos de Fé e Política (Reunião de textos de dom Adriano Hypólito). Mitra de Nova Iguaçu/Arquivo Diocesano, 1985.

PAIVA, Andréa Lúcia da Silva de. *Os fios do trançado: um estudo antropológico sobre práticas e representações na Igreja Nossa Senhora do Rosário e São Benedito dos Homens Pretos no Rio de Janeiro*. Tese (Doutorado em Sociologia e Antropologia) - Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Rio de Janeiro, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2009.

PASSOS, Padre Dinarte Duarte. Nova Iguaçu dez anos de diocese (1960-1970). *Cadernos de Nova Iguaçu*, v.4. Edições da Diocese de Nova Iguaçu, 1970.

PASTORAL operária: 10 anos a serviço da classe operária. CPO Nacional, Duque de Caxias, 1987.

PAULA, Cláudia Regina de. Política, educação e Afro-brasilidade: o movimento negro em Nova Iguaçu. In: AGUIAR, Marcia Angela da S. (Org.) et al. *Educação e diversidade: estudos e pesquisas*. Recife: Gráfica J. Luiz Vasconcelos, 2009.

PINHEIRO JÚNIOR, Jefte da Mata Pinheiro Júnior. *A formação do PT na Baixada Fluminense: um estudo sobre Nova Iguaçu e Duque de Caxias*, 2007. Dissertação (Mestrado) Rio de Janeiro, 2007.

POCOCK, J. G. A. *Linguagens do ideário político*. São Paulo: Universidade de São Paulo, 2003.

POLLAK, Michael. Memória, Esquecimento e Silêncio. *Estudos históricos*, Rio de Janeiro, v.2, n.3, 1989.

\_\_\_\_\_. Memória e identidade social. *Estudos Históricos*, Rio de Janeiro, v.5, n.10, 1992.

RÉMOND, René (Org.). *Por uma história política*. Rio de Janeiro: UFRJ 1996.

RODRIGUES, Paulo. *Igreja e anti-igreja: teologia da libertação*. São Paulo: T.A. Queiroz, 1985.

RODRIGUES, Adriano Oliveira. *De Maxambomba à Nova Iguaçu (1833-90. S): economia e território em processo*. Dissertação (Mestrado em Planejamento Urbano e Regional da Universidade Federal Fluminense) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 1996.

ROSSI, Waldemar. *Resgate da história da pastoral operária (PO)*. Pastoral Operária Nacional, abril de 2005.

SADER, Eder. *Quando novos personagens entram em cena. Experiências e lutas dos trabalhadores da Grande São Paulo (1970-1980)*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

SALEM, Helena (Coord.). *A igreja dos oprimidos*. São Paulo: Brasil Debates, 1981.

SANA, Peter. *Liberdade dos homens e liberdade de Deus: D. Adriano Mandarino Hypólito e a Ordem dos Militares em Nova Iguaçu*. Monografia (Graduação em História) - Faculdades de Educação e Letras, Nova Iguaçu, RJ, 2009.

SANTOS, Eva Teresinha dos ; RAMOS, Luciano França. O processo formativo de lideranças sociais e políticas na Baixada Fluminense – Duque de Caxias e Nova Iguaçu. In: BROSE, Markus (Org.). *Lideranças para a democracia participativa: experiências a partir da Teologia da Libertação*. Goiânia: Editora da UCG, 2008.

SECRETRIADO NACIONAL DE PASTORAL OPERÁRIA. *A Igreja e os Trabalhadores*. São Paulo: Loyola, 1991.

SILVA, Bruno Marques da Silva. *Fé, razão e conflito: a trajetória intelectual de Leonardo Boff*, apresentada ao Departamento de História do Instituto de Ciências Humanas e Filosofia da Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

SILVA, Márcio Selligman. *Narrar o trauma: a questão dos testemunhos de catástrofes históricas*, Rio de Janeiro, v.1, 2008.

SILVA, Percival Tavares da. *Origem e trajetória do movimento amigos de Bairro em Nova Iguaçu (MAB) – 1974/1992*. (Relação vanguarda-base-massa: práxis política e educativa). Dissertação (Mestrado em Educação) - Instituto de Estudos Avançados em Educação – Fundação Getúlio Vargas , 2004.

SILVA, Sônia Ambrozino da. *Diocese de Nova Iguaçu: uma análise dos efeitos da formação sociopolítica na vida e no engajamento político de seus agentes*. 118 f. Dissertação (Mestrado) – Departamento de Psicologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2007.

SÓTENOS, Abner Francisco. A igreja vigiada: a visão da comunidade de informações sobre a atuação político religiosa do bispo D. Adriano Hipólito. In: ANAIS DA VI SEMANA DE HISTÓRIA POLÍTICA, 3... *Política e Cultura*, Rio de Janeiro, 2011.

SOUSA, Jessie Jane Vieira de. Acomodações recíprocas: a igreja católica e o poder temporal na Argentina e no Brasil. *Revista Internacional de História Política e Cultura Jurídica*, Rio de Janeiro, v.1, n.2, jul./dez. 2009.

WEBER, Max. *Série economistas: textos selecionados. Rejeições religiosas do mundo e suas direções*. São Paulo: Nova Cultural, 1997.

## **DOCUMENTOS PONTIFÍCIOS**

CARTA à CNBB sobre a missão da Igreja e a Teologia da Libertação, Petrópolis: Vozes,1986.

CARTA encíclica do Sumo Pontífice João Paulo II sobre o trabalho humano: “Laboren Exercens”. São Paulo: Paulinas, 2005.

INSTRUÇÃO sobre alguns aspectos da “teologia da libertação”. São Paulo: Paulinas, 1984.

INSTRUÇÃO sobre a liberdade cristã e a libertação. Petrópolis: Vozes,1986.

### **Artigos publicados em “A Folha” (organizados por ano e número de Publicação)**

A Folha, Ano 4, n° 189, de 4 de janeiro de 1976.

A Folha, Ano 4, n° 193, de 1° de fevereiro de 1976.

A Folha, Ano 4, n° 195, de 15 de fevereiro de 1976.

A Folha, Ano 4, n.º 204, de 18 de abril de 1976.

A Folha, Ano 4, n° 232, de 24 de outubro de 1976.

A Folha, Ano 4, n° 236, de 24 de outubro de 1976

A Folha, Ano 4, n.º 241, de 26 de dezembro de 1976.

A Folha, Ano 6, n° 322, de 16 de julho de 1978.

A Folha, Ano 6, n.º 323 de 23 de julho de 1978.

A Folha, Ano 6°, n° 324, de 30 de julho de 1978.

A Folha, Ano 6, n° 325, de 06 de agosto de 1978.

A Folha, Ano 6, n.º343, de 10 de dezembro de 1978.

A Folha, Ano 20, n° 1.143, de 14 de novembro de 1993.

A Folha, Ano 20, n° 1.144, de 21 de novembro de 1993

### **Artigos publicados em “Boletim Diocesano” (organizados por número e ano de Publicação)**

Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, n° 104/105, de agosto e setembro de 1977.

Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu n° 115, de 1° de julho de 1978.

Boletim Diocesano, Diocese de Nova Iguaçu, n° 116 , de 1° de agosto de 1978.

- Boletim Diocesano, Diocese de Nova Iguaçu, n.º 117, de 1º de setembro de 1978.
- Boletim Diocesano, Diocese de Nova Iguaçu, n.º 131, de 1º de dezembro de 1979.
- Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, n.º 131 de 1º de dezembro de 1979.
- Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, n.º 134, de 1º de março de 1980.
- Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, n.º 158/159, de março e abril de 1982.
- Boletim Diocesano. Diocese de Nova Iguaçu, n.º 161, de 1º de junho de 1982.
- Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, n.º 202/203 de novembro/dezembro de 1985.
- Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, n.º 204/205, de janeiro/fevereiro de 1986.
- Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, n.º 212/213 de setembro/outubro de 1986.
- Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, n.º 218/219 de março/abril de 1987.
- Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, n.º 230/231 de março/abril de 1988.
- Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, n.º 234, de 1º de julho de 1988.
- Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, n.º 235/236 de agosto e setembro de 1988.
- Boletim Diocesano, n.º 249/250, de outubro/novembro de 1989.
- Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, n.º 252/253/254 de janeiro, fevereiro e março de 1990.

### **Artigos de Jornal e Revistas**

- Jornal Correio da Semana, n.º 569 de 12 de novembro de 1966.
- Jornal Correio da Semana, de 27 de julho de 1967.
- Jornal do Brasil, de 09 de junho de 1990, p.35.
- Jornal do Brasil, Publicado em 10/03/2010 pelo(a) Wiki Repórter [Flavia Ferreira](#), Nova Iguaçu – RJ.
- Jornal “O Estado de São Paulo”, 30 de novembro de 1978.
- Jornal “O Globo”, de 11/08/1996, obituário.
- Jornal “O Globo”, de 27 de julho de 1997.
- Periódico de España, de 23 de setembro de 1976.
- Revista de Cultura Vozes. Ano 75, janeiro-fevereiro de 1981, n.º 1, p. 56.
- Revista de Cultura Vozes, Ano 75, janeiro-fevereiro, n.º 1, 1981, p.71.

Revista Manchete (19/03/1978) - Boletim Diocesano: Diocese de Nova Iguaçu, nº 116, de agosto de 1978.

*Sites*

<http://www.mitrani.org.br/>

<http://domadrianohypolito.blogspot.com.br/2010/11/apontamentos-biograficos.html>, 18 de novembro de 2010.

<http://advhaereses.blogspot.com.br/2010/03/brasao-episcopal-de-dom-adriano.html>

## ANEXO A - Entrevista de Padre Agostinho Pretto

Pe. Agostinho - Você já deve ter muitos dados. Você já esteve com Antônio Lacerda Meneses, com Salvador Marcelino... Com quem mais você esteve?

Alexander – Estive também com o Flávio Brandão. Aqui, em Nova Iguaçu, basicamente estive com os três. De certa forma, foi o Antônio Lacerda quem me apresentou ao Sr. Salvador. Iniciei o projeto de pesquisa vindo à diocese. E aí, fui folheando, conhecendo um pouco o acervo. Dessa forma, pude conhecer um pouco mais sobre a figura de Dom Adriano Hypólito. O que me fez interessar, particularmente por Nova Iguaçu, e escolher esse tema como objeto de estudo. Gostaria que o senhor falasse um pouco sobre sua trajetória.

Pe. Agostinho: Um momento! Porque não é tão simples. É muita coisa que você quer saber ao mesmo tempo.

Alexander: Nós podemos ir pausadamente.

Pe. Agostinho: E isso é uma vida, uma história. Não são dez anos. São quarenta anos. Tem que caminhar um pouquinho de forma organizada, senão você cai num repetitivo muito inútil. Eu me chamo Agostinho. Sou gaúcho. Por circunstâncias especiais, por planejamento e por vontade superior, eu vim trabalhar no Rio de Janeiro. Por razões, também pessoais e por opção, busquei dedicar-me ao mundo dos trabalhadores. Para não entrar muito no começo da minha vida, depois de dez anos de padre, tendo já feito experiências locais em Porto Alegre e no Estado do Rio Grande, eu fui chamado para trabalhar no Rio. E trabalhar no Rio significou trabalhar no Brasil e vim para assessorar o movimento de juventude, que era a Juventude Operária Católica, a JOC. Você já ouviu falar?

Alexander - Sim, já ouvi falar.

Pe. Agostinho – Se você já ouviu falar em JOC, essa é a raiz de toda a minha vida. Dedicando-me à JOC acontece um incidente, acontece um desastre. Eu chamo o Golpe Militar de 1964 de desastre. O Golpe Militar foi dado especificamente contra a Ação Católica no Brasil: os setores estudantis, os setores independentes, os setores agrários, os setores operários, os setores universitários. Tanto assim que se costumava dizer: “contra o A, E, I, O, U”. A, contra a JAC;

E contra JEC; I, contra a Juventude Independente; O, contra a Juventude Operária; e U, contra a Juventude Universitária. O golpe foi dado contra esses segmentos, que eram segmentos riqueza, base de toda a história militante do Brasil. E para entender a Pastoral Operária, para entender o seu nascimento, é preciso entender esse antes. Com esse antes, com esse golpe, todos os departamentos, todos os segmentos desse setor de jovens foram lacrados. Os militares simplesmente decretaram perseguição a todos esses setores. Com isso, atingiram realmente o cerne da vitalidade nacional, que era a juventude. E o primeiro setor que buscaram silenciar foi esse “mundo” de jovens, depois silenciaram outros departamentos. O Ato Institucional nº 5, o AI-5, em 1968, foi realmente o decreto do silêncio. A esse silêncio, seguiram-se outros silêncios. A Igreja instituição, nessa altura, mal informada, o Episcopado, seu “Corpo Grande”, apoiou os militares. E seu apoio aos militares significou um decreto de morte contra esses setores jovens. A Igreja fechou os setores jovens e a isso seguiu o grande momento de silêncio. Isso foi em 1968, 1969, 1970.

Alexander - Interessante que esses fatos seguem-se a Medellín.

Pe. Agostinho – Tudo veio junto!

Alexander – Como o senhor analisa esse período, uma vez que a Igreja, como o senhor disse, apoiou “inconscientemente” ou “conscientemente” os militares? Não seria um “cala-boca” ou impedir o avanço do que estava sendo colocado em Medellín?

Pe. Agostinho – Não só. Foi um atentado de morte contra os documentos do Vaticano II. O Vaticano II foi o grito de uma Igreja Renovada, uma Igreja nova, uma Igreja que se libertava de coisas obsoletas e velhices. Com esse golpe houve um silêncio longo. Eu chamo esse momento de antes. Agora, eu entraria no mérito do momento durante. O que aconteceu nesse momento durante? Segundo Dom Hélder Câmara, as “Minorias Abraâmicas”.... Já ouviste falar nisso?

Alexander - Sim, mas não tenho muito...

Pe. Agostinho – É um pequeno grupo de bispos: Helder, Fragoso, Casaldáliga, Dom Luís Fernandes, Dom Paulo Evaristo...

Alexander - O bispo de Volta redonda...



Pe. Agostinho - Dom Valdir Calheiros e alguns bispos mais.

Alexander – Dom Adriano Hypólito se incluiria nesse grupo?

Pe. Agostinho – Também. Claro! Alguns leigos como Tristão de Athayde, leigos valorosos, alguns pastores metodistas e padres.

Alexander – Frei Betto.

Pe. Agostinho – Frei Betto é outro caso. Esse é o momento durante. Esses eram os homens. E alguns padres que eram assessores da Ação Católica. Eu era um desses. Nós vibramos com o Vaticano II, com Medellín, e fomos atingidos pelo AI-5. Nessa altura quem nos assessorava diretamente era Dom Cândido Padilha, um bispo dessa Igreja, da Praça Mauá.

Alexander – Beneditino.

Pe. Agostinho – Sim, Beneditino. Dom Cândido, hoje, se estiver vivo deve ter quase noventa anos. Mas, então, esses homens se tornaram referência de leigos, jovens que foram atingidos pelo Decreto, pelo silêncio, pela força da compulsão obrigatória; padres que estavam na resistência, leigos e bispos. Dom Helder Câmara foi ótimo! Ele foi um profeta. Como profeta ele apelou pelas Minorias Abraâmicas. Ele volta e vai ao tempo de Abraão, depois ao tempo do povo de Abraão que resistiu à perseguição e escravidão dos faraós no Egito. Nesse tempo do durante, perseguido que era pelos militares, me refugiei num departamento dos Metodistas. Com os Metodistas, fui trabalhando na semiclandestinidadade. Eles me contrataram e aí eu pude fazer um grande trabalho com eles. Eu tinha acesso à Igreja Católica, porque já trabalhava em nível de Brasil. Eu tinha acesso a esses contatos, porque já tinha viajado o Brasil como assistente eclesiástico. Com a ajuda financeira dos metodistas, nós organizamos quatorze seminários.

Alexander – Isso por volta dos anos 1970?

Pe. Agostinho – Por volta dos anos 1970, 69 em diante. Bom! Não importa o ano! A gente organizou seminários de estudos. Eu, nessa altura...

Alexander – É forte!

(Padre Agostinho, nesse momento ficou muito emocionado).

Pe. Agostinho – Eu, nessa altura, já tinha sido preso. Com tudo o que eu sabia, com a prisão, cela, com as masmorras, com as torturas, com as mortes que eu acompanhei, foi o tempo que eu chamo de durante, foi o tempo que para mim me deu a graça de poder amadurecer. Liberto da prisão, com um mínimo de proteção, porque eu já tinha sido preso, já tinha advogado de defesa, eu de forma semi-clandestina tive a condição de ir organizando seminários. Os seminários nada mais eram do que momentos para analisar a realidade. E a realidade era, verdadeiramente, uma realidade caótica. Viver sem liberdade. Se você quiser imaginar uma desgraça para o povo é um povo escravizado. Através dos seminários, legalmente organizados, e aparentemente inofensivos, andei o Brasil. Nesse andar o Brasil, ajudei a reascender de alguma forma a esperança. E o pessoal que participava dos seminários, eu os via realmente renascendo onde era possível abrir os olhos. Nesse tempo de seminários realizados, surgiu esse grupo que Dom Helder chamou de Minorias Abraâmicas, grupo composto por Dom Valdir Calheiros, Dom Luís Fernando e Dom José Maria Pires.

Alexander – Quem estava realmente presente?

Pe. Agostinho - Nesse momento mais concretamente eram esses três. Esses vieram falar comigo: “nós temos que partir para algo novo, pois não há condições de refazer a Ação Católica”. As siglas estavam queimadíssimas. “Vamos pensar em criar algo vinculado à Igreja, mas que não seja movimento”. A Ação Católica estava vinculada à Igreja, mas desenvolvia ações como movimentos. “Vamos criar algo que não seja movimento, mas é pastoral. A pastoral é um vínculo, garante um vínculo estratégico com a Igreja”. E se foi criando a ideia de algo novo a ser feito. Tudo muito na escuridão, muito na sombra, do que poderia ser. Nesse respiro novo, organizei um encontro nacional de trabalhadores. Esse encontro, caminhando um pouco mais, aconteceu em 1975. Para você ver: 1968, 69, 70, 71, 72, 73,74 e 75. Todos foram os anos durante.

Alexander – Então, todos esses anos de 1969 a 1975 podemos classificar como durante. E ao longo desses períodos aconteciam esses seminários?

Pe. Agostinho - Isso. Visitas, encontros, especulações em torno de como sair dessa situação, como se libertar. Foi feita pesquisa. A gente andou o Brasil. Um grupo andou em São Paulo, outro andou no Norte e outro no Sul. Esses grupos foram andando, articulado, organizando... Trabalho de um ano para localizar onde estavam os que se esconderam. E também um ano de: “vamos bater à porta de tudo o que é bispo”. Isso foi durante. E desse trabalho todo, em 1975 realizamos um encontro em Taboão da Serra, SP. Umas 150 pessoas vindas de todos os cantos do Brasil. Todos trabalhadores.

Alexander – Foi o Encontro Nacional dos Trabalhadores que ocorreu em 1975, em Taboão da Serra?

Pe Agostinho – Sim. É também o ano em que foi assassinado o...

Alexander – Vladimir Herzog?

Pe. Agostinho – Perfeito! Justamente durante o encontro. Justamente durante o encontro! Quem nos deu cobertura para realizar esse encontro foi Dom Paulo Evaristo Arns. Dom Evaristo abriu o encontro dizendo: “olha, vocês têm coragem!” E completou: “Eu vim apoiar vocês, porque vocês têm coragem. A situação está muito difícil. Muito grave. Agora, uma coisa eu digo a vocês. Enquanto vocês estiverem aqui ninguém vai meter a mão em vocês”.

Alexander – Perfeitamente!

Pe. Agostinho – E nós nos reunimos do lado de fora. Muito estratégico. Ninguém chegou ao local acompanhado. Cada um chegou individualmente e em silêncio. Tudo combinado antes. Ninguém deveria dizer nada. Se alguém fosse perguntado, diria, “eu vou rezar no colégio tal”. Mostre a Bíblia. “Eu vou rezar no colégio tal”. Isso aconteceu de uma forma muito silenciosa. Dom Evaristo abriu o encontro hoje e no dia seguinte Vladimir Herzog foi assassinado. Ali, terminado o encontro, decidimos criar sede no Estado do Rio de Janeiro.

Alexander – Nesse encontro surgiu a ideia de se criar a Pastoral Operária?

Pe. Agostinho – Não! Nada! Decidimos criar no Rio uma Sede de Coordenação. Não tem nome nenhum ainda. Quando chegamos ao Rio, eu fui encarregado de ir a Dom Eugênio Sales para

dizer: “Dom Eugênio, aconteceu, em São Paulo, um encontro tal, e decidimos manter uma coordenação a partir daqui.” Dom Eugênio disse: “não faça isso!”. E não aceitou. Dom Eugênio disse: “Não me levem a mal, mas eu não quero. Não quero que se coordene esse movimento a partir daqui”.

Alexander - Isso aconteceu em sua visão, por quê?

Pe. Agostinho – Porque Dom Eugênio é conservador e estava de acordo com os militares. Dom Eugênio via nos militares aqueles que poderiam retirar o comunismo do Brasil, das crianças que eram comidas por comunistas... Dom Eugênio era uma vítima como tantos outros, sem falar de outros, como aqueles que vieram a fechar a Ação Católica como o Cardeal de Porto Alegre.

Alexander – Como Trujillo, que foi do CELAM, líder da Conferência Episcopal.

Pe. Agostinho – O Cardeal da Bahia, Dom Avelar, também andou por lá. Bom. Dom Avelar era um dos que nos apoiava na Bahia. Esse fato foi o que me trouxe para Nova Iguaçu. Eu já tinha vindo à Nova Iguaçu, em 1974. Mas, definitivamente trabalhar aqui, abandonar o Rio foi a partir daí. E, aqui, é que encontrei Dom Adriano. Eu comecei a conhecer Dom Adriano a partir de 1974, 75. As datas, para mim, são muito relativas. Quando referi a situação a Dom Adriano, ele disse: “que bom! Quanto tempo eu esperava que alguém viesse aqui, nessa Baixada, trabalhar com os trabalhadores.” Aqui é uma realidade de migrantes. Migrantes vindos da Paraíba, Pernambuco, Maranhão, Minas, Espírito Santo. Aqui é a grande cidade nordestina, a grande cidade daqueles que vieram de fora. Era outra Baixada. Hoje, não tem nem comparação. A Baixada era verdadeiramente algo desprezível, algo ignorável, algo de gente sofrida, gente desesperada que vinha aqui a procura de pão.

Alexander – Era um local com baixa infraestrutura, muita pobreza?

Pe. Agostinho – O mundo de quem vendeu a sua terrinha, de quem trouxe seus cruzeiros, cruzados e veio construir um barraco aqui. Você vê ainda hoje, todas as casas estão sem reboco, casas feitas na base do grito, na base dos fins de semana, com mão-de-obra barata, na base do mutirão. Esse é o embasamento desse povo. Iniciei-me aqui porque conhecia a vida, conhecia a história, conhecia a luta, a maneira de trabalhar. E comecei o trabalho aqui de forma

oficial porque Dom Adriano me recebeu extraoficial, porque eu não era dessa diocese. Eu circulava aqui porque tinha o apoio do bispo e fui muito bem recebido pelos padres.

Alexander – O senhor poderia falar um pouco de sua ligação com Dom Adriano. O senhor estava falando da realidade de Nova Iguaçu, da sua recepção por Dom Adriano.

Pe. Agostinho – Bom! Para não misturarmos as coisas. Isso tudo ainda é durante. Durante todo esse período, estávamos procurando rumos. Eu estava procurando rumos. Mas, já apareciam luzes. Vamos criar uma pastoral ligada aos bispos e, em 1975, nasce a Comissão Pastoral da Terra. Mas há uma gestação. Ela não nasce de repente. Em 1972 foi o grupo da Bahia desenvolvendo trabalho de pesquisa. Em 1974 foi o ano da síntese e em 1975 começou a dar corpo ao trabalho. Em 1976, nasce, aqui em Nova Iguaçu, a Comissão Pastoral da Terra. “Então, o senhor é o criador da PO”. Não, eu sou um deles! Um dos que trabalhou longamente por muito tempo. Para chegar a isso tivemos trabalhos sérios em Duque de Caxias, no Rio de Janeiro, na Rua Benjamin Constant quando criamos o CEDAC (Centro de Ação Comunitária), que completou agora 30 anos. Praticamente todo esse tempo. Leva de 30 a 35 anos do nascimento desse movimento. Vamos chamar a isso tudo de Comissão Pastoral Operária. Uma comissão. Eu fui o primeiro presidente, a primeira diretoria, fiz a primeira ata, dei o primeiro encaminhamento, fui o primeiro responsável, o primeiro articulador. Daí vieram o Salvador, o Dico.

Alexander – O senhor Salvador ficou de me apresentar o Dico.

Pe. Agostinho – Mas dentro disso, vieram as turbulências. Quais turbulências? Vamos trabalhar para reformar os sindicatos. Os sindicatos são verticais, vamos criá-los horizontais. É uma guerra, uma luta, um combate. Isso dava muita unidade, porque havia um inimigo em comum. Esse foi o tempo oportuno, belo. E o inimigo comum era a Ditadura Militar. Esse era o inimigo comum. E esse inimigo comum nessa gestação nos criou muita dificuldade. Ele nos perseguia, acompanhava, vigiava. Tomava nota das placas de nossos carros, soltava os cachorros nas nossas caras, pichava as paredes de nossas casas. Sequestrou e torturou.

Alexander – Dom Adriano!

Pe. Agostinho – Quando nasceu a Pastoral Operária, eles perceberam que em Nova Iguaçu estava o foco da grande resistência.

Alexander – Nova Iguaçu pode ser vista como um celeiro?

Pe. Agostinho – Aqui foi o local da resistência. Daí, o que aconteceu na luta sindical? Aconteceu o ENTOES. O ENTOES não caiu do céu. Ele é fruto de um trabalho nacional. O ENTOES é...

Alexander – Encontro Nacional dos Trabalhadores em Oposição à Estrutura Sindical.

Pe. Agostinho – São sujeitos vindos de todos os cantos que ficaram sediados aqui.

Alexander - Eram religiosos?

Pe. Agostinho - Praticamente não havia religiosos. Eram trabalhadores. Tira fora a conotação religiosa. A Igreja estava aí. A Igreja era a porta de entrada. Se você quiser, ela era a anfitriã que recebia sem cobrar. Não alugava, mas abria as portas. Esse foi o grande gesto profético de Dom Adriano. Esse é o rosto desse bispo, o homem, sergipano, sem medo, pobre, franciscano, teólogo, inteligente, escritor, músico. Esse é o homem que Deus nos deu na guerra da tragédia imposta pelos militares. Criado o nome, oficializado o nome, as coisas surgem como pipoca. Pipocou a Pastoral Operária em todo o canto do Brasil, primeiro no Rio, posteriormente em São Paulo, e assim surge a PO no Brasil.

Alexander – Mas havia uma linha comum?

Pe. Agostinho - A linha comum era a busca da liberdade, a busca comum era a derrubada da Ditadura, salvar o mundo dos trabalhadores, torná-los sujeitos, sujeitos de sua história, não marionetes, nem ajudantes de missa, mas sujeitos com rosto. E aí aconteceu o assassinado de Santo Dias.

Alexander. Em 1979.

Pe. Agostinho - Na efervescência. Ele é o marco do “Novo Sindicalismo”. Em 1979 acontece a explosão da bomba na Catedral Santo Antônio, Diocese de Nova Iguaçu...

Alexander – Ocorrem as pichações...

Pe. Agostinho – Tudo está dentro de uma ordem lógica. As coisas não acontecem de forma solta. Os militares agiram na lógica, foram atarraxando até onde puderam. Era uma luta global amadurecendo. Veio a bomba e, logo depois, a tragédia do atentado do Rio Centro.

Alexander - na noite do dia 30 de abril de 1981.

Pe. Agostinho - Os militares resistiram enquanto puderam, quando viram que o Brasil escapava das mãos, o Presidente Geisel já manifestava que era preciso abrir. Depois, veio o presidente Figueiredo. Isso era o momento durante. Agora vem o momento pós. Digamos que hoje a PO trabalha livremente no Brasil. Ela tem suas publicações, seu plano básico, seu projeto, seus dirigentes, sua sede em São Paulo. Durante muitos anos sua sede foi aqui na Diocese de Duque de Caxias. Hoje, ela é uma realidade que se resume ao Grito dos Excluídos, que desde 1995 acontece anualmente no dia 7 de Setembro, em Aparecida do Norte/SP, quando é comemorada a Independência do Brasil. A PO é uma das grandes patrocinadoras desse dia do Grito. De 1980 a 1990 são os anos das “vacas gordas”. Nasce o Partido dos Trabalhadores.

Alexander – Gostaria que o senhor falasse um pouco dessa relação entre a ação da Pastoral Operária e a formação do PT.

Pe. Agostinho - A Pastoral Operária sempre foi uma pastoral social, profundamente social com vínculo na dimensão da fé, com a dimensão da Igreja. Pastoral quer dizer isso: tear de pastores. Sempre teve esse vínculo com a Igreja, mas sempre foi uma prática social abrangendo o mundo da família, dos sindicatos, das Associações de Moradores... Sobre a Associação de Moradores teríamos muito para conversar... Então, nasce o PT. Com o PT, a PO se fragmenta, ela perde sua referência fundamental, ela toma uma referência política partidária. E para esse nascimento do PT, a PO foi uma das forças constituidoras. Ela fez campanha de assinaturas, campanha para chegar a 700 e 800 mil assinaturas. Era preciso de um milhão. Nasceu o PT e com ele veio todo um processo em que muita gente nossa partia para ser vereador. O próprio Salvador Marcelino foi candidato. Muitas lideranças nossas partiram para a política partidária. Isso teve influência

na militância cotidiana da PO? Teve. Claro! A PO não perdeu sua característica. Não! Mas ela perdeu sua vitalidade, ela teve uma baixa, que é natural.

Alexander – O senhor atribui essa relação entre a Pastoral Operária e o PT, e não a outro partido, em razão de quê?

Pe. Agostinho - Não tinha outra razão. Se você queria ser coerente... Com o nascimento, a Pastoral Operária se ramificou pelo Brasil e as conotações políticas partidárias por mais que estivessem ligadas a um partido, nesse caso o PT, eram variadas. O sujeito do PT gaúcho tem uma posição diferente do sujeito do PT pernambucano. O partido ramificou muito. Diferentes tonalidades. Com isso o pessoal foi se definindo, esse é o processo. Lula teve muita influência no nascimento da PO, muita influência na ação sindical. Não é que a Pastoral Operária renovou o sindicato. A PO entrava nas portas que se abriam. Ela endossa o “Anel de Tucum”, símbolo criado durante a ditadura quando proibido falar. O Anel de Tucum tornou-se um símbolo da resistência, do compromisso com a luta popular. Muitas pessoas no Brasil, na América e na Europa, usam esse símbolo. Tucum é uma palmeira espinhosa da Amazônia que produz um coquinho com o qual os índios fazem anéis e outros adornos. Tem um filme sobre isso. Seria bom que você assistisse a esse filme.

Alexander – Qual é o nome do filme?

Pe. Agostinho – “Anel de Tucum”. Quando você assistir a esse filme compreenderá a marcha da resistência. A resistência criou as Romarias da Terra, as Romarias do Mundo dos Trabalhadores. A Igreja mudou. Assim a coisa se ampliou. Eu queria ir afunilando as coisas para lhe dizer o seguinte: Os anos de 1980 e 1990 foram anos da proliferação. Nasceu tudo. Nesses dez anos nascem associações de moradores, o Clube de Mães. Um mundo novo nasceu. O Brasil criou um novo rosto. Foi uma euforia! O Brasil se libertou. Os refugiados voltaram para sua terra, aconteceu a anistia. Nasceu o CEDAC. Nasceu muita coisa boa.

Alex. Qual é o nome dessa organização?

Pe. Agostinho – CEDAC (Centro de Ação Comunitária). Nessa proliferação se ramificam as tendências. O famoso MDB e a famosa Arena se converteram em partidos. Nasceram os Ulisses Guimarães, surgiram os Sarneys. Nasceu o Brasil que está aí hoje, que ainda sofre as consequências da Ditadura. Que ainda hoje sofre as consequências dessa página caótica e



vergonhosa dos anos de chumbo. Tudo o que você queria perguntar sobre a PO, ela se tornou uma prática de base que constrói e resiste, e que cultiva as resistências de base, que luta para manter o mundo popular de pé, que tenta reanimá-lo das frustrações, que tenta manter os horizontes de esperança e que realiza, para mim, um trabalho histórico. De 1990 para cá são quase 18 anos. A Igreja também se reformulou, surgiram novos papas. Surgiu João Paulo II e agora chegou Bento XVI, que a gente não sabe muito qual é a dele. E o Brasil dança na vergonha das corrupções. Isso é um pouco o histórico da PO. Ela se associou e está em conotação com outras siglas, como a Cáritas. Não trabalha isolada. A fase do crescimento foi 1980 a 1990. A fase do recuo, da perda do profetismo vem dos anos 1990 para cá.

Alexander – Sobre essas duas fases, eu gostaria de retomá-las, porque eu vejo questões de cunho político e ideológico profundos. Nessa fase que vai dos anos de 1980 a 1990, há a explosão de várias associações sindicais, movimentos de bairro e os próprios partidos. Um tempo de muitas reivindicações. E obviamente, vemos uma Igreja muito mais envolvida com as questões políticas. A que o senhor atribuiria essa efervescência de uma Igreja progressista que vai contra a ação da Igreja Conservadora? Como o senhor enxerga essas questões? Por que eu coloco essas questões? Porque entre os anos de 1984 e 1985 o Vaticano promulga duas instruções. A instrução de 1984 foi basicamente uma ação onde o Vaticano condenava veementemente a Teologia da Libertação. Na instrução de 1985, o discurso foi um pouco menos radical, mas ainda assim vemos certa retaliação. Como o senhor vê tudo isso? De um lado, a Igreja conservadora freando a ação da Teologia da Libertação, mas ao mesmo tempo há uma ação efervescente da própria Igreja e de determinadas pastorais lutando pela redemocratização, lutando pelas questões dos Direitos Humanos, pelos direitos do trabalhador. Como o senhor analisa esse embate?

Pe. Agostinho – Essa é uma questão muito profunda! A Teologia da Libertação é uma decorrência de todo processo de saída da Ditadura Militar. Você sai da ditadura! O que acontece quando você sai de uma Ditadura? Você veste roupa nova. A Teologia da Libertação foi uma roupa nova que apareceu. Depois que você viveu os esculachos da Ditadura, da cadeia, do silêncio imposto, dos atos institucionais, vem a anistia e a Igreja surge com roupa nova. Então, mas..., você é católico?

Alexander - Nasci em berço católico. Hoje não sou mais atuante, não pratico, mas a minha formação é católica.

Pe. Agostinho - Essa colocação que você faz é toda outra história. João XXIII decretou o Vaticano II e Paulo VI completou-o. João Paulo I morreu aos 33 dias de pontifício, em 1978. E surgiu João Paulo II. Um papa polonês, que viveu a ditadura na Polônia, que viveu as prisões da Polônia. Que acompanhou os cardeais presos na Polônia, que trouxe todas essas marcas para dentro da Igreja Católica e esta perdeu sua liberdade de ação. Era um teatrólogo. Um homem que falava todas as línguas, que viajou o mundo, apresentou o rosto da Igreja no mundo e forçou a Igreja a vestir sua roupa velha. Ele fez o trabalho do rosto externo e, ao mesmo tempo, ordenou: “voltem para as Igrejas!” Caçou teólogos como Leonardo Boff e muitos outros. Empobreceu a Igreja dentro. Nessa transição, quando falo do momento dentro, no mundo mais cem mil padres deixaram o ministério. Aqui no Brasil, mais de 5 mil. Suprimiu a Teologia da Libertação, as Comunidades Eclesiais de Base. Colocou a Igreja interna no silêncio. De certa forma ainda hoje. Porém, de Medellín foram para Puebla, 1979, de Puebla foram para Santo Domingos, depois para Aparecida. Quando a Igreja se deu conta de que ela empobreceu por dentro, ela faz esse documento de Aparecida.<sup>257</sup> Segundo os estudiosos, será preciso mais de cem anos para colocá-lo na prática.

Alexander – Por quê?

Pe. Agostinho – Porque ela quer devolver à Igreja o tempo de Medellín, quer devolver à Igreja o tempo do Concílio Vaticano II.

Alexander - Essa Conferência de Aparecida, esse documento, é como se a Igreja, ao longo do papado de João Paulo II, estivesse reconhecendo seu erro histórico.

Pe. Agostinho - Não sei se ela reconhece erros históricos, não. Reconhece a sua situação interna. Porque é difícil para a Igreja reconhecer erros. Ela nunca reconhece erros. Para reconhecer o erro Galileu Galilei, somente agora. Ela é lenta para reconhecer erros. Ela mudou de roupagem. Agora está propondo uma roupa nova. A paróquia está superada. O jeito dos padres trabalharem está superado. Mas o que colocar no lugar? Aqui está o documento elaborado em Aparecida, mas mudar o que está torto é muito difícil. A explosão da juventude que aconteceu nas décadas de 1980 a 1990, virou hoje a fuga da juventude. A juventude não

---

<sup>257</sup> Agostinho Pretto refere-se ao Documento Final elaborado pela V Conferência Geral do Episcopado Latino-americano e do Caribe, 13-31 de maio de 2007, Aparecida, Brasil.

quer saber de Igreja. Ela quer saber de oba-oba. Você já viu o que é a explosão dos gays hoje? Um ou dois milhões de gays? De outro lado você também vê o padre Marcelo Rossi, em São Paulo. Ele reúne um milhão de pessoas. Qual é o conteúdo do Marcelo? O conteúdo do Marcelo é oba-oba, ele não fala numa reforma política, da corrupção de Brasília. Os carismáticos de hoje não entram na questão política. Por outro lado, a Pastoral Operária só trabalha nisso.

Alexander – Eu gostaria de retomar a pergunta anterior. Nas décadas de 1980 e 1990 vemos um movimento de luta, reivindicação. Tínhamos ali um Leviatã, que era a ditadura que ainda estava em voga. Ao mesmo tempo em que tínhamos um monstro a combater, uma Igreja ultraconservadora. É esse ponto que eu gostaria de retomar. Essas ambiguidades. A Igreja conservadora vai respaldar o regime militar. Temos que ter cuidado em falar nisso, porque parece que ao pensar dessa forma, eu tenho até preocupação em dizer isso, a gente quer dizer que ela é leviana, o que não é! Temos que ponderar isso, mas, de fato, parece que ela dá as mãos ao regime militar. Porém, ao mesmo tempo, temos uma Igreja Progressista que vai contra o regime, fortalecendo as suas bases, vemos as greves. Temos a participação de muitos leigos engajados, bispos e padres lutando pela redemocratização e lutando em prol dos trabalhadores. Gostaria que o senhor retomasse esse ponto.

Pe. Agostinho - Querido! Vamos tomar como referência a família. Na família você tem um casal de 80 anos, o avô e a avó. Para alguns, já é bisavô e bisavô. Você desce vinte anos e encontra um casal casado há 50 anos. Esse casal de 50 anos o que ele diz aos seus pais? Papai e mamãe, a coisa mudou! Já é outro tempo. Esse casal de 50 anos desce e tem um casal, aqui embaixo, que casou agora. Os dois têm 22 anos. Esse casal de 22 anos diz para os avôs: “coitados dos avós!” Diz para os pais: “vocês não entendem isso, são de outra época!” “Quando você vai me dar um neto?”, pergunta o pai. “Pai, espera aí.” Esse casal novo, três anos depois se separa. Vai comparando. Isso é a Igreja. Ela perdeu a sua origem. Não! Continua sendo Igreja. Perdeu a origem de família. Não! Continua família. Ela mudou de sangue, não! Continua o mesmo sangue. Ela mudou de cabeça! A sociedade mudou de cabeça. Eu não tenho computador. Esquisito, não! Eu não o quis. Eu escrevo à máquina. Meu escrito é diferente? Não. Já faz dois anos que estão escrevendo a minha história. O que aconteceu? O mundo mudou! Os meios de comunicação me deixaram de calça curta. Hoje, na pós-modernidade, você está solto. A Igreja mudou? Ela perdeu sua raiz, sua origem, seu sangue? Não! Ela perdeu sua vitalidade. Então você vê. Os avós são conservadores? São por demais

conservadores. O casal de 50 anos são conservadores? São fieis à sua época. Construíram suas casas. A casa onde esse casal jovem está morando, foram eles (os pais) que construíram. E construíram uma boa casa. Os dois são herdeiros. Eles dão muita importância a essa herança? Não! Sabe o que dizem os jovens daqui? “papai o que o senhor ganha num mês eu ganho num dia!” Se você soubesse o que acontece nos bastidores das drogas... Se você soubesse o que vai aos bastidores dos assaltos e dos roubos. Essa área aqui é um lugar de roubo. Então o que você vai dizer? Como você vai confrontar? Da mesma forma, você vai contra a Igreja conservadora? Não. Você vai respeitar. Senão você se torna um mercenário, um aproveitador. Você está dentro de uma raiz. Hoje os católicos se autodestroem, eles não se valorizam, perdem a autoestima. Querem missas diferentes, casamentos diferentes, batizados diferentes, festas, shows. Você é contra? Não! Não sou contra. Numa missa gastam, sem exagero, três mil reais em flores. Eu cobro, aqui, 100 reais com caução. Você deposita 100 reais. Se você chegar tarde, depois de uma hora, você perde. Não tem ninguém que vem buscar os 100 reais, pois chegam duas horas depois. Eu não faço casamento! Eu tenho as pessoas que fazem. Hoje a Igreja abriu, nomeando leigos para fazer casamento. Eu não tenho mais resistência para ficar uma hora e meia, com uma noiva que, da porta da Igreja ao altar, leva 15 minutos. Um passo a frente e dois atrás. Com isso, eu não sei se respondo à sua pergunta. A Igreja é conservadora. Ela não é inimiga entre si. Ela é conservadora. Quem deu esse tom? O papa deu esse tom. Hoje, eu defendo que a Igreja tem que mudar. Ela não muda por decreto. Ela tem que mudar por processo. Só a ação é que muda. Só a ação consegue mudar.

Alexander – Pode-se dizer que a Igreja Conservadora contribuiu para a desmobilização dos leigos, sobretudo no período pós-década de 1990 onde se vê que houve uma desmobilização que reflete nos movimentos de base e até mesmo em movimentos como a Pastoral Operária?

Pe. Agostinho – Manter-se vivo dentro de uma igreja militante é um heroísmo, porque a instituição é instituição. Agora ela quer mudar... Essa questão que você faz, onde busca confrontar a Igreja da frente e a Igreja de trás, não dá. A Igreja está em justaposição. Nas reuniões discutimos muito isso! Hoje, eu diria que estamos numa época de deserto, mas a Igreja continua sendo uma realidade, ela continua sendo uma voz no mundo. Ela zela, ela é contra o abordo, ela tem posição.

Alexander - Estamos num momento onde as questões trabalhistas precisam de reformas, o movimento operário, basicamente, encontra-se sem luz. Os sindicatos...

Pe. Agostinho - Os sindicatos amarelaram.

Alexander - Há uma penúria por parte dos trabalhadores. Estes se encontram sem voz.

Pe. Agostinho - Sindicato é dinheiro!

Alexander – Percebe-se que diferentemente, ainda no período da Ditadura, entre as décadas de 1980 e 1990 havia grande mobilização. Mesmo a Igreja Progressista sendo contestada por conservadores, o trabalho continuou, mas após a década de 1990 houve um arrefecimento na marcha. A que o senhor atribuiria esse revés, esse arrefecimento? A desmobilização das CEBs? Seria a ação da Igreja Conservadora interferindo na ação da Igreja Progressista, que se colocava como a voz dos trabalhadores?

Pe. Agostinho - A Igreja é uma instituição. Ela depende muito de quem está na cabeça. A Igreja tem um Estado. Quem conduz a Igreja é o Estado do Vaticano. O Papa que está lá é conservador e não pode ser diferente! Ela tem os seguimentos na cabeça. Você não pode analisar a Igreja apenas pela sua dimensão humana. Sua questão é muito difícil de resolver, pois a Igreja é uma instituição divina e humana. Por isso lhe perguntei se você era católico! A Igreja tem uma história. Ela tem dois mil anos. Por que a Igreja em dois mil anos ninguém conseguiu fechá-la. Napoleão caiu. Os maiores ditadores caíram. Os “Robespierres” da vida caíram. Ninguém fala nisso. Todo mundo caiu e a Igreja não caiu. Porque ela é uma instituição de dimensão divina e aí vem a dimensão da fé. Eu não concordo com muita coisa, mas eu respeito.

Eu pensei que o exemplo da família respondesse suas questões, mas não respondeu não. Porque você insiste na mesma questão. A instituição depende muito de sua cabeça. Hoje quem está na cabeça é Bento XVI. Ele é conservador. João Paulo II cortou toda a vida do clero. Os padres estavam reivindicando casamento e poderem continuar padres. Padre casado não pode dar aula no seminário, porque a Igreja é uma instituição que zela pela sua sala, cozinha, fogão e guarda-roupa. Eu não posso usar qualquer roupa na Igreja, na missa. Quando o atual papa foi eleito havia uma torcida muito grande que fosse outro, chamado Martini. Mas ele não aceitou porque seria uma carga muito grande. Eu lhe diria Alexander, a Igreja conservadora não tem uma prática conservadora em todo lugar. Eu não quero saber de conservadorismo. Quem manda na Igreja onde moro são os leigos. Eu não mexo em dinheiro, eu não decido maiores coisas, não! Mas então o que você pergunta, para mim, nessa entrevista pode perguntar a ele. Eu trabalho

com dimensão operária. Não quer dizer que eu seja conservador na prática. Eu estou numa camisa de força. Mas sou livre. Não quer dizer que minha prática seja conservadora. A instituição tem hoje uma prática conservadora. Tem quatro diferentes centrais sindicais. Cada uma tem uma conotação diferente. E elas se diferenciam em quê? Cada uma tem uma conotação diferente. E elas se diferenciam em quê? Você pode dizer que essa é mais conservadora que a outra. Assim também é dentro da Igreja. Essa paróquia é menos conservadora que a outra, porque depende do padre. Com isso você tem condições de analisar o processo. A nossa esperança é que venha um papa diferente. E virá! É irreversível. Porque senão a Igreja vai se esvaziar. Quando viram que ela estava esvaziando-se criaram o documento redigido em Aparecida.

Alexander - O senhor acredita que esse documento chegou tarde demais?

Pe. Agostinho - Eu acho. Acho que sim! Chegou muito tarde. Tanto assim que você tem que procurar as pessoas, os padres, que trabalham em cima desse documento. Tem padre que não está nem ligando para a situação. Agora você está fazendo uma tese difícil.

Alexander - Gostaria que o senhor falasse da atuação da Pastoral Operária nas greves. Quando surge a Pastoral Operária, no ano de 1976, sua participação nas greves de 1978 e de 1979.

Pe. Agostinho – A Pastoral Operária estava dentro, em cheio. Lula disse: “quem me converteu foi a Igreja.” Ele não acreditava nisso não. Ele não acreditava na Pastoral Operária. Lá ele conheceu o que era pastoral. Nesse período entrou frei Betto, quando a PO já estava andando. Hoje a Pastoral Operária atua no sindicato. Hoje ela critica o sindicato. Hoje o sindicato está num conservadorismo escandaloso. Daí vem a grande crítica feita a Lula.

Alexander - Tem sido comum esse pensamento onde se observa que partidos que se diziam de esquerda modificaram sua postura ideológica, terem se vendido. Vejo isso, também, em diversos movimentos de bairros, partidos, sindicatos.

Pe. Agostinho - O que ainda resistem são as pastorais sociais.

Alexander – Como se fosse uma voz que ecoa no deserto?

Pe. Agostinho – Ela é uma voz que ecoa nos bastidores. Ela perturba. Não é muito no deserto, não. Ela perturba porque ela fala no “Grito dos Excluídos”. Tem muita gente querendo esvaziar o Grito. Tem padres e bispos que querem esvaziar o Grito.

Alexander – O senhor atribui a esse documento de Aparecida, em 2007, uma forma de evitar o silêncio, de esvaziar o Grito?

Pe. Agostinho - Esse documento foi trabalhado no acampamento de trabalhadores em Aparecida. O povo acampado pedia, “pelo amor de Deus, não façam um documento conservador!” Se você ler verá como ele é muito avançado.

Alexander - Seria um resgate de Puebla?

Pe. Agostinho - Mais de Medellín, mais do Vaticano II, do que de Puebla. O Concílio Vaticano II é muito citado.

Alexander – Gostaria de retomar duas questões. Podemos dizer que a Igreja nesse período de efervescência contribuiu para que houvesse maior conscientização dos leigos e a partir de que momento o senhor percebe que essa conscientização passando pela via religiosa se desdobra em consciência e ações políticas concretas?

Pe. Agostinho – Não se separa! Não dá para separar, porque as coisas caminham juntas. Você não tem dois departamentos no seu corpo. Você só tem um. Ou você é conservador no todo ou você é progressista. A tua ação é política. A tua ação é em função do bem comum. A tua ação é um comportamento de engajamento social. Não se separa. Então a época da efervescência foi uma época de multiplicação de militantes. Por isso eu disse que pipocava! Porque a mística, a motivação para ser feliz está em ser um homem sujeito. Um homem é sujeito quando faz história. Hoje você está escrevendo a história que outros fizeram história. Você está escrevendo e para escrevê-la algo lhe motivou. Você não faz uma tese sobre a Igreja conservadora. Há muitos que fazem teses sobre isso! Fazem teses sobre temas esquisitos. Você escolheu o tema conflituoso porque toda mudança vem do conflito. Não há mudança sem conflito. Isso é da própria natureza. Você rompe e a gente rompe. Temos duzentos, trezentos sujeitos no Brasil, que estão em mandato político. Há padres que são deputados, padres que são vereadores,

padres e freiras que são prefeitos. Mas a Igreja não quer. Você percebe onde está o conflito? É duro, hein!

Alexander – Mas é a partir daí que surgirão mudanças.

Pe. Agostinho - Não só. Surgem. Por isso digo, não tem como segurar. Hoje a Igreja no Brasil, você pode dizer tranquilamente, tem mais de cem mil grupos de base. Só nossa Diocese tem cerca de 500 grupos, chamados conselhos de comunidades. 400, depois têm outras ramificações, círculos bíblicos. Meu avô tem que mudar! Meu pai tem que mudar! Ou você muda na ordem ou na desordem! Na desordem, você manda tudo pelo diabo; e, na ordem, você faz história. É uma dialética. Você dirige automóvel?

Alexander – Sim.

Pe. Agostinho - Você tem uma direção. Mas digamos que você não seja muito hábil nem muito profissional. Dialética é algo complicado! Agora quando você tem uma posição formada e definida, a retaliação vem. Muitos foram e continuam sendo assassinados, no Brasil, na luta pela terra.

Alexander - Isso mostra que a luta continua?

Pe. Agostinho – Há pouco eles mataram, em Manaus, a Irmã Dorothy Stein. Fez a história da resistência. Fez a igreja que você quer descrever, com o conservadorismo do lugar. Há muitos na Igreja que diziam a Dorothy para deixar disso, há muitos que dizem para o padre Geraldo Lima, que trabalha em nossa diocese com a questão da terra e de ocupações, “deixa disso”. Isso se chama profissão profética. Você deve dar um pouco essa conotação. Sua tese tem que ser uma tese de esperança. Vai mudar!

Alexander - A temática pela qual optei, em parte reflete o que sou. Minha vivência e experiência de vida. Como o senhor foi muito amigo de Dom Adriano, gostaria que o senhor fizesse um comentário. Em 1978 ele atribuiu a Pastoral Operária a linha mestra de sua diocese.



Pe Agostinho - Não! Ele atribui a linha mestra do seu comportamento ao povo da Baixada. Ele também usou muito essa frase: “Foi o povo quem me converteu”! Ele atribui sua conversão a esse povo.

Alexander - Belíssima frase!

Pe. Agostinho - Que povo é esse? É o povo trabalhador. O povo do trem, é o povo da construção civil, é o mecânico, o metalúrgico, o gráfico. Esse é o povo. E digo mais, o único povo que nos pode converter é esse. Essa comissão que está lá em Copenhague é uma tropa de vagabundos, discutindo e fazendo coisas iminentes, enquanto o planeta está em perigo. O homem diante do dinheiro endoidece. Pode crer! Outra coisa que você tem que escrever sobre os trabalhadores é como um homem é capaz de viver com um salário mínimo. Isso é um milagre! Essa correria atrás de partidos, de candidaturas, significa que amam o povo? Nada. Querem é ganhar dinheiro fácil, ser vereador, prefeito dá dinheiro. É uma vocação? Há pessoas que tem vocação para isso. Eu respeito, mas para aumentar 5% do salário mínimo é uma briga. Paulo Paim é um dos poucos que lutam para dar salário digno. Lula luta para dar salário digno, mas é um prisioneiro do sistema.

Alexander – Gostaria que o senhor citasse membros da Pastoral Operária que sofreram perseguições, nomes de membros da PO de Nova Iguaçu no âmbito do regime militar.

Pe. Agostinho - Se não podíamos nos reunir, se éramos vigiados, se nossos carros tinham suas placas anotadas, se pintavam paredes das casas... Entraram nas casas, no Centro de Formação de Líderes. Isso é uma retaliação.

Alexander – Poderia citar nomes?

Pe. Agostinho - Não posso citar. Depois que saí da cadeia, não cito nome de ninguém. Tem gente que não gosta nem que se fale sobre esse assunto.

Alexander – O senhor saiu da cadeia em que ano?

Pe Agostinho - Saí da cadeia no ano de 1970. Tem gente que sofreu retaliações. Tem gente doída até hoje de tanto que foi retaliada, perseguida. Tem gente que mudou de Estado e se trata

com psicólogos. Já faz trinta anos, mas fica a vida toda. Quem nunca foi preso não compreende. O livro “Brasil nunca mais” é exemplo lúcido disso.

Alex. O senhor poderia citar leigos que não tinham formação, mas adquiriram-na nas bases da Igreja e hoje estão engajados em sindicatos, partidos. Que tiveram sua trajetória a partir da Igreja

Pe. Agostinho - Eu faço uma reunião mensal aqui. Mais de trinta pessoas. Todas estão envolvidas em partidos políticos.

Alexander - O senhor poderia citar ao menos alguns nomes? Porque se observa que a Igreja alimentou, particularmente, no período conflituoso (regime militar) leigos, que não tinham formação e conscientização política, obtiveram-na através da Igreja. O legado de Dom Adriano contribuiu muito para isso, uma vez que ele abriu as portas da Igreja e contribuiu para que os grupos de base e seus líderes fizessem reuniões. A Igreja de Nova Iguaçu, nesse sentido, foi formadora. Ela conscientizou os leigos. Onde se percebe que o desdobramento religioso se converte em desdobramentos políticos. Gostaria que o senhor citasse exemplos para ilustrarmos.

Pe. Agostinho - (Longo silêncio). Sabe o centro de pesquisas, a FIOCRUZ, em Bonsucesso, no Rio? Muitos dos atuais profissionais estiveram aqui. É complicado citar nomes! Aqui cineastas se escondiam. Médicos, advogados, filósofos, professores se esconderam aqui. Eu era um que trazia pessoas para cá. Sei também as casas onde estavam. Dom Adriano chegou a trazer da Europa todo aparelho de filmagem e entregou a um cineasta. Até um filme foi feito. Um dos diretores da FIOCRUZ ficou escondido aqui. Não gostaria de citar nomes, para amanhã não dizerem que Agostinho citou nomes. A gente tem uma carga muito grande. Conheço mulher que engravidou com torturador, gente que endoidou. Sua pergunta é muito ampla. Betinho quando veio do exterior se escondeu aqui.

Alexander – O Lindberg?

Pe. Agostinho - Lindberg foi o homem da campanha da resistência.

Alexander – Ele teve sua formação na Igreja?

Pe. Agostinho – Ele foi movimento da juventude. Sua formação partiu da Igreja. A UNE é resultado da JUC. Citar nomes é muito delicado. Por isso não citarei. É da vida privativa. Eu respeito muito isso! Tem gente que não gosta de mexer mais com isso. Tem gente que pediu indenização. Eu não quis saber de indenização. Digo que um milhão de dólares não repara o que fizeram comigo. Não quero saber de indenização. Meu tributo ao Brasil eu paguei. Tem gente que aceitou e tem direito. As mulheres de maio de 1968 se bifurcaram em dois movimentos: as que aceitaram e as que não aceitaram. Seguiram linhas diferentes. Há uma ditadura hoje mal resolvida. Há uma ditadura de escravidão, de uma dependência do povo. Toda comparação é um pouco difícil, mas há uma ditadura diferenciada que oprime o povo no cacete, na pauleira, na milícia, na perseguição, sem terra, na violência. Bate-se como se bate num cachorro. Na ditadura a coisa era diferente. Havia uma direção só. Batia-se porque você tinha fama de comunista, hoje batem sem causa. Hoje não vamos nos iludir que vivemos numa democracia. Há uma escravidão. O povo não acredita mais em político. Dizem que todos são ladrões. Mas não é verdade.

Alexander – Isso se deve a falta de consciência política?

Pe. Agostinho - A mídia só fala em morte, não fala em vida. O Jornal Nacional traz apenas morte: quebrou o trem acolá, alguém se enforcou. A mídia hoje é morte, Bolsas de Valores aqui e acolá, dólar aqui e acolá. Você vive dentro de um mundo que não atrai e não fascina. Tem gente que diz que até fevereiro não teremos mais nada. Vem a bagunça do carnaval. Qual é a praça onde se pode sentar para um lazer, bater papo com a esposa, com a noiva e namorada? Tudo gira em torno do consumo.

Alexander – Gostaria de encerrar a entrevista com uma fala sua: “é na prática de base que se constrói”. “É somente através da luta, da prática e da esperança que podemos construir um mundo melhor”.

Pe. Agostinho – (risos...) Tudo é fruto de uma ação. Se você quiser ter autoridade constrói a história. Não exija moral nos outros se você não pratica. Saber escutar, escutar. Sabe quem é o sábio? Não é aquele que pergunta, não é aquele que responde. A partilha hoje. Se você escrever em seu trabalho os valores do trabalhador, se puder criar um capítulo sobre o que é o mutirão. Construir uma laje no mutirão. Como se constrói uma laje no mutirão? Dois quilos feijão,

quatro rabos de porco, duas orelhas. As mulheres fazem uma feijoada e os trabalhadores, na massa, fazem uma laje de uma casa e terminam com caipirinha. Isso é mutirão! Isso não existe pelo mundo afora. Não existe no mundo social, não existe. Entre a juventude isso não existe. O valor do mutirão, da partilha, o valor da poesia, do canto do violão, da criação, o valor do poeta. Só na Baixada você arruma cantor em tudo quanto é canto. Você quer saber história de gente que não era nada e hoje se projeta? Hoje quem conduz os cantos aqui da Igreja é o Renato e sua mulher, com o coral guiado por um mestre trabalhador. São esses valores populares que o sistema rouba. E como rouba! E a mídia se encarrega de falar horas e horas de criança que foi encontrada com agulha dentro. Isso é assunto propalado pela mídia. E o povo? O povo é que tem que ser ainda colocado num grande tsunami de libertação para poder caminhar, poder tomar o trem sorrindo.

Alexander – Mas essa libertação, em parte, não estaria associada a uma conscientização?

Pe. Agostinho – Evidente! Não só a conscientização, mas também a melhoria de vida, melhoria de *status* social. O Brasil está sendo muito invejado pelo que tem. E o seu povo muito louvado. Se há um povo anfitrião, esse é o nosso povo. Posso dizer que eu andei o mundo e não encontrei na Alemanha, na Itália, na Bélgica ou na França hospitalidade igual. Hospitalidade existe, mas o hospedar não é o forte desses povos. Quem vem almoçar na minha casa ouve “onde come um, comem dois”, e diz “põe mais água no feijão”. Esse é o nosso povo. Você está de parabéns pelo roteiro!

Alexander - Terminamos a entrevista e venho agradecê-lo pelas informações e espero contar com o senhor daqui para frente.

### **Ficha Técnica:**

Tema: Pastoral Operária e Dom Adriano Hypólito.

Entrevistado: Padre Agostinho Pretto

Entrevistador: Alexander de Souza Gomes

Local: Rua Maurício Lacerda, n.º 32 – Nova Iguaçu.

Data: setembro de 2010.

Duração: 2h, 5 minutos e 13 segundos.

## ANEXO B - Entrevista de Padre Marcus Barbosa Guimarães

Alexander: Gostaria que o senhor falasse seu nome completo e sua posição na Igreja.

Padre Marcos: Chamo-me Marcus Barbosa Guimarães e sou pároco aqui da Catedral Santo Antônio de Jacutinga.

Alexander: Como a pesquisa aborda a vida de Dom Adriano, gostaria de obter algumas informações sobre a atuação do bispo para resgatar sua memória e obter informações sobre o memorial. Quem teve a ideia de construir o memorial em homenagem a Dom Adriano?

Padre Marcus: A ideia surgiu logo após a morte de Dom Adriano. Mas já era concepção dele e do Conselho Presbiteral. Havia a ideia de transformar a cripta num local onde se pudesse colocar os restos mortais dos padres e dos bispos que tivessem trabalhado aqui no pastoreio. Isso tudo foi se concretizando aos poucos e se tornou realidade após a sua morte. O sepultamento dele foi feito lá. Após o seu sepultamento foi feito todo preparo de colocar também os fatos históricos, através de jornais, de sinais de sua pessoa para resgatar um pouco a sua história. Depois veio, então, o memorial do padre João Much, o primeiro apóstolo aqui da Baixada.

Alexander: Quais seriam as motivações para a construção do memorial?

Padre Marcus: O resgate mesmo. Primeiro é a gratidão; a vida de Dom Adriano, do padre João Múch e depois dos padres e diáconos que estão ali sepultados. Ter presente a nossa história, a memória, o passado; a atualização do presente e a esperança para o futuro.

Alexander: O memorial traduz a vida de Dom Adriano, em sua concepção, plenamente?

Padre Marcus: Isso! Desde o memento junto à sua família, o local de seu nascimento; o seu crescimento; a sua ordenação de padre e depois sua ordenação episcopal, que foi na Bahia; a sua chegada aqui, em Nova Iguaçu; momentos marcantes de Dom Adriano nas dimensões pastoral, social e espiritual. Ali também tem a camisa que foi dada por um repórter no dia do seu sequestro, pois ele ficou nu, então foi oferecida uma camisa e uma calça. Tudo isso a gente nem sabia que ele tinha guardado. Só para a gente perceber a humildade do bispo! Quanta coisa ele guardou e somente após a sua morte; aliás, depois que ele deixou o pastoreio da diocese, algumas coisas que ele deixou com as Irmãs Clarissas, algumas coisas que ficaram com os sobrinhos; que só mais tarde .... Até para os sobrinhos algumas coisas foram descobertas

depois. Uma história e uma vida guardada e oferecida. Não é algo que ficou escondido. Ele não gostava que suas coisas e a sua figura ficassem em primeiro plano. Ele tinha muito cuidado para que isso não acontecesse! Havia um busto guardado com as Irmãs Clarissas. No final dos anos 1980, início dos anos 1990, esse busto iria ficar guardado no seminário em sua homenagem e já estava tudo pronto para a parte da manhã; quando ele descobriu, ainda à noite, recolheu tudo e disse que quando ele morresse poderiam fazer o que quisessem.

Alexander: Eu pensei que ele estivesse usando as vestimentas no âmbito do sequestro.

Padre Marcus: Não! Elas foram oferecidas por um repórter para ele poder se recompor.

Alexander: Observo que no memorial há muitos dados sobre o seu sequestro, o fato da bomba na Catedral; fatos que compõem todo acervo do memorial. Obviamente são fatos emblemáticos, porém há uma conotação política na valorização dessa memória. Como o senhor analisaria isso?

Padre Marcus: Tem uma dimensão política com certeza, mas sempre no âmbito daquilo que nos atingiu na evangelização. A política não vem em primeiro lugar, mas o aspecto mesmo da evangelização; pelo anúncio do Evangelho, pelo anúncio da vida de Jesus e o sentido de ser Igreja e as consequências. Ali também se faz muito forte essa dimensão política, tendo como raiz o testemunho de alguém que seguiu a Jesus Cristo.

Alexander: Antes da construção do memorial já havia espaço para o sepultamento de padres? O que era esse espaço antes da construção do memorial?

Padre Marcus: Sempre foi o espaço de uma capela para abrigar celebrações menores, porque tem a grande catedral, a grande igreja, e ali é uma capela para momentos menores de celebrações, momentos de formação, pois alguns encontros de jovens; missas de jovens lá pelos anos de 1970 e 1980 aconteciam ali, nesse espaço, que abrigava esses grupos e suas celebrações.

Alexander: O memorial foi construído depois?

Padre Marcus: Sim, depois.

Alexander: Antes de entrarmos no memorial temos que passar pela capela. Existe alguma relação em fazer lembrar Dom Adriano em consonância com o espaço sagrado. Muitas das vezes, até mesmo em espaços sagrados, alguns memoriais são construídos em espaços

independentes. Mas aqui temos que passar pela capela; temos a presença do sacário. Como o senhor analisa isso?

Padre Marcus: Quis ser um memorial e ao mesmo tempo guardar esse espaço celebrativo. Até hoje, normalmente, as missas de sábado acontecem lá, porque tem casamentos na grande igreja; tem grupos que se encontram ali na semana como o grupo de oração; existe um grupo de leitura da Bíblia. Fica sendo um espaço também litúrgico e celebrativo. Procura-se guardar esse espaço para uso do povo, para não ficar sendo apenas um memorial, um museu, uma recordação.

Alexander: E qual é o uso do memorial propriamente dito hoje? Ele está fechado? Recebe visitas frequentes? Quais são as pessoas que o visitam?

Padre Marcus: O memorial que também é um espaço celebrativo abriga então durante a semana para vários momentos. As pessoas que desejam visitá-lo. Ele fica fechado em termos, pois se a pessoa quiser visitá-lo fora dos momentos em que ele se encontra aberto para celebrações ou para o uso da comunidade pode pedir ao padre, a um dos funcionários ou a uma das secretárias que o memorial é aberto. Ele fica fechado por questão mesmo de segurança, pois não tem diretamente uma pessoa que fique ali.

Alexander: Vocês recebem pedidos para fazer visitas em algum período do ano ou, pelo menos, em períodos de celebração do falecimento de Dom Adriano?

Padre Marcus: Esse ano nós celebramos lá. Fizemos questão de celebrar a missa da manhã lá. A missa da noite nós fizemos aqui, pois sempre há mais pessoas. A missa da manhã nós fizemos lá. Foi no dia 10 (dia de seu falecimento).

Alexander: Foi a primeira vez que aconteceu esse evento?

Padre Marcus: Eu creio que nesse ano foi. Fazíamos a missa aqui (na Catedral) e depois fazíamos a procissão até lá. Sendo que uma das missas nesse dia 10 nós fizemos lá e vamos continuar fazendo. Até por que tem muita gente que vem a Nova Iguaçu e não conhece a história. Agora é também bastante visitado por amigos de Dom Adriano da Alemanha, da Itália, da Suíça, de países que ajudaram aqui na Baixada e na nossa diocese; até pouco tempo veio um padre alemão que conheceu Dom Adriano quando ele estava lá; vêm congregações religiosas, as madres superiores.

Alexander: Essas visitas ocorrem no decorrer do ano ou somente em momentos de celebração da morte do bispo?

Padre Marcus: Ocorrem durante todo o ano.

Alexander: Vocês tem algum caderno que registra essas visitas?

Padre Marcus: Não! Não temos. Há um sonho de aqui na Catedral se construir um museu aonde se colocariam peças da história de Nova Iguaçu, mas isso ainda está no sonho.

Alexander: Existe alguma conotação política em relação à memória de Dom Adriano não por parte da Igreja, mas por parte de instituições políticas em abafar essa memória.

Padre Marcus: Há resistências. Sempre houve. Com ele em vida e ainda hoje. Vai desde a resistência, a indiferença e ao silêncio. E ao desconhecimento também.

Alexander: Por parte da Igreja o senhor acredita que há também? Há alguma ala dentro da Igreja que também resiste?

Padre Marcus: De alguma forma também silencia. Embora nesses últimos tempos a gente tenha visto não só Dom Adriano, mas outros bispos e padres que tiveram uma referência nacional, muitas vezes até internacional; a gente vê várias biografias, inclusive a de Dom Adriano a gente não tem. Foi sonhado logo após a sua morte, mas depois caiu num certo marasmo e esquecimento e não conseguimos resgatar. Há biografias de pessoas ainda em vida como Dom Pedro Casaldáliga. Dom Waldir Calheiros, onde temos publicações para quem quiser fazer alguma pesquisa encontra de uma maneira mais direta um resgate da história e de sua posição, de seu caminhar. De falecidos temos Dom Luciano Mendes de Almeida; Dom Hélder, que tem várias publicações.

Alexander: O senhor acredita que o quarto bispo, Dom Luciano, poderia contribuir para o resgate da memória de Dom Adriano? Ele faz isso?

Padre Marcus: Bastante. A valorização, o fato de citar o nome; de fazer a memória. Nesse ponto, bastante.

Alexander: O senhor poderia dizer qual é a relação dos objetos que estão no memorial e os preceitos cristãos acoplados a esses objetos?



Padre Marcus: A gente tem aquilo que é próprio do bispo: o cajado, o báculo, a mitra, a estola que eram sinais usados por ele nas celebrações e próprio do pastoreio do bispo de cuidar e zelar pelo rebanho que lhe foi confiado; depois tem objetos pessoais: óculos, a camisa, a calça, que nós lembrávamos na entrevista anteriormente, o crucifixo, a cruz peitoral que ele usava diariamente, livros de oração, pois ele era um homem de muita espiritualidade; ele levantava de madrugada para rezar e celebrava por volta das quatro da manhã a eucaristia. Tudo isso tem uma relação muito direta.

Alexander: Em algumas entrevistas que tenho realizado aparece a expressão “bispo santo”. Eles veem Dom Adriano como um santo moderno. Como o senhor caracterizaria essa expressão?

Padre Marcus: Porque tocou na alma do povo.

Alexander: Seria um bispo santo, um santo moderno em termos de ser um mártir ou de pedirem milagre, como devoção?

Padre Marcus: Acho que nessa devoção. Mas de milagre, não! Mais na linha do testemunho. Naquilo que os afetou na vida, seja por uma palavra por ele proferida, por uma atitude, pelo contato pessoal, pela sua presença, pela sua humanidade, pela sua dimensão profética em defesa dos mais pobres. Isso tocou a alma do povo. Não são apenas as situações exteriores. A história por dentro e a vida. O testemunho da gratidão, do que ele foi. Evocar a memória de Dom Adriano reacende esse espírito de coragem, da vivência da fé, a expressão de uma igreja viva.

Alexander: Em relação às pessoas que visitam o memorial de uma forma geral. Há pessoas que não são católicas que visitam o memorial?

Padre Marcus: Muito pouco.

Alexander: Entre os religiosos e leigos que visitam o memorial, o senhor acredita que eles acendem velas?

Padre Marcus: Ali também não há espaço para isso. Se houvesse, até ... Mas trazem uma flor.

Alexander: Depositam sempre algum objeto?

Padre Marcus: Sim. Agora, até o nosso bispo, Dom Luciano, evoca como “santa” essa linda interseção. Eu também creio nisso! A gente crê que ele junto de Deus ...

Alexander: Por que eu toquei nessa questão? Porque foi forte e no âmbito das entrevistas quando as pessoas resgatam essa memória e, sobretudo, esse passado emblemático as pessoas relembram com muito carinho e ao mesmo tempo em que se fala dele parece que vem uma **aura mística**. Essa expressão foi mencionada várias vezes. Será que a expressão “bispo santo” está relacionada ao seu martírio ou se tem alguma questão de devoção devido ao seu passado?

Padre Marcus: Nas horas dos apertos pedem a ajuda dele...

Alexander: O senhor vivenciou com ele quando ele era bispo diocesano?

Padre Marcus: Foi ele quem me ordenou. Quando entrei para o seminário ainda era ele (bispo diocesano).

Alexander: Logo em seguida o senhor se tornou pároco da Catedral?

Padre Marcus: Não. Eu trabalhei em várias paróquias. Só de padre eu tenho 26 anos. Fui ordenado em 1985, depois com o tempo do seminário entrei em 1979.

Alexander: O senhor se tornou pároco da Catedral quando?

Padre Marcus: Como pároco da Catedral foi esse ano (2011). Eu ajudei aqui há quatro anos, mas não era pároco. Eu sempre tive ligado ao seminário. Fui reitor do seminário durante muito tempo.

Alexander: Para finalizarmos, como o senhor descreveria Dom Adriano Hypólito? Como o senhor vivenciou com ele e foi ordenado por ele teve bastante contato?

Padre Marcus: É difícil. Evocam-se várias imagens e experiências. Um homem de Deus, um homem do povo, um homem de testemunho. Um homem que bebia da fonte, da vida de Deus e testemunhava nos momentos da alegria, nos momentos das dores, na defesa mesmo. Como um pastor. Alguém que viveu como bispo mesmo. Que fazia o que Jesus procurava fazer.

Alexander: O senhor pretende fazer com que o memorial, pois nesse ano já houve celebrações. O que o senhor pretende fazer para que o memorial não fique tão fechado?

Padre Marcus: Vamos ver se essa ideia do resgate histórico de forma que o memorial possa se transformar num outro nome: lugar- memória. A gente vê que muita gente, muitos jovens e universitários procuram. Se a gente fosse recolher os materiais que já têm sobre a diocese, sobre Dom Adriano, sobre as Comunidades Eclesiais de Base, sobre Movimentos de Bairro ou

sobre a história da diocese, se fôssemos cruzar teríamos uma riqueza, porque são pesquisas sérias. Agora precisamos recolher tudo isso e a gente tem um pouco disso mais visível e mais também disponível. Como você! Espero que não aconteça. As pessoas vêm e depois o retorno! Seja da nossa parte, que também a gente não se interessa, não procura e depois esquece; seja da parte de quem realizou o trabalho que por “n” motivos não têm esse retorno.

Alexander: O Centro de Formação foi construído ainda no bispado de Dom Adriano? Foi por sua própria iniciativa?

Padre Marcus: Sim. Sendo que o acervo era na Cúria, que antes era ali na Rua Capitão Chaves. Acho que tem quatro anos que tudo foi colocado no Centro de Formação; a Cúria também foi para o Centro de Formação e ali funciona tanto a parte administrativa quanto jurídica e também pastoral.

Alexander: Agradeço a entrevista. Muito obrigado, padre Marcus!

Padre Marcus: Obrigado!

Entrevista:

Temática: Memória de Dom Adriano Hypólito e o memorial construído em sua homenagem.

Data: tarde de 19 de setembro de 2011.

Local: Catedral de Santo Antônio de Jacutinga.

Entrevistador: Alexander de Souza Gomes

Entrevistado: Padre Marcus Barbosa Guimarães.

Cargo que ocupa atualmente: Pároco da Catedral Santo Antônio de Jacutinga

Duração da entrevista: 22 min e 30 s.

Ano de ordenação: dia 11 de agosto de 1985 por Dom Adriano Hypólito.

## ANEXO C: ENTREVISTA DE SALVADOR MARCELINO

Alexander: Para começarmos a entrevista, gostaria que o senhor falasse um pouco da sua história de vida; fizesse uma síntese de sua vida e comentasse sobre a sua vinda para Nova Iguaçu.

Salvador: eu me mudei para Nova Iguaçu no final da década de 1950, mas comecei a trabalhar e a militar politicamente em 1962. Comecei a trabalhar na farmácia São Jorge e filiei-me ao Sindicato dos Comerciários de Nova Iguaçu numa época de muita efervescência política, de movimento de trabalhadores rurais. Constantemente tinha discursos e reuniões na Praça da Liberdade dos trabalhadores rurais e falava-se muito de Pedra Lisa. Pedra Lisa era uma referência e a gente começou a trabalhar aqui, vendo os problemas que tinham no comércio de Nova Iguaçu. Filiei-me ao sindicato. Iniciamos uma luta pela redução da jornada de trabalho, que era muita extensa; fizemos manifestações na Câmara de Vereadores, não me lembro precisamente da data, mas foi logo que tomou posse o Dr. Bolívar Assunção. Ele era o presidente da Câmara na época. Fizemos a campanha contra a jornada de trabalho. Fomos vitoriosos e começamos a trabalhar no movimento sindical. Até que em 1964, aconteceu o golpe militar, mais precisamente no dia 1º de abril, às 10 horas da manhã. Estava eu, o senhor Edson Alves Vieira e mais um rapaz chamado Ítalo, não me lembro de seu sobrenome e o senhor Antônio Cunha, um desenhista do Departamento Nacional de Estradas e Rodagens. Ele estava fazendo o mapeamento para a construção da rodovia Rio-Sampa, a BR 101. Nesse período, a gente estava tomando café no dia 1º, tocou o repórter Edson, quando veio a notícia de que o general Olympio Morão Filho<sup>258</sup> tinha descido a Serra de Petrópolis e ocupado o quartel; ocupado não, porque ele não chegou ao quartel general, pois Costa e Silva havia assumido o comando. Depois disso, eu já era sindicalista, o sindicato foi para vigília nesse dia. Eu não fui, porque fui avisar minha família que o comércio estava fechado. Mas quando cheguei em casa, o rádio estava ligado na rádio Mayrink Veiga e eles (os militares) entraram na rádio, dando pancadas, xingando palavrões e aí eu nem fui mais (à vigília), fui queimar alguns documentos que eu tinha em casa que não podiam baixar.

---

<sup>258</sup> O General do Exército Olympio Mourão Filho foi Ministro do Superior Tribunal Militar, tendo tomado posse no dia 09 de setembro de 1964. Constam-se que ele deslocou as tropas com poucas armas e poucos recursos de [Juiz de Fora](#) para o [Rio de Janeiro](#), sendo criticado por alguns de seus aliados como o governador de Minas Gerais na época, Magalhães Pinto, que considerou precipitada sua atitude.

O delegado foi ao sindicato e mandou o pessoal evacuar. Lacrou o sindicato e o pessoal debandou. O presidente do sindicato, por exemplo, só o reencontrei no início da década de 1970, quando ele estava chegando de Cuba e caminhando pela Rua Haddock Lobo.

Alexander: O presidente do sindicato era ...

Salvador: Wandelino Coelho de Oliveira.

Alexander: Além dessa mobilização, da campanha pela redução da jornada de trabalho, o senhor participou de outras mobilizações?

Salvador: Logo no início do regime militar, não. Só mais tarde na mobilização para a criação do MAB e na sua mobilização. Por exemplo, eu me engajei na luta pela mobilização dos mutuários do conjunto habitacional. Aqui na Paróquia temos três conjuntos habitacionais: o do Jardim Esplanada, o do João Manuel Gonçalves, que faz divisa com a comunidade e que foi a grande causa de fazer nascer o MAB e o conjunto do Monte Líbano, quando da minha inserção na Pastoral Operária.

Alexander: Quando o senhor chegou a Nova Iguaçu, qual era a realidade social do município?

Salvador: Nova Iguaçu tinha uma população muito reduzida; um comércio relativamente fraco; praticamente não tinha supermercado; o supermercado mais forte chamava-se Mercado São José, na galeria que fica sob a Câmara dos Vereadores, hoje; naquela galeria tinha um supermercado e uma rede de armazéns chamado Império dos Salgados. Por isso é que iniciamos uma luta sindical pela redução da jornada de trabalho, porque eles trabalhavam de domingo a domingo. Nos dias de domingo, você chegava ali, por exemplo, na galeria Iguaçu, que fica na Rua Passo Fundo, ali tinha um mercado, que ficava aberto no dia de domingo até às 14 horas, e tinha funcionários que ficavam arrumando os armazéns.

Alexander: E em termos de moradia e saneamento básico?

Salvador: Moradia! Eu morava aqui nesse conjunto. Nesse bairro não tinha água encanada; só aqui no conjunto tinha água encanada e não tinha luz; luz era somente no Rancho Novo e no Cruzeiro do Sul; nesse trecho não tinha iluminação elétrica. Nova Iguaçu não tinha calçamento. Para você ter uma ideia, em toda a Baixada. Do Colégio, que fica na Praça Santos Dumont, do colégio Leopoldo até Deodoro a estrada era de chão, isto é, de barro, não tinha calçamento algum. A gente ia para Caxias, pegava-se um calçamento até onde é o Colégio Monteiro Lobato. Dali pra lá era chão até Caxias. Chegando à Rua Nilo Peçanha a estrada era de chão.

Alexander: E havia iluminação?

Salvador: Muito fraca. Não tinha iluminação e uma coisa muito grave, porque não tinha nem condições de ampliá-la, porque não havia fornecimento de energia. Só melhorou depois que veio luz da Usina de Três Marias. Aqui nem podia instalar porque não havia energia suficiente para alimentar a cidade. Apesar de passar luz para o Rio, porque tem uma torre que passa aqui dentro da cidade. Mas não havia energia suficiente para alimentar a cidade.

Alexander: Vamos falar agora, senhor Salvador, do seu vínculo com a Igreja.

Salvador: Eu sou um cristão batizado, como todo brasileiro. Não é! Agora, como membro engajado na comunidade, eu posso dizer que o ponto de partida foi a posição de Dom Adriano Hypólito. Eu ganhei um bíblia em 1955, porque tinha uma senhora que era evangélica e ela gostava muito do meu jeito de ser. Isso ainda foi lá no Rio. Ela me deu uma Bíblia e fez uma dedicatória: você é um homem de Deus e que tem fé. Mas eu tentei estudar essa Bíblia e não conseguia; até que o padre Aristides...

Quando eu me mudei para cá, tinha Igreja, mas não tinha prédio; não tinha templo. Meu filho mais velho fez a primeira comunhão no Colégio, porque não tinha templo. Depois fizeram uma capela que não cabia as crianças. Num certo dia, eu li uma notícia de Dom Adriano, numa saudação de Páscoa, em que ele fazia crítica à segurança pública, dizendo que tinha policiais mancomunados com marginais da pior espécie aqui na Baixada. E eu comentava essas coisas. Eu comentando isso com uma senhora da Igreja e ela talvez tenha falado com o padre e este achou que era isso mesmo. Eu comentava alguma coisa da Bíblia e ela comentava com ele. Até que ele foi dá um curso de bíblia em abril de 1974, que não é o que se tem hoje aí; era algo diferente, onde se estudava os textos da bíblia, do Antigo testamento. Eu fui para lá estudar e ele já tinha informação em relação à minha posição sobre Bíblia e da minha posição sobre a falação do bispo Dom Adriano Hypólito e dos meus elogios. Esse padre falava de outros bispos como Dom Agnelo, Dom Evaristo Arns, Pedro Cassaldaliga, Dom Helder Câmara. Depois que terminou o curso da Bíblia, um senhor chamado Juquinha, José Lopes, convidou-me para formar um grupo com outro rapaz chamado Flávio e a Luzia, um casal. Ele (José Lopes) e sua esposa, que não me lembro do nome dela, formaram um grupo de casais para estudar a Bíblia. Começamos então a estudar a Bíblia e aí fui me engajando na comunidade. Eu tinha uma facilidade de refletir sobre os textos bíblicos. Tem um fato interessante nisso aí! Tinha um

programa do “Jota” Silvestre, que tinha uma menina da Pavuna (noivinha da Pavuna) <sup>259</sup> que estava respondendo sobre Bíblia. Tinha um camarada de uma comunidade, já falecido, chamado Aristides Paganote, estudou a Bíblia para responder tais questões. Num dia, esse grupo de casal foi à casa do Paganote e tinha um jovem da comunidade de São Benedito chamado Gilberto e falaram para ele que teria um culto de um camarada que refletia muito sobre Bíblia (Salvador Marcelino), na casa do Paganote. O Gilberto foi lá. Não sei qual foi o dia! Tem coisas na vida da gente interessante, porque as pessoas nos tomam como referência.

Meu ingresso está aí. Conhecer o projeto de Deus. Comecei minha trajetória assim. Comecei a falar sobre as Doze Tribos de Israel. O que significa os Doze Apóstolos? Por que Doze Tribos de Israel? Fui descobrir que os filhos de Israel eram uma organização social e os Doze Apóstolos eram uma organização que estava com Cristo; entre eles não havia necessitados, porque os bens eram partilhados em comum. As Doze tribos têm haver com a Teologia da Libertação, uma forma de sociedade nova, que não tem no mundo. Espécie de uma tribo ...

Alexander: Podemos dizer que o seu ingresso na Igreja se deveu a linha de ação pastoral de Dom Adriano Hypólito?

Salvador: Sim, na medida em que eu descobri o que está atrás dele e o que ele pensava, falando uma verdade do ato, isso me fez vir para a Igreja. Ele era um homem evangélico.

Alexander: Fale-me um pouco sobre Dom Adriano Hypólito, tendo em vista que o senhor conviveu com ele.

Salvador: Dom Adriano era homem um muito sensível com o ser humano. Procurava descobrir o que havia de positivo no ser humano. Eu fui membro do Conselho Pastoral. Conselho este que ele criou e depois foi proibido pelo Vaticano que leigos fossem membros e participassem desse conselho. Nesse conselho havia padres e um representante dos leigos.

Alexander: O senhor representava os leigos nesse conselho?

Salvador: Teve outro leigo antes; eu, e depois outro. Depois o Vaticano proibiu.

Alexander: O que vocês discutiam nesses encontros pastorais?

---

<sup>259</sup> “Jota” Silvestre foi apresentador de um programa exibido pela TV Rio, e que no ano de 1968, por desavenças internas, foi levado para a TV Tupi. Nesse programa “O céu é o limite”, algumas pessoas tornaram-se famosas como Leni Orsida Varela, a “Noivinha da Pavuna”, como ficou conhecida, que chegou a se casar no programa.

Salvador: O Conselho Pastoral decidia tudo da diocese. Questões sagradas eram discutidas com os padres, mas toda administração da diocese era decidida pelo conselho. Se fosse comprar um terreno, esse conselho era quem aprovaria.

Alexander: E por que o senhor acha que o Vaticano proibiu a participação dos leigos nesse conselho?

Salvador: Por que a Igreja no Brasil é um pouco diferente. Apesar de falarem que a Teologia da Libertação é uma coisa da América Latina, no Brasil era muito forte. Tinha um teólogo, às vezes até com muita evidência em outros países, mas aqui era uma coisa muito “povo”. O povo estava criando muita força. A Igreja é para o Sagrado, na cabeça de muita gente, não é para leigos.

Alexander: Então o senhor acredita que o Vaticano segue essa linha. Essa percepção de que a Igreja é para o sagrado.

Salvador: Teve uma época pior, mas agora a realidade fala mais alto. O mundo não permite mais determinadas situações. A lógica do Capitalismo é tão perversa!

Alexander: Gostaria que o senhor falasse como foi sua trajetória até chegar à Pastoral Operária. O senhor fez comentários sobre um evento, onde a senhora Maria José, coordenadora da catequese, fez uma leitura do Jornal do Brasil, na missa de domingo, sobre os estudantes duramente reprimidos, na década de 1970, em São Paulo.

Salvador: A coisa era tão complicada! A polícia bateu na manifestação estudantil, bateu nos estudantes e o Jornal do Brasil publicou. Eu fiz um comentário. Eu fiz um comentário que eu não me lembro do que era. A coisa era tão difícil, que eu fiquei num estado emocional que não tive perna para voltar para o banco onde eu estava sentado. Sentei-me então no primeiro banco. Depois disso, ele (Padre Perote) convoca uma reunião com os trabalhadores, na Comunidade São Paulo Apóstolo, lá no Monte Líbano. Já existia o grupo de reflexão (grupo de casais). Com esse grupo, teve um encontro lá na Viga. E nesse encontro, eu lhe perguntei se realmente haveria tal encontro. Ele disse que sim, só não saberia dizer se os trabalhadores compareceriam. Cheguei ao encontro, havia um pessoal nos bancos e fizeram um círculo. Eu conhecia poucas pessoas que estavam ali. Eu conhecia o falecido Aristides Paganote e o falecido Guiomar Ribeiro. Quando todo mundo falou, eu elogiei o grupo e fiz uma ressalva: era um risco que corríamos, porque era necessário que se criasse o grupo em todo o Brasil. Que se formasse tudo ao mesmo tempo senão a repressão acabaria com a gente.



Aristides teve uma reação estranha. Levantou-se e saiu batendo na calça. Ribeiro depois veio falar comigo dizendo que ele não gostou do que eu tinha dito. Mas esse não gostar .... Depois ele viajou em 1978 ou 1979 e foi para a Itália e vieram uns padres novos. Esses padres já vieram (eu não fui recebê-los no aeroporto). Veio também um padre que já tinha estado aqui com ele, e outro padre que ia trabalhar com os jovens.

Alexander: O senhor se lembra do nome desses padres?

Salvador: Padre Geovane Martin e o padre Renato Chiera, que está na Casa do Menor<sup>260</sup>, em Nova Iguaçu, atualmente. O pessoal que foi buscá-los comentou que o padre Renato estava a minha procura. Então ele veio com informações a meu respeito. E, logo depois, teve um encontro muito interessante na comunidade. Foi o Encontro com os Repatriados. Encontro que marcou a comunidade, pois o encontro estava marcado para o dia de domingo. No sábado, chegaram à Igreja de Santa Rita e picharam-na; chamaram o bispo (Dom Adriano Hypólito) de comunista. Fora comunista! Picharam a Igreja São Judas Tadeu, de Heliópolis, a Igreja de Santo Antonio da Prata, em Santa Rita; mataram os cães do padre André Decoc.

Alexander: Então o senhor acredita que essa pichação se deveu ao teor que o encontro iria ensejar?

Salvador. Sim, porque esse encontro era dos repatriados. Até o Francisco Julião estava nesse encontro. Vieram para discutir os rumos da abertura política. Como garantir a unidade na oposição, para não haver o esfacelamento dos partidos políticos. Como se diz: bezerro quando está preso e é solto, quando sai do curral há o estouro da boiada. Como nós vamos conter isso, como garantir a unidade da oposição contra a ordem estabelecida?

Alexander: Gostaria que o senhor falasse um pouco da Igreja enquanto espaço que vai abrigar essas reuniões, como, por exemplo, o Encontro dos Repatriados. Gostaria que o senhor fizesse um comentário de como a Igreja, no âmbito da ditadura, vai servir de celeiro para assegurar essas reuniões, como o ENTOES.

Salvador: Eu fui vice-coordenador da Região 2, até na abertura do Movimento Constituinte. Teve um curso que ocorreu em Heliópolis, depois da pichação. Lá, um membro da comunidade, o rapaz palestrante era um professor do seminário. Ele é quem estava conduzindo o curso. Perguntaram-lhe se o MAB não era um movimento de Igreja. Ele não quis responder.

<sup>260</sup> A Casa do Menor São Miguel Arcanjo, com sede em Miguel Couto, Nova Iguaçu, foi construída para abrigar menores de rua, pelo Padre Renato Chiera, num momento em que vários menores de rua estavam sendo assassinados pela polícia. A casa do Menor atua no resgate de crianças, adolescentes e jovens em situação de vulnerabilidade social

Então, ele me pediu para responder. E eu expliquei para o camarada por que o MAB era confundido como um movimento de Igreja. Respondi-lhe porque o MAB nasceu num período em que toda instituição tem um estatuto e um alvará. Esse estatuto e esse alvará têm que ser registrados na polícia. Esse estatuto reza que não pode haver ação política partidária. A Igreja não tem estatuto. Como a Igreja não tem estatuto, o Estado não pode controlá-la, porque sabe se é Igreja o povo não vai obedecer ao Estado. Tendo a fé, o Estado não pode dominar do jeito que domina.

Alexander: Mas, as autoridades do Governo Militar, sabendo que essas reuniões ocorriam na Igreja, não promoveriam retaliações?

Salvador: Houve retaliações. Dom Adriano foi sequestrado. Mas eles não podem fazer isso contra a Igreja, então eles pegam uma pessoa da Igreja. A Igreja é de fato diversificada. Há bispos de outras dioceses que não são tão comprometidos com a causa popular. A igreja é igual a uma 'Arca de Noé'. Tem pessoas que são seduzidas pelo poder. Tem padre que é filho da burguesia.

Alexander: A pichação e esses eventos que de uma forma ou de outra buscavam ameaçar os líderes que faziam essas reuniões "políticas" tiveram uma repercussão nacional, sendo divulgados até no jornal do Brasil.

Salvador: Quando a gente se encontra dentro de um processo você às vezes não consegue dimensionar a grandeza, avaliar a dimensão em que a coisa ocorre. A gente fica como uma espécie de ilha. O Jornal do Brasil, por exemplo, ao divulgar notícias de São Paulo: aconteceu em São Paulo, aconteceu aqui. Mesmo eu: a gente sabe que o clima está assim, mas não tem a percepção que a coisa é coordenada. A maioria das pessoas pensa que é uma repressão normal. Muita gente que está na Igreja pensa: por que as pessoas tem que se envolver com a questão política? A maioria das pessoas na Igreja pensa assim. Dom Adriano dizia: Teologia da Libertação é Evangelho. Você pega uma pessoa que reflete o Evangelho que é da alta burguesia, para ela Evangelho é uma coisa e Teologia da Libertação é outra. Ela não consegue ligar que o Império Romano hoje é o FMI, são os Estados Unidos. Por que não tem gladiador  
....

Alexander: Dom Adriano então associava a Teologia da Libertação ao Evangelho? Qual era a reação das pessoas quando ouviam essas mensagens, seja de dentro ou nos trabalhos pastorais?

Salvador: Ele falava isso, principalmente, para o pessoal que estava mais comprometido com a Teologia da Libertação. O pessoal ligado às pastorais da Igreja. Porque tinha muita gente que se encontra na pastoral da liturgia, acha que Teologia da Libertação é Evangelho. O compromisso social das pessoas não consegue ligar fé e vida libertadora. Acham que o César é um homem diferente do que é o César dos nossos dias. Eu costumo dizer o seguinte: tudo no mundo evolui e a repressão também evolui. O homem com os meios de comunicação, com o sistema de educação tira o grilhão dos pés, do tornozelo e coloca na consciência. Não fala de projeto através de mensagens subliminares e a pessoa absorve com cultura; é igual a *merchandising*. Fala-se tanto em cerveja que você acaba bebendo cerveja. Essa é a sofisticação da comunicação. Essa é a pior escravidão que existe. Aquilo que eu falava contigo no início sobre ser Zumbi, hoje. Como a gente vai entender o menino, o tipo de relação que ele teve na família. O tipo de relação que ele teve com a família. Quando ele escuta falar de mãe, o que ele sente?

Alexander: O senhor se refere ao caso do menino que praticou o ato contra o João Hélio.

Salvador: sim, o caso do João Hélio.

Alexander: Gostaria que o senhor falasse um pouco em que sentido o seu vínculo com a Pastoral Operária contribuiu para a sua participação, sua militância no Partido dos Trabalhadores.

Salvador: Olha, não foi fácil não. Foi muito difícil! Apesar de tudo, a gente acaba sendo, não com pretensão de ser, um formador. Porque você dentro da comunidade, quando você tem uma posição e uma visão do Evangelho, fazendo uma ligação entre fé e vida, a gente sabe que não é fácil trabalhar em comunidade. Para mim, por exemplo, como eu gostaria que toda pessoa entendesse Jesus Cristo como o maior revolucionário da História. Teologia da Libertação é isso! Tanto é que Ele (Jesus) é o divisor da história da humanidade. A pessoa que está na Igreja não entende isso. Então, quando você se identifica com um partido, pelo seu comportamento, pela sua maneira de ser, não é muito fácil você lidar com algumas pessoas dentro da Comunidade. As pessoas que têm uma fé desencarnada, pessoa que só tem visão espiritual – Deus e ele – é difícil você falar não só em política, mas até em problemas sociais.

Alexander: Mobilizá-los também.

Salvador: Não digo nem mobilizá-los, mas despertar nelas a consciência. Todos nós temos três níveis de consciência: a consciência ingênua, a consciência espontânea e a consciência crítica.

Consciência ingênua é quando não se consegue ver a realidade se não for impulsionado por alguém. De repente você descobre que a coisa não é assim. Você vê o detalhe de um fato e como eu dizia do caso lá na Igreja São Paulo Apóstolo, que eu falei do encontro. O pessoal fica se perguntando como esse camarada descobriu isso. Por isso que a comunidade passou a ser anfitriã desses grupos. O pessoal fazia referência ao Salvador do Cruzeiro do Sul. Eu mesmo não tinha consciência disso tudo. Hoje tenho certa consciência do que eu fui lá. Mas o que faço hoje não tenho consciência.

Alexander. Qual é a contribuição do seu vínculo com a Pastoral Operária e dela ter contribuído para a sua militância no Partido dos Trabalhadores?

Salvador: Quando da fundação do PT ... Consta até em documento que eu sou o fundador do PT.

Alexander: Consta? Por quê?

Salvador: Porque a gente está militando. Nós tivemos um comitê contra o desemprego em 1981, no Lote XV, em Caxias e têm coisas da segurança que constam lá, nesse documento, que eu sou o fundador do PT.

Alexander: De Nova Iguaçu?

Salvador: Não! Diz que é fundador do PT. Talvez seja até de nível nacional. Recolhemos assinaturas em todo o Brasil para criar o partido. Eu devo ter assinado uma lista dessas. A gente assina com tanta convicção que aquilo é importante. Pra gente era coisa tão óbvia que tinha que criar..

Alexander. O senhor, enquanto membro da Pastoral Operária, e outros membros, ajudaram na divulgação dessas listas? Como foi a mobilização dos membros da Pastoral Operária nesse processo de formação do PT?

Salvador: É possível, mas eu não posso lhe garantir. Eu participei do comitê contra o desemprego, certo!

Alexander: Que foi quando?

Salvador: No lançamento de campanha pelas “Diretas Já”. Eu era vice-coordenador do regional. E no regional tinha uma moça chamada Glorinha. Ela chegou para mim pedindo para propor um documento para o comício das “Diretas Já”. No regional, eu fiz a proposta, que

aprovou o documento para ser encaminhado à diocese, que tinha encontros mensais. Antigamente, era no mesmo salão onde aconteceu o ENTOES. Quando chegou à reunião, toda a diocese reunida. Representantes de todas as paróquias. Aí eu falei sobre a proposta e que a Regional Dois vem trazendo a proposta para que a diocese fizesse uma carta para os leigos engajarem-se na campanha pelas “Diretas Já”. Sentei-me no meu lugar. Dom Adriano levantou e disse:

- Eu não posso fazer isso! Eu não posso dizer pra onde o povo tem que caminhar! Não posso! Não posso! Aí se sentou.

Eu levantei e fui à frente do plenário e lhe disse:

- Dom Adriano, tudo bem que o senhor não pode dizer ao povo qual é o caminho, mas diga, pelo menos, qual é o rumo que nós temos que caminhar? Que caminho o Povo escolhe?

Quando foi no outro mês, veio o tal documento. O pessoal olhou-o e disse que ele estava bom, mas seria bom dar uma esquematizada nele. Frei Luís e o pessoal da Comissão de Justiça e Paz eram muito bons para isso. Tanto é que eles inventaram a Campanha da Fraternidade aqui em Nova Iguaçu. Quando o documento veio (após revisão) foram muitas palmas.

Alexander: E em relação à formação do PT?

Salvador: A formação do PT, para mim, foi difícil. Como eu lhe disse. Você trabalha numa comunidade. A linha crítica tem que ser muito cuidadosa. Chega a um ponto que você se identifica. Perguntavam-me se eu era petista. Em 1982 não me filiei, porque não tinha residência eleitoral. Em 1988 saí a candidato e filiei-me.

Alexander: De alguma forma, o seu engajamento na Pastoral Operária, contribuiu para uma conscientização política mais abrangente, levando-o a se filiar ao PT?

Salvador: Você vai militando, militando, que chega a um ponto que você não tem mais condições, que você está tão identificado com aquilo, que tanto faz estar filiado ou não. Dentro da Pastoral Operária você lida com a relação constante entre capital e trabalho.

Alexander: De alguma forma a sua participação dentro da Pastoral Operária contribuiu?

Salvador: Ah, sim! Contribuiu porque a gente já tinha a convicção de classe. O trabalho reflete isso. A Pastoral Operária reflete isso. As pessoas não têm consciência, nem o próprio trabalhador mais consciente, tem exceções, mas, a maioria absoluta ... Quando você vê a parede

dessa casa. Quantas toneladas tem essa casa? Isso tudo aqui construído foi a energia humana que fez tudo isso. O trabalhador não tem consciência disso. Isso é que é um grande desafio. A minha vida é que está aí. Essa energia que saiu de seu braço não volta. Mas é difícil passar isso para as pessoas e conscientizá-las disso.

Alexander: gostaria que o senhor retomasse aquela fala: só o povo

Salvador: Às vezes o povo organiza e conquista e depois não se identifica. Esse é que é o desafio. Como é que o sistema consegue impedir que o trabalhador perceba sua condição no “mundo do trabalho”? Dar-lhe-ei um exemplo: o Betinho via muito menino de rua e mandou seu pessoal fazer pesquisa no Rio: na Central do Brasil, na Cinelândia, na Praça XV e na Praça Seca. Viu que de fato em todos os lugares havia muitos meninos. Vamos fazer uma pesquisa na Baixada para ver o modo de vida das crianças na Baixada? Então fomos para lá, porque tinha uma menina que estava fazendo doutorado em uma pesquisa (Vania Santana), que depois foi para os Estados Unidos, depois voltou ao Brasil. Daí fomos lá. A sede da Pastoral Operária era em Caxias. Dom Mauro Morelli era o bispo responsável pela Pastoral Operária e eu era o tesoureiro da Pastoral Operária. A Pastoral Operária funcionava lá como se fosse uma paróquia. Eu precisava levar um documento para Dom Mauro. Chegando lá, numa sexta, a irmã de Dom Mauro pediu-me para aguardá-lo um pouco, porque ele tinha ido ao supermercado. Eu aguardei. Ele assinou o documento; depois, eu vim embora. Num dia, toca o telefone! Ele ligou para minha casa a minha procura. Minha mulher lhe disse que eu havia saído. Quando cheguei, minha mulher me disse:

- Dom Mauro ligou te procurando! Ele disse que precisava, para a celebração de domingo, de um desempregado, de um negro, de um deficiente físico e de um idoso.

Isso foi numa quarta-feira. Já era tarde da noite. Em Santa Amélia, teve algo que chamou minha atenção de uma mulher, a Célia, num desses grupos de pastoral que se reunia para reflexão. Às vezes com o nome de Pastoral Operária, às vezes não; ela falando do problema do atendimento ao idoso no supermercado. Chamou-me a atenção porque ela não era idosa. Eu disse a mim mesmo: - vou atrás daquela mulher! Mas como encontrá-la? Fui direto, então, à casa do senhor que estava na reunião, mas ele não se lembrava dos fatos. Fomos atrás dele e era tal mulher mesmo! Eu lhe disse:

- lembra daquilo que você falou na reunião? Ela disse que se lembrava. Então lhe pedi para que falasse exatamente o que havia dito naquela reunião.

Em Nova Aurora, um jovem chamado Ademir, negro e deficiente, do grupo jovem, cuja irmã me chamava para falar da vida operária. Falei com esse cara e ele topou. Tinha um camarada chamado Adão, que morava em Vila de Cava. Um dia, eu estava na catedral com o meu carro e ele se encontrava na reunião. Esse camarada trabalhava em empresa de ônibus e tinha uma situação na empresa de ônibus que não estava lhe pagando. Ele a colocou na justiça; ele ganhou a causa e a empresa teve que pagar todos os funcionários. Todavia, ele não conseguiu trabalhar em empresa nenhuma. Ele disse estar sem dinheiro e não posso pegar ônibus, pois não lhe davam carona. Aí, fui levá-lo em casa. Passei e peguei os três. É incrível a vida das pessoas! Essa mulher não tinha consciência de que foi ela quem fez isso. Ademir, até hoje, não tem consciência de que foi ele quem contribuiu para a questão do negro na Constituinte. Tudo o que aconteceu com o negro e passou pela Constituinte foi ele quem contribuiu. A gente colheu assinatura para ser constituinte com o Povo.

Alexander: Foi basicamente a Pastoral Operária, sob a coordenação de Dom Mauro Morelli, que contribui para ...

Salvador: Para a Reforma Agrária. Tinha muita gente pensando. Mas a sede da Pastoral Operária Nacional estava ali. (Caxias). Ele como bispo e jornalista ficou encarregado pela CNBB de acompanhar isso.

Alexander: O processo da Constituinte.

Salvador: Isso! O processo da Constituinte em 26 de janeiro de 1985. Ele fez encontro aqui em Nova Iguaçu com o Estado do Rio. Todas as dioceses comprometidas. Itaguaí, Volta Redonda, Valença, Nova Iguaçu, Caxias, Friburgo (com Dom Clemente), e algumas pessoas do Rio de Janeiro.

Alexander: A reunião aconteceu quando?

Salvador. Agora não me lembro.

Alexander: Mas, além dessa reunião, aconteceram outras reuniões.

Salvador: Essa reunião foi para acompanhar o Movimento Constituinte, coleta para fazer assinatura, ver as prioridades.

Alexander: O senhor participou enquanto membro representante da Pastoral Operária de Nova Iguaçu?

Salvador: Não, representando a Pastoral Operária a nível Nacional. Nessa época eu já estava na Pastoral Nacional.

Alexander. Gostaria que o senhor falasse um pouco dessa sua trajetória. Não como membro da Pastoral Operária, mas sim como membro da Comissão da Pastoral Nacional. Ou seja, gostaria que o senhor falasse da sua participação enquanto membro da Pastoral de Nova Iguaçu e depois como membro da Comissão da Pastoral Nacional.

Salvador: É difícil falar isso. Quando a gente estava em Nova Iguaçu, a gente fazia coisa em Nova Iguaçu, mas a repercussão que se tinha de Nova Iguaçu, e a gente nem saía daqui (Nova Iguaçu), mas tinha gente que até saiu como o José Soares Ribeiro, o Dico. Esse viajava muito! Mas, eu poucas vezes viajei. Eu fui ao 4º encontro de sede, que foi muito bom! Encontro elogiado aqui na diocese. Conversava mais com Dom Cláudio Hummes do que com Dom Adriano, porque ele vinha a todas as reuniões da Pastoral Operária. Porque ele era assistente. Mensalmente eu ia pegá-lo no aeroporto Santos Dumont. Ele marcava horário que ia sair e eu o esperava.

Alexander: porque ele já era...

Salvador: ele era assistente da Pastoral Operária Nacional. Homem que fazia uma pergunta e você para responder .... Uma vez saí de lá, quando subi o elevador e desci até à Praça Mauá, ele (Dom Cláudio) me fez uma pergunta. Quando desci comecei a respondê-lo e quando reparei já tinha passado da Penha. Você pergunta: - e Nova Iguaçu, como está? Chegou na hora da missa, o que esse homem falou de Nova Iguaçu foi fora de sério. Ele historiou os fatos de Nova Iguaçu.

Alexander: Dom Cláudio Hummes era conselheiro da Pastoral?

Salvador: Ele era assistente espiritual da Pastoral Operária Nacional.

Alexander: E Dom Mauro Morelli.

Salvador: Dom Mauro Morelli. A sede da Pastoral Operária Nacional era em Caxias. Mas Dom Mauro nunca foi assistente da Pastoral Operária. Era Dom Cláudio Hummes que frequentava. Ele dava abrigo a PO como entidade, como se fosse uma Paróquia.

Alexander: E Dom Adriano. Ele participava desses eventos?



Salvador: Dom Adriano fazia questão que a PO tivesse sede em outras dioceses para partilhar com outros bispos. Ele era uma figura! Poucas vezes ele foi à reunião da Pastoral Operária. Ele era muito mais ligado aos Direitos Humanos, naquele tempo Justiça e Paz. Ele dizia: opção preferencial pelos pobres! Como os pobres gostavam dele. Algo impressionante! Todos os encontros da Pastoral Operária eu levava convite para ele. Mas ele participou poucas vezes, pouquíssimas vezes. Ele dizia que estávamos muito bem representados e que estávamos autorizados em falar em nome da Diocese de Nova Iguaçu.

Nessa altura, fui representar a PO no Conselho de Leigos, no encontro nacional. O Conselho de Leigos era composto só de movimentos, chamávamos de Pastoral da Terra, Pastoral Operária, ACO e JOC.

Alexander: Isso foi em que ano?

Salvador: E rapaz? Se eu não me engano, em 1984. Chegando lá, queriam me colocar como coordenador nacional.

Alexander: Coordenar qual movimento?

Salvador: Dentro do movimento leigo tem a alta burguesia da Igreja. Não vou coordenar: eu, um trabalhador, coordenar um movimento composto pela elite da Igreja. Vou me sentir um peixe fora d'água. Mas, eu permaneci lá. Rapaz! Estava previsto um Sínodo de Leigos. Mas depois o Vaticano revogou isso. Fez um Sínodo sobre Leigos. E nesse Sínodo sobre Leigos nos enviaram um documento “a Linha Mestra”, para a gente fazer pesquisas. E eu fiz com o Aristides Paganote, aquela pessoa que eu disse que estudava a Bíblia. ... Mas aí, a CNBB fez um encontro de leigos em sua sede. E eu fui lá, porque me escolheram para falar sobre Comunidades de Base, a realidade da diocese; foi um juiz de Direito do Maranhão, José Ribamar falar sobre justiça e a fé; uma professora de Juiz de Fora falar sobre a educação e a fé; uma jovem de Uberlândia falar sobre a juventude e a fé; e Waldemar Rossi falar sobre trabalho e fé.

Alexander: Esse evento aconteceu quando?

Salvador: Se eu não me engano, em 1985.

Alexander: Em Brasília?

Salvador: Não, em Itaici. O mesmo que eu falei aqui no dia da abertura do evento, eu falei o mesmo nesse evento. Falei sobre a sociedade, falei da Igreja, fui aplaudido e queriam colocar-me como coordenador. Treinaram-nos. Fomos para a Catedral de Campinas. O padre de lá nos disse para falarmos como dizíamos na comunidade. Com duzentos e tantos bispos presentes, falei sobre minha formação de Pastoral Operária. Falei da luta por moradia da Comunidade de Nova Aurora; falei de Campo Alegre e das comunidades. Fomos aplaudidíssimos. Falamos de oito às dez horas. Fomos para o café e depois voltamos até o meio dia.

Dom Geraldo Penido, que era o bispo de Aparecida, veio me cumprimentar. Foi aí que nasceu a Romaria de sete de setembro.

Alexander: A Romaria dos Trabalhadores?

Salvador: Waldemar Rossi fazia uma romaria à Aparecida, mas ia como qualquer romeiro. Mas a partir dessa data que eu me apresentei como Pastoral Operária e falei sobre o que a Igreja da Baixada fazia, a Igreja de Nova Iguaçu. Dom Penido ficou conversando comigo, quando nós chegamos ao refeitório. Dom Adriano estava conversando no corredor com Dom Honorato, que foi o primeiro bispo de Nova Iguaçu.

Dom Adriano exclamou: - Salvador, o almoço já está frio?

Eu lhe respondi que estava dando atenção a Dom Geraldo (Maria de Moraes) Penedo. Dom Adriano me disse: Olha! Dom Honorato queria saber onde você estava quando ele era bispo?

Eu respondi que quando ele era bispo eu era cristão de sétimo dia. Eu soube que Dom Adriano fez elogios sobre mim.

Em relação à questão do lançamento do Movimento Constituinte, eu agora fui à casa do Ademir e percebi que seu filho não sabe que seu pai é responsável por tudo aquilo que o negro conquistou nessa constituinte, mas do que o negro, os deficientes físicos. Outro dia fui falar com um grupo de jovens, ali, em Andrade, do pré-vestibular, e contei essa história: perguntei-lhes se sabiam sobre esse ônibus que passa aqui agora com elevador para deficientes, como isso nasceu. Uma professora falou: - Já tem ônibus com elevador para cadeirante? A professora está viajando no ônibus e ainda não percebeu isso. O povo não presta atenção no que ele está vivendo. E às vezes você faz alguma coisa e não se identifica com a causa.

Quando eu falei no evento (em Itaici) sobre o Monte Líbano. Quando o padre Giovanni Martino chegou aqui, vindo me procurar, veio com um convite e ele foi conversar com a Iraci,

minha esposa, dizendo que eu não poderia faltar ao encontro. Era o Encontro Nacional dos Trabalhadores que aconteceu em Cachoeira de Macacu, em 1981, onde nasceu a Pastoral Operária Nacional. Lá estava Leonardo Boff, um padre da CNBB, Raimundo José, que dava assistência aos leigos.

Alexander: Gostaria que o senhor falasse um pouco sobre sua atuação como membro da Comissão Diocesana da Pastoral Operária e das mobilizações feitas por essa comissão.

Salvador: A gente da Pastoral Operária dava apoio, oferecia apoio logístico. Arrumava espaço na Igreja para realizarmos eventos e principalmente na campanha sindical, muito mais do que na campanha política. Nós da Pastoral Operária participamos de todas as campanhas sindicais. A gente como membro do PT, às vezes, dormia na sede do PT para sair de madrugada, e às três horas da manhã levantava para pegar o pessoal entrando na fábrica entre às quatro horas da manhã. A PO teve grande contribuição na construção e na retomada dos sindicatos mais combativos. Sindicato dos Metalúrgicos do Rio de Janeiro, Sindicato da Construção Civil, que não conseguiu, mas lutou muito.

Alexander: Já que o senhor retomou essa questão da Pastoral Operária ajudando no restabelecimento de um sindicato mais combativo, gostaria que o senhor falasse um pouco sobre a atuação de Dom Adriano no ENTOES que aconteceu em Nova Iguaçu, no Centro de Formação e na repercussão do ENTOES para a própria luta sindical combativa?

Salvador: Dom Adriano era um homem interessante! Não foi somente no ENTOES. O pessoal convidava-o e ele lhe dava boas vindas, agradecia pela escolha da diocese. Ele colocava a casa (diocese) à disposição. Dom Adriano não se envolvia em movimentos sociais. Ele participava na condição humana. Por exemplo, a questão do MAB, no dia em que despejaram o conjunto João Manoel Gonçalves ele veio aqui pessoalmente. Veio ele (Dom Adriano) como bispo, frei Luiz, representando a Comissão de Justiça e paz e o advogado Paulo Amaral como advogado da Comissão de Justiça e Paz. Onde o povo estava sofrendo ele fazia-se presente. No ENTOES ele colocou a casa à disposição, dando boas-vindas ao pessoal; parabenizando pela organização. Uma maneira das pessoas saírem da condição de miséria e abandono através da organização e mudança da ordem. Sem o povo participante não tem mudanças.

Alexander: O senhor participou do ENTOES como membro da Comissão da Pastoral Operária. O senhor disse que basicamente foi a Pastoral Operária quem trouxe o ENTOES...

Salvador: Mas nessa época ainda não existia nenhuma Comissão Nacional. Para você ver a força da Diocese de Nova Iguaçu. Interessante isso! Não existia uma organização nacional. O ENTOES era o embrião. A gente nem podia imaginar que aquilo fosse dar o fruto que deu. Sabíamos que era uma coisa grandiosa. Mas qual será o resultado de tudo isso? É apoiar!

Alexander: O senhor acredita que a Pastoral Operária de Nova Iguaçu teve um papel fundamental em trazer o ENTOES para Nova Iguaçu?

Salvador: Eu tinha um documento, uma apostila de um encontro de trabalhadores em São Paulo. Não foi no ABC, não! Esse encontro elege uma comissão provisória e diz que o próximo encontro continuaria no Rio de Janeiro. Mas quando eles falam no Rio, referem-se à Nova Iguaçu. O ENTOES foi isso! Depois é que vai surgindo outros momentos e a coisa ganha forma. Encontro em Oposição à Estrutura Sindical, mas como vai ser isso? Que tipo de centra? Daí aconteceu a crítica.

Alexander: O senhor disse-me anteriormente que Dom Adriano estava preocupado com as questões humanitárias e não se envolvia diretamente com as questões políticas. Mas ele cedendo espaço da diocese isso não caracterizaria certa abertura e envolvimento de sua parte?

Salvador: Claro! Ele estava radicalmente ao lado dos pobres. Mas ele acreditava no seguinte: assim como ele era radicalmente ao lado dos pobres, ele acreditava que toda a sociedade era assim. Ele era um bispo; não sei sua origem! Mas uma pessoa que não tinha o lado de riqueza. Ele era franciscano, fez voto de pobreza; sua espiritualidade era franciscana, outra organização da Igreja. Ele julgava a sociedade com o mesmo pensamento. O que estava acontecendo de errado era por que algumas pessoas atrapalhavam. Ele dizia que existia gente boa nos partidos políticos, tem gente boa, mas que decide a determinação do partido, porque a maioria não é boa.

Alexander: Gostaria que o senhor comentasse a participação da Pastoral Operária nas greves de 1978, que eclodiram no âmbito do Regime Militar no Brasil.

Salvador: Uma coisa é o seguinte: às vezes as pessoas falam em Pastoral Operária, mas quando se fala em Pastoral Operária é o serviço da Igreja ao próprio trabalhador religioso. Quando o cidadão vai para o sindicato ele é sindicalista, militante sindical, mas não como Pastoral Operária, mas sim como trabalhador. Os membros da Pastoral Operária não são obrigados, mas por questão de consciência eles têm que está inserido na greve. Mas não em nome da pastoral.

Alexander: Como militante cristão?

Salvador: nem como militante cristão, mas sim como trabalhador. Como militante cristão, mas não usando esse termo.

Vou dar-lhe um exemplo. Nós estávamos apoiando uma campanha sindical. Acho que foi na COMEC. Um cidadão que eu nem sei quem é disse:

- passe o microfone para ele, pois ele é da área.

Ele sabia que eu era de Nova Iguaçu. Aí, eu comecei a falar. O camarada disse:

- Você é da Pastoral Operária?

- Por quê? Eu respondi.

Não falei em nome de Deus, nem da Igreja. Mas o discurso é diferente. Eu só falava para o trabalhador de sua importância em ser engajado. E estava presente a chapa da situação, naquele tempo falava-se delegacia sucursal do sindicato. O rapaz que era presidente da sucursal estava fazendo campanha na fábrica. Enquanto ele discursava, o nosso pessoal batia palmas. O discurso do camarada é diferente! Você identifica por isso. Você faz o discurso para o trabalhador sem atacar o adversário.

Saí daqui para ir lá à fábrica de locomotivas em Magé. Não lembro o nome dela! Tinha um estaleiro no Caju e uma fábrica em Magé. Fomos lá fazer campanha. Aquilo lá era filiado à sede da firma, que era em Caju. Em Itaboraí pertencia à Niterói.

Alexander: E nas greves do ABC, os membros da Pastoral Operária estavam presentes?

Salvador: Gente do Rio foi lá, por exemplo, o Dico. Fomos fazer campanhas em São Paulo. Waldemar Rossi é metalúrgico. Então, a Pastoral Operária estava inserida nisso. A Igreja como via um trabalhador com a visão operária que eu tinha e muitas pessoas perguntavam-me se eu era metalúrgico. Eu dizia que era trabalhador. Trabalhava por conta própria.

Alexander: Gostaria que o senhor falasse da Cartilha da Constituinte. Nessa época o senhor era membro da Comissão Nacional da Pastoral Operária, de 1983 a 1987. Como foi escrever essa cartilha? Qual foi a consequência desse documento para a Constituinte?

Salvador: A gente vai para lá pra quê? Você vai para lá para criar no cidadão uma consciência, porque quem está escrevendo (a cartilha) é um intelectual que muitas vezes não sabe como é a

vida do trabalhador. Então, aquelas pessoas que tem sensibilidade da vida do trabalhador, das dificuldades que ele tem (o trabalhador) e que vive isso; então, você fala dos problemas com conhecimento de causa, com naturalidade. Para o camarada ir absorvendo para se impregnar daquela visão. Foi isso que aconteceu com Claudius Ceccon, para ele criar as imagens e dar vida a elas.

Alexander: Como aconteciam as reuniões, antes da edição do material? Como aconteciam os encontros para escrever o documento?

Salvador: Nós levantávamos questões do dia a dia. Como eu comentava o caso do João Hélio; era assim! Um fato de acidente de trabalho, da dificuldade do salário.

Alexander: Dom Cláudio, Dom Mauro participavam desses encontros?

Salvador: Para elaborar a cartilha, não! Desses encontros, não! Dom Cláudio escreveu um livro a pedido da Pastoral Operária. Pastoral Operária por que e para quê? Esse livro não tem mais. E de vez em quando ele escrevia alguns artigos que era publicado, mas esse foi um livro a pedido da Pastoral Operária, que foi um sucesso!

Alexander: Gostaria que o senhor falasse do CONCLAT e CONCLAP no âmbito do Regime Militar.

Salvador: Eu tenho uma visão do Regime Militar. O regime militar não nasce da cabeça dos militares. Ele nasce da necessidade do capital internacional de ditar regras. E para ditar regras tem que quebrar alguma coisa. Aliar-se ao capital produtivo para quebrar a força da organização operária. Na medida em que essa coisa funciona, ela vai ganhando espaço, mas também chega um ponto que ela começa a perder força, porque essas forças (produtivas) se aglutinam (contra a ordem); como é o capital financeiro que estava aqui para chegar ao neoliberalismo foi um processo, cujo objetivo era o liberalismo assumir as rédeas do destino da humanidade e quando eles sentiram que estavam seguros de si, numa situação em que o próprio capital produtivo estava levando desvantagem, e estava levando prejuízo frente ao capital financeiro, aquele reagiu contra o regime militar, principalmente o capital nacional, que estava dando muita vantagem ao capital internacional. Nem só o capital financeiro, mas o próprio capital produtivo internacional em detrimento do capital produtivo nacional. Tentaram (o capital produtivo nacional) se organizar para se defender disso aí.

Para você ver um exemplo, o Collor falava mal dos carros nacionais. São umas carroças! Nós temos uma cultura que vem do Império. O pensamento está com os pés no Brasil; mas a cabeça, na Europa. A família imperial, eu tenho a tenho impressão, pelo o que a gente lê e vê na história, eles nunca foram pessoas que assumissem a nação como cidadãos brasileiros. Até quem nasceu aqui está com a cabeça na Europa. Até hoje nossa elite está com a cabeça nos Estados Unidos e na Europa. Até os pobres colocam nome nos filhos que não é em português. É uma rejeição da pátria, que faz com que nossa cultura seja atrasada.

Disse um dia a um padre que era assessor da Pastoral Operária que não existe cultura adiantada ou atrasada. Existem culturas diferentes. Pela cabeça das pessoas tudo o que tem na Europa, o clássico é uma beleza, mas aquilo que nasce do povo não é. O lírico é que é cultura. Samba não é cultura? Esse é um desafio que temos que ver. Todo movimento de classe tem que levar isso em consideração.

Alexander: Para finalizarmos, gostaria que o senhor falasse se houve participação da Pastoral Operária no CONCLAT. Se a Pastoral Operária participou ativamente do CONCLAT.

Salvador: A Pastoral Operária cria uma consciência. É aquilo que eu lhe disse no caso da cartilha. Tem uma consciência no cidadão que acaba fermentando. Desperta no trabalhador... Quem vai ao CONCLAT vai com uma consciência, pois já se fez um trabalho de base. Não é uma lavagem de cabeça, mas sim uma consciência de direito, de cidadão, de cidadania.

Estou tentando fazer uma coisa: como é que a gente vai fazer uma reflexão sobre a previdência social, porque tem coisas que ainda estão sob o regime militar. A Previdência Social é uma delas. Onde está o dinheiro da Previdência Social? Ninguém está em alerta para isso! Qual é o volume que tem? Como é que o sistema financeiro domina? Quando a inflação era galopante, eles pagavam um juro quando você tinha um saldo médio. Hoje, conta corrente não tem juro, mas tem dinheiro lá. Esse dinheiro da Previdência Social, todo mundo o recebe e deposita em conta corrente. Quando era o IAPC as pessoas depositavam no guichê do IAPC, IAPI, IAPM etc. Agora fica na conta corrente e quem ganha dinheiro com isso? O sistema financeiro, herdado do governo militar. Por que será que os militares escolheram essa fusão? Para ter um volume maior num bolo só? Delfim Neto cansou de usar a expressão: deixar o bolo crescer para depois dividir! O que está atrás dessas palavras? Na Igreja se usa assim: os filhos das trevas são mais inteligentes que os filhos da luz.

Alexander: Podemos observar que a partir de 1985, com a redemocratização percebe-se um arrefecimento na luta dos trabalhadores. De uma forma ou de outra, a mobilização com a abertura política se esvaziou. Gostaria que o senhor fizesse uma observação em relação a isso. Por que a própria mobilização da Pastoral Operária enquanto pastoral arrefeceu? Isso se daria por parte da perspectiva conservadora da Igreja Católica?

Salvador: Parece que a Igreja está acordando. Num dia desses uma pessoa reclamou dizendo que eu estou muito ausente. As coordenações da Pastoral Operária, eu fui um dos que mais demorou. Ninguém ficou mais tempo do que eu. Mas o grupo que nos sucedeu ficou na coordenação por mais de dez anos. Agora eu tenho uma leitura desse processo. Um tempo atrás veio uma autoridade aqui na Baixada. Eu fui a essa reunião. Uma autoridade disse que o movimento popular estar desorientado. Eu fui ao Encontro Nacional do Movimento Negro Unificado em Itaparica da Serra e um dos coordenadores do encontro falou a mesma coisa: a militância está sem ânimo! Agora eu acho que as pessoas não têm tempo para assimilar o que é o movimento popular. Movimento popular não é instituição. Tudo aquilo que se institucionaliza perde a eficácia. O movimento popular nasce em cima de uma realidade.

Você sabe o que pode dar movimento popular? Os motoristas de ônibus com dupla jornada. Eles não acordaram ainda que não estão recebendo o trabalho do trocador, mas estão trabalhando pelo trocador. Como vai despertar essa categoria para isso? Isso aí vai dar movimento popular! Outro exemplo que vai dar movimento popular é a questão do cidadão aposentado que se aposenta com dez salários mínimos e passados dez anos não estão recebendo cinco. Mas ele está isolado. Aí vai dar um movimento popular, mas como organizar esse pessoal para mobilizá-los?

Ocorreu um seminário do PT em Belford Roxo e eu vi um cidadão que foi um dos responsáveis pela formação de conselheiros. Eu conheço uma entidade onde um dos diretores dessa entidade falou numa reunião que sua entidade formou seiscentos conselheiros no Estado Rio de Janeiro. Eu de vez em quando lhe pergunto onde estão esses conselheiros. Uma das coisas que esvazia o movimento popular são os conselhos, porque passam a ser porta-vozes do povo, mas não assimilam o que o povo quer e quando assimilam é uma voz sufocada pela ordem.

Alexander: Como eu lhe disse que houve um arrefecimento dos trabalhadores a partir da abertura. Isso é notório em termos de greves...



Salvador: Eu estou falando de movimento popular. Tem uma frase, dizem que vem desde o Império Romano: “dividir para não dominar” Por que há tantas centrais sindicais? Você falou no Percival?

Alexander: Sim, o professor Percival Tavares!

Salvador: Eu me lembro de quando estavam formando a CUT. Fui eu e Percival conversar com Abdias. Aquele Abdias. Não é o Abdias do Movimento Negro. O Abdias, metalúrgico, que foi presidente do sindicato dos metalúrgicos de Niterói. Eu fiz a seguinte pergunta a ele:

- Você acredita que nós vamos conseguir fazer uma central única?

Ele disse: - Vamos!

Eu lhe respondi: - Na França não tem, na Itália não tem. Aqui tem mais de cinco. É o esfacelamento da classe operária!

Alexander: Mas o senhor acredita que esse esfacelamento foi proposital, representando a vitória do capital?

Salvador: Claro que foi a vitória do capital produtivo em cima do trabalhador. As pessoas são vendidas. Estimulam-nos a ser liderança e os caras (o sistema) faturam em cima disso. Quando ele cai pode ser um tombo muito forte, mas pode ser um tombo de nada. Se ele vê sangue, ele chora. Às vezes não machucou tanto, mas quando ele vê sangue, ele chora. Mas nós somos assim! A Igreja só acorda quando vê sangue, quando vê tortura. Você vê essa matança que está aí. Mas a Igreja não está vendo, porque acha que bandido tem que morrer, mas não sabe por que a pessoa se tornou bandido.

Alexander: Então o senhor acha que a Igreja é passiva a essa realidade?

Salvador: É passiva, porque tem muita gente que acha que o mundo é assim e não tem jeito. Há um desafio agora: esse ano vai ser um desafio para a Igreja. Por que nesse ano tem eleições. Se o PT perder, quem tem o direito em ganhar as eleições? Com essa crise dos Estados Unidos. Os Estados Unidos querendo ganhar espaço. Na Europa não está dando mais, na Ásia está complicado. Até onde o tráfico de drogas é coisa de traficante ou um projeto político para corromper a juventude. Eu acho que é um projeto político para corromper a juventude. Baile funk é cultura? Esse baile funk é para irresponsabilidade. Uma juventude irresponsável. O Brasil está formando e criando muita gente irresponsável. Como esvaziar isso! E criar cérebro

pensante pior, porque vem da classe menos favorecida. O funk não está na burguesia, ele está no meio dos pobres! E por que ele está no meio dos pobres? Para não deixar os pobres evoluir, para que a elite não perca o seu domínio.

Alexander: Pode-se dizer que a voz da Igreja Progressista foi vencida pela Igreja Conservadora?

Salvador: A Igreja Progressista sempre foi uma minoria e os bispos progressistas que sofreram estão aposentados. Dom Pedro Casaldáliga está muito doente. José Maria Pires, como está? Dom Helder quanto tempo ... Dom Adriano ... e quando não está morto! Dom Mauro Morelli já entrou na compulsória. Vem outro bispo com outra realidade, que já se descolou da ditadura e às vezes nem ler nada sobre a ditadura. Nós estamos mal informados da nossa história. Estamos saindo da semana de Zumbi. Quando me chamam para falar de Zumbi, eu não quero falar. O que você sabe de Zumbi? Eu respondo: - vivemos em qual situação? A escravidão como se manifesta hoje? Ela não mudou. Ela não acabou ela mudou de cor. Tiraram os grilhões dos pés e colocaram na cabeça. Antigamente você não saía da fazenda, porque não tinha outra saída. Agora, você tem a liberdade para ir onde quer, mas não tem condição de sair. O camarada pode ir ao cinema aos domingos, mas não vai porque não tem dinheiro. Mas quando ele não tem dinheiro ele se conforma porque é incapaz de ganhar dinheiro para isso, mas não lhes dão condições de ganhar dinheiro para isso. A lógica do capital é essa: a exclusão. Isso está na consciência de todos nós!

Alexander: Para sairmos dessa letargia e vencermos essa proposta que hoje o capital nos impõe, qual seria a saída? Qual seria a saída para que aqueles anos áureos de pensamento e de mobilizações possam voltar e lutarmos contra essa realidade tão vil contra a nossa sociedade?

Salvador: Romper com o egoísmo. Eu acredito e é preciso que se faça um estudo é que o que o mundo está produzindo é mais do que necessário para dividir com o povo. Quando eu vejo uma jazida de ouro na África tem-se mais de 300 metros ou 3.000 metros de profundidade, sei lá! E o ouro já sai de lá em barra. Quando construíram Brasília tinha uma rota que contrabandeava 500 gramas de ouro por dia. Quem está guardando esse dinheiro? Então a acumulação é muito grande. Não precisa destruir a natureza, porque o que se está produzindo pode ser diminuído, pois a acumulação é imensa. Eles fabricam carros frágeis para ganhar muito dinheiro. Em 1952 eu aprendi a dirigir um carro que era do ano de 1929. Esse carro andava bem. Vinte e três anos depois e o carro ainda andava bem. E qual é o carro que tem 23 anos hoje? Fabricam coisas frágeis para a fábrica ganhar mais dinheiro, para que os acionistas

ganhem mais dinheiro. Aí eles acumulam mais em dinheiro. Destroem a natureza para retirar mais ferro. Você olha ali em Japeri quando passam cargueiros de minério. Há muitos anos ouvi uma denúncia de que os Estados Unidos compravam minério de ferro por um dólar a tonelada para estocar. Então, estão produzindo para acumular. Estão introduzindo esse pensamento no pobre. Tiram do tornozelo as correntes para mandar e a coloca no inconsciente. Não posso ir à Nova Iguaçu porque não tenho dinheiro. Sou um pobre incapaz e miserável!

Eu defendo que os impostos sobre circulação de mercadorias não podem ser cobrados em cima da mercadoria, mas sim sobre o salário da pessoa. Quem consome pouco tem que pagar pouco, quem consome muito tem que pagar muito.

Alexander: Para finalizarmos, eu percebo que a Igreja Progressista, principalmente no período da ditadura, contribuiu para a conscientização de leigos e estes partiram para uma mobilização mais concreta. O senhor acredita que a Igreja de hoje pode criar essa mobilização que a Igreja Progressista no passado criou?

Salvador: O Cardeal Ratzinger ... Eu ouvi, não foi ninguém quem me disse. O Papa estava aqui, no Brasil e foi falar no Pacaembu. Ele estava hospedado num convento em São Paulo, em Pacaembu e foi lá uma multidão de jovens falar com ele. Ele disse muitas coisas para os jovens e fez uma referência sobre a situação do mundo hoje, sobre ideologia e ninguém tem isso gravado, porque é uma coisa que está contra a ordem econômica. Pergunta todo mundo e ninguém tem (esse discurso), se alguém gravou, apagaram. Alguém deve ter gravado pelo menos no celular.

Alexander: Onde ele dizia...

Salvador: Ele falava contra a ordem estabelecida. Eu estava numa reunião, e devia ter 8 ou mais grupos. Não sei nem o nome do meu grupo. A relatora de um desses grupos, uma pessoa com grande capacidade, como se fosse uma secretária, relatou a mensagem final do grupo que era não lutar contra o neoliberalismo. Não lutar contra o neoliberalismo! Mais de setenta pessoas. Eu esperei para ir à frente e falar.

Alexander: Em qual evento?

Salvador: Num evento que aconteceu em Mendes, no Hotel Fazenda dos irmãos Marins.

Não sei se ouvi direito, mas me parece que o grupo quatro vem com uma proposta. É isso mesmo! Responderam: é. O papa vem falando exatamente o contrário.

Alexander: Parece ser um pouco contraditório. Porque as que duas instruções que foram lançadas no papado de João Paulo II. A primeira escrita em 1985 e a segunda em 1986. Essas duas instruções foram escritas pelo então Cardeal Ratzinger. Quando o senhor diz que ele vem ao Brasil e fala contra a ordem social me parece um pouco contraditório. Primeiramente ele escreve contra a Teologia da Libertação, que pregava as arbitrariedades do capital e tinha um discurso a favor dos pobres e agora o senhor fala que agora, enquanto papa, ele é contra a ordem estabelecida.

Salvador: Ele falou contra a injustiça social. Às vezes as pessoas tem a visão de que a Igreja não deve se envolver com muitas coisas, mas que o mundo tem que se envolver. Talvez essa seja a sua visão. Não é papel da Igreja, pode ser isso!

Mas onde está esse documento?

As pessoas o ouvem falar no interior da Igreja (Vaticano). O que ele fala lá corre no mundo todo, mas quando ele fala em praça pública você não encontra em lugar nenhum. Os meios de comunicação quando se interessam, divulgam.

Alexander: O senhor acha que a Igreja mudou sua visão?

Salvador: Ele falou em silêncio obsequioso, por que é uma questão evangélica. Aquilo que ele falou para a garotada sobre o Brasil, da vegetação, do Hino Nacional, da ordem e do progresso, que eles são repensáveis pela ordem; progresso para todos. Duvido que se fosse uma coisa favorável à ordem não estariam multiplicando!

Alexander: Gostaria de finalizar essa entrevista agradecendo-lhe, mas antes eu gostaria de ouvir uma frase sua para registrar: “o povo organizado...” O senhor lembra da frase?

Salvador: O povo organizado é capaz de criar o novo. Uma nova realidade, uma nova organização. E perde o medo. O povo tem medo. Na cabeça do povo, o mundo com tanta liberdade, vai dar para criar o quê? Como vamos criar o novo? Como vou viver?

Alexander: O senhor hoje atua na Igreja? O senhor continua vinculado à Pastoral Operária?

Salvador: A Pastoral Operária hoje... Nova Iguaçu ... Hoje não tenho informações.

Alexander: A Pastoral Operária Nacional ainda é atuante?

Salvador: A Pastoral Operária a nível nacional está em São Paulo. Hoje eles nem me enviam mais correspondências.

Alexander: Quando o senhor deixou de estar vinculado à Pastoral Operária?

Salvador: Deixei a Pastoral Operária 1988 no ano da Constituinte. Dom Adriano me chamou para trabalhar na Catedral. Eu até lhe disse:

- Dom Adriano, tem muito cristão na Igreja que tem dúvida do meu comportamento.

Ele respondeu-me: - Não, não! Quero uma pessoa assim.

Trabalhei lá de 1988 a 2002. Fui apoiar a comunidade. Trabalhei como sacristão. Fazia reflexão com o pessoal. Inclusive estou com um material aí.... O que eu lhe falei sobre Pedra Lisa (Japeri) descobri com um camarada avesso à política, no círculo bíblico. Um dia ele me fez uma pergunta se eu encontraria um documento de seu pai no Sindicato dos Trabalhadores Rurais. Eu lhe disse que essa história daria um livro. Pronto! Ele não quis nem saber. Um dia, quando eu fui a uma missa na Catedral ele se encontrava lá e quis falar comigo, dizendo que queria ver o negócio do livro. Ele é negro; ele tem uma sobrinha que passou para a PUC e que fez engenharia de petróleo na PUC e tirou em primeiro lugar. O presidente do Sindicato dos Engenheiros fez questão que ela fosse diplomada no Clube de Engenharia na Avenida Rio Branco. Essa menina mexeu com a sua família. Tem coisas que acontecem em nossa vida!

Alexander: Agradeço-lhe pela atenção.

### **Ficha Técnica:**

Tipo de entrevista: temática.

Tema: Pastoral Operária e Dom Adriano Hypólito

Entrevistada: Salvador Marcelino

Entrevistador: Alexander de Souza Gomes

Local: Vila Neli, Nova Iguaçu, residência do entrevistado.

Data: 26/10/2010.

Duração: 1 hora, 46 minutos e 16 segundos.

Páginas: 22

**ANEXO D - Entrevista de Rosana Xavier e Flávio Antônio Brandão de Souza**

Alexander: Hoje são 30 de setembro de 2011. Rosana, fale-me um pouco da sua trajetória na Igreja.

Rosana: Meu nome é Rosana Xavier Ferreira. Comecei meu trabalho na diocese quando tinha 16 anos. Como funcionária da Catedral de Santo Antônio, eu trabalhava na secretaria, atendendo o público. Tive uma proposta de um padre espanhol, que faleceu no ano passado, para tirar férias de uma freira que estava indo para a Bélgica. Eles gostaram do meu trabalho e eu fiquei quase 20 anos trabalhando lá. Trabalhei uns 15 anos na secretaria e, depois, eu fui para a parte administrativa.

Alexander: O que Dom Adriano significou para Nova Iguaçu em sua concepção?

Rosana: Dom Adriano teve uma importância muito grande no sentido do profetismo. Era um homem ousado. Um nordestino muito fechado, muito na dele, mas um homem que pensava no bem comum. Um homem muito corajoso. Era um profeta. Um “cara” que estava sempre presente na luta do povo, nas suas conquistas. A Diocese de Nova Iguaçu, na época de Dom Adriano, principalmente, sempre teve essa preocupação em ser uma Igreja que defendesse o povo. Para mim, ele representa esse profetismo, essa coragem. A própria vocação sacerdotal de sua vida em prol dos necessitados.

Alexander: A diocese tem Dom Luciano como o novo bispo. Como se encontra a diocese, hoje, sem a presença de Dom Adriano?

Rosana: A gente está fazendo essa entrevista no ano em que a diocese está completando 50 anos de fundação. Hoje a gente percebe uma linha diferente, até porque vivemos noutros tempos. O mundo mudou e a Igreja foi tentando acompanhar esse novo mundo e muita coisa diferente das décadas de 1970 e 1980. A própria globalização fez com que o mundo mudasse e as pessoas mudassem. Se você for pensar numa catequese que eu tive quando tinha nove e dez anos de idade em relação à catequese que a minha filha teve é muito diferente, porque o mundo é diferente. Hoje o mundo é mais individualista, é o mundo da internet, da informatização. Tudo isso fez com que a gente perdesse um pouco a visão comunitária que vivemos na época de Dom Adriano. Era uma época em que “bombavam” as reuniões de moradores. Tínhamos

facilidade em dialogar com as pessoas e interagir com elas. Hoje, devido ao próprio sistema, as pessoas tem medo, às vezes, de atender alguém na porta. As pessoas estão caindo muito no isolamento e isso dificulta a visão comunitária. Tudo o que a gente viveu nas décadas de 1970 e 1980, com a presença de Dom Adriano, eram coisas vivenciadas a partir da organização do povo. Então, a gente vive um momento diferente, mas a gente percebe na diocese hoje alguma coisa daquilo que construímos atrás. Dom Luciano é um bispo que tenta manter a linha da diocese e é um homem que está muito aberto em apoiar os leigos e apoiar as pastorais. Nem sempre devido ao próprio sistema e à própria conjuntura vem com a mesma força daquela época quando era muito mais fácil reunir os grupos para debater os problemas do bairro, enfim, e outras coisas que aconteceram.

Alexander: Você participou da Pastoral Operária. Você recorda da presença de Dom Adriano nesses eventos? O que ele discursava? O que ele passava para os seus leigos?

Rosana: Dom Adriano foi um homem que proclamava a esperança, o otimismo, o sonho de dias melhores. Isso ele passava para o seu povo no dia a dia. Se ele fermentava essas atitudes nossas era porque ele acreditava. Ele sempre passou de uma forma muito forte, não passou apenas com palavras, mas com seu próprio testemunho. Isso tudo comentamos como no caso da bomba, do sequestro. Ele foi um homem que fomentava no sentido de passar essa energia para gente e a diocese. Você não pode falar na pessoa de Dom Adriano sem falar na Pastoral Operária. Como você pode desligar a pessoa Dom Adriano da Associação de Moradores, da Pastoral Operária, da Pastoral do Negro, da Pastoral da Terra, da Pastoral dos Imigrantes? Não dá para falar de Dom Adriano sem falar dessas pastorais, da Pastoral da Mulher, da questão dos Direitos Humanos no qual ele foi o fundador (em Nova Iguaçu). Hoje, ainda, a gente percebe a presença dele como algo que nos inspira e nos fortalece. Conheço pessoas ainda que .... como diz o Padre Agostinho são nossos santos modernos. Tem muitas pessoas que rezam para Dom Adriano para nos ajudar, para nos dá sabedoria, para a gente não perder a coragem naquilo que a gente vive hoje com tantos desafios.

Alexander: Como conversamos, anteriormente, muitas das vezes relembrar o passado nos traz descontentamentos, certo desconforto principalmente quando são fatos que marcam. Mas vamos recapitular o momento em que houve a explosão da bomba na Catedral e também o próprio sequestro de Dom Adriano. Como você presenciou o momento da bomba, de que maneira isso repercutiu nos movimentos de Nova Iguaçu, de que forma a comunidade sentiu esses atentados?

Rosana: A bomba foi um momento muito marcante na vida da diocese. Eu cheguei à Catedral em 1978 e o sequestro ocorreu em 1976. Quando Dom Adriano foi sequestrado eu ainda era muito jovem, adolescente, de 13 para 14 anos (de idade). Eu era da Pastoral da Juventude, então a gente já vivia essa coisa do sequestro; sabíamos o que tinha acontecido; todo mundo ficou muito indignado. Quando eu cheguei à catedral, antes de acontecer a bomba, aconteceram as pichações. A bomba foi o momento que marcou muito porque a gente não esperava; ninguém espera que isso aconteça! Foi um momento muito difícil para todos nós. Agora, eu acho que tudo o que aconteceu: o sequestro, as pichações, o carro ter colocado fogo, isso tudo, as pastorais e movimentos que a gente convivia na época fez com que a gente se sentisse mais forte e saber que estávamos no caminho certo. Dom Adriano serviu como uma fonte de força mesmo, da gente continuar na luta, pois estávamos no caminho certo. Isso aconteceu porque a gente está incomodando e que a gente está construindo o nosso profetismo dentro da Igreja. Isso veio como uma força ainda maior. É claro, no caso da bomba, como eu acompanhei de perto, tivemos certo medo até em falar, pois como estávamos muito perto (do fato) veio muita imprensa e a própria coordenação da diocese pediu-nos para não falarmos nada porque houve um ataque e poderíamos falar algo que pudesse comprometer nossas vidas. Por um momento, aquela coisa: vamos parar agora! Deixar as coisas se assentarem e depois continuar. Para mim, o que repercutiu nas pastorais daquela época, que estavam “pipocando”, foi um momento de muita força: vamos acompanhar nosso bispo, pois estamos no caminho certo.

Alexander: Descreva o ocorrido da bomba.

Rosana: Na época, trabalhávamos na secretaria, ao lado da Catedral. Numa manhã de 20 de dezembro de 1979, já próximo ao Natal, a gente estava trabalhando na secretaria. Dois rapazes que eram funcionários da época estavam montando o presépio, que era montado na entrada da Igreja, porque era uma tradição da Igreja, onde as pessoas gostavam de rezar. Por volta das 11 horas da manhã, a gente escutou a explosão e ficamos sem entender o que estava acontecendo, parecia que o prédio estava caindo em cima da gente. Quando a gente escutou o estrondo é como se a Igreja estivesse caindo na cabeça da gente. A secretaria ficava embaixo do prédio, onde ficava a Mitra Diocesana. Foi na Igreja, foi na Igreja! E a gente se deparou com aquela cena; a bomba explodiu o sacrário onde fica o próprio Corpo de Jesus, onde ficam as hóstias consagradas e para a nossa surpresa, a gente acha, não, a gente tem certeza que Deus naquela hora se fez presente; já estava presente nas hóstias consagradas, mas Deus se mostrou de uma forma, pois era um local onde as pessoas ficavam rezando e naquele momento não havia ninguém. Houve a explosão, uma coluna da Catedral caiu, o ventilador caiu e se espatifou, o



próprio santíssimo se espatifou. Ronaldo que estava montando o presépio ficou com problemas de audição. O que a gente fez foi chamar as autoridades competentes para tentar resolver, porque você não pode colocar as mãos. Para nós vermos Jesus ser jogado daquela forma, não sendo respeitado. A gente ficou triste por isso e ao mesmo tempo perceber que a Igreja estava vazia e não ter acontecido o pior. Fizemos um momento de oração e marcamos uma procissão em desagravo. Todo dia 20 de cada mês tem uma adoração ao santíssimo sacramento em desagravo por aquilo que aconteceu.

Alexander: E a atitude de Dom Adriano em relação ao ocorrido? Quais foram as providências que ele tomou?

Rosana: Eu não me lembro profundamente das providências que ele (Dom Adriano) tomou. Superficialmente eu me lembro de que ele foi comunicado e a gente entrou com uma ação na justiça para saber quais medidas tomar contra os autores daquele ato inescrupuloso. Sabíamos das pessoas envolvidas, mas não sabíamos o nome. Foi aberto um processo para saber quais foram os culpados. Dom Adriano deixou o curso da vida dele normal; ele disse para não nos amedrontarmos diante disso e continuou o papel dele como a autoridade máxima de uma diocese e continuou a vivenciar o profetismo dele, que era continuar na luta do povo e suas conquistas. A Baixada Fluminense, não digo deve, pois é o papel da Igreja a construção do reino, mas a Baixada ganhou muito com a presença de Dom Adriano. Hoje a gente vê o Sindicato das Empregadas Domésticas, o próprio MAB. Foram conquistas que a diocese estava participando e lutou para isso. Eu acho que Dom Adriano fez a parte dele de comunicar as autoridades competentes e abrir um processo de busca pelos culpados, mas ele continuou o trabalho dele; saiu ainda muito mais fortalecido de perceber daquilo que eu falava anteriormente: que ele estava no caminho certo e ter se tornado sacerdote para servir ao povo.

Alexander: Muitos leigos iniciaram e tiveram uma conscientização política nas bases da Igreja e muitos desses leigos se encontram hoje no MAB, nos Sindicatos das Domésticas, na associação de moradores. Gostaria que você falasse um pouco da importância desse trabalho, dessa conscientização nas bases da Igreja realizado por Dom Adriano para que esses leigos tivessem uma postura consciente, contribuindo para sua vida política.

Rosana: Vida até de cidadão. Eu acho que eu não seria o ser humano que sou hoje e ter a consciência que tenho hoje se não fosse isso tudo que vivi. A gente se formou a partir desses grupos. Muitos leigos, nessa época, perceberam que após o Concílio Vaticano II a Igreja se abriu, e que é importante rezar; a missa é algo muito importante na vida do cristão. Mas vai

além do que isso. Jesus Cristo foi um dos maiores políticos. Jesus Cristo saía para rezar, mas era um homem que andava no meio do povo, no meio dos excluídos. Esses movimentos da época nos ajudaram a ter esse olhar. Acho que você pegou o desenho dentro da Igreja que a gente trabalhou no Conselho Pastoral da Diocese, na década de 1980, de que a Igreja estava no alto e foi puxada para baixo, porque a gente não pode ficar olhando para o alto. Para construirmos um reino aqui na Terra, a gente tem que trabalhar e não é só dentro da Igreja que a gente vai trabalhar, mas também no meio do povo. Jesus não esperava o povo ir junto dele, mas ele ia ao encontro do povo. As pessoas começaram a ter essa consciência. E hoje é tão forte que a gente percebe. Tem alguém que fala, mas eu não me lembro de quem, acho que é uma fala daquele bispo do rio São Francisco: sonho que se sonha só é um sonho só, mas o sonho que se sonha junto pode se tornar real. Porque a gente sabia que a gente precisava se organizar para poder conquistar o que a gente queria. Hoje, a gente vê pessoas daquela época envolvidas ainda nos movimentos políticos partidários, no MAB, no Sindicato das Domésticas. Para minha experiência, para eu me formar enquanto pessoa, ser humano, esses momentos foram importantes.

Alexander: Têm exemplos de que você gostaria de citar; exemplos do que vocês vivenciaram na época e amigos que partilhavam as mesmas angústias e hoje estão inseridas em sindicatos.

Rosana: Tem muita gente. Temos duas mulheres hoje nos Sindicatos das Domésticas, que participaram da sua fundação, e ainda estão lá. O sindicato continua, ainda que não tão forte como naquela época, um pouco fragilizado; temos pessoas que hoje são políticas que são vereadores, deputados, como Arthur Messias, que hoje é Prefeito de Mesquita, que iniciou suas bases na Pastoral da Juventude; temos o próprio Alessandro Molon que também vem da Pastoral da Juventude e hoje está na área de Direitos Humanos e é deputado; temos o Adriano que trabalha conosco; ele foi da Pastoral Operária, a gente fez um trabalho muito bom aqui no nosso bairro tanto em Moquetá quanto no Aeroclube, de sentar com a Associação de Moradores para a questão de saneamento que na época não tinha; era muito barro; conseguimos muitas conquistas para o nosso bairro; ele desenvolveu um trabalho na Prefeitura desenvolvendo um trabalho contra a violência a crianças e adolescentes e hoje desenvolve um trabalho em bairros e favelas com as escolas; temos vários exemplos, e eu e Flavio estamos aqui, trabalhando nas bases para reunir o povo e trazer de volta aquelas discursões que fazíamos no passado.

Alexander: Gostaria que você falasse da experiência de vocês junto à Pastoral Operária historicamente. Vamos retroceder um pouco. Das atividades realizadas pela Pastoral Operária, no período de Dom Adriano, quais melhorias concretas foram conquistadas?

Rosana: Falarei da minha experiência de que eu vivi na PO. Em níveis estadual e nacional o Flávio tem mais informações. A minha experiência era que nós tínhamos um grupo aqui no bairro Moquetá, onde hoje está o Centro de Formação; nós começamos a nos reunir pensando tanto na questão trabalhista, pois nós tínhamos uns dois meninos no nosso grupo que não trabalhavam; um deles começou a trabalhar no comércio e não tinha carteira assinada e ele não estudava; quanto na questão do saneamento do bairro, isso aqui onde está o SESC era só mato; imagine esse terreno todo somente mato; então tínhamos uma discussão em torno do saneamento básico e da questão da saúde aqui no bairro; esse posto de saúde é uma conquista. Esse menino nós conseguimos que ele obtivesse a carteira assinada; ele chegava todo o dia na escola atrasado porque o patrão não o liberava; a gente interveio, fomos à sua escola e a diretora pediu uma carta e com essa carta fomos ao sindicato para que sua carteira fosse assinada; conseguimos fazer vários encontros com o prefeito para construir um projeto de saneamento aqui para o bairro.

Alexander: Mas somente a Pastoral Operária ou havia outros movimentos sociais?

Rosana: No início era só a Pastoral Operária, depois nos juntamos com a Associação de Moradores do Bairro. Tinha uma associação de moradores a qual meu pai fazia parte. As ruas centrais foram asfaltadas; houve um projeto do Prefeito para o bairro tanto para Moquetá quanto para o Aeroclube.

Alexander: Isso foi quando?

Rosana: Isso foi na década de 1980, chegando à década de 1990.

Alexander: Mediante a mediação entre a Pastoral Operária e o Prefeito vocês conseguiram ganhos?

Rosana: Conseguimos fazer obras de saneamento e conseguimos envolver a associação. O que a gente fez? Remarcávamos as ruas; o morador da Rua Tupi fiscalizava as obras em sua rua, por exemplo; porque tinha que fazer toda a parte de saneamento antes de asfaltá-la. A manilha tinha que ser essa. As pessoas embargavam até obra. Houve participação da população em termos de fiscalização.

Alexander: Em termos de greve, houve mobilizações em que a Pastoral Operária estava envolvida?

Rosana: A Pastoral Operária não promovia greves, ela entrava como parceira. Não é Flávio? Às vezes, em algumas caminhadas que eram feitas, a própria a Pastoral denunciava dizendo que estava com o sindicato tal. A própria passeata do comércio que teve na década de 1990, a da semana inglesa, a Pastoral Operária esteve como parceira. Ela ser promotora não!

Flávio: Ela (Pastoral Operária) trabalhava muito mais com a educação da população, de conscientização, envolvendo as pessoas do bairro. Foi muito importante, porque na época nós tínhamos um Prefeito em Nova Iguaçu chamado, Altamir Gomes. Ele era muito populista e que no fundo era um “enrolão”. Conseguimos fazer com que ele viesse aqui no bairro e junto com a comunidade, por meio do trabalho de educação popular, firmou um compromisso de fazer o saneamento básico do bairro. Foi uma vitória muito bonita!

Rosana: Esse posto de saúde que temos aqui foi uma conquista da época de Dom Adriano e que depois deixou de funcionar e a PO fez pressão para ele voltar a funcionar. O Altamir (Prefeito) sentou muitas vezes junto com a Pastoral Operária e à associação de moradores. A associação de moradores se reunia na Igreja Nossa Senhora das Graças; lembro-me que numa das reuniões não conseguimos mais fazer lá porque não tinha mais lugar; era muita gente participando. Era muita gente.

Alexander: Tem ideia de quantas pessoas?

Rosana: Reuníamos mais de cem pessoas.

Alexander: Todas vinculadas a Pastoral Operária?

Rosana: Não! Eram pessoas da Pastoral Operária e da Associação de Moradores.

Lembro-me que na eleição de 1994, não me lembro do ano, mas foi na década de 1990. Nós elaboramos uma cartilha em quadrinhos e distribuimos a cartilha como consciência do voto. Era uma folha A4 dobrada; fizemos um caderninho em forma de quadrinho, porque o povo não gosta de ler, por isso fizemos em forma de quadrinho.

Alexander: Você disse que Dom Adriano ainda faz muita falta e que a sua essência ainda está muito presente. Gostaria que você falasse um pouco dessa aura mística do bispo presente nos movimentos, dando força aos leigos. Quando você fala percebo que seus olhos brilham.

Rosana: Eu acho que tem coisas que a gente vivencia hoje como um canto, uma oração nos faz lembrar Dom Adriano. Ele era um homem muito fechado; não era um homem de paparico. Às vezes parecia até uma imagem fria, mas ele era muito na dele. Ele tinha uma espiritualidade muito grande. Tinha momentos de oração e momentos de estar com ele mesmo. Hoje eu percebo, principalmente nesse ano que a gente (a Diocese de Nova Iguaçu) completa 50 anos. Quando comecei a recolher aquele material, eu vivenciei muitas coisas do passado. Eu percebo a sua essência numa oração, num canto; nos momentos em que nós queremos fraquejar e estamos desanimados, lembramo-nos de sua presença. Esse ano jubilar é um ano que resgatou e nos fez retornar ao passado; e nos trouxe uma força muito grande; pois quando lemos aquilo tudo e voltamos ao passado percebemos que valeu a pena.

É difícil você estar em algum local e quando falamos de eleições, de Câmara de Vereadores, nas bases que a gente vai e desenvolve nos municípios da Baixada a gente não consegue desvincular isso da presença de Dom Adriano. Ele era um homem muito presente. Quando a gente traz hoje o desafio do sistema, do mundo informatizado, a gente recorda o passado e lembramos o que vivenciamos com a presença de Dom Adriano, então, a gente quer animar as pessoas. Hoje a gente não tem mais vida comunitária. Naquela época sempre havia algum grupo discutindo política, associação. A gente traz, para animar o povo hoje, lembramos o que vivenciamos lá. A essência de Dom Adriano é muito forte em todos os sentidos, principalmente nesse ano que se celebra o jubileu da diocese. Na década de 1990 quando a Pastoral Operária estava bem... Lembro-me que, na época, Padre Agostinho era coordenador da Pastoral Operária Nacional, assessor da Pastoral Operária. Ele disse uma frase naquele dia que eu nunca me esqueci. Perguntaram a ele sobre a questão do trabalhador na Baixada Fluminense. Como as pessoas viam a Baixada Fluminense na questão do trabalho.

Padre Agostinho disse que os meios de comunicação tem que deixar de pregar que só tem violência na Baixada Fluminense, que aqui só tem violência, gente que não presta; aqui vive um povo digno e trabalhador. A gente era muito visada como uma diocese muito violenta, de um povo que não sabia acolher; de um povo que matava, roubava, assassinava. Falar em Baixada Fluminense naquela época, além da violência, tinha a presença de Dom Adriano; era muito contraditório. Internacionalmente isso era muito falado lá fora; ele disse (Padre Agostinho) que aqui vive um povo digno e trabalhador. Isso foi algo que me marcou muito. É importante frisar isso. Ele queria mostrar aquele jornal que aqui não tem apenas marginal, mas tem também trabalhador. A Pastoral Operária trabalhava essa questão.

Seria bom você ver com o Adriano e Percival, pois eles ficaram com o material que produzíamos. Nós subíamos nas favelas e trabalhávamos com a juventude operária. Quando ele (Padre Agostinho) chegou à Catedral que Dom Adriano achou que ele deveria ser pároco da Catedral nós estranhamos muito, porque eu já estava lá quando ele chegou. Um dia ele me disse:

- Rosana, eu não sou padre de ficar sentado na cadeira. Eu sou padre de andar no meio do povo!

Ele (Padre Agostinho) tem um livro que é o símbolo, um lecionário que ele chama de tijolão, que é um livro de oração. Uma vez por dia ele para pra rezar aquele livro. Às vezes ele fica uma hora; também à noite. Trabalhando com ele nesses anos eu observei isso. Mas o padre Agostinho celebrava as missas, fazia adoração. Ele era um homem de oração, mas ele dizia que não era padre de ficar na secretaria, era padre de andar no meio do povo. Ele era um homem que foi assessor da JOC, da JUC, da Pastoral Operária. Quando ele fez 50 anos de pároco, ele já estava trabalhando no bairro Califórnia. Eu fiz sua memória. Eu comecei a falar desde seu nascimento até o ano em que fez 50 anos de pároco, em 2002. Depois que desci do altar teve alguns paroquianos que disseram que tinha um pároco e que nós não conhecíamos. Eles desconheciam a história de Padre Agostinho. O povo não conhecia a metade de sua história. Padre Agostinho teve e tem uma importância muito grande. Um homem com uma força de vontade muito grande. Ele veio para cá acolhido por Dom Adriano devido à ditadura.

Alexander: Gostaria que você dissesse seu nome.

Flávio: Meu nome é Flávio Antônio Brandão de Souza.

Alexander: Gostaria que você falasse do momento em que você se vinculou a Pastoral Operária e de sua trajetória na Igreja.

Flávio: A minha participação na Igreja Católica deve ter começado na década de 1980, em 1985. Comecei a conhecer o pessoal da Pastoral da Juventude. Comecei a entrar e passado determinado período, no ano de 1995, quando comecei a participar de fato na Pastoral Operária. Nessa caminhada na Pastoral da Juventude eu aprendi muita coisa dessa ligação entre fé e vida; fé e compromisso social. Como se fosse o processo de uma escada, como se eu tivesse subido mais um degrau. Eu comecei a perceber de fato como a Pastoral Operária me possibilitava compreender melhor o que representava o Flávio como um trabalhador numa sociedade capitalista.

Alexander: Você antes de se vincular à Pastoral Operária já tinha uma experiência política?

Flávio: Muito incipiente. Eu me recordo bastante que por essa formação na Pastoral da Juventude a gente tem uma compreensão de nossa participação social. Dentro desse social tem sempre a questão política. Tanto a política pouco mais ampla, a cultural, a econômica e a partidária. Na partidária havia uma canalização muito próxima entre a linha que a Teologia da Libertação apresentava e os compromissos que o próprio Partido dos Trabalhadores até então, de certa maneira, convergia numa mesma tecla. Aí eu comecei a participar. Lembro de que, no ano de 1989, boa parte do pessoal ligado a Pastoral Operária tinha ligação com o partido dos Trabalhadores. Claro que nós não misturávamos as coisas. Sempre nós tentamos fazer com que a nossa participação na política partidária se desse no lado externo. Na Igreja a gente refletia nossa condição como juventude, nossas dificuldades e perspectivas, mas a militância partidária dava-se fora e não envolvíamos relação da comunidade. Falávamos das coisas, mas não fazíamos propaganda.

Alexander: Você filiou-se quando no Partido dos Trabalhadores?

Flávio: A filiação acabou acontecendo de forma tardia, porque no fundo a gente enquanto jovem tinha uma vivência, talvez, pontual da política partidária. Vivíamos essa intensidade em épocas eleitorais. Na realidade, a minha participação na política partidária deu-se entre 1997 ou 1998. A gente começou a compreender como funcionava a questão interna do Partido dos Trabalhadores. Para você ter uma intervenção dentro do partido era necessário e fundamental você ser filiado. Apesar do próprio partido já oferecer certa formação política era fundamental ser filiado para fazer parte organicamente da instituição, de suas eleições internas, na construção de programas, de disputa de eleição.

Alexander: Você acredita que sua inserção na Pastoral Operária contribuiu para que você adquirisse essa conscientização política e filiar-se ao PT?

Flávio: Sem dúvida nenhuma. Todo trabalhador muitas vezes diz que não gosta de política – lamentavelmente os nossos meios de comunicação deturpam a política com P maiúsculo da questão da política partidária e acabam fazendo com que boa parte dos trabalhadores não goste de política e acabe misturando a política partidária com muita politicagem. Quando eu comecei a trabalhar eu percebi que essa relação entre patrão e empregado, na realidade, não era uma relação tão simples como muitas das vezes a gente acha que é. No fundo essa política salarial que se tem; toda política social que se tem de garantias e benefícios sociais para o povo é

justamente sempre oriunda de uma grande disputa política interna, principalmente por essas forças partidárias no sentido delas deterem o próprio processo de decisão, embora hoje eu avalie isso como um equívoco. Foi a partir daí que eu inclusive... Comecei a trabalhar desde os 16 anos no comércio. E depois comecei a participar no sindicato dos comerciários de Nova Iguaçu.

Alexander: Quando você filiou-se ao sindicato?

Flávio: Foi mais ou menos nessa década ... na realidade não sei se ela (a filiação) veio antes ou depois da própria filiação ao PT. Mas o que me despertou para essa filiação ao sindicato foi a consciência da categoria de classe que eu pertencia. Eu sabia que existiam duas questões diferentes: uma são os empregadores, isto é, os patrões e outra os funcionários, os trabalhadores desses patrões. Existe uma diferença de concepção de ambos. O patrão sempre quer mais lucro; e o trabalhador, aumentar seus salários. Isso não era fácil da gente conseguir, porque justamente havia esse nó, às vezes imperceptível pela classe trabalhadora que de fato a inserção dele e de melhorar as condições de vida em seu trabalho depende muito da sua força de organização e ao mesmo tempo de sua associação a uma categoria de classe, que no meu caso era o sindicato dos comerciários. No primeiro momento eu fui convidado a me filiar, porque eu também via essa necessidade; a partir daí comecei a participar de algumas reuniões da categoria e comecei a associar essa questão da formação ideológica dentro da Igreja com essa vida de trabalhador no contexto de uma sociedade mais ampliada. Fui participar dessas reuniões no sindicato – o pessoal percebia minha participação nas reuniões – ao mesmo tempo consegui, enquanto trabalhador no comércio e filiado no sindicato, com participação esporádica, conciliar minha formação que na época chamávamos de Segundo Grau; hoje, Ensino Médio. Quando consegui finalizá-lo fui convidado a participar da direção do Sindicato dos Empregados do Comércio de Nova Iguaçu por volta de 1997, 1998 ou 1999.

Alexander: Você já participava da Pastoral Operária nesse período?

Flávio: Eu já militava na Pastoral Operária e fui para a direção do Sindicato tentar contribuir para o avanço da classe trabalhadora.

Alexander: Como você demonstra ter bastante experiência, gostaria que você falasse o quanto isso vai contribuir para a própria luta concreta, ganhos concretos para a classe trabalhadora.

Flávio: Ao mesmo tempo em que nós temos sonhos como trabalhadores conscientes, por outro lado temos ao mesmo tempo uma luta muito desigual. Diferentes lados têm diferentes



instrumentos de capacitação, de força política. Na realidade, eu fiquei no Sindicato dos Empregados do Comércio talvez por cerca de três anos, porque internamente tivemos divergências dentro da própria direção da classe dirigente; por outro lado tentei contribuir para alguns avanços da categoria seja na questão salarial e políticas sociais para a categoria. O que a gente não pode jamais esquecer são os contextos sociais. Talvez seja uma grande marca de todos esses momentos, tanto no meu início na Pastoral da Juventude quanto na minha filiação ao Sindicato do Comércio, no próprio Partido dos Trabalhadores. Se a gente for fazer um retrocesso histórico, nós vamos perceber que na década de 1985, 1990, talvez até 1995; não sei se chega até 1995, mas pelo menos até o início da década de 1990 quando nós tivemos a eleição do Lula havia um contexto social muito propício a todos esses avanços de conquistas sociais seja pela Igreja Católica, seja pelos sindicatos, seja pelo Partido dos Trabalhadores, e outros que a gente não pode esquecer, pelas associações de moradores. Após a derrota dos Partido dos Trabalhadores houve outro período conjuntural adverso. De lá para cá a gente pôde perceber isso muito claramente. Por exemplo, hoje não sou mais organicamente filiado ao PT. Cerca de mais ou menos cinco anos que eu me desliguei organicamente do PT. Vale registrar uma coisa muito importante: nós tivemos na Diocese de Nova Iguaçu parte de componentes da Pastoral Operária que chegaram a ser dirigentes do PT, uma referência muito importante o Percival Tavares, eu, Flávio Antônio, o Tancredo, um menino que era professor aqui na Posse chamado Antônio Carlos. Apesar de não ser líderes da Pastoral Operária, pelo menos tinha uma ligação das questões sociais; sabíamos o caminho a seguir. Lá dentro, a vivência político-partidária é muito diferente dessa visão romântica, ou talvez não romântica, mas um pouco mais ideológica que nós recebemos dentro da Igreja. Lá dentro a disputa é muito mais pelo poder pelo poder do que justamente de um projeto um pouco mais ampliado e participativo, transparente e democrático. Tanto é que nós, após essa participação nossa na direção do Partido dos Trabalhadores em Nova Iguaçu, tivemos muito bloqueio na nossa gestão interna e isso acabou fazendo com que nós – também, indignados com essa adversidade numa gestão que o próprio partido trabalhou – pedíssemos a nossa renúncia, porque não concordávamos com os companheiros que preferiram seguir outra linha que feria os nossos princípios éticos e morais. A partir daí cada um foi seguir o caminho que achava melhor, mas sempre comprometidos com as lutas de transformações sociais e de educação popular que sempre foi a nossa veia que defendemos dentro da própria Igreja Católica.

Alexander: Fale-me um pouco da sua participação dentro do PT em termos de direção.

Flávio: Na realidade é uma participação muito intensa. Para quem está do lado de fora, mesmo sendo um militante como eu fui entre os anos de 1980 e 1985 como eu fui dentro da Pastoral da Juventude tem uma visão do que significa um pouco o partido, mas não tem a noção de fato e a dificuldade do que é a vivência do dia a dia. Quando assumimos a direção do PT tínhamos um pouco de consciência como era o funcionamento da máquina pelo nosso próprio espírito ideológico. Devido à minha própria formação oriunda da Pastoral da Juventude e da Pastoral Operária e da minha experiência sindical, nós resolvemos assumir esse desafio. Talvez fosse possível que esse instrumento político pudesse ter essa via de transformação social, talvez até mais direta com uma forma de garantir direitos sociais e possíveis ampliação desses direitos. Isso faz parte de uma reivindicação histórica do povo brasileiro, pois a dívida social que os nossos governantes têm para com a população é quase impagável, mas não impossível de se realizar. Então, resolvemos assumir, disputar uma eleição interna dentro do Partido dos Trabalhadores de Nova Iguaçu. Isso significa algumas questões que são importantes: primeiro, o PT naquele momento já era dividido internamente entre várias correntes ideológicas. Nós, a princípio, participávamos de uma corrente, que na realidade nós nem nos importávamos com o nome, mas tínhamos muita clareza do seguinte: os nossos princípios eram muitos. Resolvemos formar um grupo interno para que pudessemos conquistar a direção do partido para que a partir da tomada na direção pudessemos fazer um processo onde nossas convicções ideológicas pudessem ser colocadas em prática, mas no fundo pela própria forma como está organizado o partido, que é de um lado boa, mas ao mesmo tempo se torna um pouco emblemático, pois o partido tinha como princípio a questão democrática; na sua eleição era composta pela proporcionalidade; naquele momento conseguimos garantir a presidência do partido com Percival Tavares e conseguimos garantir também cerca de 45% do diretório. É como se o diretório fosse formado por cerca de trinta pessoas e nós tivéssemos garantido a presidência e tivéssemos garantido 14 diretores dentro do nosso grupo político. Porém as outras 16 cadeiras foram fragmentadas nas várias outras correntes. E lá dentro acabou havendo um bloqueio, até, talvez, certa aliança entre as outras correntes divergentes que não nos possibilitou fazer uma boa administração partidária. Quem está do lado de fora não consegue perceber; nós, por exemplo, dessa corrente, éramos trabalhadores comuns. Eu, por exemplo, continuava sendo trabalhador no comércio e continuava fazendo meu estudo assim como Percival continuava dando aula na universidade. Nós tentávamos conciliar toda nossa vida, enquanto a maioria dessas outras tendências partidárias internas já tinha maior facilidade, pois a maioria já era assessora de deputados, de vereadores, como se fizessem política partidária 24 horas por dia enquanto nós nos dedicávamos mais intensamente quando tínhamos uma hora mais livre.

Sofremos um grande bloqueio com nossa participação política. Todas as nossas ideias de fazer o partido avançar na questão de participação popular, de fortalecimento de núcleos, de formação política interna não avançaram, pois nessa época, dentro do Partido dos Trabalhadores, a formação política já tinha se acabado. Lamentavelmente uma vergonha para um partido político que pretende ter uma trajetória histórica de conscientização política abandonar esse ideal; nunca foi nossa intenção fazer parte com esse campo ideológico. Tanto é que a nossa inserção para dentro do Partido dos Trabalhadores para fazer parte da direção e ter a presidência era para fazer com que nós pudéssemos desenvolver uma política de formação para esse pessoal da nossa militância. Grande parte dessas outras correntes não queria a participação popular dentro do partido. Nós conseguimos fazer muitos encontros de formação política, mas as condições tornaram-se insuportáveis, as próprias relações acabavam sendo ofensivas por parte de nosso pessoal. Então, nós preferimos, momentaneamente, desistir desse caminho, pois não queríamos nos descaracterizar e nos despersonalizar, mas sim manter nossa coerência e nossa dignidade acima de qualquer jogatina e jogo politiqueiro.

Alexander: Por quanto tempo vocês ficaram na direção?

Flávio: Acredito que conseguimos ficar na direção durante três anos. E coincidiu justamente com a chegada do Lindbergh (Luiz Lindbergh Farias Filho) no município de Nova Iguaçu para ser prefeito.

Alexander: Você acredita que isso...?

Flávio: Isso no fundo acabou sendo (...). Não com a vinda de Lindbergh em si.

Alexander: Mas ele foi indicado (...)? Vocês não tinham como intervir nesse processo?

Flávio: A questão não passava nem muito por aí. Nesse momento de tensão interna o que estava posto na realidade: existia um grupo hegemônico dentro do partido, por exemplo, vou citar aqui alguns nomes. Tinha o Jurandir, o PC, o próprio Adeílson que no fundo ele tinha como concepção político-partidária fazer uma aliança com Nelson Bornier para ser vice-prefeito, que era do PMDB. Olha que coisa vergonhosa! E nós não aceitávamos isso de forma alguma; isso já foi uma briga interna muito grande, pois nós tínhamos que ter candidatura própria e nós não aceitávamos isso. Mas isso já estava tão desgastante que com a própria chegada do Lindbergh nós resolvemos sair. Tanto é que na época eu tentei vir a candidato a vereador e com toda minha boa trajetória de militância política e social nesse município eu fui barrado nessa candidatura. Hoje, eu tenho muita felicidade de ter aprendido muito com essa

caminhada e eu falo isso com muita tranquilidade. Qualquer grupo que eu vá conversar eu sempre digo que existe uma diferença muito grande de você olhar de fora a política partidária com uma visão romântica, apaixonada, utópica e ilusória do que você viver organicamente; se você quiser de fato conhecer como funciona a dinâmica de um partido político – eu só considero de fato uma boa intervenção política de qualquer pessoa a partir do momento que ela tenha vivenciado todas aquelas angústias – aí sim eu acredito que essa pessoa tenha condição de ter um debate político mais qualificado.

Alexander: Fale-me um pouco das conquistas da Pastoral Operária.

Flávio: Falar de conquistas. Eu acredito que a Pastoral Operária contribuiu, desde o seu surgimento, e continua a contribuir até hoje com a proposta de avanço para a classe trabalhadora. Resumidamente, eu lhe diria que ela nasce numa conjuntura em que se encontra junto com outros movimentos sociais como associação de moradores, os próprios partidos políticos; de saída de uma Ditadura Militar e redemocratização do país é muito importante porque contribuimos muito nesse momento com a organização da classe trabalhadora para intervir diretamente nos sindicatos, para a gente afastar o que nós chamávamos de pelegos, que eram os próprios patrões ou pessoas cooptadas pelos patrões. Cumprimos bem com a nossa tarefa; contribuimos para a Constituição de 1988. A Pastoral operária junto com outras pastorais sociais, a Pastoral da Terra, a Pastoral do Indígena, a Pastoral do Menor, a Pastoral Carcerária, dos Negros, dos Pescadores, a Pastoral dos Migrantes, das Mulheres Marginalizadas. Contribuímos muito com a Constituição de 1988! Até hoje, eu lhe digo, grande parte do povo brasileiro desconhece os seus direitos que tem ali dentro. Eu tenho rodado no município de Nova Iguaçu e alguns outros municípios que fazem parte da diocese para fazer essa reflexão com o pessoal: as eleições, aliás, a participação política, que inclusive se dá dentro do artigo quatorze da Constituição, que tem como preâmbulo direitos políticos. Nós desconhecemos quais são nossos direitos políticos!

Numa outra conjuntura, já nos anos 1990, veio todo esse processo da entrada do Neoliberalismo no Brasil e, lamentavelmente, Fernando Collor de Mello foi quem abriu as portas para isso e a classe trabalhadora – é como se tivesse entrado um tsunami em nosso país e colocasse todas as nossas certezas para o ar – perdeu muito com isso, mas mesmo assim a gente tentou manter a resistência. Com as nossas Romarias dos Trabalhadores. Nós estamos na Vigésima Terceira Romaria. Se fizermos um retrocesso mais ou menos, acredito que começamos com a Romaria dos Trabalhadores no final de 1989. Agora, o nosso grande desafio

hoje está sendo, justamente, em repensar qual é o papel da Pastoral Operária na atual conjuntura. Nós temos hoje, no nível de Brasil, duas linhas que a gente tirou fruto de uma assembleia. Essa nossa característica talvez fosse muito importante relatar: nossa metodologia de trabalho dentro da Pastoral Operária. Sempre tentamos desenvolver um trabalho dentro de uma coerência, como uma espécie de hierarquização, mas no fundo essa palavra, em minha opinião, é um pouco desqualificada. Você tem um grupo de base. O grupo de base funciona dentro de um espaço geográfico; nesse momento eu vou falar para você que é um espaço geográfico dentro do município. Então você tem vários grupos de base dentro do município; a partir daí você tenta formar uma espécie de coordenação municipal; dessa coordenação municipal você a amplia para uma coordenação diocesana; e da coordenação diocesana você vai para outro nível que é uma coordenação estadual; e da coordenação estadual a gente leva para a coordenação nacional. No fundo, a Coordenação Nacional é uma espécie de culminância de todo esse processo, porque você tem sempre aí uma eleição de como é que você vai ocupando esses cargos dentro da direção. Você tem que ter dentro de um grupo três funções básicas: você tem o coordenador, que muitos chamam de animador do grupo; você tem o vice-coordenador ou vice-animador; você tem o agente que faz o relato das reuniões, o secretário ou secretária, que faz a ata das reuniões, a memória das reuniões e tem também o tesoureiro ou tesoureira. A gente faz todo esse processo, quando de três em três anos promovemos o que chamamos de Assembleia Nacional, onde compomos o nosso colegiado nacional e temos traçadas nossas diretrizes de ação durante os três próximos anos da Pastoral Operária no Brasil.

Alexander: Como você enxerga o trabalho da Pastoral Operária nas bases. Gostaria que você falasse um pouco do trabalho da Pastoral Operária nas bases?

Flávio: O trabalho da Pastoral Operária nas bases pode também ser dividido temporalmente. Eu não participei na realidade; outras pessoas teriam mais propriedade para falar como Percival Tavares, o Salvador, o Beto de Nilópolis, o irmão dele Luís e outras pessoas mais; a Isa. Pelo que eu sei, o maior momento de efervescência da Pastoral Operária foi entre as décadas de 1980 e 1990. Eu calculo que só na Diocese de Nova Iguaçu devia ter uns cinquenta grupos de base espalhados pelo município que nós temos; na época de trinta e cinco a quarenta paróquias, bem expressivos. No outro momento, entre as décadas de 1990 até os anos 2000, eu acredito que esse grupo de base tenha se reduzido para uns dez; e da década de 2000 para cá, aqui na nossa diocese, somente dois grupos ainda carregam esse nome de Pastoral Operária com o próprio Beto, a Isis. Agora vale ressaltar também que isso esteja associado com esse novo desafio posto pela própria militância da Pastoral Operária.

Há três questões importantíssimas. Se num primeiro momento nós participantes da Pastoral Operária entendíamos que era fundamental a organização da classe trabalhadora para poder a partir daí conquistar os sindicatos, creio que nós cumprimos muito bem a nossa tarefa naquele momento; já num segundo momento, entre as décadas de 1990 ao ano 2000, a gente teve, talvez pulando um pouco mais, pois com a transição do Neoliberalismo, com a chegada de Fernando Collor de Mello que afundou nosso país e entregou nosso país até 2005. O Governo Lula assumiu quando?

Alexander: Em 2002.

Flávio: Na realidade, até 2002, nós tivemos todo esse “tsunami” nas nossas organizações sociais e isso fez também com que muita militância da Pastoral Operária – pela própria sobrevivência, pelo próprio dinamismo social da sobrevivência do mundo do trabalho, do papel da própria Igreja nesse processo, a diminuição da política ideológica, da linha ideológica da Teologia da Libertação – arrefecesse, e, lamentavelmente, a própria decepção com muitas direções de sindicatos, que, até então, tinham muita credibilidade da classe trabalhadora; e também há uma coisa muito ambígua, porque muitos companheiros que foram também da Pastoral Operária e que acabaram assumindo algum papel dentro do sindicato pode ter se perdido nessa máquina, que é muito convidativa. Se você não tiver princípios muito fortes e com uma formação ideológica muito forte, você acaba sucumbindo. A minha saída dentro do Sindicato do Comércio deveu-se fundamentalmente a uma questão de não abrir mão de princípios éticos e de convicção ideológica e de transparência, de participação popular, de democracia. Esse é um ponto, para mim, que eu não quero abrir mão enquanto eu estiver vivo.

Num terceiro momento, que, talvez seja hoje, porque nós inclusive da própria coordenação nacional percebemos é justamente isso. É muito salutar o título que demos para a nossa cartilha de 1º de maio. Porque hoje nós continuamos com uma linha de formação ideológica para a nossa classe trabalhadora. Produzimos ainda hoje inúmeros materiais de reflexão política. Temos produção na data do dia 8 de março, que é o dia internacional das mulheres; nós produzimos materiais fantásticos de reflexões belíssimas; temos outro material superimportante que é um material de reflexão sobre o 1º de maio; o título que nós demos para a nossa cartilha no ano de 2010: “para onde vamos ou para onde queremos ir.” Porque no fundo a própria chegada de um militante, oriundo dos movimentos sociais, que é o presidente Luís Inácio Lula da Silva – que me parece que inclusive passou por grupos de Pastoral Operária, lá no ABC, em São Paulo – traz um grande questionamento se de fato ele está colocando em prática todos os

nostros anseios enquanto parte da classe trabalhadora, que inclusive tentou, junto com partidos e outros movimentos sociais, imprimir nessa sociedade uma defesa intransigente de todos os direitos e conquistas para as classes trabalhadoras desse país. Então nós produzimos esses dois materiais tanto sobre o 8 de maio quanto o 1º de maio; e também produzimos um material muito bom sobre Santo Dias. Santo Dias da Silva simboliza o nosso maior referencial de militante pastoral como militante político, porque foi um homem que conseguiu conciliar, brilhantemente, a sua inserção tanto no meio popular quanto na sua dimensão e conquista dos trabalhadores através dos sindicatos. Ele foi morto, assassinado covardemente no tempo da Ditadura Civil-Militar em frente à fábrica Sylvania, em São Paulo, no dia ...

Alexander: No dia 30 de outubro de 1979.

Flávio: Para nós é compromisso identitário manter essa nossa linha coerente e ideológica. É claro que nós, hoje, nesse contexto de 2010, temos quase uma certeza, porque não temos certeza de nada, mas sabemos muito bem aonde tentamos chegar e jamais queremos abrir mão de nossos princípios e convicções de aliança com a classe trabalhadora, que merece ter sua dignidade humana promovida e exercida, proporcionada pelo aparelho de estado que são as políticas sociais.

Entrevista:

Temática: Memória de Dom Adriano Hypólito e Pastoral Operária

Data: 30 de setembro de 2010.

Local: Centro Sócio-político da Diocese de Nova Iguaçu.

Entrevistador: Alexander de Souza Gomes

Entrevistados: Rosana Xavier Ferreira e Flavio Antônio Brandão

Cargos que ocupam na Igreja: Coordenação Municipal de Nova Iguaçu do Projeto Sociopolítico da Diocese.

Duração da entrevista: 1h 25m 41s.

### ANEXO E - Entrevista de Professor Dr. Percival Tavares

Alexander: Quando o senhor chegou aqui em Nova Iguaçu?

Percival: Cheguei em Nova Iguaçu em 1984. Na verdade, em 1º de abril de 1984. Não demorou muito, fui, por intermédio do Pe. Agostinho Pretto, trabalhar no Secretariado Nacional de Pastoral Operária, em Duque de Caxias/RJ. Quem nos dava apoio lá era a Diocese de Duque de Caxias e São João do Meriti através de Dom Mauro Morelli. Ele nos cedia o CGC da Diocese, pois a Pastoral Operária nunca se constituiu como entidade jurídica. Era uma coordenação nacional de pastorais operárias organizadas em várias dioceses pelo Brasil afora. Cheguei aqui em Nova Iguaçu e fui trabalhar lá no Boletim Nacional da Pastoral Operária e somar na equipe de formação na produção subsídios de educação popular. Posso tentar ajudar você a identificar o foco da Pastoral Operária. Ao mesmo tempo em que eu trabalhava no Secretariado Nacional, fazia um trabalho aqui na Diocese de Iguaçu, trabalho de educação política popular para despertar as pessoas para as questões políticas. Foi aí, a partir de 1984, que tive contato com a Pastoral Operária, que, conforme minha análise, já estava declinando na Diocese de Nova Iguaçu. Não em nível nacional. Uma PO Diocesana que tinha tido uma história riquíssima. Eu não tenho essa história na mão pois não vivenciei este momento local



nem tive condições de fazer uma pesquisa mais aprofundada. O que eu sei, vem de documentos e relatos orais de militantes cristãos ligados à Pastoral Operária e aí certamente corro o risco de ter uma visão um tanto distorcida. Mas é indiscutível que desde meados dos anos 70 existiram grupos com liberados para fazer o trabalho de pastoral operária na Diocese de Nova Iguaçu. Os trabalhadores estavam organizados em pastorais operárias no distrito de Belford Roxo em bairros como no Lote XV, Gogó da Ema entre outros. Lembro, a partir de pesquisa, do trabalho de assessores como Ivo Lesbaupin (um dos dominicanos que com frei Betto e frei Tito formaram grupo de resistência ao regime militar de 1964)<sup>261</sup>, o metalúrgico Joaquim Arnaldo, Adair Rocha, entre outros. Eu faço alguma referência em minha dissertação. Havia outros grupos, por ex., um grupo de Pastoral Operária no bairro Guandu que se organizava em torno de Maria José; outro em Belford Roxo em torno do metalúrgico Dico. E o que percebi quando cheguei? Já era uma Pastoral Operária em declínio. Não consigo identificar os motivos, se devido à conjuntura nacional ou a uma conjuntura interna da própria diocese. Penso que as duas coisas estavam conjugadas. E a ação de Dom Adriano estava voltada à organização dos trabalhadores, mais no sentido de apoiar os trabalhadores para se organizarem. Conheci o trabalho riquíssimo que ele teve nesta linha. Ele tomou pelas mãos as empregadas domésticas. É uma história riquíssima a do sindicato das domésticas. Só isso dá uma bela dissertação. O papel de Dom Adriano com as empregadas domésticas. Ele tinha um carinho muito especial por elas. Ele trabalhava nessa linha de apoio. A partir de 1994 quando Dom Adriano se torna bispo emérito, mas sobretudo a partir de seu falecimento em agosto de 1996, a Diocese de Nova Iguaçu, diferentemente do contexto anterior, passa a ter um episcopado menos envolvido. Sobretudo com Dom Werner Siebenbrock, seu sucessor, que era contra a linha de uma Igreja engajada; agora nós temos Dom Luciano Bergamini que não se define ou fica muito em cima do muro. Mas isso faz parte de uma conjuntura no mundo neoliberal, de uma Igreja que retrocedeu; uma globalização com embate forte que vem com as seitas fundamentalistas para o Brasil e, simultaneamente com a Renovação Carismática que consolida-se, algo tentado na década de 1970 mas que só então encontra repercussão social. Quem pesquisa isso sabe que vieram recursos externos, dos Estados Unidos e da Holanda, por exemplo, para minar o que seria a Teologia da Libertação.

Mas voltando a Dom Adriano, ele foi esse homem de apoiar e que continua referência até sua morte. Mas a partir do início dos anos 1980, há uma mudança muito forte no perfil da diocese.

---

<sup>261</sup> Ver Frei Betto, *Batismo de sangue: guerrilha e morte de Carlos Marighella*, 14ª ed. revista e ampliada, Rio de Janeiro: Rocco, 2005, p. 78.

Com a abertura política do regime militar de 1964, muitos intelectuais que estavam politicamente abrigados na Baixada Fluminense e contavam com o apoio da Igreja, foram retornando aos seus espaços de origem, voltando ao Rio de Janeiro onde não havia tanta proteção. Por causa desta sua postura, Dom Adriano foi chamado de comunista, foi sequestrado, torturado; igrejas foram pichadas e em dezembro de 1979 uma bomba explodiu no Altar Mor da Catedral da Diocese. Nós vamos perceber nitidamente aqui na Diocese de Nova Iguaçu aquilo que Gramsci fala: não há organização sem intelectuais, sem direção. Essa saída de intelectuais vai pesar muito na diocese. Esse pessoal foi lentamente voltando e deixando quase que em descoberto um trabalho de base e de organização popular que era fundamental. Esse é um dado. Outro dado é que a Igreja é também um espaço de disputa hegemônica. Essa guerra interna nós vamos perder, a começar pelo Vaticano. Vamos perder, a começar pelos grandes Boff, Gutierrez, Hans King, que não era bem Teologia da Libertação, mas estava nessa linha e outros que vieram sendo paulatinamente abatidos. Esses eram homens de ponta. Mas havia outros que trabalhavam mais na base, multiplicadores; esses também foram perdendo espaço. A riqueza do tempo de Dom Adriano estava em que ele puxava a Diocese e as pessoas iam atrás, e aqueles que eram contra tinham vergonha, ou mesmo faltava ousadia, de jogar uma pedra no caminho para atrapalhar. Havia sim resistência interna, mas esta era muito mais camuflada, reticente e devagar, pois era sabido que o bispo estava envolvido. Diferentemente da conjuntura anterior, quando muda o perfil de bispo, de bispo que é contra ou de bispo que não se sabe bem o que é. Nesta conjuntura o conservadorismo retoma fôlego na Diocese de Nova Iguaçu. Posso até historicamente estar sendo injusto, mas é a análise que faço hoje desta situação. Tudo o que é possível ler, inclusive o próprio ambiente, aponta para isto. Por ex., a celebração diocesana do 1º de maio de 2010, em Mesquita, foi uma vergonha. A celebração aconteceu como se não fosse de trabalhadores. A religiosa que substituiu a Zilda Arns na Pastoral da Criança foi figura central. Tudo esteve voltado à Pastoral da Criança. Não havia o que lembrasse o 1º de Maio. Faltavam trabalhadores na cena. Então, esse é o pano de fundo!

Alexander: Nesse pano de fundo, poderíamos considerar Dom Adriano como um intelectual orgânico?

Percival: Olha, não sei se o consideraria Dom Adriano como intelectual orgânico. Intelectual orgânico existe. Faz parte do sistema. Nós temos a tendência de ver o intelectual orgânico só em relação às classes subalternas, aos “simples”, como diz Gramsci. Mas não podemos esquecer que também há o intelectual orgânico às classes dominantes. Dom Adriano se colocava como pastor. Aí o negócio é complicado. Como nós vamos caracterizar uma pessoa

que se coloca como pastor que tenta trabalhar as relações na forma de fraternidade. Essa é a questão que está sendo colocada. Esse é um nó dentro da Igreja. “Somos todos irmãos, mas eu faço a opção preferencial”. Acho que essa história da opção preferencial da Igreja aponta justamente para isto. “Tudo bem, eu tenho dez filhos, mas faço a opção preferencial por esse mais fraquinho, que leva bordoadas dos outros irmãos, ralho com o filho que bate no menor, mas o fato é que todos são irmãos”. Essa lógica acaba sendo perversa. Ao invés de demarcar posição histórica, e eu diria até classista, nivela todas as pessoas, e nos discursos isso acaba quebrando qualquer resistência mais forte de quem está com um trabalho mais engajado.

Alexander: Nas leituras que tenho feito sobre Dom Adriano ele se coloca ao lado dos pobres e que na América Latina seria o povo.

Percival: Esse conceito de intelectual orgânico, eu chego a falar em minha dissertação e em outro texto posterior: eu falo que a Igreja teve um papel histórico muito interessante no Brasil e também na América Latina, mas há um certo momento histórico ela recuou. Ela não se percebeu como verdadeiro intelectual que deveria estar orgânico a alguma classe, a um grupo social. Isto parece evidenciar-se quando a Igreja no Brasil, mais precisamente a CNBB, por volta de 1986, vem a público dizer que os trabalhadores já estavam suficientemente organizados e que por isto ela, Igreja, precisava retirar-se.

Alexander: Mas isso se deveu às medidas tomadas pelo então Cardeal Ratzinger?

Percival: Pois é! Mas ela se retirou e isto criou um problema muito sério. Ela simplesmente deixou os subalternos, os simples, como prefiro, sem qualquer apoio. E agora! É preciso perceber, principalmente com as condições de hoje, os limites da intervenção da Igreja. A Igreja no fundo é composta por distintos intelectuais, neste sentido é preciso tomar muito cuidado quando se fala de Igreja. Temos Igreja hierarquia e Igreja povo. A todo o momento quando falamos de apoio da Igreja parece que só estamos referindo à hierarquia, mas também estamos falando de Igreja povo, os leigos. Mas é importante demarcar, distinguir Igreja hierarquia e Igreja povo. Como Gramsci, consideramos que “todos os homens são intelectuais” e, como ele, entendemos ser necessário distinguir os graus de intelectuais. Da mesma forma, há na Igreja povo, níveis de intelectuais. Grosso modo, podemos classificar os leigos em “simples” e intelectuais e socialmente mais organizados e orgânicos. Seria preciso fazer um desenho dos tipos de intelectuais no interior da Igreja. E como é que se dá essa relação no interior da Igreja? Além da hierarquia, há os intelectuais leigos que seriam os grandes mentores das questões sociais e que, sobretudo neste período, por meio de uma Pastoral Operária, de uma

Comissão Pastoral da Terra, das Pastorais Sociais, influirão na elaboração das cartas e documentos da CNBB.

Alexander: Tanto intelectuais hierárquicos quanto intelectuais leigos?

Percival: Perfeito. Aí é que está a diferença. Toda hora buscando escapar dessa idéia reducionista de hierarquia. O referencial dos intelectuais “povo”, ligados mais a base seria a classe enquanto classe. Por isto, é preciso cuidado com o posicionamento “opção preferencial”! Como é possível falar que a opção de Medellín não é pelos pobres, mas “opção preferencial pelos pobres”? A Igreja fala em “opção preferencial”, que precisa tomar uma posição ao lado dos pobres, mas que não pode deixar os demais de fora. Neste sentido, a “opção preferencial” será sempre contraditória. Nós temos uma Pastoral Operária preocupada em organizar partidos políticos, em organizar os trabalhadores no bairro, no local de trabalho, no interior da própria Igreja. No entanto, embora preocupada em organizar os trabalhadores a partir da fé engajada, a Pastoral Operária sempre rechaçou a ideia de neo-cristandade, ela nunca se colocou na perspectiva de constituir movimentos de Igreja. Pelo contrário, a Pastoral Operária sempre trabalhou na linha de ajudar o trabalhador a se despertar para a questão política, de refletir a política a partir da própria fé, crescer nesse sentido, mas nunca defendeu puxar movimento próprio, um movimento da Pastoral Operária. Se havia alguma organização era para fazer com que os trabalhadores se despertassem para a questão da política dentro da própria Igreja, mas que o seu lugar de atuação política dentro da Igreja é no embate hegemônico, internamente para fazer valer os interesses dos trabalhadores, por isso vai influir na elaboração de documentos e, externamente, motivar os trabalhadores para serem sujeitos políticos nas organizações dos trabalhadores. Quando você vê um 1º de Maio como o de 2010, fica patente que a Pastoral Operária praticamente acabou na Diocese. O discurso de Pastoral Operária continua, mas na prática já não existe enquanto organização, pois não está influenciando em nada.

Alexander: Não tem mais um discurso politizante?

Percival: Hoje, efetivamente a Pastoral Operária já não existe. Existe um discurso difuso de uma hierarquia e de alguns remanescentes ainda voltados aos trabalhadores, mas não existe o trabalhador se organizando a partir da fé para ficar cutucando e cobrando um posicionamento mais consequente da Igreja como um todo. Já não há esse papel interno à Igreja riquíssimo da Pastoral Operária dos anos 1970 e 1980. Estou falando em Diocese de Nova Iguaçu, porque em alguns lugares pelo Brasil a Pastoral Operária continua a ter um papel interessante, embora o perfil do trabalhador brasileiro tenha deixado de ser fundamentalmente de operário fabril.

Outro dado interessante refere-se à forma de atuação e organização da Pastoral Operária. Os trabalhadores cristãos organizados em grupos de Pastoral Operária se reuniam periodicamente, uma, duas, três, 4 vezes ao mês, para à luz da fé refletirem e atuarem sobre a sua realidade de trabalhadores e fazerem análises de conjuntura. Aí, a partir da Revisão de Vida Operária, iam se formando e se engajando nas lutas sociais e políticas. Tudo isto ia respaldando e estimulando os militantes da Pastoral Operária a desafiarem a Igreja como um todo a se comprometer com a causa dos trabalhadores, estimulando-os a darem respostas e a se engajarem na luta sindical, nas lutas do bairro, na luta partidária. Lá na luta, no entanto, nunca falando como Pastoral Operária, mas como trabalhador e morador de bairro, como militante sindical e partidário. Os seus referenciais são a fé cristã e a classe trabalhadora, no entanto nunca vai à luta para defender o cristianismo, mas para somar-se aos demais trabalhadores na construção do Reino de Deus. Neste sentido, talvez esta seja outra chave de leitura interessante para você entender a Pastoral Operária e que o apoio de Dom Adriano está nesse espírito de ajudar os trabalhadores a se organizarem. Dom Adriano não estava preocupado de conhecer a religião, o partido, a ideologia das pessoas que buscavam seu apoio e das que se engajavam nas lutas sociais. Sua preocupação maior era apoiar a organização dos pequenos e pobres, sem fazer qualquer distinção. Por isso, ele foi taxado de comunista, de “bispo vermelho” pelos inimigos da emancipação dos pobres e pequenos.

Alexander: Podemos dizer que a formação desses leigos aconteceu nas bases da Igreja? Através das leituras feitas consigo visualizar que esse discurso nas bases da Igreja vai servindo como alimento.

Percival: Acho que uma coisa foi perdida. Teremos uma reunião agora no Centro Sociopolítico. Se você quiser acompanhar... Estamos com um problema seríssimo! Em primeiro lugar, as pessoas estão criando grupos de Fé e Compromisso e organizando grupos para acompanhar a Câmara de Vereadores, para acompanhar as políticas de saúde, etc. Mas não é bem isso! Perdeu-se o foco! Dificilmente a Igreja hierarquia vai dar o seu apoio até as últimas consequências. Na hora do embate, como já aconteceu, ela recua. Pois há interesses e compromissos envolvidos. Em segundo lugar, isso na forma como está sendo desenhada está cheirando um retorno à cristandade da Idade Média, uma neo-cristandade, pois a Igreja está parecendo querer orientar como fazer, na mesma linha do ensino de religião na escola. Entendo, no entanto, que ela precisa se colocar no lugar como Igreja, mas não definidora de uma sociedade mais ampla que a própria Igreja. As pessoas continuam a ser despertadas e começam com pequenos trabalhos, mas não conseguem avançar porque não buscam somar

forças, não estão lá para se somar à sociedade civil popular nem aos grupos desorganizados. Porque hoje é fortíssima a influência neoliberal para o desmonte dos movimentos e a incorporação de suas lideranças aos governos de plantão.

Alexander: Giovanni Arrighi fala do arrefecimento da marcha em função da ação neoliberal.

Percival: Tudo isso, tudo virou mercadoria. Negócio complicado, tudo passou a ser objeto de compra e venda. Esse trabalho militante de muita energia, de compromisso social e político, eu não diria voluntário porque até disso a linguagem neoliberal se apropriou, mas de doação por uma causa foi engolido. Muitos estão na política não porque estão querendo construir uma nova sociedade, mas por interesses mais imediatos e individualistas. Eu não digo todo mundo. Assim, temos um problema seríssimo de como fazer isso avançar. Talvez a metodologia e a filosofia da práxis de como fazer nos ajudem avançar. Imaginemos, Alexander, a partir de meados dos anos 1980, um grupo de trabalhadores que se reúne semanalmente na sua comunidade eclesial de base. No grupo havia um metalúrgico aposentado ítalo-brasileiro que não recebia, uma professora, um estudante, um professor, eu no caso, e dois comerciários. E aí fazíamos a Pastoral Operária acontecer. Como é que a gente trabalhava? A gente tinha uma pauta de duas a três horas por semana, a cada quinze dias, no início do ano fazíamos um planejamento, antevíamos os grandes momentos e fatos políticos do ano. Promovíamos eventos nos momentos políticos fortes para formar e informar as pessoas do bairro. Conhecíamos as pessoas referências no bairro, pessoas não só da igreja, mas também evangélicos e agnósticos. Convidávamos essas lideranças e demais para discutir, por exemplo, as eleições municipais. Depois de alguns encontros de formação política como este, certa vez o grupo se perguntou “como levar o conteúdo da discussão ao povo mais simples?” Foi aí que surgiu a ideia de elaborar uma história em quadrinho com o conteúdo da discussão. Isso foi uma discussão de duas a três horas num fim de semana. Foi decidido que duas a três pessoas recuperariam em texto as principais ideias debatidas, para em novo encontro os demais emendarem e darem a ele o formato de diálogo, de conversa. Depois disso, duas pessoas do grupo faziam os desenhos para uma história em quadrinho incorporando o diálogo.

Alexander: Isso para originar a história em quadrinho?

Percival: A folha em quadrinho era de quatro páginas. De que forma a gente fazia isso? Era uma forma bem primitiva. Desenhos que você nem se via o rosto das pessoas. Mas o que acontecia? O texto voltava da reunião e as pessoas viam o texto. O texto era de duas páginas frente e verso, formato A4. Fizemos algumas histórias em quadrinhos. Nunca teve mais de

quatro páginas. E esse pessoal que a Pastoral Operária convocava se informava e formava no debate sobre o assunto e no processo de elaborar e reelaborar a história em quadrinhos. Estava muito em voga à época o programa “Você Decide!” da Rede Globo. A gente usava o motivo ideológico da Rede Globo para fazer a história em quadrinho. Em forma de diálogo, colocávamos duas pessoas conversando sobre o desemprego. Depois de fazer de 2 a 5 mil cópias, havia uma tarefa comum a todos os participantes: saímos dois a dois a andar pelas ruas do bairro com a pessoa referência da rua “X”, que tinha a tarefa de bater à porta do seu vizinho e abria o contato para o grupo. Duas pessoas ficavam ali conversando com vizinho, enquanto ela seguia em frente para outra casa com outros dois do grupo. Fazíamos à semelhança das Testemunhas de Jeová. Íamos de casa em casa passando e distribuindo as histórias em quadrinhos. Dizer isto parece mentira, mas nós nunca vimos aqueles papéis jogados na rua. As pessoas paravam seus afazeres naquela hora e não nos deixavam avançar na rua. E ficávamos 10, 15 minutos, meia hora, discutindo política. Havia dias em que não conseguíamos a atingir muitas pessoas, pois passávamos uma manhã toda numa única rua. Pegávamos emprestado ao sindicato dos comerciários seu carrinho de som para a atividade; era um carinho de mão com som à bateria, com o qual a gente saía fazendo barulho. Esse trabalho foi muito educativo.

Esse núcleo duro da Pastoral Operária, motivador, composto de cinco a seis pessoas, se reunia semanalmente para, além de promover atividades de formação junto à comunidade e ao bairro, fazer Revisão da Vida Operária e estudos. Relato uma atividade muito interessante, exemplar de como o agrupo agia. Num desses encontros de Revisão de Vida Operária, o Luís falou que seu maior problema era não ter a carteira de trabalho registrada no comércio. Então o grupo ficou mais de um mês pensando uma forma de ajudar o Luís, sem que não se expusesse, a ter a carteira assinada. Certo dia, depois de muito bate-cabeça, um do grupo perguntou ao Luís se ele estava estudando e se ele conseguia chegar à escola no horário para estudar. Ele respondeu que nunca conseguia chegar na hora. Sua resposta foi a dica para o grupo traçar uma tática para tentar seu registro. O Luís iria conversar com a diretora da escola e diria a ela que estava encontrando muita dificuldade para chegar no horário do início das aulas. Pediria se ela não poderia enviar uma carta ao patrão do Luís para que ele o liberasse mais cedo do trabalho. Era essa a tática. Se diretora aceitasse enviar a carta e o seu patrão mordesse a isca, o Luís estaria registrado. A diretora aceitou fazer a carta, carta que ele entregou ao patrão-diretor da empresa. Este respondeu em um documento à diretora dizendo que não seria possível... E o grupo aconselhou o Luís a, antes de entregar a carta à diretora, tirar uma cópia autenticada e guardá-la. Reunimo-nos e bolamos a tática. Ele procuraria o patrão e diria que queria ser registrado,

pois ele tinha cópias do documento guardadas com pessoas amigas, documento que comprovaria seu vínculo empregatício com a empresa. Num espaço violento como a Baixada Fluminense, o anúncio de mais cópias distribuídas daria maior salvaguarda ao Luís e ao grupo. Moral da história: ele acabou registrado! Depois disso, o grupo ajudou a organizar os trabalhadores do comércio de Nova Iguaçu e Baixada Fluminense para retomar os sindicatos que estava nas mãos de pelegos desde o golpe militar de 1964. Da mesma forma, discutíamos as questões do bairro, as questões políticas e as questões do trabalho. Da mesma forma, quando o Luís começou a atuar na política partidária, encontrou na Pastoral Operária espaço para aprofundar suas questões partidárias. Assim a Pastoral Operária se constituía como espaço para despertar as pessoas para o engajamento político e se alimentarem na luta.

Alexander: Esse é o ponto que quero retomar para enxergar de que maneira esses leigos formados e informados vão se engajando nesses movimentos e a partir dessa sua linha de ação eles vão contribuindo para ações concretas.

Percival: Vamos ter um curto circuito nesse processo, porque a Igreja hierarquia quase sempre põe um freio de mão a frear. Quando as pessoas começam a se engajar, já naquele tempo, se não é ela, a Igreja hierarquia, quem está puxando, ela não se reconhece nem reconhece como ação de Igreja; em segundo, na hora da dificuldade provavelmente o leigo não vai poder contar muito com o apoio da Igreja. Com exceção de Dom Adriano que estava sempre disposto. Mas de uma maneira geral havia comportamentos meio esquisitos como: você pode se engajar, mas desde que esteja dentro do enquadramento.

Alexander: Essas ações que aconteciam aqui (em Nova Iguaçu) jamais poderiam ser vistas no Rio com Dom Eugênio.

Percival: Jamais. Mesmo porque a situação era bem diferente daqui. Mas estou falando das contradições nos modelos de hierarquias e de padres na Igreja de Nova Iguaçu. Um grande problema, que está aí, e que eu discuto isso na minha dissertação.

Alexander: Ao mesmo tempo em que Dom Adriano, representante da hierarquia da Igreja em Nova Iguaçu, mas tinha um pensamento progressista, mas havia resistência.

Percival: Sim, havia resistência! Nessa linha, nós vamos ter uma situação muito interessante. A atração que Dom Adriano exercia sobre as pessoas engajadas. Como agora, nós vamos ter um perfil de um clero conservador, com raras exceções, com divisões internas; um puxando para um lado e outro puxando para o outro. Não quero nem entrar em problemas mais complicados



em outras áreas. O fato é que a linha está muito mais conservadora e as coisas atraem nessa linha. É importante termos esse referencial, pois as coisas se puxam. Eu vim para cá em 1984, porque sabia que aqui era um espaço de respiro e que se podia trabalhar nessa linha (progressista). Eu também estava sob o impacto de repressão do Vaticano uma linha mais de educação popular, de divulgação popular das ideias da Teologia da Libertação, eu, peixe pequeno que eu era, sem maiores articulações políticas, fui rapidamente reprimido. Na verdade, nós vamos ter, naquele momento, um perfil de pastoral meio complicado, que autores vão chamar, tem outros nomes, mas naquele momento se falava em populismo pedagógico. O que vem a ser o populismo pedagógico? Uma linha vanguardista, mas que é denominado basista. Por que vanguardista ou basista? É contraditório, não é? Mas na verdade é o seguinte: o perfil é de uma Igreja em que muitos intelectuais defendem que tudo “o que vem do povo é bom!” “O povo sabe!” Uma compreensão de que o povo é bom em si. E aqui faço um parêntese, uma coisa é você fazer opção pelos pobres, por uma classe explorada; outra coisa é você desconhecer os problemas que você encontra aí. Não podemos desconhecer que o “oprimido, como diz Paulo Freire, tem o opressor introjetado dentro de si”, ele também quer ser opressor. É a lógica do sistema introjetada. Para você ter uma ideia, eu me lembro, quando saí para fazer mestrado alguém ligado à Teologia da Libertação disse-me que eu não precisava fazer mestrado, pois o povo não precisa estudar! Numa linha de engajamento, isso é muito complicado. Pelo contrário, eu acho que o intelectual orgânico, aquele que surge literalmente do meio popular, ele deve se preparar justamente para ser direção e ajudar as coisas avançarem. Mas se você começa a se preparar, você pode fugir do controle. Essa prática de controle da “grei” e a falta de apoio nos momentos difíceis são práticas políticas deletérias para qualquer atividade de engajamento consequente. Porque uma coisa é você ter um grupo de Pastoral Operária que está constantemente refletindo e apoiando você. Outra é você encontrar-se, de repente, desgarrado de um grupo como a Pastoral Operária e sentir-se sozinho em seu engajamento político. Sozinho, nos embates políticos partidários e sindicais, ao militante cristão restam três alternativas: 1) afastar-se da Igreja porque não encontra apoio para seu engajamento a partir da fé; 2) afastar-se do engajamento político voltando a uma fé intimista, ou 3) desenganar-se da fé cristã e do engajamento político. Neste caso, o grande contratestemunho da Igreja que leva ao abandono de tudo para seguir egoisticamente o próprio caminho.

Uma pesquisa interessante que está aí para ser feita é saber as origens dos militantes. Quantos hoje engajados na política vieram das comunidades eclesiais de base, das pastorais sociais.

Pessoas que vieram desses trabalhos de despertar. Nós perdemos esta prática e já não fazemos mais análise de conjuntura. Fazemos hoje muitos estudos da realidade, mas perdemos a embocadura de refletir a própria prática. O engajamento é fruto dessa reflexão da própria prática e essa reflexão leva ao engajamento. O engajamento leva à reflexão. Não se sabe se você está engajado porque reflete ou está refletindo porque está engajado. Esse jogo é de teoria e prática ou prática e teoria. Eu acho que a Pastoral Operária foi muito rica até esse momento que cheguei em Nova Iguaçu. Eu posso dizer que a partir de 1984 não havia muitos grupos de Pastoral Operária. Havia o nosso grupo aqui em Moquetá, um em Nilópolis, outro na Chacrinha com o Flávio e Ewandro. Não me lembro mais. Havia outros grupos já fraquinhos no Lote XV. Mas nos anos 1990 somente estes terão permanência, porque não se trabalhou de uma forma orgânica o processo. Por que esse de Moquetá sobreviveu até então? Ele nasceu em 1985. É posterior. Não é daqueles primeiros. Nasceu porque eu estava na Pastoral Operária Nacional e eu estava também envolvido com o Movimento Constituinte.

Alexander: O movimento de Moquetá foi o primeiro a nascer? Na década de 1978, 1979 Dom Adriano na década de 1980 elege a Pastoral Operária como a principal pastoral de sua diocese.

Percival: Volto a dizer. Em meados da década de 1980 esse grupo vai surgir, mas havia outros grupos; alguns outros já havia inclusive arrefecido. Esse de Moquetá não é dos primeiros. Eu vou para o Secretariado Nacional da Pastoral Operária em 1985. Aí trabalho o movimento constituinte. Nesse período, esse caldo de luta constituinte vai criar condições para a gente trabalhar com jovens da Pastoral da Juventude, e aí criar grupo da Pastoral Operária mais precisamente em 1986. Esse grupo vai conseguir vai fazer um trabalho interessantíssimo: o engajamento do Luís, a conquista do sindicato dos comerciários que ajudamos, o calcamento e saneamento do bairro a partir da intervenção do Prefeito que em Campanha Eleitoral veio prometer obras sem interesse de cumprir. Obras que organizamos o povo para cobrar sua realização e conseguimos.

Alexander: E a respeito de uma marcha até ao governador do Estado. Havia membros da Pastoral Operária envolvidos.

Percival: Havia! Mas havia um problema muito sério, pois não ia como Pastoral Operária. Aqui por exemplo, o grupo estava organizado, lá no início dos anos 1990; aconteceu do Prefeito vir aqui. Ele tomou posse em 1993. Ele veio em campanha para deputado estadual e rodava pelos bairros do Município só com promessas de Campanha. Mas o grupo de Moquetá que fazia constante análise de conjuntura local, mas nunca pretendeu disputar a direção da Associação de

Moradores de Moquetá. A gente achava que não devia perder tempo com disputa pela sua direção, pois ela não funcionava e não adiantava ficar lutando, pois a gente fosse lutar íamos nos desgastar sem necessidade. O grupo preferiu não entrar nisso e contar com a direção “vitalícia” da associação de moradores quando necessário. De que forma? A gente fazia política e quando precisava legitimar a gente pedia a assinatura legitimadora da AM. Quando convocados, nós comparecíamos. Pois bem, de repente nós moradores somos convocados pela presidente para uma reunião, a qual, para nossa “surpresa”, o Prefeito Altamir Gomes apareceu “de forma inesperada” a uma reunião que quase nunca acontecia... Nós da Pastoral Operária não íamos como Pastoral Operária, mas como moradores do bairro. Foi até interessante. Havia cerca de 50 pessoas e o Prefeito apareceu. Tudo armado! O pessoal da Pastoral Operária, que conhecia a conjuntura municipal, ficou cúmplice a olhar um para o outro, enquanto o Prefeito fazia promessas e as pessoas batiam palmas.

Alexander: Isso foi em que ano?

Percival: Foi entre 1993 e 1994. Ele tomou posse em 1993, é provável que seja em 1994 ou no final de 1993. É fácil de localizar, pois tenho guardado um documento onde ele depois de muita pressão dos moradores de Moquetá fez licitação. Ele prometera sanear e calçar o bairro mas não havia nada no orçamento anual do Município. Quando Altamir Gomes terminou sua intervenção, tomei a iniciativa e pedi a palavra. “Nosso líder quer falar!”, disse a presidente da AM. Elogiamos o Prefeito pela iniciativa e dissemos que estávamos dispostos a ajudá-lo a calçar e sanear o bairro. “Sabemos que o senhor é um homem de palavra e que vai cumprir sua promessa”, dissemos ainda que “pode contar conosco pois nós iremos ajudá-lo a cumprir o prometido”. E na mesma intervenção convocamos a população para uma reunião na próxima segunda-feira, no mesmo horário e no mesmo salão. Aí foi a convocação em público. “Aproveitem e chamem mais pessoas para a reunião, pois o Prefeito vai nos ajudar a calçar e sanear o bairro. Ele prometeu!” A esta altura o homem estava pálido. Ele não esperava por isso. Na próxima reunião, numa segunda-feira, tinha um terço a mais daquele público. Muitas pessoas vinham falar conosco: “Quer dizer que o Prefeito vai fazer isso para o nosso bairro?” E dissemos às pessoas que aquilo era só promessa de campanha e que só organizados iríamos conseguir o prometido. Daí surgiu um trabalho muito bonito e politicamente educativo, pois o povo topou entrar na jogada. Dividimos tarefas. Todo mundo se sentiu sujeito do processo, pois assumiu alguma. Um grupo ficou com a tarefa de ir à Prefeitura cobrar o projeto, os recursos e a licitação para a obra...

Alexander: A Pastoral Operária estava envolvida?

Percival: Não como Pastoral Operária, mas sim como Grupo Pró-Melhoramento do Bairro de Moquetá. Um grupo se organizou para cobrança junto ao Prefeito. A ideia era perturbar o Prefeito até ele ceder! Outro grupo se organizou para preparar panfletos; outro para discutir questões de organização interna. Não cabia mais gente na Igreja, com o tempo tivemos que nos organizar no Colégio Estadual Milton Campos. E as pessoas iam tomando a palavra, dando ideia. Inicialmente a Pastoral Operária dava um pequeno suporte de apoio pois tinha recursos arrecadados por um grupo de trabalhadores franceses, cerca 500 dólares anuais. Era pouco, mas fazíamos render. O pessoal da Pastoral Operária chegou a dizer que esse trabalho com panfletos e som na rua, era bancado com recursos da Pastoral Operária, mas que não convinha para os moradores do bairro depender de ninguém nem mesmo da Pastoral Operária, nem da Igreja nem de políticos, para depois não cobrarem dos moradores. Para ter um dinheirinho próprio, alguém sugeriu fazer uma coleta nas reuniões do Movimento. “Podemos fazer como acontece nas igrejas, sugeri, cada um põe o que pode numa sacolinha”. A ideia foi essa! Assim, o Movimento passou a ter um caixa próprio. Um novo grupo foi criado para administrar os recursos arrecadados. Moral da história: saíram o projeto, a verba e a licitação. Ao mesmo tempo em que as pessoas do Movimento foram se organizando para acompanhar e fiscalizar as obras. Estudamos o projeto da obra, rua por rua vimos o tipo de manilha previsto. O Movimento estava tão organizado por rua. As pessoas foram assumindo a fiscalização das obras em suas respectivas ruas deveria, chegando ao ponto de questionar a bitola da manilha que não condizia com o projeto original. Moradores chegaram a embargar a obra! Uma coisa muito interessante!

Alexander: Vocês se reuniam periodicamente?

Percival: A Pastoral Operária se encontrava periodicamente e o Grupo Pró-Melhoramento também. Só que não se misturavam: uma coisa era Pastoral Operária outra coisa o Grupo Pró-Melhoramentos.

Alexander: Mas a maioria daqueles que estavam inseridos na Pastoral Operária estavam inseridos no grupo?

Percival: Todos estavam. Aqueles que eram sensíveis a Pastoral Operária também estavam. De repente começou a aparecer gente que nem imaginávamos. Pessoas que queriam falar e tomar o microfone. Detalhe: esse trabalho não era reconhecido pela Igreja.

Alexander: Mesmo por Dom Adriano?

Percival: Isso não chegava a Dom Adriano. Não chegava, por quê? Porque tinha questões dos conselhos, das comunidades, das paróquias. Chegava às comunidades, mas não avançava além dali, pois não foi decisão da Paróquia. O grupo não queria nem saber, ia fazendo. Essa é outra coisa da Pastoral Operária: Ela não tem que pedir licença para fazer política. Ela tem que cutucar.

Alexander: Eu não quero perder de vista essa análise conjuntural para não perder a essência. Gostaria de mapear pessoas que eram engajadas na Pastoral Operária e que hoje estão inseridas em movimentos sociais. O Flávio Brandão, por exemplo, engajou-se no Sindicato dos Comerciários e depois se filiou ao PT.

Percival: Eu fui presidente do PT de 2001 ao final de 2003, quando renunciei, época que Lindberg estava chegando a Nova Iguaçu. Renunciei à sua direção, pois já não tinha mais espaço para atuar como sujeito. Muitas pessoas saíram do PT devido aos problemas que todo mundo conhece. Eu preferi só renunciar à sua direção local, pois não via espaço alternativo de atuação partidária nem queria deixar de incomodar. A desfiliação seria para mim o caminho mais cômodo, mas não interessante. Na direção do PT eu me sentia muito só. Pois quando não tem esse trabalho de grupos organizados você se quebra. A importância de você ter uma referência. Para mim, um grande problema que nós estamos tendo hoje é que as análises de conjuntura quando são feitas não são análises de conjuntura para você intervir e transformar, mas para manter a ordem. Eu ouvi em muita análise de conjuntura dentro do PT o pessoal dizer: “nós temos que apoiar o Prefeito para termos a oportunidade de ganhar a Prefeitura.”. Um negócio complicado!

Alexander: O próprio Lindbergh veio das bases da Igreja. Se eu não me engano, o Padre Agostinho comentou.

Percival: Eu sei que ele é do movimento estudantil, UNE, agora de Igreja isso para mim é novidade. Às vezes as pessoas forçam a barra, porque é aliado. Eu não sei e nem posso afirmar nenhuma nem outra coisa.

Alexander: Gostaria que comentasse se é possível fazer uma análise de conjuntura daquele momento.

Percival: Eu consigo trazer vários elementos quando eu vou historicizando o MAB – Movimento de Amigos de Bairros de Nova Iguaçu. Eu puxei vários momentos históricos. Talvez o foco que você devia se pegar é fazer uma análise de conjuntura da Igreja, pois ela está no mundo. Com a análise de conjuntura eclesial você vai ver essa Igreja no Brasil, a Igreja Local e a Igreja vinculada ao papa. Vai ver como esse quadro vai se desenhando.

Alexander: Dom Adriano é acusado de marxista. Mas ele não é marxista.

Percival: Ele não é. Ele é pastor. Por isso quando você me pergunta se ele é um intelectual orgânico eu me seguro. Ele estaria dentro do perfil de um intelectual tradicional. Paira um pouco acima, mas ele sofre as consequências porque ele faz opção. Seria que é isso? Parece-me isso.

Alexander: Isso é um dado importante. Distinguir preferência e opção. Será que os atentados que ele sofreu não se devem a isso.

Percival: Sem sombra de dúvidas. Lembre-se que ele é um franciscano. Um franciscano genuíno. Faz parte dessa concepção. Para ele na concepção original de um franciscano é algo inimaginável diante de uma situação de tanta pobreza e sofrimento do povo ficar aquém, ele vai dessa Igreja povo. Ele é um pastor sim!

Alexander: Ele produziu muita coisa. Na Folha, no Boletim Diocesano. Em função de tantas coisas que ele escreveu. Palavras contundentes como: a “religião é coisa profundamente política e não há como escapar disto. Faz parte da essência que Cristo viveu e ensinou”.

Percival: Só que tem um problema, não necessariamente. Talvez um texto interessante para você do autor István Mészáros “A Educação para além do capital”, que ele apresentou no Fórum Mundial de Educação no ano de 2004, em Porto Alegre. Esse texto está reproduzido pelos comunistas de Portugal e em um livro curto pela Editora Bomtempo. Mészáros fala que a educação proposta dentro do sistema capitalista é uma educação que não vai à essência do problema. É uma educação de transformar apenas sem entrar no mérito do sistema que é opressor. O ponto central é o comércio e a mercadoria, não é o ser humano. Não adianta, pois se você está educando para a manutenção, para a questão ideológica da reprodução do capital. Ele chama atenção falando que somente uma educação que coloque o homem na centralidade é que pode superar. Eu tenho dúvidas em avançar nessas análises em relação à Igreja nesse sentido, pois enquanto ela não fizer uma opção contra esse sistema, o sistema mesmo produtivo, que é a transformação radical, nós não estaremos de fato a caminho da libertação.

Alexander: Entendo! Por mais que um líder dentro da Igreja tenha essa percepção e queira modificar tem que mediar para não ser banido. Dom Adriano, na década de 1980, abre o Encontro Nacional dos Trabalhadores em Oposição à Estrutura Sindical, o ENTOES e ele abre a Diocese.

Percival: Isso! Aqui muitas coisas aconteceram. E pouco tem se falado dessa história, que necessita ser resgatada.

Alexander: Eu quero fazer um resgate dessas ações, pois a Pastoral Operária estava envolvida.

Percival: Tem um detalhe. Eu trabalho bem nas questões da conjuntura no texto da dissertação. São momentos. É um momento que está bem demarcado, pois tem um inimigo do outro lado. Está claro que os militares tinham que cair fora. Que isso não é democracia; que isso não cria cidadania. Quando isso é superado, fica difícil identificar o inimigo. É um caminho complicado. Quem antigamente era pelego hoje está do seu lado ou você está do lado dele. Acho melhor afirmar isso. É uma leitura que precisa ser aprofundada. A Igreja foi nessa linha pastora, mas ela não consegue chegar à essência. Tem alguns intelectuais envolvidos que chegam, por exemplo, aquele vídeo “Anel de Tucum” do 8º Encontro Inter-ecclesial de Base que trata das CEB’s. Lá há uma projeção da ética capitalista em que se faz uma crítica ao capitalismo. O Anel Tucum simboliza os compromissos com as causas populares.

Alexander: Isso foi em que ano?

Percival: O 8º Encontro Inter-ecclesial de Base aconteceu em 1992. Lá há uma certa crítica ao próprio sistema capitalista. Não sei até que ponto a hierarquia está voltada para isso. Os intelectuais sim. Os intelectuais leigos, alguns deles ainda com vícios da esquerda vanguardista ou basista. Basista, pois busca a “libertação” ao mesmo tempo em que procura manter o controle da “grei”; vanguardista pois tem o condão da libertação, o povo virá atrás. Não estou falando contra a vanguarda, pois sem direção não há movimento algum. Mal do tipo de vanguarda? A democrática, respeitadora do processo, que não atropela. Uma vanguarda autocrítica que pensa, que ajuda a refletir, a projetar e a construir a partir das bases. Há um livro do professor Giovanni Semeraro que trabalhou na Mangueira e aqui na Diocese de Nova Iguaçu, o livro “Libertação e Hegemonia”, da Editora Ideias e Letras, de 2009. Talvez isso possa te ajudar. Semeraro fala desse novo espírito da América Latina. Eu acho que ele é muito otimista. Você vê que eu sou pessimista na análise.

Alexander: Eu não o vejo como pessimista, mas sim realista.

Percival: Pois é, o que Gramsci vai falar, recuperando de outro autor, “pessimismo na análise e otimismo na ação”. Eu estou indo a Cuiabá, onde vou falar de coisas semelhantes no Seminário de Educação. E qual é a pergunta básica ou hipótese da intervenção em Cuiabá? Essa pergunta que você quer responder.

Alexander: A pergunta importante que busco responder é se de fato a ação de Dom Adriano contribuiu para dar alento aos movimentos de base em Nova Iguaçu.

Percival: Dom Adriano contribuiu em muito para dar alento aos movimentos de base de Igreja. Não só, para os demais movimentos populares e sociais. A Igreja de Nova Iguaçu foi um espaço de alento para todos os engajados sobretudo durante o período do regime militar de 1964. Além disso, a partir da chegada de Dom Adriano à Diocese em 1966 ela cresceu em seu engajamento e a opção pelos pobres e trabalhadores através das Comunidades Eclesiais de Base e das pastorais sociais como a Pastoral Operária.

Entrevista

Temática: Memória de Dom Adriano Hypólito e o trabalho pastoral na Diocese de Nova Iguaçu

Data: 2010

Local: Acervo Diocesano. Rua Dom Adriano Hypólito, n.º 8 – Moquetá, Nova Iguaçu.

Entrevistador: Alexander de Souza Gomes

Entrevistado: Professor Percival Tavares

Duração da entrevista: 1h 21m e 42s.



**ANEXO F - Entrevista das ministras da eucaristia Sra. Nailza Rodrigues e Sra. Inês Campos da Silva.**

Alexander: Gostaria que as senhoras falassem de sua trajetória na Igreja de Nova Iguaçu até chegarem ao cargo de ministras da eucaristia.

Nailza: Eu tinha dezoito anos quando cheguei à catedral. Meus filhos todos fizeram a primeira comunhão aqui. Aqui foi a raiz da minha família. Trabalhei muito nas festas de Santo Antônio. Há quarenta e três anos que estou aqui com a função de ajudar à Igreja. Trabalho com os pobres. Sou zeladora das coisas litúrgicas da Catedral. Trabalho com todo amor e carinho; trabalho com todos os padres aqui da Igreja, por exemplo, trabalhei com o bispo Dom Adriano, trabalhei muito com ele. Ele foi um bispo muito sofrido. Foi um bispo muito caridoso com os pobres, nunca deixou de ajudar os pobres, sempre lhes dava dinheiro, um pão, alimento, uma bolsa de compra. Ele foi um bispo sofrido que foi assaltado, riscado com tintas.

Alexander. Nós vamos chegar lá. E a senhora, dona Inês, como foi a sua trajetória?

Inês: Estou na Catedral desde meus doze anos. Tenho 15 anos de ministra. Antes de eu ser ministra, o Padre Agostinho me chamou para dar comunhão, depois me mandou preparar; Dom Adriano foi quem me deu o envio. Perguntou se eu estava disposta a trabalhar na Igreja; disposta a levar comunhão para os doentes. É o que eu faço até hoje! Levo comunhão para os doentes. Tem um padre que trabalhou aqui, o padre Porfirio, então ele conheceu muita gente aqui. Quando é preciso levar comunhão aos doentes ele passa lá em casa para eu ajudá-lo. Tem domingo, quando eu chego em casa já são três horas da tarde. Dom Adriano falava comigo que a pessoa para trabalhar na Igreja tem que ter responsabilidade. Eu lhe disse que é o que não me falta. Desde menina eu tenho responsabilidade! Padre João chamava-me até de filha. Na festa de Santo Antônio, eu e meu pai trabalhávamos com ele (padre João). Eu saí daqui aos quinze anos para trabalhar fora, mas toda vida trabalhei na Igreja. Eu vinha ajudá-lo, depois ficava com as irmãs. Dom Adriano foi um grande bispo em Nova Iguaçu.

Alexander: A senhora poderia me dizer o que Dom Adriano significou para Nova Iguaçu?

Nailza: Dom Adriano significou o grande bispo. Para mim foi o primeiro. Passaram por aqui vários bispos, mas o que marcou foi Dom Adriano devido a tudo o que ele passou. Chorei

muito com sua morte. Ele ficou doente, depois Jesus o chamou. O que marcou mais foi Dom Adriano, pelo sofrimento, pela bomba que estourou aqui na Catedral. Ele vinha descendo a escada quando estourou a bomba. Eu fiquei surda durante seis meses após a explosão da bomba. Como você vê aqui (no memorial) tem jornais e todas as coisas publicadas. Ele trabalhou muito com Padre Agostinho Pretto, um grande padre, e Dom Adriano sempre fiel a ele.

Alexander: A senhora, dona Inês, poderia dizer-me o que Dom Adriano significou para Nova Iguaçu?

Inês: Ele fez muita coisa. Tudo o que está aqui em Nova Iguaçu foi ele quem fez. Ele trabalhou muito. Ele foi um bispo que não tinha medo. Quando o sequestraram ele disse que não iria embora e que iria morrer aqui. Ele tinha muita coragem. Andava por muitos lugares, mas não tinha medo. Quem tem medo não tem Deus! Ele dizia.

Eu lhe disse um dia:

- Dom Adriano, é muito perigoso, porque sabemos como está o mundo. A pessoa não precisa fazer mal a ninguém para ser assaltada!

O que ele fez para os bandidos o sequestrarem? A maldade que fizeram com ele, a bomba. Ele não tinha medo. Eu conversava com ele perguntando se não tinha medo dos marginais fazerem essas coisas. Ele respondeu que quem tem medo não tem Deus. Eu morrerei aqui! Dizia ele. E Ele morreu aqui.

Alexander: Quais aspectos mais relevantes a senhora poderia destacar em relação à ação de Dom Adriano junto às pastorais sociais como a Pastoral Operária e a Pastoral da Terra ligadas na luta do povo pelas melhorias seja pelo acesso à terra ou à melhorias trabalhistas?

Nailza: Ele nunca deixou em branco toda a pastoral da família, da terra. Ele trabalhou muito pelos “Sem terra”. Foi muito ligado aos pobres, ajudando as pastorais. Trabalhou muito na Cúria. São muitas pastorais que têm na Igreja. A Igreja de Santo Antônio não está sozinha. Ela é a mãe, mas tem os filhos que são as pastorais e ele participou de todas as pastorais.

Inês. Ele trabalhou junto. Ele ajudava muito os pobres. A pessoa que precisasse lhe falar qualquer coisa ele estava sempre pronto para ouvi-la. Era um bispo que conversava com todo mundo. Se precisasse de alguma coisa ele dava. Ele era um bispo muito bom.

Alexander: Gostaria que as senhoras falassem sobre a importância de Dom Adriano no serviço de Deus junto aos pobres.

Nailza: Não tem um bispo que comparasse a ele. Todos os bispos são bons, mas igual a ele não tem. Visitando os doentes, os mais carentes. Uma pessoa que quando vinha à Igreja, todo mês, fazia a missa das dez horas. Fazia e participava das missas festivas. Era um bispo presente. Qualquer coisa ele estava na Catedral. Fiquei muito triste quando ele ficou doente. Ele me disse que estava doente e iria me explicar as coisas. Ele me explicou muita coisa! Ele me disse como deveria arrumar as coisas; como ele queria que fosse. Ele me marcou muito. Para mim sua imagem não se apagou. Choro por ele até hoje! Tem a irmã Filomena que o ajudava...

Alexander: De onde vem essa ligação, esse apego de Dom Adriano junto aos pobres. Essa opção tão preferencial pelos pobres?

Nailza: Ele conversava muito com os pobres. Queria saber sua origem. Você não vai ajudar alguém sem saber sua origem. Por que está passando aquela situação? Conversava para saber sua situação (do pobre). Ele a serviço de Deus foi um grande bispo dentro da catedral. Dom Adriano sentava na cadeira e ficava conversando. Não era confissão, mas queria ouvir sua necessidade. Às vezes, dava-me dinheiro para comprar remédios (para os doentes). Eu ia à farmácia, comprava o remédio e dava-lhe a receita ....

Alexander: Gostaria que a senhora falasse da importância de Dom Adriano em todo trabalho pastoral, como pessoa a serviço de Deus e da Igreja.

Inês. Achava e acho que ele era um bispo santo, porque o que ele podia fazer não deixava de fazer. Tem gente que não liga para os pobres, mas ele os ajudava muito. Um bispo igual a ele é um bispo santo. Ele tinha muita pena dos pobres. Um bispo igual a ele é um bispo santo. Quem tem que ajudar as pessoas na Igreja é o bispo. Ele fazia isso. Se tivesse uma pessoa doente e que lhe falasse, ele dava dinheiro para comprar remédios. Ele era um bispo santo. A gente quando olhava para ele via isso. Ele era um bispo santo! Ele tinha muita pena dos pobres!

Alexander: De onde a senhora acha que vinha esse apego junto aos pobres. Será que vinha da sua experiência de vida?

Inês: Isso é uma coisa que ele tinha de Deus. Uma missão que Deus lhe deu. Deus dá as missões às pessoas, mas tem muita gente que não as cumprem. Deus dá a missão. Muita gente

fala que não tem missão alguma, mas Deus lhe dá. Ele como bispo cumpriu sua missão aqui na terra.

Alexander: Fale-me dessa ação, desse presentismo de Dom Adriano dentro da Igreja.

Nailza: Ele sempre participou das missas. Nunca deixou de participar de algum evento. Sempre vinha às missas. Celebrava a crisma, a primeira comunhão, o batizado; tudo era Dom Adriano que fazia; depois é que ele colocou os ministros para ajudá-lo.

Alexander: A partir de que ano ele iniciou esse ....

Nailza: Depois de três anos em que ele já se encontrava aqui (na Catedral).

Alexander: Fale-me dessa ação, desse presentismo de Dom Adriano dentro da Igreja.

Inês: Ele era um bispo que participava de tudo aqui na Igreja. Tudo era ele quem participava. Por exemplo, as celebrações das missas; das filhas de Maria. Ele foi um bispo completo aqui na Catedral.

Alexander: Vamos falar um pouco sobre a irmã Filomena, falecida na década de 1990. Sua morte não foi de forma natural, mas sim um assassinato. Gostaria que a senhora falasse da irmã e da reação de Dom Adriano após esse episódio trágico.

Nailza. Isso aqui na Catedral foi uma coisa muito triste. Todo mundo ficou triste e choraram. Era uma freira que ajudava muito os pobres. O seu trabalho com os “Sem terra” é que ocasionou isso! A Irmã Filomena era uma freira que ajudava muito os pobres. Foi uma armadilha! Trabalhava com os “Sem Terra”. Foi esse negócio que ocasionou sua morte.

As pessoas perguntavam: - Como foi que aconteceu isso?

Aí descobriram como aconteceu isso. A Igreja é assim, ela ganha as terras e as pessoas que não tem mais família vão doando essas terras que vão sendo divididas. As pessoas que não conseguiram as terras fizeram isso. Pessoas insatisfeitas com o trabalho dela, e com o que ela estava fazendo, fizeram isso.

Alexander: A senhora acha que não foi “gente grande” quem fez isso?

Nailza: Não! Não foi ninguém grande.

Alexander: E a senhora, dona Inês, como descreve esse episódio e até mesmo a reação de Dom Adriano em relação a esse episódio?

Inês: Tem pessoas que não gostam que outras pessoas ajudem os pobres e a vida da irmã Filomena era ajudar os pobres. Era visitar os pobres. Isso causou inveja grande nas pessoas que tinham dinheiro e mandaram matá-la porque ela ajudava os pobres.

Alexander: Sua fala diverge da dona Nailza. Então para a senhora quem foi que mandou matá-la?

Inês: Pessoas que tinham terra, que tinham poder lá, é que mandaram matá-la. A vida dela era ajudar os pobres. Pessoas ricas não queriam que ela ajudasse os pobres.

Alexander: E qual foi a reação de Dom Adriano?

Inês: Ele ficou muito triste quando aconteceu isso. Os padres todos ficaram tristes. Tem muita gente que tem as coisas e acha que ao morrer vai levá-las. Não quer repartir. Não quer dar. Quem tem, tem que dá, porque morre e não leva. Fizeram essa maldade por ela ajudar os pobres.

Alexander. A senhora acredita que sua morte foi feita para afetar Dom Adriano?

Nailza: Acho que não! Acredito que foi inveja dos povos migrantes que queriam as terras também. Os que ficaram sem terra se reuniram e fizeram alguma coisa com ela.

Inês: Eles sentiram, mas acho que não foi por causa dele (Dom Adriano) que fizeram isso com ela. Os fazendeiros fizeram por maldade. Ele (Dom Adriano) sentiu muito pelo o que aconteceu. Porque uma pessoa que ajudava os pobres! Mataram-na à toa. Os capitalistas de lá foi quem mandaram fazer isso!

Alexander: Que mudanças em Nova Iguaçu vocês enxergam após a chegada de Dom Adriano. Como vocês o veem? O que mudou em Nova Iguaçu após a vinda de Dom Adriano para a diocese?

Nailza: Foi algo que inspirou muitas pessoas. Teve festa, missa. Ele foi muito bem recebido. Até hoje ele é admirado. É o bispo número um.

Alexander: Como vocês veem essas mudanças na vida das pessoas de Nova Iguaçu?

Nailza: Mudou muita coisa. Mudanças nas pastorais, na crisma. Ele mudou muita coisa.

Alexander: Que mudanças vocês enxergam na vida do povo de Nova Iguaçu. A chegada do bispo ajudou no convívio com o empresariado, com os políticos? De que forma a fala de Dom Adriano e seu trabalho vai contribuir para promover mudanças em Nova Iguaçu?

Inês: Quando ele chegou aqui, a mudança foi muito grande e boa. Tem muitas pessoas que falam que são católicas, mas não são. Quem é católico percebe que ele fez muita coisa boa para Nova Iguaçu. Ele fez muitas coisas boas para Nova Iguaçu. Quase tudo o que tem em Nova Iguaçu foi o bispo quem fez.

Alexander: A senhora pode citar alguns exemplos visíveis?

Inês: O seminário foi ele quem fez. Tem um prédio perto do cemitério, onde se fazia reuniões, foi ele quem fez. Mas muita gente não enxerga isso não!

Alexander: Dona Inês, a senhora descreve Dom Adriano como um santo. Comente um pouco isso!

Inês: Tem pessoas que tem o dom das coisas. Quando a gente o cumprimentava, a gente já se sentia bem. Ele era um bispo santo! Ele sempre tinha uma palavra agradável para nos dizer. Quando você cumprimenta uma pessoa e esta tem algo agradável a lhe dizer você se sente bem.

Alexander: E a diocese hoje, o atual bispo, como a senhora enxerga que a Igreja de Nova Iguaçu vê Dom Adriano?

Inês: Isso é uma coisa mais difícil. Tem muita gente que vem à igreja não vem para adorar a Deus nem para pedir. Somente as pessoas que são católicas é que enxergam essas coisas. O povo não.

Alexander: E a senhora, dona Nailza?

Nailza: Para mim, Dom Adriano é um santo, sagrado. Não estou desfazendo dos outros bispos. Ele sempre participou de tudo na Igreja. Nunca deixou em vão nada: as missas... Quando ele entrou aqui, a Igreja encheu para recebê-lo. As pessoas quando queriam alguma coisa diziam que falassem com ele. Ele sempre deu carinho às pessoas. Depois que ele morreu foi uma romaria de gente. Depois que Deus o chamou ele tinha que ser declarado um santo. Para mim ele não se apagou nunca. Ele sempre me ensinou as coisas boas da Igreja.

Alexander: Dona Nailza, vamos falar um pouco do dia do sequestro de Dom Adriano. Onde vocês estavam? Como vocês souberam da notícia e qual foi a reação?

Nailza: No dia que eu soube disso eu estava aqui na Igreja. Quando veio a notícia foi um choque. Como puderam fazer isso com um bispo? Com uma pessoa comum, mas com um bispo! Deixaram-no nu; riscaram-no todo de tinta vermelha. Depois ele apareceu. Aí foram jornais e repórteres para saber como foi.

Inês: Eu soube aqui na Igreja que ele havia sido sequestrado. No dia em que ele foi sequestrado ele tinha ido visitar um doente.

Eu lhe perguntei:

- o senhor não ficou com medo?

Ele respondeu:

- quem tem Deus não tem medo!

Eu lhe disse:

- não sei como eles não lhe mataram.

Eu ainda lhe disse:

- Deus foi muito bom para o senhor, porque eles não lhe mataram!

Ele disse que iria morrer aqui. Ninguém vai me matar não! Ele disse:

- Eu vou morrer aqui!

E ele morreu aqui (em Nova Iguaçu). Ele era um homem de muita coragem. Eu admirava sua coragem! Os lugares aonde ele ia eram muito perigosos. E mesmo onde ele morava era perigoso. Ele morava numa baixada. Num dia quando fui ao colégio das irmãs ele me mostrou onde ele morava. Era numa baixada, porque o colégio das irmãs era no alto. Era numa baixada, longe. Lugar perigoso! Mas eu sempre lhe perguntava se ele não tinha medo de morar lá e ele sempre respondia que quem tem medo não tem Deus.

Alexander: Em relação à bomba? Qual foi a reação de Dom Adriano após essa explosão? Onde vocês estavam nesse dia?

Nailza: Eu nunca pensei, nunca pensei que existisse uma mão criminosa contra um bispo! Quando ele entrou na catedral ele ia descendo aquela escadinha ali. Eu estava na sacristia. Foi um estouro onde todos queriam saber de onde vinha. Eu fiquei surda uns seis meses até voltar

minha audição. Até hoje eu tenho problemas de audição. Ele foi descendo. Recuou para voltar, mas desceu para não ver o que estava atrás. Depois que passou tudo é que ele colocou todos para verem. Era embaixo do sacrário. O sacrário estava todo destruído. Até hoje está ali (o sacrário) para ficar marcado e mostrar a ação criminosa que foi feita dentro da catedral. Achei isso um absurdo! Se fosse outra pessoa, mas um bispo.

Alexander: Em sua opinião, dona Nailza, quem praticou esse crime?

Nailza: Isso aí foi mão criminosa, envolvida com a política.

Alexander: E a senhora dona Inês?

Inês: Eu estava chegando em casa quando deu o estouro. Vi o pessoal correndo e eu perguntei-lhes o que tinha ocorrido. Disseram-me que tinham jogado uma bomba no sacrário. Dom Adriano e padre Agostinho já tinham ido embora. Eu vi o pessoal correndo quando eu estava chegando em casa. Parei e perguntei o que estava havendo. Eu lhes disse que era brincadeira e, quando cheguei (na Catedral), havia muitas pessoas olhando.

Alexander: Depois que vocês reencontraram Dom Adriano, o que ele disse?

Inês: Ele disse que foi maldade de alguns rapazes que estavam andando dentro da Igreja. Três rapazes que estavam andando dentro da Igreja. Terminada a missa, o pessoal saído, eles aproveitaram e jogaram a bomba.

Alexander: Esses rapazes foram incriminados?

Inês: Não. Porque ninguém confessou a verdade. Ninguém os vira, porque para condenar alguém tem que ver. Eles desconfiaram. Não foi Dom Adriano quem disse, mas Padre Agostinho e o Ronaldo (um menino). Este último viu, mas ninguém foi condenado porque não se tinha certeza.

Alexander: Mas foi veiculado na mídia que foi o tenente-coronel do Exército o mandante.

Nailza: Sim, depois descobriram.

Alexander: Dona Nailza, a senhora disse que essa ação criminosa se deu em decorrência do posicionamento político de Dom Adriano.

Nailza: Toda Igreja, todo lugar tem política. As pessoas que têm inveja do trabalho que as pessoas fazem. Dom Adriano era muito invejado. Tudo o que ele fazia era invejado. Criou-se



uma polêmica, uma espécie de máfia. Esse negócio da bomba! Isso aí foi jovem. Uma pessoa que tem a cabeça no lugar não faria isso.

Alexander: Vamos falar das homilias. O que Dom Adriano discursava nas homilias? Para que a gente tenha um pouco mais de sua concepção de mundo, diga-nos o que ele discursava?

Nailza: Ele falava do Evangelho de Jesus. Ele citava algumas palavras sobre os episódios que aconteceram dentro da Igreja. Ele falava da bomba, das máfias (existentes em Nova Iguaçu). Ele transmitia isso dentro de suas homilias, retirando do Evangelho para dizer o que Jesus falava.

Alexander: Houve alguma missa que a senhora destacaria como marcante? .

Nailza: A missa do episódio da bomba. Foi um comentário... Por que fizeram isso?

Inês: O povo começou a ficar com medo. A gente via o povo falando. Mas ele (Dom Adriano) nunca falou. O povo é quem falava. Em suas homilias ele falava muito em Deus, em caridade, no amor ao próximo, à família. Ele não falava de outra bomba não! O povo é quem tinha medo de jogarem outra bomba lá.

Alexander: Gostaria que as senhoras fizessem um panorama de todos os bispos que passaram por Nova Iguaçu, e fizessem uma comparação em relação a Dom Adriano.

Nailza: Dom Werner foi um grande bispo que entrou aqui na Catedral. Todos eles foram bons. Mas Dom Adriano foi muito ligado aos pobres. Sempre ajudou os pobres e nunca os deixava sair sem nada. Participou de todas as pastorais da Igreja; celebrava as missas das oito horas da manhã. Sempre saía comigo para dar comunhão nos hospitais, nas casas; benzer uma casa, um carro. Participava de missas em outras paróquias e eu ia com ele. Foi um bispo muito bom. Choraram muito com a sua saída. Depois veio Dom Luciano. Este é uma pessoa muito meiga, carinhosa. Suas missas são celebradas às sete horas da noite. Não tenho nada a dizer de Dom Luciano.

Alexander: Dom Werner e Dom Luciano deram continuidade ao trabalho de Dom Adriano?

Nailza: Dom Werner foi quem deu continuidade ao trabalho de Dom Adriano. Dom Luciano é um bispo muito bom, muito caridoso. Todos eles participam de pastorais. Estão sempre presentes nas missas, ajudando os pobres, visitando doentes e cadeias. Todos eles vêm dando continuidade no que Dom Adriano deixou.

Alexander. A senhora, dona Inês, o que pensa sobre isso?

Inês: Dom Werner foi um grande bispo. Gostava das coisas direitas. Dava muita atenção às famílias. Havia uma medicina de ervas. Eu trabalhei nessa medicina durante dez anos. Na hora do almoço ele e o padre Agostinho nos chamavam para almoçar com eles. Um dia ele almoçando com agente disse:

- a pessoa para ser ministra tem ser escolhida. Tem que saber se é casada, se está morando com a família. Tem que se escolher na ponta dos dedos as ministras.

Eu estava almoçando com eles e ouvindo a conversa. Ele me perguntou:

- a senhora é ministra?

Eu lhe disse:

- sou.

Frequenta essa Igreja há quantos anos?

Eu lhe disse:

- Frequento há oitenta anos. Eu vim para cá (Nove Iguaçu) aos doze anos. Trabalhei com o padre João.

Ele me disse:

- És grande ministra, sabe!

Padre Agostinho disse:

- Olha! Antes de ela ir para o trabalho participava das missas. Então, um dia eu a chamei para dar comunhão sem ser ministra, porque todos os dias quando eu chegava à Igreja ela estava sentada lá. Aí eu a chamei. Ela me disse que não era ministra, mas eu estou mandando. Daí, eu mandei prepará-la.

Alexander: Dom Adriano era um homem muito político e muito engajado. Dom Luciano tem a mesma visão política de Dom Adriano?

Nailza: Dom Luciano nunca foi ligado à política. Cada bispo tem sua linha de ação, de fazer. Dom Adriano era ligado à política, ao povo. Dom Werner não e Dom Luciano nunca foi ligado

à política. Ele é mais neutro. Dom Luciano celebra suas missas, dá continuidade às pastorais, mas não está ligado à política.

Alexander: Vamos falar sobre a importância do memorial. Ter os restos mortais de Dom Adriano nesse memorial, o que significa? Qual é a importância do memorial para Nova Iguaçu?

Nailza: Não só os restos mortais de Dom Adriano se encontram aqui, mas tem vários padres. Padre João, por exemplo. Tem uma parede cheia com os restos mortais de todos os padres que morreram na Baixada. Todos os ossos quando completam quatro ou cinco anos, há uma missa de corpo presente, colocam uma caixinha roxa com os ossos e celebram uma missa. Todo mundo vem da catedral, faz uma oração e celebra-se uma missa. Quando tem a missa para colocar os restos mortais de cada padre, Dom Luciano sempre vem e celebra-a.

Alexander: Dom Werner...

Nailza: Dom Werner está em Valadares (Minas Gerais)

Alexander: Como a senhora vê a importância do memorial?

Nailza: O memorial é uma coisa muito edificada. Toda vez que chega o aniversário dele (Dom Adriano), que é no dia dez de janeiro, as pessoas vem aqui, trazem flores.

Inês: Eu acho muito bom, porque os restos mortais dos padres vêm para cá. Dom Luciano traz os restos mortais para cá.

Alexander: Para finalizar a entrevista, gostaria que vocês comentassem quem foi Dom Adriano para vocês.

Nailza: Dom Adriano para mim foi um santo! Jesus tinha que pegá-lo e levá-lo para o céu, porque ele foi um grande bispo.

Inês: Para mim ele está nos pés de Jesus, porque ele foi um grande bispo. Acho que Jesus o acolheu.

Alexander: Ele faz falta para Nova Iguaçu?

Inês: Um bispo bom, carinhoso como ele era; prestativo, faz falta sim. Muito pobre está sentindo sua falta.

Nailza: Sinto muita saudade de Dom Adriano! Acho que ele faz muita falta aqui na Catedral. Gostaria que todos os bispos tivessem a sua formação. Todos eles são bons, mas gostaria que tivessem a mesma formação dele. A imagem dele não se apagou. Sempre que vejo um bispo, lembro-me de sua imagem.

Alexander: O que seria formação?

Nailza: Formação de coisa boa que ele passou para o povo. Carinho e amor que ele passou para as pessoas. Todo mundo se lembra dele!

Entrevista:

Temática: Memória de Dom Adriano Hypólito.

Data: manhã de 19 de março de 2011.

Local: Catedral de Santo Antônio de Jacutinga

Entrevistador: Alexander de Souza Gomes

Entrevistadas: Senhora Nailza Rodrigues dos Santos e Senhora Inês Campos da Silva

Cargo que ocupam na Igreja: Ministras da Eucaristia

Duração da entrevista: 49m 51 s.